

ARMADILHA PARA UM MARQUÊS

Silk and Steel

Kat Martin



Bestseller 139

UM CORAÇÃO DE AÇO... UM TOQUE DE SEDA...

Desde o momento em que Lucien Montaine, o marquês de Litchfield, encontra aquela jovem suja e maltrapilha, porém com o porte e os modos de uma rainha, escondida em sua carruagem, ele começa a lutar contra o desejo que ela lhe desperta. Embora cativado pela beleza, inteligência e coragem de Kathryn, ele se recusa a amar uma mulher que tentou enganá-lo...

Quando Kathryn força uma situação para obrigar o marquês a se casar com ela, Lucien fica ainda mais dividido entre o desejo e a decepção. Além do mais, ela insiste em se dedicar a uma atividade que ele não aprova, por se tratar de algo totalmente inadequado para uma dama. Será que aquela mulher tão meiga, e ao mesmo tempo tão determinada, conseguirá domar a fúria do marquês? Ou os encantos de Kathryn servirão apenas para fortalecer a decisão de Lucien de não se expor aos perigos de um coração apaixonado?

Digitalização: Silvia

Revisão: Crysty



A lista de bestsellers do jornal The New York Times é baseada nos relatórios de vendas emitidos por comerciantes de livros dos E.U.A., desde pequenas lojas e distribuidores até as grandes redes de livrarias e megastores. Publicada desde 1942, a lista se tornou uma importante fonte de referência para as pessoas que querem saber quais são os livros que realmente vale a pena ler. Colocamos o seto para indicar ao leitor quais as autoras que têm essa distinção. A série bestseller só será composta de autoras que se destacam nessa lista.

Kat Martin iniciou sua carreira em 1985. Desde então já publicou 21 romances dentre eles históricos e contemporâneos. Suas histórias fizeram com que Kat fosse nomeada pela revista Romantic Times como a melhor escritora de romances em 1998.

"Kat Martin proporciona aquilo que as leitoras esperam: um romance excitante sensual, envolvente, cujos personagens tiram forças do poder do amor."
Romantic Times

Querida leitora,

Kathryn Grayson é uma jovem nobre, com um futuro promissor, até que seu tio e tutor, um conde ganancioso, decide roubar a fortuna da sobrinha internando-a num hospício. O único jeito de Kathryn escapar é embarcando clandestinamente na carruagem de Lucien Montaine, marquês de Litchfield, que escuta a história dela com descrença e desconfiança. No entanto, o instinto de Kathryn lhe diz que lorde Litchfield é um homem bom e honrado, e sua única salvação para não ser mandada de volta à casa de loucos. Desesperada, Kathryn então arquiteta um plano para obrigar o marquês a se casar com ela...

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2000 by Kat Martin

Originalmente publicado em 2000 pela St. Martin's Press

PUBLICADO SOB ACORDO COM TRIDENT MEDIA GROUP.

NY, NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: Silk and Steel

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patricia Chaves

Paula Rotta

Vania Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Elizabeth Arantes Bueno

Revisão: Leonice Pomponio

ARTE

Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andrea Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sonia Sassi

PAGINAÇÃO

Gustavo Moura

© 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10º andar — CEP 05424-010 - São Paulo – SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

CAPITULO I

Silenciosamente, lady Kathryn Grayson escondeu-se em meio às sombras atrás da porta do velho estábulo de paredes de pedra. Tremia bastante, já que a fina camisola que usava não bastava para protegê-la da friagem do começo da manhã. Seus pés descalços sofriam ao pisar sobre as farpas que cobriam o chão sujo. Por uma fresta, podia ver um criado franzino e uma luxuosa carruagem preta em frente ao estábulo.

Notou que o veículo estava pronto para partir. Chamou-lhe a atenção o emblema dourado gravado na porta, um símbolo de nobreza: a cabeça de um lobo encimando uma espada prateada. Dois lacaios conversavam, e o que Kathryn conseguiu ouvir fez seu coração disparar. A carruagem não iria para Londres, mas estava se preparando para voltar ao campo.

Deus meu, ela pensou. Eis que lhe surgia a chance de se afastar da cidade. Se conseguisse encontrar um lugar para se esconder no bagageiro, poderia escapar.

Sua excitação aumentou, a respiração se tornou mais rápida. Quanto antes tentasse fugir, melhor. A carruagem era a solução perfeita.

Observou por mais um momento as linhas elegantes do luxuoso veículo, enchendo-se de esperança, rezando para que houvesse algum espaço livre no compartimento de bagagem.

Respirou fundo e se preparou para se movimentar com rapidez, antes que os criados voltassem aos seus lugares. Quando ouviu a risada dos homens, notou que a atenção deles estava voltada para dois cachorros brigando, então correu para a parte de trás da carruagem, os pés descalços pisando no barro, os cabelos escuros esvoaçando à sua volta.

Subiu na carruagem e conseguiu se ajeitar em meio aos baús e sacolas, tentando acalmar as batidas furiosas de seu coração. Rezou então para que não fosse colocada ali mais nenhuma bagagem antes da partida.

Segundos se passaram. Sua pulsação parecia martelar nos ouvidos. Embora a manhã estivesse fria, gotas de suor porejavam em sua testa e escorriam pelo rosto. Ouviu os homens se aproximar e tomar seus lugares no veículo. Logo em seguida a carruagem começou a se movimentar. Parou em frente à hospedaria para alguém subir e então o cocheiro chicoteou os cavalos e tomou o caminho da estrada.

Bem escondida no bagageiro, Kathryn respirou aliviada e se permitiu recostar-se na madeira preta laqueada. Estava terrivelmente cansada. A noite havia sido exaustiva. Usando apenas a camisola suja, ela correra sem saber para onde ia, depois caminhara por quilômetros, sentindo as pernas doer e os pés sangrar, te-

mendo que os guardas a encontrassem. Quando avistara a hospedaria, havia feito uma prece de agradecimento e se escondido no estábulo.

O cansaço a fizera adormecer em cima de feno e, por fim, tinha acordado com o barulho de cavalos sendo arreados. Kathryn soubera no mesmo instante que aquela era a sua chance de escapar.

Agora, com o balanço da carruagem e a friagem cedendo lugar ao calor do sol, ela conseguiu relaxar os músculos doloridos e adormeceu mais uma vez. Dormia um pouco e logo acordava, voltando a adormecer. Despertou e ficou atenta quando a carruagem parou em uma taverna à beira da estrada, bem no fim da tarde, e seus ocupantes desceram, provavelmente para comer. Ela ignorou o ronco de seu estômago e procurou não pensar em comida. Voltou a relaxar mais uma vez quando o veículo retomou a jornada, pois estava cansada demais para reclamar se as rodas passavam por cima do buracos e outras imperfeições na estrada.

As horas foram se passando. Suas pernas começavam a sofrer de câimbras, as costas e os ombros doíam.

Aumentou a necessidade de dormir. A cabeça pendeu para a frente, mas dessa vez o sono não foi reparador. Kathryn teve um pesadelo.

Estava de volta ao Hospital St. Bartholomew, sentada no chão frio de pedra de sua cela abafada. O medo a envolvia como se fosse a densa neblina da manhã, apertando-lhe a garganta. Aninhou-se em um dos cantos, pressionando as costas contra as paredes ásperas, desejando poder desaparecer dentro delas. Ouvia gritos vindos do corredor e das outras celas, e tapou os ouvidos para não escutá-los.

Seu coração batia disparado. Oh, Deus, estava vivendo em um inferno na Terra! Que demônio teria erguido aquele lugar? Por quanto tempo mais aguentaria suportar aquilo?

O som de passos a alertou, assim como o barulho das correntes. Aquilo indicava que os guardas se aproximavam em busca de alguma interna de quem abusariam sexualmente. Ou talvez, naquela noite, eles estivessem vindo para a sua cela.

Havia conseguido evitar os guardas até aquele momento, ficando em silêncio e sendo dócil a ponto de ser deixada em paz. Porém, mais cedo ou mais tarde, eles viriam à sua procura, como tinham feito com as outras mulheres.

Os passos soaram mais próximos. O coração de Kathryn foi tomado pelo medo.

Oh, Deus, não permita que estejam vindo para cá! Que não seja eu quem eles procuram. Que seja qualquer outra mulher. Qualquer outra...

Então ela viu os dois homens: um alto, com ombros musculosos, lábios grossos e cabelos loiros enebados; o outro, baixo e gorducho, com uma barriga que não cabia inteira dentro da calça que usava.

Kathryn engoliu um soluço quando os dois homens pararam à porta de sua cela, o mais gordo segurando um par de correntes de ferro.

— Boa noite, moça. Hora de dar uma voltinha com a gente.

— Não! — ela começou a recuar, olhando em volta à procura de algum meio de escapar. Sabia o que eles queriam, o que haviam feito com algumas das outras mulheres.

O homem alto sorriu maliciosamente, enquanto o baixote soltava uma gargalhada, um som cruel que deixou Kathryn arrepiada.

Nesse momento, felizmente ela acordou, poupando-se de repetir a angústia e o desespero que vivenciara no dia anterior. Por um milagre do destino, ou talvez pela intervenção divina, ela tinha conseguido enganar os dois guardas e fugido do Hospital St. Bartholomew.

Forçou a si mesma a não pensar mais no episódio, enterrando-o fundo em sua mente. Estava livre do hospício onde vivera internada por cerca de um ano.

Por um momento era tudo o que queria. Agora precisava planejar, decidir o que fazer. Se conseguisse pelo menos não ser pega e levada de volta ao inferno...

Adormeceu mais uma vez. Não tinha ideia de quantas horas haviam se passado quando acordou com alguém a puxando para fora do bagageiro. Ela teria caído na lama se um segundo criado não a tivesse segurado pelo outro braço, forçando-a a endireitar o corpo.

— Largue-me! — ela reagiu, assustada. — Tire as mãos de mim!

— Deve ser uma ladra — um dos homens comentou, segurando-a com mais força.

Kathryn chutou a canela do sujeito, que praguejou e a segurou pelos cabelos, furioso.

— Sua mendiga miserável! Faça isso de novo e lamentará até o fim dos seus dias!

Kathryn endireitou-se.

— Bata-me de novo e lhe prometo que será o senhor a lamentar muito!

— Muito bem, isso já foi longe demais — uma voz profunda cortou a discussão, e ambos os criados instantaneamente ficaram imóveis.

Pela primeira vez, Kathryn viu aquele que devia ser o dono da carruagem. Estava envolto pelas sombras, mas mesmo assim ela percebeu que era alto, usava calça preta, paletó comprido, um colete bordado com fios prateados e uma camisa de cambraia branca. Sua pele era morena, e os cabelos escuros estavam puxados para trás e presos por uma larga fita preta.

— Largue a menina, Cedric. Ela pode falar por si mesma. Dê-lhe a chance de se explicar.

Os criados soltaram os braços de Kathryn e deram um passo para trás.

— Qual é o seu nome? — o homem alto perguntou. — E o que estava fazendo na minha carruagem?

Kathryn endireitou os ombros, tentando não pensar em como seu aspecto devia estar péssimo. Usava uma camisola suja, e os cabelos estavam despenteados. Decidiu dizer a mentira que preparara justamente para um momento como aquele.

— Meu nome é Kathryn Gray, e eu lhe digo uma coisa, milorde, não sou uma mendiga, tampouco uma ladra. Sou uma jovem dama que se encontra em uma situação difícil. Se o senhor for de fato um cavalheiro como parecer ser, eu rezo para que possa me ajudar.

O homem franziu levemente a testa e observou Kathryn da cabeça aos pés, seus olhos se detendo um pouco mais nos seios, que a camisola fina mal escondia. Imediatamente, ela tentou cobri-los com as mãos.

— Entre na minha casa. Conversaremos no meu escritório.

Kathryn se surpreendeu com a facilidade com que o homem concordara em conversar com ela. Estava descalça e mal-arrumada, e Deus sabia que carregava toda a sujeira do hospício em cada um de seus poros. Ajeitando-se e ignorando os olhares de incredulidade dos criados, ela seguiu o cavalheiro para dentro de sua residência, na verdade um enorme castelo de pedra. Parou junto à entrada.

— Agradeço muito sua cortesia, milorde, mas gostaria de lhe implorar que atenda a um pedido meu.

— Tem tanto a se explicar e já está pedindo favores? O que deseja pedir?

— Um banho, milorde. Mal posso falar sobre a minha situação, suja como estou e indecentemente vestida. Se me permitir que eu me banhe e me emprestar uma muda de roupa, com certeza poderemos conversar melhor.

Ele a estudou por um longo momento, pesando suas palavras, observando o contraste entre o modo educado de falar e a aparência de mendiga.

Kathryn enfrentou o olhar do cavalheiro, aproveitando para estudá-lo mais atentamente. Era um homem bonito, mas havia algo em seu olhar, uma determinação que parecia lhe sugerir que se mantivesse alerta.

— Muito bem, srta. Gray, terá o seu banho. — Ele se voltou para o mordomo, que estava parado alguns poucos passos à frente. — Chame a sra. Pendergass, Reeves. Peça-lhe que atenda às necessidades da dama e então a traga de volta ao meu escritório. — Em seguida, voltou-se para Kathryn: — Quero avisá-la, de que se a sua história não for verdadeira, vai se arrepender. Estou sendo claro?

— Sim, milorde. — Um calafrio percorreu o corpo de Kathryn. — Está sendo perfeitamente claro.

Ele fez um sinal com a cabeça e virou-se para se afastar.

— Milorde? — ela chamou.

— Sim, srta. Gray.

— Ainda não sei o seu nome.

— Lucien Raphael Montaine, quinto marquês de Litchfield, a seu dispor. — Um sorriso de zombaria surgiu nos lábios dele. — Bem-vinda ao Castelo Running.

Ele se virou e se afastou. A governanta apareceu alguns momentos depois e levou Kathryn para um elegante aposento no andar de cima. A primeira coisa que Kathryn fez foi correr ao banheiro. Então dirigiu-se à janela e ficou à espera de seu banho.

Ali do alto podia ver os campos em volta. O castelo era magnífico, datado de vários séculos, com torres e muralhas ainda intactas e que deviam ter sua própria história.

Os aposentos eram muito bem cuidados, o quarto que ela ocupava era pintado de azul-royal e decorado com elegantes peças orientais. Kathryn não punha em dúvida o bom gosto do marquês.

As palavras da governanta a tiraram do devaneio:

— Seu banho está pronto. Não sei quem é, nem como conseguiu entrar nesta propriedade, mas eu a aconselharia a não tentar tirar vantagem. Não confunda com fraqueza a generosidade do marquês. Certamente se sairá bem se não se esquecer disso.

Kathryn não se esqueceria, claro. Bastara um olhar do marquês para ela saber que ninguém brincava com ele.

— Eu não me demoraria no banho, se fosse a senhorita — a mulher disse. — Milorde não ficará satisfeito.

E certamente não gostaria de vê-lo irritado, eram as palavras que a governanta devia estar pensando e não dissera.

Kathryn concordou em silêncio, despiu-se e entrou na banheira, suspirando de satisfação quando a água morna e perfumada cobriu seu corpo dolorido. Sorriu ao constatar a diferença de um banho como aquele e os que tomava no hospício, quando era esfregada com brutalidade.

A sra. Pendergass saiu do banheiro enquanto Kathryn lavava os cabelos com uma pedra de sabão de cheiro delicioso. Logo estaria trajando a roupa que lhe arranjariam e enfrentaria o marquês. Precisava encontrar uma história convincente para explicar sua situação do momento. Mas deixaria todas as preocupações de lado,

pelo menos por alguns instantes, enquanto se deliciava com a água morna, o perfume envolvente do sabão e o prazer que estava desfrutando naquele momento, um prazer que lhe fora negado por quase um ano.

* * *

Sentado atrás de uma enorme escrivaninha, Lucien deixou seus pensamentos vagar. A imagem da desconhecida lhe veio à mente. Não devia ter mais de vinte anos e, mesmo suja e despenteada como estava, havia algo de intrigante em seu modo de agir e falar. Não parecia uma mendiga, mas uma nobre, não na aparência, e sim por seu comportamento e postura.

Era mais alta que a maioria das mulheres, um pouco magra demais, os cabelos tinham um tom castanho-escuro, e os seios, visíveis pela transparência da camisola, eram pequenos e firmes. Falava como uma dama. Quem poderia ser aquela mulher misteriosa?, Lucien se perguntou.

Uma batida na porta o tirou do devaneio. Obedecendo à ordem recebida antes, o mordomo trazia a jovem ao escritório. Lucien levantou-se imediatamente, incapaz de acreditar que a mulher que se encontrava diante dele era a mesma maltrapilha encontrada escondida no bagageiro de sua carruagem.

Mesmo vestida com uma blusa branca simples e uma saia de algodão marrom, trajes pertencentes a uma das criadas, não havia dúvida de que se tratava de uma dama. A postura dos ombros e a expressão inteligente deixavam isso claro.

E era uma jovem adorável, ele reconheceu. Os traços do rosto eram perfeitos, os lábios eram cheios e tentadores. A pele era alva, e as faces eram cobertas de pequeninas sardas.

— Tinha razão, srta. Gray. Sua aparência melhorou bastante. Por que não se senta e me conta a sua história?

Kathryn obedeceu prontamente ao marquês e sentou-se à sua frente, com as mãos no colo.

— Como lhe disse, senhor, meu nome é Kathryn Gray. Moro em uma vila perto de Ripon, não distante de York. Meu pai é o vigário da paróquia local. Ele estava fora, visitando amigos, quando fui raptada.

— Raptada? — Lucien endireitou-se na cadeira. — Está me dizendo que alguém entrou na sua casa e a levou dali à força?

Kathryn fez sinal que sim.

— Exatamente, meu senhor. Esta é a razão de eu estar de camisola. Quem eram os homens que me raptaram, de onde vieram, e por que me escolheram, não sei dizer. Mas sei que eles tinham planos horríveis para mim.

— E quais seriam esses planos?

Ela ruborizou levemente, porém não baixou os olhos.

— Ouvi dizer que estavam me levando para uma casa de má reputação. Naturalmente, eu não sabia a princípio o que isso significava... sendo a filha de um vigário, e tudo mais. Depois de um tempo, comecei a entender a que eles estavam se referindo. Meu pai tem feito sermões contra tais lugares, assim soube das intenções dos homens.

— Entendo.

Alguma coisa na história de Kathryn não o convencia. Considerando as circunstâncias em que se encontrava, assumindo que estivesse dizendo a verdade, era surpreendente que pudesse esconder tão bem seu desespero. Porque deveria estar chorando e, no entanto, contava seu drama com calma.

— Os homens pretendiam me vender, suponho que esta tenha sido a razão de não terem tocado em mim. Aparentemente, tais coisas são importantes no mercado de venda.

Lucien sorriu de leve.

— Foi o que ouvi dizer

E ela certamente alcançaria um bom preço. Por um momento, lhe passou pela cabeça que ele não se importaria em ser o dono da casa que a comprasse. Certamente desfrutaria de muito prazer em ter em seus braços a intrigante srta. Gray.

— Por sorte, eu escapei — Kathryn continuou com voz fria e controlada. Parecia estar recitando um texto decorado. Por outro lado, poderia ser um sinal de nobreza. — Corri o mais que pude. Estava me escondendo no estábulo da hospedaria quando vi a sua carruagem e...

— Como? — Lucien a interrompeu. — Como conseguiu escapar?

— Como? — Kathryn repetiu, pela primeira vez parecendo confusa.

— Foi o que perguntei. Como conseguiu escapar dos dois homens que a raptaram? A senhorita é frágil e não conseguiria enfrentar os bandidos. Como fez para fugir?

As mãos de Kathryn tremeram por um momento. Respirou fundo e endireitou o corpo.

— Fazia dias que estávamos viajando, ficando em um lugar horrível depois do outro. Um dos homens, o gordo com respiração ruidosa, me levou até um quarto atrás da cozinha. Ele e o amigo, o loiro alto e musculoso, decidiram que iriam... que iriam... — Ela umedeceu os lábios, o controle lhe fugindo. — O gordo me levou para o quarto, enquanto o colega ficou vigiando. Começou a desabotoar as calças. Quando ele se distraiu, eu bati na cabeça dele com um vaso e escapei pela janela.

Lucien ajeitou-se em sua cadeira.

— Muita esperteza e valentia de sua parte.

— Eu estava desesperada. Tinha de escapar. Caminhei a noite inteira, e foi quando cheguei à hospedaria. Estava exausta. Deitei-me sobre o feno e adormeci. Quando acordei, vi a sua carruagem e... bem, o resto, o senhor sabe.

— Sim. — Lucien se levantou, deu a volta na escrivaninha e parou diante de Kathryn. — Presumo, srta. Gray, que esteja me contando a verdade. Está, não é? — Ele lhe dirigiu um olhar duro e pôde perceber uma leve hesitação nos olhos dela.

Lucien ponderou o fato. Tinha decidido ajudar a jovem antes que ela entrasse no escritório para aquela conversa.

— Está bem, srta. Gray. Amanhã cedo providenciarei uma carruagem, que a levará de volta para a casa de seu pai. Irá acompanhada de uma criada e...

Ele sentiu a mão de Kathryn em seu braço.

— Por favor, milorde. Meu pai não está em casa, e eu... eu tenho medo de voltar enquanto ele não estiver lá. Talvez pudesse mandar avisá-lo e, nesse ínterim, eu poderia ficar aqui e esperar que meu pai viesse me buscar. Sei que estou pedindo muito, mas...

— Não há outra pessoa a quem possa pedir ajuda? Ela sacudiu a cabeça.

— Na verdade, não. Meu pai estará de volta em poucos dias. Se mandar avisá-lo, ele ficará feliz em vir me buscar.

Lucien observou-a atentamente. Não tinha certeza de até que ponto acreditava na história dela. Havia alguma coisa incoerente entre a mulher que estava na carruagem, a que se encontrava agora no escritório e aquela que ela acabara de descrever. Não, ele não estava convencido de que Kathryn estivesse dizendo a verdade, pelo menos não inteiramente. Ainda assim, como cavalheiro, sentia-se obrigado a ajudar uma dama em apuros, e não havia dúvida de que Kathryn era exatamente isso. Além do mais, o mistério que a envolvia o intrigava.

— Ficar aqui não será um problema. Minha tia chegará de Londres amanhã de manhã. Ela poderá lhe servir de acompanhante. Nesse meio tempo, enviarei uma mensagem ao seu pai em Ripon. — Ele sorriu de leve. — Isso será o suficiente, srta. Gray?

— Oh, sim, milorde! Será mais do que suficiente. Ficarei em dívida para com o senhor eternamente.

— Uma vez que minha tia chegar, poderá lhe arranjar roupas mais apropriadas. A senhorita e ela parecem ser do mesmo tamanho. Pode continuar ocupando o quarto de hóspedes em que se banhou. Falaremos novamente amanhã.

Kathryn sorriu, aliviada.

- Obrigada, milorde. — Virou-se e caminhou para a porta.
- Quanto tempo faz que comeu pela última vez? Ela se voltou para o marquês com aparência abatida.
- Temo ter dificuldade em me lembrar quando foi, milorde.
- Vou mandar que levem uma bandeja ao seu quarto.
- Obrigada.
- Vá descansar, srta. Gray. E não se preocupe. Está em segurança no Castelo Running.

Kathryn sorriu timidamente e Lucien teve certeza de que havia um brilho de lágrimas nos olhos dela. Respirou fundo e fechou a porta do escritório quando Kathryn saiu. Por que havia concordado que ela ficasse ali? Era uma atitude da qual certamente se arrependeria. Mas de uma coisa ele sabia: Kathryn Gray estava precisando de ajuda.

Os dias à frente poderiam ser interessantes.

Ficou pensando o que sua noiva diria quando descobrisse a presença daquela hóspede em seu castelo.

12

Kat Martin

Kathryn mal se lembrava se algum dia havia dormido tão bem. Na noite anterior tinha comido até quase estourar, depois se deitara entre lençóis brancos e limpos que cheiravam a lavanda e goma, e descansara a cabeça no macio travesseiro de penas.

Seu quarto em Milford Park, seu lar até ela ser enviada para o Hospital St. Bartholomew, era até mais elegante. Suas roupas eram luxuosas e feitas das mais finas sedas e rendas, a comida sempre deliciosa e cara. Filha do conde de Milford, tivera privilégios sem se dar conta deles. Depois que fora confinada no mundo brutal e encardido do hospício, compreendera como tivera sorte até então.

Olhou para o vestido de cambraia florida que usava naquele momento e sentiu lágrimas nos olhos. Era uma roupa adorável e, com exceção de estar um pouco apertado no busto, servia-lhe perfeitamente. Sentada no banquinho em frente a um espelho de moldura dourada, escovou os longos cabelos escuros e agradeceu a virada do destino que a trouxera ao Castelo Running.

A história que havia inventado parecia ter convencido o marquês alto e moreno.

Ela sentiu um calafrio ao pensar no que poderia ter passado se não tivesse fugido. E escapara dos guardas justamente como tinha contado ao marquês. Os homens a haviam levado até a cozinha, pretendendo violentá-la. Um deles ficara de

vigia e, enquanto outro tirava as calças, ela o atingira na cabeça com um vaso e escapara pela pequena janela da cozinha, jogando-se na escuridão da noite.

Esforçou-se para afastar a lembrança ruim. Como o marquês bem dissera, agora estava em segurança no Castelo Running, e ficaria ali até que a providência, e o marquês, assim o permitissem.

Pelo menos uma semana, Kathryn imaginava. Levaria uns três a quatro dias de viagem para que o mensageiro de Litchfield chegasse a Ripon, descobrisse que lá não havia vigário algum com o nome de Gray, nem nas redondezas, e voltasse ao castelo com as novidades.

Mas, a essa altura, ela já não estaria mais ali.

Até lá, ela pretendia aproveitar o conforto e a segurança do Castelo Running. Precisava de tempo para se recuperar dos meses terríveis que passara no St. Bartholomew, e até mais importante, tempo para fazer planos para o futuro. Não tinha certeza do que poderia fazer, mas de alguma forma encontraria um modo de conseguir sobreviver.

Infelizmente, sem ter para onde ir e sem dinheiro algum, ela não iria antes do momento necessário. Mas enfrentar o marquês de Litchfield quando ele descobrisse que tinha sido enganado era algo que ela temia mais do que a falta de perspectiva de um futuro.

Pegou alguns grampos e prendeu os cabelos em um coque atrás da cabeça. Estava pronta para enfrentar o marquês no café da manhã, quando certamente conheceria a tia dele. Notou que sua mão estava tremendo. Cada pessoa que ela conhecia podia representar uma ameaça à sua segurança, cada um podia ser um inimigo que a mandaria de volta à casa de loucos. Estremeceu quando tal pensamento lhe passou pela mente.

Não conhecia a tia do marquês, não sabia que tipo de pessoa era, ou se acreditaria em sua história meio inventada. Se ela não acreditasse... Meu bom Deus! Se convencesse o marquês a chamar as autoridades...

Kathryn sacudiu a cabeça, não querendo pensar em tal possibilidade. Desempenharia seu papel o melhor que pudesse, rezaria para que a dama fosse compreensiva como o marquês havia sido, e assim ela poderia continuar ali em segurança.

Respirando fundo, ajeitou o vestido e desceu as escadas. Lucien Montaine a estava esperando, com traje de montaria de calça marrom justa e camisa branca de mangas compridas. Um paletó marrom estava pendurado no espaldar de sua cadeira. Ele se levantou quando Kathryn entrou na sala, sorriu cumprimentando-a e inclinou a cabeça em direção a uma atraente mulher loira sentada a seu lado.

— Gostaria que conhecesse minha tia — ele apresentou. — Winifred Montaine Dewitt, viscondessa de Beckford, apresento-lhe a srta. Kathryn Gray.

Kathryn fez uma vênia graciosa. Suas mãos estavam suadas e seu peito apertado.

— Lady Beckford. É um prazer conhecê-la.

Lady Beckford sorriu. Era uma mulher de pouco mais de quarenta anos, com os cabelos loiros começando a ficar grisalhos nas têmporas, e olhos muito azuis. Parecia uma mulher bondosa, e o olhar de simpatia que dirigiu a Kathryn fez com que esta se sentisse tonta por um momento. O rosto querido de sua mãe lhe apareceu na mente e, por um segundo, temeu que fosse levada pelo impulso de se ajoelhar diante da viscondessa e lhe confessar toda a verdade.

Na noite anterior havia sido mais forte, pois não tivera alternativa, já que queria sobreviver. Mas aquela mulher de olhar amoroso fazia com que ela pensasse em um lar, em uma família. Lady Beckford era alguém em quem poderia encontrar apoio, alguém que poderia ajudá-la.

Com muito esforço, procurou se controlar e retribuiu o sorriso.

— Reúna-se a nós, srta. Gray — lady Beckford disse, observando-a. — Meu sobrinho já me contou o que lhe aconteceu. Minha pobre criança, posso imaginar quanto deve ter sofrido.

Não, Kathryn pensou. A senhora não pode imaginar. Nem mesmo nos seus piores pesadelos.

— Estou muito grata a lorde Litchfield por ele ter sido tão bondoso e se dispor a me ajudar.

— Mas é claro que ele a ajudará! Lucien é um cavalheiro. Pode parecer assustador a princípio, mas basta conhecê-lo melhor para descobrir que é inofensivo.

O marquês arqueou uma sobrancelha, olhando para a tia.

— Inofensivo? Eu dificilmente classificaria isso como uma descrição agradável da minha pessoa, tia Winnie.

E tampouco correta, Kathryn tinha certeza disso. O homem alto e moreno sentado à cabeceira da mesa era tudo menos inofensivo. Mais uma vez se perguntou o que aconteceria quando ele descobrisse que fora enganado.

Terei partido, disse a si mesma. Estarei a quilômetros daqui.

— Coma alguma coisa, minha querida. Está muito pálida e magrinha. Precisa se alimentar bem depois de tudo o que passou — lady Beckford observou.

Kathryn sorriu. Simpatizava cada vez mais com a mulher, mas ainda não tinha certeza se podia confiar inteiramente nela.

— Tudo parece delicioso. — Sentou-se a mesa e aceitou o prato cheio que o criado lhe estendeu. Esquecendo-se completamente de onde se encontrava, atacou a comida como se estivesse correndo o risco de nunca mais ver um alimento pela

frente. Ergueu os olhos e percebeu que o marquês a observava, enquanto a expressão no rosto de lady Beckford era de piedade.

Colocou o guardanapo de lado, o apetite subitamente suspenso.

— Oh, mil perdões. Eu apenas... Eles não me davam muita comida.

Isso era verdade. Água e um pão duro, ocasionalmente uma fatia de carne.

— Está tudo bem — disse o marquês, com surpreendente gentileza. — Minha tia tem razão. A senhorita precisa recuperar suas forças.

Kathryn olhou para os ovos e a suculenta fatia de carne de perdiz em seu prato, e sua boca se encheu de água. Deu uma garfada, depois outra, procurando comer bem devagar dessa vez, como a dama que uma vez havia sido. E assim deixou o prato limpo.

— Quer mais? — o marquês perguntou. Kathryn balançou a cabeça em negativa.

— Obrigada, milorde, mas já comi muito mais do que devia.

— Ótimo. — Lady Beckford sorriu. — Se já terminou, daremos uma volta no jardim e você vai poder me contar tudo sobre a sua vida.

Kathryn sentiu o estômago revirar e teve medo de pôr para fora toda a deliciosa comida que acabara de ingerir. Deus do céu, caminhar com lady Beckford e conversar com ela era a última coisa que desejava fazer naquele momento! Teria de mentir mais uma vez e não queria fazer isso.

Engoliu em seco, procurando dominar seu nervosismo. Talvez tudo terminasse bem. Talvez se ela simplesmente ficasse bem perto da verdade... Isso pareceria funcionar na noite anterior.

Com o coração batendo forte, forçou um sorriso.

— Será um prazer, lady Beckford.

— O castelo tem lindos jardins. Talvez lorde Litchfield nos acompanhe.

O marquês sorriu com indulgência, levantou-se e ajudou tanto a tia como Kathryn a se erguerem.

— Lamento, senhoras, mas não será possível desta vez. Tenho serviço a fazer.

— Seu olhar se demorou um segundo a mais nos lábios de Kathryn. — Aproveite o passeio, srta. Gray.

Ela inconscientemente umedeceu os lábios, seu coração batendo mais rápido.

— Obrigada, milorde. Tenho certeza de que apreciarei dar uma volta em seu jardim.

Quando elas voltaram para casa, algumas horas mais tarde, Kathryn estava menos tensa; na verdade, sentia-se até capaz de sorrir com sinceridade. Lady

Beckford tinha conversado com ela como se fossem amigas de longa data, insistindo que Kathryn a chamasse de tia Winnie, como seu sobrinho fazia. Falara sobre o marido que havia perdido apenas dois anos antes, e seus olhos se encheram de lágrimas ao mencionar o nome dele.

Kathryn também tinha chorado. Tentara não contar nada além do necessário, por isso respondera genericamente às perguntas sobre sua família. Mas fora obrigada a contar a respeito da morte da mãe e da irmã. Não mencionara, contudo, que havia acabado sob a guarda do cruel tio Douglas, o homem que a internara no hospício. Então as lágrimas vieram a tona, e ela as justificara para lady Beckford dizendo que estava se lembrando do que passara nas mãos de seus raptos.

Winnie a havia abraçado, e Kathryn encontrara consolo junto à simpática viscondessa. Por ocasião da volta à casa, as duas se sentiam verdadeiramente como amigas.

Os dias foram passando com rapidez. Kathryn via o marquês na hora do almoço e do jantar, mas passava a maior parte do tempo com Winnie, ou sozinha. Como Winnie bem dissera, os jardins eram adoráveis, e ela passeava por eles sempre que podia.

A biblioteca do castelo era um verdadeiro mundo de livros. Kathryn adorava ler poesias, romances e, sobretudo, alguns filósofos, como Sócrates, Platão, Aristóteles e Descartes. Um dia descobrira a seção que continha livros de medicina, de curas naturais pelas ervas, e a partir de então tinha passado cada hora livre lendo esses volumes.

Em seu quarto dia no castelo, foi flagrada na biblioteca pelo marquês. Ao perceber sua presença, ela apressadamente escondeu debaixo da saia o volume que lia e abriu outro.

Quando Lucien leu o título desse segundo livro, seu olhar demonstrou surpresa.

— A filosofia de Descartes sobre a existência do homem? É raro encontrar uma mulher que tenha interesse por esses assuntos.

Kathryn deu de ombros.

— Sempre me interessei por filosofia. Platão disse que "a vida que não é examinada não vale a pena ser vivida".

Lucien sorriu.

— "Há somente um bem, o conhecimento, e somente um mal, a ignorância."

— Sócrates — ela sugeriu, devolvendo o sorriso do marquês. — Ele também disse que "Só sei que nada sei".

O marquês caiu na gargalhada.

— Qual era o outro livro que estava lendo? — perguntou, subitamente sério.

Kathryn ficou tensa.

— Que... que outro livro?

— Aquele que escondeu debaixo da saia. Não se acanhe. Sei que existem livros que não são recomendados para moças solteiras, mas não creio que eu os tenha na minha biblioteca.

Sem alternativa, ela lhe mostrou o livro com bastante relutância.

— William Harvey, *As Funções do Coração e do Sangue nos Animais*. — Lucien arregalou os olhos.

— O senhor tem uma excelente coleção de livros sobre medicina e curas por ervas. Tenho impressão de que a obra do sr. Harvey está um pouco desatualizada, mas mesmo assim achei que poderia encontrar algum enfoque interessante e...

— Pensou que encontraria algum enfoque interessante sobre o quê, srta. Gray? Por que estaria interessada em ler um livro abordando tal assunto? Não parece ser um tema que interesse às mulheres.

Kathryn ruborizou. Estava claro o desagrado do marquês quanto à escolha do livro.

— Minha irmã e minha mãe morreram de febre quando eu tinha dez anos — ela explicou, dizendo a verdade e esperando que ele compreendesse. — Fiquei desesperada, claro. Senti-me totalmente inútil. Nenhum médico conseguiu salvá-las. Anos depois, comecei a estudar sobre ervas e seus usos em curas. Meu interesse pela medicina vem desse fato.

— Entendo.

Kathryn não tinha certeza de que ele entendesse. Aquele não era um assunto que interessasse às mulheres, sendo considerado um absurdo uma jovem solteira

ficar analisando diagramas de anatomia e lendo artigos que descreviam artérias e vasos bombeando sangue. Lucien lhe devolveu o livro.

— Bem, suponho que cada um deva ler o que prefere. Minha biblioteca está à sua disposição no tempo em que estiver aqui, srta. Gray.

— Obrigada, milorde.

Lucien deixou a biblioteca, e Kathryn não o viu novamente até o jantar. Como lady Beckford não estava se sentindo muito bem devido ao clima, eles jantaram sozinhos.

— Espero que tenha gostado da sua leitura — ele observou.

— Sim, gostei. Sempre aprecio ler.

— A senhorita é diferente, srta. Gray. Raramente se encontra uma mulher cujo interesse vá de Descartes à anatomia.

Lucien a levou até uma mesa trabalhada onde havia castiçais de prata. Kathryn se sentou e tomou um gole do vinho tinto que o criado lhe serviu.

— Além de filosofia, o que o interessa, milorde?

A taça de cristal que Lucien segurava deteve-se a caminho dos lábios. Por um momento, ele pareceu distraído, os olhos voltados para os seios de Kathryn. Imediatamente, sensações estranhas percorreram o corpo dela. Percebendo o que fazia, Lucien ergueu os olhos para o rosto de Kathryn.

— Tenho inúmeros interesses, srta. Gray. Gosto muito de administrar minhas propriedades. Considero um desafio fazer melhorias na terra e observar o modo como os grãos correspondem a elas. Gosto de corridas de cavalo. Gosto de caçar. Dediquei-me por uns tempos ao esporte do boxe.

— Um homem com gostos variados.

— Sim, é o que gosto de pensar que sou.

— E parece ser muito ocupado.

— Isso, com certeza.

— Sem tempo para uma esposa e família? Sua tia me disse que não é casado.

Antes de responder, Lucien engoliu o pedaço de carne que estava comendo.

— E ela não disse também que essa situação vai mudar muito em breve?

Kathryn endireitou-se em sua cadeira.

— Não, na verdade deve ter se esquecido.

— O fato, srta. Gray, é que estou noivo de lady Allison Hartman. Vamos nos casar em menos de dois meses.

Kathryn sorriu, mas, para sua surpresa, não foi um gesto fácil.

— Meus parabéns, milorde.

— Obrigado. Lady Allison e eu nos conhecemos já faz cinco anos. Recentemente, decidi que era tempo de me casar e ter um herdeiro. Lady Allison foi condescendente com as minhas ideias.

Condescendente. Não era a palavra que deveria ser usada para descrever o que uma pessoa sentia a respeito do casamento com o belo e intrigante marquês de Litchfield. Kathryn ficou imaginando se os sentimentos da dama pelo marquês eram tão sem entusiasmo como os dele pela noiva.

Foi no dia seguinte que ela teve a chance de descobrir o que havia entre o marquês e lady Allison.

Uma carruagem se aproximou da casa quando Kathryn estava sentada com Winnie na sala de estar, tomando uma xícara de chá e ouvindo histórias sobre a infância do marquês; histórias que ele compartilhava com seu melhor amigo, Jason Sinclair, o duque de Carlyle. Kathryn sentiu um calafrio ao ouvir o barulho de uma carruagem do lado de fora. Oh, Deus, será que tinham descoberto seu paradeiro? Seu primeiro impulso foi segurar as saias e sair correndo da sala, mas ignorou os batimentos agitados do coração e continuou sentada no sofá de brocado cor de pêssego. Winnie olhou para a porta.

— Deve ser Allison e sua mãe, a baronesa de St. James. Elas vêm com frequência ao castelo, já que a propriedade do barão fica a poucos quilômetros daqui.

A tensão desapareceu do corpo de Kathryn, deixando-a tonta de alívio.

— Não sabia que esperavam visita. Winnie suspirou e sacudiu a cabeça.

— Sei que deveria ter mencionado isso, mas eu estava esperando que elas não viessem. Sempre me aborreço ao ouvir aquela conversa sobre os preparativos do casamento, coisa do tipo como as mesas deverão ser decoradas, de que cor deverá ser o vestido que Allison vai usar. Oh, odeio quando elas ficam mexericando a respeito dos convidados, de quem deveria ser convidado e de quem deveria se ignorado. Um monte de bobagens, mas o pobre Lucien parece ser indulgente com elas. Na verdade, ele preferiria estar lidando com assuntos da propriedade.

— Lady Allison é noiva dele. Tenho certeza de que o marquês sente prazer em desfrutar de sua companhia.

Winnie dirigiu a Kathryn um olhar que dizia claramente que primeiro ela deveria conhecer Allison, para depois concluir acerca dos sentimentos do marquês. Suspirou e meneou a cabeça.

— Lamento. Sei que deveria ser mais discreta, mas a moça não é nada mais do que babados, fitas e rendas. Meu sobrinho vai se arrepender do dia em que se casar com ela, e eu já lhe disse isso mais de uma vez.

Kathryn tomou um gole de chá.

— Talvez ele esteja apaixonado por lady Allison. Winnie revirou os olhos e assoprou um cacho de cabelos que lhe cobria os olhos.

— Meu sobrinho não sabe o significado da palavra "amor". Nunca esteve apaixonado, e considerando o modo como foi criado, duvido que deseje passar por essa experiência. Se não notou, Lucien prefere uma existência esquematizada e sem surpresas. É um homem com tudo sob controle e está determinado a continuar desse modo. O amor faz com que o homem perca a cabeça. Isso foi o que aconteceu com o pai dele, com resultados desastrosos, e meu sobrinho nunca se esqueceu do que o pai passou. Allison preenche apenas as qualidades de esposa que vai cumprir as suas obrigações, e assim o casamento não representará nenhum tipo de risco para Lucien.

Kathryn não fez nenhuma observação sobre o que acabara de ouvir. Mas era triste pensar em uma união sem amor. Ela sempre sonhara que um dia se casaria com um homem que a amasse como ela o amaria. Agora não tinha mais tais expectativas, já que, provavelmente, sobreviver exigiria sua total atenção.

— Oh, querida, elas estão vindo para cá. — Winnie franziu a testa, irritada.

Kathryn se empertigou na cadeira.

— Lady Beckford, que bom vê-la! — Usando um traje cor-de-rosa ornamentado com um enorme laço branco, a jovem loira parecia uma boneca feita de confeitos de açúcar. Era mais baixa e mais cheinha que Kathryn. Com sua pele pálida e as bochechas rosadas, era a imagem da perfeição feminina.

Kathryn sentiu-se tomada pelo ciúme. Bem mais alta e muito mais magra, estava em desvantagem no caso de uma comparação. A noiva do marquês era, sem dúvida, uma belezinha.

O mordomo entrou com a bandeja de chá, e as apresentações foram feitas. Kathryn se apresentou simplesmente como srta. Gray, uma amiga de lady Beckford dos arredores de York. Mesmo assim, a baronesa, mãe de Allison, a observou cheia de suspeita. Era ainda mais baixa que a filha, e também mais gorda.

— Então não está aqui para visitar lorde Litchfield? — ela perguntou, a voz soando um pouco esganiçada.

Kathryn forçou um sorriso.

— Na verdade, lorde Litchfield e eu mal nos encontramos. Ele tem estado muito ocupado. Raramente o vejo.

Pela primeira vez lady St. James sorriu. Aceitou a xícara de chá que Winnie lhe estendia e sentou-se perto da mesinha.

— Onde está o marquês agora? Ele sabia que viríamos. Eu pensei que estaria aqui quando chegássemos.

— Minhas desculpas, senhoras. — Lucien entrou na sala, imponente como sempre. — Meu compromisso demorou mais que o esperado. — Inclinou-se para beijar a mão da baronesa. — Espero que me perdoem.

Allison deu uma risadinha.

— Claro, milorde. Um homem na sua posição tem muitas responsabilidades. Mamãe e eu entendemos.

Lucien dirigiu às duas um sorriso indulgente. Por um instante seus olhos se fixaram em Kathryn, um pouco mais que o devido. Então voltou sua atenção à noiva.

— Seu bilhete dizia haver um assunto de muita importância para discutirmos. Talvez prefiram conversar em particular. Nesse caso...

— Oh, não, milorde. — Allison colocou a xícara de volta no pires. — É um assunto referente a lorde Tinkerdon. O que ele tem feito não chega a ser um segredo, assim não precisamos ser discretos.

— Tinkerdon? O que Tinkerdon tem a ver comigo?

A baronesa-mãe respirou fundo, o que não devia ser nada fácil, já que o vestido era bastante apertado no busto, como se ela tivesse engordado recentemente.

— Certamente o senhor ouviu as novidades. Tinkerdon perdeu sua fortuna em um negócio envolvendo mineração de prata. Os credores exigem que ele pague suas contas, mas parece que o homem está sem um centavo. Certamente será banido do nosso meio. Ninguém vai querer se relacionar com ele agora.

— E?...

— Nós o convidamos para o casamento! — Allison gemeu como se o homem fosse um assassino convicto em vez de um homem falido.

— Os convites já foram enviados! — a baronesa exclamou. — Minha filha estava esperançosa de que o senhor entrasse em contato com lorde Tinkerdon e lhe sugerisse não comparecer à cerimônia.

Lucien franziu a testa.

— Não vejo o menor problema se lorde Tinkerdon comparecer ou não ao casamento. O homem perdeu sua fortuna, mas ainda é um membro da aristocracia. As senhoras convidaram metade de Londres. A presença ou ausência dele mal será notada.

Sentada perto do noivo no sofá, Allison pegou em seu braço.

— Por favor, milorde. Onde nós o colocaríamos no banquete do casamento? Alguém poderia se ofender por estar ao lado de um homem como lorde Tinkerdon. Isso poderia estragar a festa, e nós certamente não queremos que isso aconteça.

Por um momento, Kathryn pensou que o marquês concederia o ridículo pedido da noiva. Começou então a reavaliar a opinião que tinha dele. No entanto, Lucien bateu delicadamente na mão de Allison.

— Lamento, minha querida. Você é ainda muito jovem. Com o tempo aprenderá que o dinheiro que uma pessoa possui nem sempre deve ser levado em conta. Pode pedir a seu pai que atenda a esse seu pedido, mas creio que ele se sentirá como eu me sinto. Nesse meio tempo, sugiro que se ocupe com assuntos mais importantes, que é exatamente o que vou fazer.

Levantou-se, lançou um rápido olhar para Kathryn e seguiu para a porta.

— Espero que as senhoras me desculpem, mas preciso sair.

Sem esperar por uma resposta, e sem olhar para trás, o marquês saiu da sala.

A luz do sol brilhou em seus cabelos, que pareceram mais negros. Kathryn sentiu crescer o respeito que tinha pelo marquês, e suspeitou de que Winnie não estava tão errada quando dissera que aquele não era um noivado que o sobrinho devia levar avante.

Lucien não conseguia dormir. Cada vez que adormecia, sonhava com a jovem que se escondera no bagageiro de sua carruagem. E toda vez, ela o olhava com a dignidade de uma rainha.

Então o sonho mudava e ele a via como estava agora, com o lindo rosto limpo e brilhante, os olhos de uma rara tonalidade verde, a boca tentadora. Ela se vestia de seda e se encontrava na sala de estar, como se aquele lugar lhe pertencesse. Somente o livro que estava lendo, um enorme volume sobre anatomia, parecia não combinar com a cena.

Ele acordou, perturbado com as imagens conflitantes, tentando identificar o que era que não fazia sentido.

Encostou a cabeça no travesseiro. Que partes da história que Kathryn contara estavam faltando? Quanto deixara de revelar? Seu instinto dizia que ela contara apenas parte da verdade, mas não conseguia dimensionar quanto ela havia mentido.

Qualquer que fosse a resposta, ele pretendia descobri-la. Tinha enviado seu mensageiro um dia antes do que aquele que informara a Kathryn. Em breve, saberia a verdade.

Nu, como era seu costume para dormir, Lucien estendeu as pernas para o lado da cama e pegou seu robe de seda preta. Iria à biblioteca e escolheria um livro. Quem sabe assim conseguiria dormir.

Pegou o castiçal com uma vela e desceu as escadas. Algo o alertou. Havia luz na biblioteca. Tia Winnie não era muito chegada a leitura, portanto somente uma outra pessoa poderia estar ali àquela hora da noite.

Empurrou a porta, seus olhos procurando na pouca claridade a figura de Kathryn. Ela estava sentada perto da janela, de pernas cruzadas. Folheava um enorme livro com as bordas das páginas douradas.

— Não conseguiu dormir, srta. Gray?

Kathryn assustou-se com o som da voz e ergueu a cabeça em posição de alerta. Seus cabelos estavam despenteados e caindo sobre os ombros, os fios escuros grossos e brilhantes confundindo-se com as sombras que brincavam nas paredes. Pela primeira vez, Lucien notou que os cabelos tinham um tom levemente avermelhado.

— Tive um pesadelo — ela disse. — Concluí que era melhor me levantar e ler um pouco do que me arriscar a ter uma continuidade do mesmo.

Lucien caminhou até ela.

— Já teve esse sonho antes?

Ela mordeu o lábio antes de responder:

— Era real antes.

— Está se referindo ao seu rapto?

— Ah, sim...

Por alguma razão, as palavras não soaram sinceras aos ouvidos do marquês.

— O que está lendo desta vez, srta. Gray? — Inclinou-se para a frente para ler o título: *A Arte da Obstetrícia - Instruções para Parteiras*. Mil pensamentos passaram pela mente de Lucien, mas a mais perturbadora sobrepujou as demais.

— Mas a senhorita disse que os homens que a raptaram não tinham... que eles não tocaram na sua pessoa. Se isso aconteceu, não foi culpa sua. Se estiver preocupada com a possibilidade de estar grávida, não tema em me contar, srta. Gray.

Mesmo com a fraca claridade da vela, Lucien percebeu que Kathryn ruborizara.

— Eles não... Nada desse tipo aconteceu. Eu simplesmente estou interessada no assunto, só isso. Como já lhe disse, eu me interesso pelas artes da cura desde criança. Encontrei os seus livros e queria lê-los. O senhor disse que não havia problema algum.

Lucien a fitou por um longo e silencioso momento, cogitando se ela dizia a verdade ou se seria outra mentira.

— Sim, eu disse. Leia os livros que quiser, srta. Gray. Não vou impedi-la. Mas aconselho-a a ser discreta. Deve saber que tais estudos feitos por uma dama não chegam a ser bem-vistos.

Kathryn endireitou os ombros e assumiu uma postura de desafio.

— Sei disso, lorde Litchfield, porém não concordo. Acredito que uma pessoa, homem ou mulher, deveria poder estudar o que lhe interessa. Mas vou seguir seu conselho e continuar me comportando de acordo.

A atenção de Lucien estava voltada mais uma vez para o corpo de Kathryn. Procurou se controlar e se dirigiu à estante. Escolheu um livro e seguiu para a porta.

— Talvez esses livros sejam a causa dos seus pesadelos, srta. Gray.

Ela sorriu.

— De certo modo, são. Mas eles também representam a minha salvação.

Lucien não fez comentário algum. Kathryn era uma criatura estranha. Muito inteligente, extremamente atraente. Aborrecia-o o fato de ter começado a sentir um crescente desejo por ela. Estava noivo de outra mulher. Precisava se lembrar disso.

Apenas gostaria de que Allison Hartman pudesse excitá-lo como Kathryn inconscientemente fazia ao exhibir seu tornozelo nu.

Deus, como ela detestava ter de ir embora! Os dedos de Kathryn acariciaram a colcha de seda azul que cobria a cama ladeada por cortinados de veludo.

Ela lamentaria perder a série de privilégios que desfrutara no castelo. Sentiria falta da amizade de Winnie, e até das inquietantes conversas com o belo marquês de Litchfield. Mas precisava garantir sua liberdade.

Retirou a fronha bordada do travesseiro, a qual usaria para levar a comida que vinha escondendo nos últimos três dias. Precisaria levar também um dos vestidos que Winnie lhe havia emprestado, além de um casaco, um par de sapatos e uma camisola.

Gostaria de ter dinheiro para pagar pelas roupas, ou pelo menos algumas poucas moedas para ajudar em sua jornada, mas encontraria trabalho pelo caminho.

Havia decidido permanecer na área rural da Cornualha, onde poderia encontrar qualquer tipo de serviço, ganhar o suficiente para se sustentar e simplesmente desaparecer.

Partiria naquela mesma noite, logo depois que todos fossem dormir. Um pouco antes, alegara uma dor de cabeça, e lhe haviam levado o jantar no quarto. Ela precisava de tempo para reunir coragem, tempo para se convencer de que precisava partir e preparar-se para fazer isso.

Com o coração pesado, caminhou até o armário onde estavam os vestidos emprestados, escolheu o mais simples deles, e um grosso casaco de lã, e os colocou sobre a cama. Foi quando bateram na porta.

— Lorde Litchfield solicita sua presença no escritório — o narigudo mordomo, Reeves, anunciou.

O estômago de Kathryn se contorceu.

— Já está um pouco tarde. Tem certeza de que ele quer...

— Deseja ver a senhorita. Foi tudo o que disse. Ela procurou afastar seus temores.

— Diga ao marquês que descerei em um instante. O mordomo não se moveu.

— Devo acompanhá-la pessoalmente ao escritório, srta. Gray.

Kathryn sentiu um calafrio na espinha. Algo na postura do mordomo a alertava de que Lucien não devia estar de bom humor. Deus do céu, o mensageiro não podia já ter voltado! Era esperado apenas para o dia seguinte. Talvez fosse alguma outra coisa, algo mais simples, como planejar um passeio para a manhã, por exemplo. Ela esperava que sim. Rezava para que fosse isso.

Desceu as escadas pisando leve, o coração batendo forte, as palmas das mãos começando a suar. Quando entrou no escritório, o marquês encontrava-se junto à janela, de costas para a porta. Os ombros eretos, as pernas afastadas, tudo parecia indicar que estava tenso.

Quando o mordomo se retirou discretamente, Kathryn sentiu-se como se a tampa de um caixão estivesse sendo fechada... com ela dentro. Só então Lucien se voltou para ela, os olhos escuros brilhando de raiva.

— Quem é a senhorita? — O tom de voz dele soou ameaçador.

Kathryn sentiu vontade de sair correndo. Queria estar em qualquer outra parte, menos ali. Umedeceu os lábios, mas não conseguia movê-los para responder à pergunta do marquês.

— A senhorita deixou que eu enviasse meu mensageiro em uma viagem por metade do país. Mentiu para mim. Aceitou a bondade de minha tia, tirou vantagem da minha generosidade. Agora eu quero saber exatamente quem é e por que está aqui!

Subitamente, ela deu meia volta, correu para a porta e disparou pelo corredor. Lucien a alcançou antes que chegasse à porta de saída, segurando-a com força contra o próprio peito.

— Você não vai a parte alguma — ele disse com aquele tom de voz suave, mas ao mesmo tempo assustador. — Não até que me diga a verdade.

Kathryn não queria chorar, porém a vontade de fazer isso era imensa. Criou coragem e ergueu o olhar, encarando o marquês.

— Sinto muito por ter mentido. Eu ia partir esta noite, juro. Pela manhã, já estaria bem longe. Oh, Deus, nunca quis mentir, especialmente para uma pessoa que me ajudou. Não queria enganá-lo. Mas não tive escolha!

Lucien curvou os lábios em sinal de desdém.

— Pois agora tem a sua chance. — Ele continuou segurando-a pelo braço e a levou de volta ao escritório. — Conte-me a verdade, ou eu a entregarei às autoridades. A decisão é sua, srta. Gray.

Kathryn lutou por um momento, tentando se libertar, mas Lucien a segurou com mais firmeza, e não a libertou até estarem dentro da sala e com a porta trancada.

— Muito bem, srta. Gray, qual é sua escolha? A verdade ou as autoridades?
— O marquês cruzou os braços e pareceu ainda mais alto e imponente que antes.

— E tenha certeza de uma coisa: eu não estou blefando. Saberei no mesmo instante, se inventar uma nova mentira.

Kathryn o encarou por um momento. Sabia que não tinha saída alguma a não ser contar sua verdadeira história.

— Oh, Deus! — Ela se sentou no sofá e, contra sua própria vontade, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não pode simplesmente me deixar ir embora? Com o tempo, ganharei o suficiente para lhe pagar pela comida que consumi. Não tenho outras roupas, mas certamente o senhor pode encontrar alguma bem velha que...

— Escute-me — Lucien falou de forma mais gentil. — O que for que tenha feito, não pode ser assim tão ruim. Se roubou alguma coisa, se feriu alguém, apenas me conte e eu encontrarei um modo de ajudá-la.

Kathryn meneou a cabeça.

— Preciso saber. Conte-me o que fez de errado. Ela se levantou.

— Não fiz nada de errado!

— Então, por que está fugindo?

Kathryn mordeu o lábio. Queria dizer a verdade ao marquês, mesmo assim, hesitou.

— Maldição, diga logo o que tem a me contar! — ele exclamou, impaciente.

Com o coração em disparada, ela cedeu.

— Está bem. Eu lhe direi a verdade, sob uma condição.

— Não estou disposto a aceitar condições. Kathryn ficou em silêncio, olhando para o chão.

— Está bem, o que é? — concedeu Lucien.

— Depois... — Os lábios dela tremeram. — Depois que ouvir a minha história, se decidir que não quer me ajudar, então deve me deixar ir embora.

— Espera que eu a deixe ir embora daqui sem dinheiro nem um lugar onde ficar?

— Sim.

O queixo de Lucien endureceu. Passaram-se alguns instantes antes que ele tomasse sua decisão.

— Está bem, então. Tem a minha palavra. Kathryn respirou fundo e procurou encontrar coragem para contar sua história.

— Não sou Kathryn Gray. Sou lady Kathryn Grayson. O conde de Milford era meu pai.

Lucien franziu a testa.

— Milford era seu pai?

— O senhor o conheceu?

— Conheci. Ele era muito respeitado na corte. Kathryn sorriu tristemente.

— Era uma ótima pessoa, um pai maravilhoso. E também um homem muito rico. Quando ele morreu, há cinco anos, deixou muitos bens. Infelizmente, eu era sua única herdeira.

— Infelizmente?

Kathryn sentiu um nó na garganta.

— Lamento dizer que sim.

Lucien a fez se sentar novamente no sofá e acomodou-se em uma cadeira à sua frente.

— Prossiga, lady Kathryn. Conte-me a sua história. Ela ajeitou as saias e depois cruzou as mãos. Quando começou a falar, sua voz soou cheia de pesar.

— Por ocasião da morte de meu pai, minha mãe já era falecida, o que significava que a minha herança precisava de um fiduciário. A função caiu nas mãos do meu tutor, o irmão de minha mãe, Douglas Roth, conde de Dunstan.

Lucien inclinou-se para a frente, na cadeira.

— Dunstan. Sim, eu o conheço muito bem.

Ninguém conhecia Douglas Roth bem, Kathryn pensou. Não o homem que ele realmente era. Agora, ao proferir o nome do tio, sua imagem lhe veio à mente e ela procurou afastá-la.

— No começo dei a meu tio o controle ilimitado sobre o meu dinheiro. Nunca me ocorreu perguntar o que ele estava fazendo, como poderia estar gastando a minha fortuna. Morávamos em Milford Park e até eu sabia quanto era dispendioso manter aquele lugar. Conforme fui me tornando adulta, minhas suspeitas começaram a surgir. Descobri que meu tio estava dilapidando a fortuna de meu pai, e se eu não tomasse uma atitude, o dinheiro acabaria todo.

— Sempre pensei que ele tivesse seu próprio dinheiro — comentou Lucien.

— Era o que todos pensavam. Na verdade, o dinheiro que o conde estava gastando era meu, e quando comecei a pedir explicações, ele me enviou para longe de casa.

— Quando isso aconteceu?

— Há dez meses.

Os olhos de Lucien passaram pelo rosto assustado de Kathryn.

— E para onde exatamente ele a mandou?

As palavras pareciam entaladas na garganta de Kathryn, e ela precisou se esforçar para dizê-las:

— Meu tio me internou no Hospital St. Bartholomew.

O marquês arregalou os olhos. Sua expressão era de incredulidade.

— Dunstan a internou no St. Bartholomew?

— Sim. — Ela meneou a cabeça.

— Pelo amor de Deus, como ele conseguiu fazer isso? Kathryn piscou, tentando conter as lágrimas.

— Meu tio disse a todos que eu tinha enlouquecido. Disse que fazia isso para o meu próprio bem, que não tinha condições de cuidar de uma pessoa louca. — Ela não revelou, porém, qual fora o motivo que reforçara a acusação do tio, e rezava para que o marquês nunca viesse a saber.

Lucien levantou-se, aproximou-se de Kathryn e pegou sua mão trêmula.

— Você é uma mulher diferente, mas acusá-la de louca... Não posso imaginar um homem fazendo uma coisa dessas a uma sobrinha que está sob sua guarda.

— Por favor, lorde Litchfield, eu lhe imploro que me ajude. Não sou louca. Nunca fui. Tio Douglas tem amigos em lugares importantes, dinheiro suficiente para subornar muitos e influência para conseguir o que deseja. Se ele me encontrar, certamente me forçará a voltar àquele lugar e... e... — ela engoliu com dificuldade — ... eu não sobreviverei uma segunda vez.

Kathryn começou a chorar copiosamente, e Lucien se sentou no sofá a seu lado.

— Está tudo bem, querida, não chore. Está em segurança aqui. Não vou permitir que ninguém lhe faça mal. — Ele a envolveu nos braços, confortando-a.

Kathryn se deixou abraçar e sucumbiu às lágrimas, até que estas cessaram.

— Não tenho mais ninguém a quem recorrer. O senhor me ajudará?

— Conheço Douglas Roth. Jamais o imaginei capaz de algo assim, mas ele não é certamente um homem em quem eu confie. Contratarei pessoas para lidar com esse assunto, verei o que posso descobrir. Nesse meio tempo, pode ficar aqui.

— Eu pagarei depois, pelo que gastar comigo. Se encontrar um modo de me proteger de meu tio, poderei pagar. Quando eu fizer vinte e um anos, Milford Park e a fortuna do meu pai finalmente me pertencerão e poderei lhe pagar minha dívida.

Lucien sorriu levemente.

— O dinheiro pouco importa. O que interessa agora é mantê-la em segurança. Ficaré no Castelo Running até que esse assunto seja resolvido.

— Obrigada! Obrigada! Não imagina o quanto a sua bondade significa para mim.

Lucien limitou-se a balançar a cabeça, e seu olhar se tornou frio como pedra. Kathryn estava grata por aquele olhar estar reservado a Douglas Roth e não mais a ela.

CAPITULO II

Lucien estava sentado em uma confortável cadeira em um dos cantos de seu escritório. À sua frente, seu melhor amigo, Jason Sinclair, duque de Carlyle, tinha as longas pernas estendidas em posição de total relaxamento. Um fogo baixo ardia na lareira, aquecendo a sala e afastando o ar frio do começo de outubro.

— Então é por isso que a moça se encontra aqui — Lucien completou seu relato, recostando-se na cadeira.

— É difícil acreditar que alguém como Dunstan tenha sido capaz de fazer uma coisa dessas — Jason comentou. — Fico até arrepiado em pensar no sofrimento da pobre jovem.

Jason era um homem enorme, mais alto que Lucien e mais corpulento. Os cabelos eram de um tom castanho-escuro, na altura dos ombros e presos para trás com uma fita preta. Os dois eram grandes amigos desde meninos, e as propriedades de suas famílias, próximas uma da outra. Lucien não tivera medo de confiar seus segredos a Jason. Confiaria a ele sua própria vida, se necessário.

— Se pudesse ter visto a pobrezinha no primeiro dia, seria capaz de imaginar seu sofrimento. A pobre criança...

— Criança? — Jason o interrompeu. — Pensei que tivesse dito que ela tem vinte anos.

— Sim, bem, suponho que não seja exatamente uma criança, embora eu prefira vê-la assim. Isso torna as coisas mais... simples.

— O que quer dizer que está atraído por ela. Lucien deu um profundo suspiro.

— Ela é extremamente adorável.

— Preciso lembrá-lo de que está para se casar com uma jovem de apenas dezenove anos?

— Allison é diferente. Eu não...

— O quê? Não se sente atraído por Allison como por lady Kathryn? — Jason riu. — Você gostaria de levar a moça para a cama, mas ela é inocente, por isso é forçado a ignorar a atração.

— Não tenho certeza de que Kathryn seja ainda tão inocente tendo passado dez meses naquele lugar. Deus sabe o que lhe fizeram. Mas ela continua sendo uma dama fora do meu alcance. Além disso, estou noivo de Allison e logo me casarei.

— Isso não o tem mantido longe da bela viúva que você visita em Londres.

Lucien resmungou.

— Um homem tem suas necessidades, e eu ainda não me casei. E ultimamente nem tenho me encontrado com a viúva.

— Quer dizer que não vê a viúva desde que lady Kathryn chegou a esta casa.

Lucien não tentou negar o fato, apesar de que não gostava de ouvir o amigo colocar em palavras essa verdade. Não tinha pensado na viúva desde que Kathryn Grayson aparecera no Castelo Running. Perturbado com tal constatação, preferiu voltar ao assunto sobre o qual conversavam antes.

— Não consigo deixar de sentir pena de Kathryn. Estive no St. Barthomew uma vez. E a cena que vi me pareceu fazer parte das profundezas do inferno.

— Sei disso. São feitas excursões a esse lugar. Não consigo imaginar a razão que leva as pessoas a pagarem para assistir a esse tipo de sofrimento.

— Nem eu. Nem posso imaginar o medo que essa menina deve sentir, temendo ser mandada de volta para lá.

— O que pretende fazer?

— O que for preciso. Primeiro precisamos reunir todo tipo de informação sobre o caso.

— Talvez Velvet possa ajudar.

A esposa de Jason era uma mulher de temperamento forte. Com seus cabelos vermelhos e gênio estourado, Velvet era uma das razões que levavam Lucien a temer se casar por amor. Melhor um casamento com uma mulher fútil como Allison.

— Velvet tem um amigo — Jason continuou. — Na verdade, é um velho amigo do avô dela, um médico muito conhecido. Talvez ele possa arranjar um meio de obter as fichas de Kathryn lá no St. Bartholomew.

— E será que podemos confiar nesse homem? Se for espalhada a informação do paradeiro de Kathryn antes que estejamos prontos, ela será obrigada a voltar para aquele lugar

— Velvet conhece o dr. Nolan desde que era criança. Ele é um amigo da família.

— Então está bem, começaremos por aí. E eu já pedi ao meu advogado descobrir um meio de mudar o tutor de Kathryn.

— Boa ideia. E agora, onde está a moça de quem falamos? Gostaria de conhecê-la.

Lucien concordou.

— Imaginei que iria querer. Ela está na sala de estar com tia Winnie. Vamos nos reunir a elas para o chá, e naturalmente vou arranjar para nós uma bebida mais forte.

— E o que estamos esperando?

Eles deixaram o escritório e foram à sala de estar, o lugar favorito da tia de Lucien, e encontraram as duas mulheres conversando animadamente. Winnie já sabia da situação de Kathryn e havia assumido o papel de sua protetora.

As mulheres ergueram o rosto à aproximação dos dois cavalheiros. Jason parou por um momento junto à porta, seus olhos azuis brilhantes examinando Kathryn Grayson da cabeça aos pés, vendo nela a mesma beleza que Lucien tinha visto. Mesmo trajando um vestido emprestado, sua origem nobre não passava despercebida.

Lucien sorriu ao entrar e foi fazendo as apresentações.

— Srta. Gray — Jason disse, inclinando-se com grande formalidade. Usava o sobrenome Gray para não despertar a curiosidade dos criados. — Lucien me falou da senhorita. Espero que nos tornemos grandes amigos.

Kathryn sorriu.

— Lady Beckford tem me contado muitas histórias sobre o senhor e lorde Litchfield quando eram meninos. Sinto como se já o conhecesse. E estou ansiosa para conhecer sua esposa.

— E eu igualmente ansiosa para conhecê-la — uma voz soou da porta. — Srta. Gray, não é? — indagou Velvet Sinclair.

— Sim...

— Minha esposa, a duquesa de Carlyle — Jason apresentou.

— Sim, srta. Gray, é um prazer, na verdade. Lucien é um amigo nosso muito leal e querido. Tenho certeza de que também nos tomaremos grandes amigas. Kathryn abriu um largo sorriso.

— É o que eu desejaria, acima de todas as coisas.

— Pensei que tivesse ido à vila — Jason observou, pegando a mão da esposa e levando-a aos lábios.

— Voltei mais cedo e vi o bilhete de Lucien, mas você já tinha saído para o castelo. E como eu tinha algum tempo livre, vim me reunir a vocês.

E depois de ler o meu bilhete mencionando um assunto da maior urgência, sua curiosidade aumentou consideravelmente, Lucien pensou, sorrindo.

— Por que não fechamos a porta? — sugeriu Winnie. — Quem sabe, juntos, poderemos encontrar um meio de ajudar Kathryn.

Lucien ficou aliviado que a tia tivesse ido direto ao ponto.

— Como o assunto é doloroso para a srta. Gray, vou resumi-lo rapidamente — ele disse, olhando para Jason e Velvet.

Kathryn dirigiu ao marquês um olhar de gratidão e esperança, algo que tocou fundo no coração de Lucien. Ele disse a si mesmo que qualquer homem estaria disposto a ajudar uma mulher como Kathryn. Isso não tinha nada a ver com o desejo que sentia cada vez que a via. Não era porque gostaria de poder levá-la para a cama, apesar de ser esta uma verdade.

O que importava era que Kathryn precisava dele. Não tinha a quem mais recorrer. E ele não permitiria que fosse magoada mais uma vez. Nem por Douglas Roth, nem por ninguém.

Voltando de seu passeio ao Castelo Running, acompanhada de sua criada, Allison Hartman jogou seu casaco para o mordomo. Entrou tempestuosamente na sala de estar onde sua mãe escrevia uma carta. Seu rosto estava vermelho de raiva.

Esperou que o mordomo discretamente fechasse a porta da sala e que a mãe largasse a carta que escrevia. Um olhar para a filha, e a baronesa sabia que havia algo de errado acontecendo.

— O que foi, minha querida? Por que está aborrecida?

— Oh, mamãe, a senhora tinha razão. Alguma coisa está errada. Quando eu cheguei, o marquês se encontrava nos jardins do castelo com aquela moça. Discutiam filosofia. Filosofia! Desde quando uma mulher conversa com um homem sobre esses assuntos? Simplesmente, isso não acontece!

Allison fechou os olhos, mas ainda conseguia ver a jovem Kathryn Gray caminhando ao lado de Lucien. Tinha ouvido a conversa e se sentira confusa.

"Se Demócrito ainda estivesse na Terra, ele riria", Lucien havia dito.

"Demócrito...", a tal srta. Gray respondera, como se qualquer mulher na Inglaterra reconhecesse o nome. "O filósofo do riso. E o senhor está citando Horácio."

Lucien sorria para a jovem com evidente admiração... e algo mais. Um olhar que Allison tinha certeza de nunca ter visto quando o marquês olhava para ela.

— Oh, mamãe! O que devo fazer?

— Ora, ora, minha querida... Tenho certeza de que você está imaginando coisas! Lorde Litchfield é um homem honrado e pediu você em casamento. Não acredito que as intenções dele tenham mudado.

— Mas foi a senhora que sempre disse que uma mulher deve se proteger contra as traições de um homem.

A baronesa ficou pensativa.

— Não estou dizendo que não deva ficar atenta. Lorde Litchfield é bonito e rico. Ele seria uma grande conquista para qualquer mocinha do campo. Até que vocês dois estejam casados, é mais seguro ficar alerta contra tal ameaça. — Lady St. James se levantou. — Tenho amigos em York. Escreverei a eles e lhes perguntarei se sabem algo sobre essa srta. Gray.

Allison sorriu. Podia sempre contar com a mãe.

— Obrigada, mamãe. — Inclinou-se e beijou-a no rosto. — Agora vou subir e trocar de roupa para o chá. Quero usar meu novo vestido amarelo, aquele com forro de seda. Acho que me cairá muito bem.

— Tenho certeza de que sim, minha querida.

Ao deixar a sala, os pensamentos de Allison se voltaram para a mulher que se encontrava no momento no Castelo Running. Agora que sua mãe tomaria suas providências, eles logo saberiam mais sobre Kathryn Gray. Descobririam tudo sobre a família e amigos da moça, seu passado, e até seus planos para o futuro. Allison sorriu. Sua mãe saberia como lidar com uma mulher que podia estar com planos a respeito de Lucien Litchfield. Não precisava, pois, se preocupar com nada. Com nada mesmo.

Apressou-se a ir para o seu quarto, agora com os pensamentos voltados para o vestido amarelo, aquele que usaria logo mais para o chá. Ah, e usaria então também seu novo par de sapatinhos amarelos.

Kathryn olhou para o adorável vestido de seda verde-esmeralda que Winnie tinha levado ao seu quarto e insistido que usasse.

— Não posso aceitar outro vestido assim tão lindo — ela argumentou, admirando o fino tecido e seu tom de verde.

Winnie riu, satisfeita.

— Que bobagem. Os vestidos que lhe dei estavam apertados em mim. Lamento dizer, mas engordei. E eles ficam maravilhosos em você.

— Eu continuo me sentindo sem jeito. Talvez um dia...

— Não seja boba. Já lhe disse: não vou mandar reformar os vestidos, e já encomendei alguns novos. Estou feliz que essas coisas velhas tenham algum uso.

Coisas velhas. Vestida com o traje verde-esmeralda, Kathryn se olhou no espelho. As mangas do vestido eram longas, a saia parecia flutuar à sua volta e havia alguns laços que davam um toque final encantador. Esse traje em especial destacava a linha de seus seios pequenos.

O marquês iria receber convidados naquela noite, o duque e a duquesa de Carlyle. Quando Kathryn desceu para se reunir a eles, sentia-se um pouco nervosa. Tentou dizer a si mesma que era a presença do duque e da duquesa, mas sabia que esta não era a verdade.

Era o garboso marquês, com aquele brilho prateado nos olhos, que a fazia sentir-se estranha. Sempre que estava com ele, descobria-se observando-lhe os lábios, imaginando como seria ser beijada por aquele homem. Envergonhava-se por ter tais pensamentos. Afinal, ele era noivo de lady Allison. Em menos de dois meses, estariam casados. Ainda assim, não podia parar de pensar no marquês, encantar-se com seu riso.

Nunca estivera assim formalmente vestida na presença do marquês, e não podia negar que isso lhe provocava uns arrepios e o desejo de que ele aprovasse sua nova aparência.

Quando entrou na sala de estar, encontrou os novos amigos conversando enquanto esperavam pelo jantar. Lucien foi o primeiro a notá-la. Por um instante, seu olhar pareceu se iluminar.

— Srta. Gray. — Ele caminhou em sua direção e se inclinou graciosamente. — Estávamos começando a imaginar se não sentia prazer em nossa companhia.

— Oh, lamento muito. Não queria me atrasar. Não percebi que o tempo tinha passado tão depressa.

— Não está assim tão atrasada. E, além do mais, não foi Pepys quem disse: Melhor tarde do que nunca?

Kathryn sorriu.

— Sim, apesar de ser com frequência citado erroneamente. Acredito que a frase esteja no diário dele.

O canto da boca de Lucien se curvou enquanto seu olhar passeava pelo decote do vestido de Kathryn.

— Está maravilhosa, srta. Gray.

Um arrepio percorreu o corpo dela imediatamente.

— Espero estar com melhor aparência do que no primeiro momento em que nos conhecemos.

Lucien soltou uma risada.

— Oh, a senhorita é incrível! Tem até a capacidade de rir de momentos difíceis.

Kathryn enrubesceu. Sentiu-se aliviada ao ver Winnie se aproximar.

— Se meu sobrinho estiver determinado a monopolizar a atenção da srta. Gray, sugiro que sigamos para o jantar

Todos entraram na sala de jantar, onde havia uma suntuosa refeição de carne grelhada com ostras, batatas, fatias de macia carne de veado e deliciosas tortas de laranja e maçã para sobremesa. Kathryn se viu sentada ao lado de Lucien, o que não era de todo correto. Deveria haver troca de pares, isto é, o marquês ao lado da duquesa, ela ao lado do duque. Mas quem estabelecera os lugares havia sido justamente lady Velvet.

Kathryn ruborizou mais uma vez, consciente de que apreciava sentar-se ao lado do marquês.

— Talvez lady Velvet tenha acertado ao nos fazer sentar juntos — Lucien disse. — Eu queria mesmo conversar com a senhorita. Meu advogado me enviou notícias. Discretamente ele vem fazendo algumas perguntas sobre o seu tutor. Um dos juizes da Coroa é amigo desse meu advogado. Pensa que seja viável uma troca de tutor.

— Isso seria perfeito. Infelizmente, não posso imaginar quem aceitaria esse encargo.

Jason sorriu e se inclinou sobre a mesa.

— Que tal o duque e a duquesa de Carlyle? Kathryn sentiu vontade de gritar de alegria. Lágrimas de emoção escorreram por seu rosto.

— Oh, nem sei como lhes agradecer!

— Não precisa nos agradecer agora — Jason respondeu. — A opinião de um juiz não é suficiente para esse tipo de mudança, caso Dunstan se oponha a ela.

— O que certamente ele fará — Lucien observou com certa amargura.

— Com o testamento de seu pai apoiando-o, não será fácil tirar Dunstan do seu caminho — a duquesa concordou.

— Mas até então, você estará segura aqui com Lucien e comigo, minha querida! — Winnie exclamou. — Estamos adorando a sua companhia.

Os olhos de Lucien e de Kathryn se encontraram por um instante.

— Sim, temos apreciado a sua companhia — ele confirmou. — E muito, esta é a verdade.

Do outro lado da mesa, a duquesa lançou um olhar ao marido e sorriu.

Depois do jantar, as damas se retiraram para a sala de estar, enquanto os homens permaneceram na sala de jantar para fumar e tomar conhaque.

Kathryn passou quase uma hora conversando com Winnie e com a duquesa, que insistia que ela deixasse de lado a formalidade e a chamasse de Velvet, e cuidadosamente evitou quaisquer perguntas dolorosas a respeito dos meses que Kathryn havia passado no St. Bartholomew. Em vez disso, falaram sobre crianças e casamento, Kathryn admitindo que esse tipo de pensamento não havia lhe ocorrido desde o dia em que fora trancada no hospício.

— Bem, você está livre daquele lugar horrível! — Velvet exclamou. — E Lucien cuidará para que esse assunto seja resolvido o mais rápido possível. Ele é bom nesse tipo de coisa.

Uma outra imagem do marquês veio à mente de Kathryn: lorde Litchfield cavalgando.

— Imagino que o marquês seja bom em várias coisas — ela observou.

Velvet olhou atentamente para Kathryn.

— Você gosta dele, não é?

— Lorde Litchfield tem sido muito bondoso comigo — ela respondeu, sentindo que ruborizava. Velvet sorriu.

— Ele é bondoso, isso é verdade. Também é bonito, inteligente e incrivelmente másculo.

Agora o rubor se estendera por todo o corpo de Kathryn, inclusive nos seios.

— Eu... sim... suponho que ele seja tudo isso. Velvet se voltou para Winnie.

— Lucien é um homem bom. Uma das melhores pessoas que conheço. Mas pode ser também teimoso e mal-humorado. Ele e meu marido são homens acostumados a ter as coisas feitas a seu modo. Estão constantemente dando ordens e esperando ser obedecidos. — Velvet riu.

— Claro que isso mudou bastante desde que Jason se casou comigo.

Velvet ajustou sua roupa e ficou pensativa por uns segundos.

— Bem, Lucien, mais do que Jason, espera que a sua vida seja muito organizada e exatamente como ele a planejou. Quando as coisas saem dos trilhos... bem, Lucien pode se tornar bastante difícil.

Kathryn sentiu um calafrio, tentando entender aonde Velvet queria chegar.

— Está me dando uma espécie de conselho?

— Suponho estar meramente lhe dizendo que a amizade de Lucien pode ter certo preço, mas seja lá qual for esse preço, se gosta dele, essa amizade pode valer a pena.

Kathryn olhou surpresa para as duas mulheres, tentando decifrar aquelas palavras, mas se sentindo incapaz de fazê-lo. Ficou aliviada quando o mordomo apareceu para anunciar que os cavalheiros estariam se reunindo a elas para o chá e bolos.

Minutos depois, seu alívio desapareceu ao ver o marquês entrar na sala. Do momento em que ele chegou e por todo o resto da noite, Kathryn podia sentir seu olhar preso a ela. Parecia que ele se esforçava para desviar o olhar, mas voltava novamente ao mesmo ponto.

Ela ficou satisfeita quando a noite finalmente terminou. Imaginou que talvez lorde Litchfield estivesse pensando a mesma coisa.

Lucien andava de um lado para outro em seu escritório na tarde seguinte. Lá fora, um vento gelado balançava os galhos das árvores, e mesmo o fogo da lareira não afastava de todo o ar frio da sala. Mas ele não se perturbava com isso. Estava irritadíssimo.

Reeves atendeu ao seu chamado.

— Chamou-me, milorde?

— Traga-me a moça — ele ordenou. — Traga-a aqui imediatamente!

— Sim, milorde. Voltarei em instantes.

— Faça isso.

— Sim, claro, milorde.

Poucos minutos se passaram e uma nova batida soou na porta. Reeves chegou trazendo Kathryn Grayson ao escritório. Lucien se aproximou dela, dirigindo-lhe um olhar cruel.

— Que ótimo que pôde se reunir a mim. Kathryn empalideceu.

— O senhor está bravo. O que... o que eu fiz?

— Não é nada que tenha feito, milady, mas sim o que não fez.

— Não entendo. Eu lhe contei a verdade. Disse quem eu sou, onde estive e como cheguei lá.

— Quem é e onde estava, sim, a senhorita disse. Mas não por que exatamente chegou lá.

Kathryn começou a torcer as mãos.

— O que quer dizer, milorde?

— Quero dizer que a senhorita omitiu a parte em que tentou envenenar sua prima, a filha de lorde Dunstan. Também não mencionou que houve mais uma razão para seu tio interná-la como louca. Ele a pegou dissecando um cadáver!

Kathryn levou a mão ao pescoço e abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

— O que foi, lady Kathryn? Sua língua deixou de funcionar de repente? Ou está tentando inventar outra história? Se for este o caso, agora é tarde demais para isso. Um médico amigo teve acesso à sua ficha no St. Bartholomew. Ela se encontra agora sobre a minha mesa. As coisas que estão registradas aqui aconteceram, não é verdade? Essa é a verdade do motivo pelo qual foi internada.

Um pequeno som escapou da garganta de Kathryn, um som de dor. Lucien, porém, não estava disposto a sentir pena dela. Diabos, ele acreditara em Kathryn, mas ela contava mentira após mentira! Ou pior, talvez fosse mesmo louca...

— Não me importo com essa ficha! — Kathryn exclamou, chorosa.

— Está me dizendo que não tentou envenenar lady Muriel?

— Claro que não! Muriel estava doente, com febre. Eu lhe dei uma poção para ajudar a curá-la, mas ela sofreu uma reação ao remédio e começou a vomitar. Ninguém deveria reagir desse jeito, não com um chá feito com as ervas que eu usei. Eu não tentei matar minha prima, ao contrário, queria que sarasse. Muriel sabia disso e meu tio também.

— Então posso também supor que o corpo que estava cortando não era de alguém que tivesse matado?

As lágrimas inundaram os olhos de Kathryn, que começava a se irritar.

— Fazia parte de uma aula de medicina. Havia um médico na nossa vila, o dr. Cunningham. Eu comecei a me interessar por medicina e...

— Desde as mortes de sua mãe e irmã.

— Exatamente. O dr. Cunningham e eu nos tornamos amigos. Nós discutíamos sobre curas naturais. Ele quis me ensinar como o corpo humano funciona. Deu-me lições de anatomia e de como tratar de diferentes doenças. Em troca, eu o ajudava com seus pacientes sempre que conseguia dar uma escapulida de casa.

Lucien percebeu que Kathryn não mentia, dessa vez.

— E o que estava fazendo com o cadáver, quando a flagraram? Está me dizendo que fazia parte do seu curso de anatomia?

Kathryn baixou o olhar, sem coragem de encarar Lucien.

— O dr. Cunningham estava abrindo o corpo. Ele conhecia alguns homens que lhe forneciam cadáveres de indigentes para que pudesse aprofundar seus estudos.

— Ladrões de túmulos, melhor dizendo. Ou eram assassinos que faziam o possível para ganhar alguns trocados arranjando um corpo para o médico? Sei que já aconteceram casos assim.

— Não sei dizer onde o dr Cunningham conseguia os corpos. Nem como. Mas ele é um homem honrado. Só sei que estava de posse de um cadáver, e deve tê-lo conseguido de um jeito honesto. Eu estava interessada em aprender como o corpo funciona, por isso ele me deixou olhar — Kathryn fechou os olhos por alguns instantes, tentando esconder o terror que sentia, o medo do que lorde Litchfield poderia estar pensando dela.

Lucien percebeu que as mãos de Kathryn tremiam e por um momento se sentiu culpado. Procurou se livrar dessa sensação. Estava cansado das meias verdades e das meias mentiras de Kathryn. Se pretendia ajudá-la, precisava saber de tudo, não importava o que fosse.

— Está me dizendo que foi flagrada no processo de dissecar um cadáver?

O rosto de Kathryn ficou ainda mais pálido.

— Eu só queria...

— Oh, deixe-me adivinhar. Queria ampliar a sua... formação.

Ela deu de ombros, mas seus olhos estavam opacos pelo sofrimento.

— Algumas mulheres se interessam por pintura, piano, ou bordado. Aconteceu de eu me interessar em curar as pessoas. Isso é tão terrível assim?

— Mas se foi simplesmente um envolvimento em um curso de estudo, por que esse dr. Cunningham não veio em sua defesa?

— Ele tentou me defender. Mas meu tio o ameaçou. Douglas Roth tornou a vida desse médico tão difícil que ele acabou deixando a nossa cidade. Nunca mais o vi nem ouvi falar dele, desde então.

— Admitindo que esta seja a verdade, o que mais pode ter deixado de me contar?

Kathryn sentiu uma forte dor de cabeça, que lhe dificultava o pensamento.

— Nada! Juro que não há mais nada a contar. Eu teria lhe contado toda a história, mas tive medo do pudesse pensar de mim quando soubesse que lidei com um cadáver. Sei como se sente a respeito dos meus estudos. Temi que não me ajudasse mais, e eu preciso desesperadamente da sua ajuda.

Alguma coisa no olhar de Kathryn perturbou Lucien. Ela era uma mulher diferente, sem dúvida, mas ele acreditava em seu relato. E sabia com certeza que não era louca. Diferente, determinada, muito inteligente, mas definitivamente não louca.

— E quanto a lady Muriel? O que ela pensa disso tudo?

— Muriel nunca gostou de mim. Não sei a razão.

Talvez porque você seja mais bonita e mais inteligente do que as outras mulheres, Lucien pensou.

— Há algo mais que queira acrescentar? Kathryn balançou a cabeça.

— Não, milorde. Eu gostaria, no entanto, de lembrá-lo de que se não quiser mais me ajudar, deverá cumprir sua promessa de me deixar ir embora.

A primeira imagem que ele tivera de Kathryn voltou à sua mente, e o marquês estremeceu. Uma figura faminta, maltrapilha, exausta. Não podia imaginá-la passando por aquilo outra vez. Clareou a garganta, já que sentia dificuldade para falar.

— Continuará no castelo, como decidimos. Com essas acusações pendendo contra a senhorita, Dunstan conseguirá fazer prevalecer o seu ponto de vista. Mas descobriremos, mais cedo ou mais tarde, um modo de contorná-lo.

— O senhor... ainda vai me ajudar?

— Sim... vou.

Ela endireitou o corpo.

— Acredita que eu seja louca? Tenho de saber a verdade.

— Não importa o que eu pense. O importante...

— Importa para mim, milorde.

Lucien sacudiu a cabeça.

— Não. Não acredito que seja louca.

As feições do rosto de Kathryn se suavizaram. Ela sorriu, e Lucien olhou para aquela boca tentadora, aqueles cabelos com leves tons avermelhados. Sentiu-se excitado e praguejou.

— Isso é tudo, lady Kathryn.

— Obrigada, milorde.

Ele não respondeu. Observou-a sair de seu escritório, ainda com a imagem de seus lábios vermelhos na memória. Isso sem falar na lembrança dos seios delicados que apareciam discretamente pelo decote do vestido. Amaldiçoou então o dia em que ela se escondera em sua carruagem.

Kathryn encontrava-se sentada junto à janela, seu lugar favorito na biblioteca. Examinava um outro livro que tratava também de medicina. Sua mente, porém, estava pouco voltada para o livro e mais para a figura do marquês e a conversa que haviam tido naquela tarde. Litchfield tinha mais uma vez lhe assegurado que a ajudaria, mas era evidente que não aprovava a fascinação que ela sentia por aqueles assuntos vedados às mulheres.

Subitamente, outras lembranças lhe vieram à mente. A do pequeno Michael, um garoto órfão de sete anos com quem convivera no hospício. Lembrava-se dos cabelos loiros e sujos do menininho. A mãe dele, uma interna no hospício, havia

morrido poucos dias depois do parto. O garoto, sem ter para onde ir, ficara naquele lugar apavorante. E acontecera aquele outro episódio que ela gostaria muito de esquecer

— Está ouvindo? — Michael havia perguntado. — Os guardas estão vindo.

— Mas que dia é hoje? — Kathryn indagara.

— É a maldita sexta-feira. Eles estão vindo buscar a gente para tomar banho.

— Oh, Deus!

Kathryn odiava a última sexta-feira do mês, embora fosse o único modo que a fazia controlar o tempo. De uma horrível sexta-feira à horrível sexta-feira seguinte, era um mês.

As chaves foram enfiadas na fechadura e a porta se abriu. Michael era o único com permissão para andar livremente pelos corredores e celas, e naquele momento ele escapou, coisa que Kathryn não podia fazer.

— Tire o traseiro daí! — uma matrona ordenara. — Sabe bem que dia é hoje.

Como era possível ela gostar tanto de se sentir limpa e detestar tanto o processo de limpeza daquele lugar de horrores? A resposta ficou clara como cristal quando a matrona lhe tinha arrancado a roupa e a enfileirado com as outras mulheres nuas, forçando-as a andar pelos corredores, ladeadas por dois guardas troncudos, até a sala de banho.

— Tire essas mãos sujas de mim! — Kathryn havia gritado para um dos guardas, que lhe agarrou os seios quando ela passou por ele.

— Ai, ai, ai, não-me-toques... — o guarda debochava. E a humilhação tinha prosseguido. Chegara a hora de lhe esfregarem o corpo.

— Não! Eu sou uma pessoa. Posso me lavar sozinha. Não vou deixar que façam isso comigo outra vez! — ela tinha gritado, enquanto lhe esfregavam o corpo.

Kathryn começou a lutar e socar a pessoa que a segurava.

— Não, não... — gemeu, desesperada. Lucien a sacudiu gentilmente.

— Kathryn, acorde. Está tendo um pesadelo.

— Não! — ela gritou no momento em que o marquês a tocou. — Tire essas mãos sujas de cima de mim!

— Está tudo bem. É apenas um sonho. Sou eu, Lucien. Não vou fazer nada com você.

Kathryn abriu os olhos e piscou várias vezes.

— Lucien... — Era a primeira vez que ela dizia o nome dele. Respirava com dificuldade, a testa estava coberta de suor, e seu corpo tremia.

— Quer me contar o que sonhou?

Kathryn suspirou, mas cedeu ao desejo e descansou a cabeça no ombro de Lucien, como se de alguma forma ele lhe passasse energia. Gostaria tanto de se livrar do passado...

— Havia uma criança lá... um menininho chamado Michael. Ele era meu amigo.

— Michael estava no sonho?

— Ele estava lá quando os guardas vieram. Era fim de mês. Dia de... tomar banho. Eu odiava ficar suja, mas odiava também o que eles faziam conosco.

Lucien não disse nada. Seu coração batia acelerado.

Não queria ouvir aquele relato, mas também não podia pedir que ela parasse.

— Eles nos despiam e nós ficávamos nuas diante dos homens, que nos tratavam como gado. — Kathryn engoliu em seco. — Algumas mulheres se vendiam para receber um tratamento melhor. Muitas delas nem sabiam o que lhes acontecia.

Ergueu os olhos e encontrou os do marquês.

— Eu não posso voltar para lá, Lucien. Nunca mais. Prefiro a morte.

Ele a abraçou com força e acariciou-lhe os cabelos, desejando que de alguma forma pudesse ajudá-la a esquecer. Kathryn passou os braços pelo pescoço de Lucien e inclinou a cabeça contra seu peito.

— Você não vai voltar. Eu lhe prometo, Kathryn. Ela não fez comentário algum. Ao se dar conta de que estava nos braços do marquês, afastou-se imediatamente.

— Perdoe-me. Não pretendia perturbá-lo com os meus problemas.

Seus olhares se cruzaram e algo aconteceu entre ambos. Lucien mal conseguia controlar o próprio desejo.

Praguejou então. Não havia lugar em sua vida para Kathryn Grayson. E ele não queria mesmo que houvesse. Não era o tipo de mulher com quem desejaria se casar. Queria uma mulher dócil, manejável, como Allison Hartman.

— Está ficando tarde — Kathryn disse, as palavras soando como um mero sussurro. — É melhor eu subir para o meu quarto.

— Sim... Também vou me recolher.

Mas Lucien ficou pensando se conseguiria dormir, ou se apenas deitaria no escuro e ficaria imaginando como seria tocar nos seios de Kathryn e ouvi-la repetir mais vezes seu nome como fizera pouco antes.

Pela janela de seu quarto, Winifred Montaine DeWitt observou seu sobrinho e lady Kathryn Grayson passeando pelo jardim lá embaixo. Winnie sabia que Lucien

se sentia atraído pela jovem, e ela entendia essa atração. Ambos eram inteligentes, de temperamento forte e igualmente teimosos; pessoas que sabiam o que queriam e não tinham medo de ir atrás de seus interesses.

Kathryn estava determinada a prosseguir com seus estudos de medicina, não importando que a sociedade fosse contrária a uma mulher seguir esse tipo de profissão. Influenciada, ainda na infância, pela perda da mãe e da irmã, havia desenvolvido uma fascinação que não podia ignorar. Já sofrera muito no caminho escolhido, mas Winnie acreditava que mesmo sua passagem pelo hospício não seria o suficiente para fazê-la desistir de sua ânsia em aprender anatomia e outros assuntos correlatos.

Os próprios desejos de Lucien eram igualmente fortes. Ele queria proteger o título Litchfield, aumentar a produtividade e o valor de suas terras e propriedades, e construir um futuro para seus filhos. Tinha feito planos para isso, não se importando com os obstáculos que poderiam aparecer pelo caminho.

Como Kathryn não se encaixava no papel de sua esposa, tornava-se mais fácil resistir à atração que sentia por ela. Lucien desaprovava o interesse de Kathryn por aquilo que ele considerava assuntos impróprios para uma dama. Winnie acreditava que, bem no fundo, isso tudo resultasse da mágoa que o sobrinho ainda sentia em relação à mãe. Charlotte Stanton Montaine havia sido uma mulher brilhante que se recusara a seguir os ditames da sociedade.

O fato de ser tão especial fizera com que o pai de Lucien se apaixonasse perdidamente por Charlotte. Mas diferente de Kathryn, ela era egoísta e mimada. Quando criança, sonhara em ser atriz, o que não era absolutamente apropriado por ela ser filha de um conde. Charlotte, porém, era tão sedutora que conseguia sempre o que queria. Por fim, abandonara o marido e o filho e fugira com um conde italiano. O pai de Lucien, desesperado por perder a esposa amada, havia se viciado em ópio e morrera ainda muito jovem.

Winnie acreditava que cada vez que Lucien olhava para Kathryn, se lembrava da mãe e, então, lutava contra seus sentimentos. Com certeza, não se esquecera das terríveis consequências que o pai sofrera por se entregar a um amor errado.

O que era uma pena, Winnie pensou, lembrando-se de como fora boa sua vida com o marido, Richard. Embora ele não tivesse sido um desses homens apaixonados como o sobrinho parecia ser. Ela desfrutara uma vida muito agradável com Richard e agora sentia profundamente sua falta.

Afastou-se da janela suspirando profundamente. Quando garota, acontecera de se apaixonar também. Não por Richard, mas por outro homem. Bem, mas isso havia ficado no passado.

Agora, quando olhava para Lucien, não conseguia deixar de se lembrar de Allison, e então o dia lhe parecia estragado.

Lucien desmontou de seu cavalo árabe e estendeu as rédeas ao encarregado do estábulo. Passou a mão sobre o dorso do animal, ainda suado pela veloz cavalgada daquela tarde.

— Ele teve um dia duro, Timmy. Faça-o tomar bastante água e lhe sirva uma porção extra de alfafa.

— Sim, milorde.

Lucien forçara bastante o animal ao visitar todas as plantações e os rebanhos. Seguiu então para casa, ansioso por uma boa refeição e por uma noite tranquila. Talvez desafiasse Kathryn para uma partida de xadrez. Descobrira que ela era hábil no jogo, sendo que no dia anterior chegara a ganhar a partida.

Viu-se sorrindo com essa lembrança. Jamais teria acreditado que seria vencido por uma mulher em uma partida de xadrez. Olhou para a porta e viu Reeves vir esbaforido em sua direção.

— O que foi, homem? O que aconteceu?

— O chefe de polícia! Ele e os seus homens vieram atrás da srta. Gray. Eu tentei...

Lucien não esperou para ouvir o resto. Subiu correndo os degraus e empurrou a pesada porta de madeira sem esperar pelo mordomo. Quando chegou à sala, viu que a casa estava num caos total. Kathryn estava rodeada por um grupo de cinco homens, Winnie segurava sua mão, não permitindo que ela fosse levada embora. Um dos policiais tentava fazer com que a tia a largasse.

— Que diabos está acontecendo aqui na minha casa? — A voz de Lucien soou como um tiro de canhão. Olhou diretamente para o homem que parecia estar no comando. — O senhor invadiu minha casa e está agarrando uma hóspede minha — ele continuou com o tom mais severo de voz. — Liberte imediatamente a srta. Gray!

Lucien ainda não olhara na direção de Kathryn e não queria fazer isso. Sabia que ela devia estar aterrorizada e não queria se emocionar ainda mais. Não era momento para fraquezas.

— Lamento pela inconveniência, milorde. Sou o chefe de polícia Perkins — declarou o policial. — Este senhor à minha direita é Henry Blakesmore, o encarregado das admissões no Hospital St. Bartholomew. E esta mulher que se encontra em sua casa é Kathryn Grayson. Estivemos procurando-a por um bom tempo. E agora vamos levá-la de volta ao hospital.

Kathryn soltou um gemido, mas mesmo assim Lucien não se voltou para ela.

— O nome desta mulher é Kathryn Gray, e ela é uma amiga de minha tia. Os senhores estão enganados e sugiro que saiam imediatamente da minha casa.

— Lamento, milorde, mas não podemos fazer isso. O dr. Blakesmore reconheceu a jovem, já que cuidou dela por dez meses. Ele a identificou como a mulher que o senhor conhece como Kathryn Gray.

Lucien finalmente olhou para Kathryn e para a tia, que continuava agarrada nela. O rosto de Kathryn estava pálido, e seus olhos, arregalados.

— Pois continuo insistindo que tudo isso não passa de um engano. Exijo que liberte a moça neste instante.

Os homens não se moveram nem libertaram o braço de Kathryn. Lucien tinha ganas de pular em cima deles.

— Quero alertar os senhores de que se continuarem com isso acabarão por se arrepender.

— Lamento que o senhor não tenha entendido bem a situação, milorde. Esta mulher é um perigo para o senhor e para a sua família. Ela quase matou a filha do conde de Dunstan. Por seu próprio bem, assim como pelo dela, a moça precisa voltar ao Hospital St. Bartholomew.

— Não! — A voz de Kathryn ecoou na sala. Ela lutava contra os homens, sem, porém, conseguir se libertar. — Eu não tentei matar minha prima! Ela estava doente! Juro que não atentei contra a vida de Muriel...

— Levem-na embora — o policial Perkins ordenou aos seus homens.

— Não! — Lucien deu um passo em direção à porta. — Vocês não vão levá-la a parte alguma. Ela é hóspede nesta casa e não vai sair daqui.

A expressão no rosto do chefe de polícia endureceu.

— Somos cinco, lorde Litchfield. Se eu der a ordem, meus homens o dominarão. Esta mulher é um perigo para a sociedade. Temos ordens de levá-la de volta ao hospital, e é o que pretendemos fazer.

— Lucien? — Winnie olhou para o sobrinho, totalmente perturbada. Na verdade, sabia que ele não podia fazer nada contra o chefe de polícia, um médico e outros três homens fortes. Melhor seria lidar com o problema de outra forma.

Lucien também percebera isso. Voltou-se então para Kathryn.

— Não vou deixar que a mantenham naquela instituição. Irei imediatamente a Londres e a tirarei do St. Bartholomew em um ou dois dias.

Kathryn continuou com os olhos presos ao chão e não olhou para o marquês.

Lucien a agarrou pelos ombros.

— Escute-me! Não permitirei que a machuquem. Vou libertá-la, eu juro. Tão logo consiga a ordem de libertação, eu a tirarei de lá.

Finalmente ela ergueu os olhos, mas parecia não enxergar nada.

— Não vou conseguir sobreviver naquele lugar — murmurou. — Prefiro morrer a voltar para lá. — Seus olhares se cruzaram. — Você me ouviu? Eu prefiro morrer.

O medo invadiu o peito de Lucien. Ele a ouvira e acreditava nela. Kathryn morreria naquele hospital, mesmo que fosse por suas próprias mãos.

Perkins moveu-se em direção à porta, ordenando aos homens que levassem a prisioneira. Lucien se colocou à sua frente e parou diante de Kathryn. Segurou o rosto dela e a beijou na boca.

— Escute-me, Kathryn. Eu a tirarei de lá. Dou-lhe a minha palavra. Não faça nada até que eu vá buscá-la, está me entendendo?

Kathryn passou a língua sobre os lábios, olhando para Lucien como se fosse a primeira vez que o via.

— Apenas encontre um modo de sobreviver — ele insistiu. — Eu a libertarei.

Kathryn finalmente meneou a cabeça em concordância e voltou-se para a saída. Ao ouvir a tia chorar, Lucien olhou diretamente para o dr. Blakemore.

— Eu o responsabilizo pessoalmente pelo tratamento que a srta. Gray receberá. Se alguma coisa acontecer a ela, qualquer coisa, irei até o senhor. E não vai adiantar se rodear de uma brigada de policiais, que nada o salvará da minha vingança.

O médico empalideceu e passou a mão nervosamente nos cabelos.

— Cuidarei para que ela receba o melhor tratamento possível, milorde.

O que não significava nada em um lugar como o St. Bartholomew. Lucien sentiu uma forte dor de estômago. Quando viu Kathryn entrar na carruagem, desejou esmurrar o dr. Blakemore. Voltou-se para Reeves, que estava parado no hall de entrada, parecendo quase tão perturbado quanto Winnie.

— Mande prepararem a minha carruagem. Partirei esta noite para Londres.

— Sim, milorde.

Winnie agarrou o braço do sobrinho.

— Eu vou com você. Kathryn pode precisar de mim e quero estar por perto se isso acontecer.

Lucien não discutiu. O olhar da tia e suas lágrimas o alertaram de que nada adiantaria.

Vestida com o habitual traje branco e com uma correia no pescoço, Kathryn caminhou em direção à sua cela. Ignorando o odor fétido dos corpos não lavados, de urina e fezes, manteve a cabeça erguida, lutando contra o peso da derrota que se instalara em seu peito. Não queria chorar, tinha jurado que não choraria, não agora, nunca mais. Não lhes daria essa satisfação.

— Ande rápido, sua maluca! — A guarda a empurrou. — Não tenho o dia inteiro à sua disposição.

Kathryn ignorou a mulher e simplesmente continuou a caminhar.

— Qual o problema, milady? Não tem mais criados à sua volta? Nenhum laçao para lhe servir a comida em uma bandeja de prata?

Outro empurrão e Kathryn estremeceu. Mesmo assim, procurou endireitar os ombros e seguiu em frente. Estavam quase em sua cela quando ouviu o som de passos apressados e alguém chamar seu nome.

— Kathryn! Kathryn, você voltou!

Era Michael, e ela ficou feliz em ouvi-lo.

Virou-se e viu-se abraçando o garotinho. Lágrimas surgiram novamente em seus olhos, e dessa vez ela lhes deu vazão. Mas eram lágrimas de alegria por sentir o pequeno corpo de Michael em seus braços. Não tinha percebido como sentira falta do menino.

A guarda permitiu que os dois ficassem juntos por um momento. Nem mesmo a srta. Wiggins era imune a Michael. Kathryn o abraçou com força, depois deu um passo para trás.

— Meu Deus, Michael, como você cresceu!

O garoto pareceu animar-se.

— Acha mesmo?

— Acho que aumentou uns dois centímetros. Michael riu, sabendo que era mentira, mas querendo que fosse verdade.

— Quando eu ficar bem grande, vou sair daqui — ele disse, lançando um olhar de desafio para a matrona.

— Ah, duvido que escape daqui. — Não havia raiva na voz da mulher. Isso era reservado para Kathryn.

A srta. Wiggins a empurrou para dentro da cela e trancou a porta. Kathryn agarrou-se às barras, observando a guarda se afastar. Michael ficou ali por perto.

— Pensei que tivesse fugido — o menino disse.

Novamente, Kathryn sentiu uma irresistível vontade de chorar.

— Fugi mesmo, Michael. — Ela forçou um sorriso. — Quase consegui ficar livre. Mas gostaria que você tivesse ido comigo. — Talvez, se o marquês conseguisse libertá-la, poderia libertar também o menino.

Uma profunda agonia tomou conta dela. Estava de volta ao lugar onde permanecera por meses e meses. Mas tinha feito um amigo no mundo lá fora, talvez

mais de um. Lucien havia dado sua palavra de que a ajudaria. Prometera tirá-la daquele inferno. E ela precisava acreditar que ele faria isso.

Oh, Deus, queria tanto acreditar na promessa do marquês! Esperança, porém, era algo perigoso, uma emoção letal em um lugar como o St. Bartholomew. Era melhor se resignar, fechar-se em si mesma contra o mundo horrível que a rodeava.

Mas bem lá no fundo, a esperança continuava. O marquês era o homem mais forte e mais honrado que ela conhecera. Se alguém poderia ajudá-la, essa pessoa era lorde Litchfield.

Lembrou-se do momento da partida, do inesperado beijo. Passou novamente a língua nos lábios, como se assim conseguisse colher algo daquela carícia. Podia ainda ouvir as palavras que Lucien dissera, a promessa de libertá-la, a convicção em sua voz.

A promessa dele e a lembrança de seu beijo a manteriam viva, pelo menos por enquanto. Até que a dor e a humilhação se tornassem impossíveis de ser suportadas. Então ela decidiria o que fazer.

Lucien encontrava-se sentado diante de seu advogado, Nathaniel Whitley, no escritório de Nat, na Rua Threadneedle. Eram seis horas da manhã. Chovia, e um denso nevoeiro envolvia a cidade, o frio penetrando nos ossos dos dois homens.

Sentado atrás de sua escrivaninha, Nat parecia sonolento, suas roupas amassadas como se ele tivesse dormido com elas, o que Lucien supôs que podia ter acontecido, considerando a pressão que o advogado sofrera nos últimos dias.

Cinco dias antes, Lucien havia procurado Nat e exigido que ele encontrasse imediatamente um modo de libertar Kathryn Grayson do Hospital St. Bartholomew.

Até agora, os esforços do bom homem tinham sido infrutíferos.

— Desejaria ter algo mais animador para lhe contar, Lucien. — O advogado tinha quase cinquenta anos e cabelos castanho-escuros com alguns fios prateados. Dunstan está decidido a não permitir a libertação de lady Kathryn, mesmo sob a custódia de pessoas respeitáveis como o duque e a duquesa de Carlyle. Logo que informado dos seus esforços, o conde começou sua própria campanha para derrubá-los. Está enchendo os bolsos de pessoas que ocupam cargos estratégicos, assim ninguém poderá se opor a ele.

— Ele está gastando o dinheiro de Kathryn — Lucien disse, passando a mão pelos cabelos.

— Talvez. Não pudemos descobrir a fonte do dinheiro do conde. Tenho um homem trabalhando nisso, apesar de que não se trata de quem é o dono do dinheiro, e sim do controle legal que o conde tem dos bens de sua sobrinha.

Lucien estremeceu. Sentia-se enfraquecido. Não vinha se alimentando bem ultimamente. Cada vez que pensava em Kathryn trancada naquele lugar, em seu sofrimento, nas torturas a que era submetida, todo o apetite desaparecia e ele não conseguia comer. Nem dormir. Também quando fechava os olhos, imaginava-a sendo despida, os guardas tocando em seus seios. Lembrava-se de seu grito de desespero pedindo ajuda, e assim tampouco conseguia adormecer. Inquieto, mexeu-se na cadeira.

— Como descobriram que ela estava na minha casa?

— Decerto foi a curiosidade dos seus criados que pôs tudo a perder. Comentários de criados, acredito eu.

Lucien balançou a cabeça. Nem sequer pensara que Dunstan pudesse vir a ser informado do paradeiro da sobrinha.

— E o que pretende fazer agora? — ele perguntou, rezando para que o advogado estivesse pronto para fazer alguma outra coisa.

— Não tenho bem certeza do que poderei fazer. Quanto mais informações nos chegarem, maiores nossas chances de encontrar uma saída. Estou tentando encontrar esse dr. Cunningham, que a srta. Grayson lhe mencionou, mas até agora não conseguimos descobrir seu paradeiro.

Lucien mordeu o lábio.

— Já se passou quase uma semana. Tenho de ver Kathryn, convencê-la a ter paciência. Ela não pode pensar que desisti de ajudá-la. Nat sacudiu a cabeça.

— Não vão permitir sua entrada no hospital. Dunstan deve ter proibido isso veementemente. A srta. Grayson não pode receber nenhuma visita porque é considerada perigosa demais. Isso é o que Dunstan e o dr. Blakemore afirmam.

Lucien rangeu os dentes.

— Blakemore. Esse desgraçado terá sorte se eu não acabar com ele. E quanto a Dunstan, eu ainda nem pude pensar em uma punição suficientemente cruel para ele.

Nat tirou os óculos, limpou-os e os colocou sobre os papéis à sua frente.

— Vá com calma, Lucien. Você e sua tia são a única esperança da garota. Precisa ter isso em mente. Dunstan é cauteloso. Qualquer coisa que você faça, o conde a usará como argumento a favor dele,

Lucien suspirou, sentindo-se completamente exausto.

— Pensei que isso seria fácil. Pensei que a esta hora Kathryn já estaria fora daquele lugar de loucos. Não sei quanto tempo ela poderá resistir.

Nat se levantou da cadeira e inclinou-se sobre a escrivaninha.

— Você está fazendo tudo que pode, Lucien. Ninguém tem o direito de lhe pedir mais.

Mas o que estava sendo feito não era o suficiente. Lucien não imaginara o quanto Kathryn se tornaria importante para ele. Bem, considerava-a uma amiga e não era homem de falhar com os amigos quando estes estavam em dificuldades.

— Obrigado, Nat, por todo o trabalho que tem feito.

— Está tudo bem — o amigo disse gentilmente. — Não gosto que sejam feitas injustiças, particularmente quando envolvem uma jovem inocente como a srta. Grayson. E não gosto de Douglas Roth.

Lucien quase sorriu. Virou-se e começou a sair do escritório. Parou quando o amigo o chamou.

— Procure dormir um pouco — aconselhou Nat. — E você podia também tentar comer alguma coisa. Não vai poder ajudar a moça se ficar doente.

Nat tinha razão, Lucien pensou ao sair. Tinha de se cuidar melhor. Ao chegar à rua, decidiu ir até o Clube White's, comer alguma coisa. O pensamento só começara a se formar quando a imagem de Kathryn lhe apareceu, faminta e suja, seus olhos cheios de medo e desespero. Afastou a imagem e entrou em sua carruagem, mas não seguiu para o clube.

Só de pensar em comer, sentia-se nauseado.

Oito dias se passaram. Oito longos e humilhantes dias sem nenhuma notícia de Lucien. Talvez o marquês tivesse se esquecido dela. Talvez não tivesse intenção de ajudá-la. Talvez até tivesse falado com seu tio, e Douglas Roth o convencido de que ela era de fato louca.

Qualquer que fosse a razão, a esperança que Kathryn sentira começou a esmorecer. Somente o pequeno Michael era capaz de não deixá-la cair em depressão. Sua risada, ecoando naquele lugar sujo, dava-lhe forças para continuar. Imaginava se dessa vez seria pior do que o tempo que passara ali antes. Talvez porque tivesse desfrutado novamente o mesmo tipo de vida que tivera antes de seu pai morrer, acordar entre amigos em uma casa cheia de conforto e calor. Ou talvez simplesmente porque ela falhava em se forçar a enxergar a verdade. Mesmo que conseguisse sair do hospício novamente, o tio continuaria a persegui-la. Não poderia se arriscar a perder o controle sobre a fortuna que por direito era sua. Precisava do dinheiro e faria de tudo para mantê-lo.

Ouviu passos se aproximando no corredor. Não estava com medo dos guardas, como tivera antes. O marquês tinha conseguido uma coisa, pelo menos. Aterrorizara o dr. Blakemore com suas ameaças. Desde a sua volta ao St. Bartholomew, o médico dera ordens para que nenhum dos guardas a tocasse.

Agora, outro medo a atormentava. Parecia que alguns homens começavam a se interessar particularmente pelo pequeno Michael. Ouvira dizer que havia sujeitos que preferiam homens a mulheres. Claro que Michael era ainda muito novinho, no entanto ela percebera que o terror começava a aparecer nos olhos dele.

E ela havia defendido o menino por ocasião do episódio em que um dos guardas o acusara de lhe roubar a bolsa. Como castigo, ela havia sido levada à força de volta à cela e lhe tinham dado uma droga, algo que a deixara tonta, leve, quase feliz. Pela primeira vez desde que voltara àquela casa de loucos, Kathryn se sentia bem. Encostou-se à parede, fechou os olhos e aproveitou a sensação de flutuar. Pensou em Lucien e sorriu.

Douglas Roth, conde de Dunston, estava sentado em seu escritório, atrás da escrivaninha. Do lado de fora, os gramados de Milford Park se estendiam como elegantes tapetes, rodeando a enorme casa de pedra. As árvores se achavam despidas das folhas devido ao vento de novembro.

Douglas tirou do bolso do casaco uma refinada caixinha de rapé e aspirou profundamente. Voltou a examinar os papéis à sua frente. Alguns deles traziam informações sobre sua sobrinha, Kathryn Grayson.

Sorriu ao pensar em sua boa sorte. Cinco anos antes conseguira ser designado tutor da sobrinha, uma jovem teimosa e de difícil controle. No entanto, a fortuna dela valia qualquer sacrifício, sobretudo sendo a dele insignificante.

Ninguém jamais ousara questionar a forma como ele usava o dinheiro de Kathryn, a não ser ela própria. Ele vinha enchendo os bolsos de muita gente para que não fosse importunado quanto a esses assuntos. E nos últimos tempos, assegurando-se de que a sobrinha não lhe representaria nenhuma ameaça.

Entre os papéis, encontrou um do dr Blakemore, que dizia não haver motivo para ele se preocupar mais com o bem-estar da sobrinha. Ela criara de novo alguns problemas no hospital, problemas estes agora resolvidos. Dunstan surpreendeu-se um pouco por não encontrar na carta nenhuma referência a um novo pedido de dinheiro por parte do médico. Aparentemente este não ousara pedir uma nova "contribuição" por seus valiosos serviços. O médico sabia que ele enviaria essas contribuições voluntariamente, agora que a moça se encontrava novamente atrás das grades. Estava claro que ela não teria nenhuma permissão para deixar o hospital.

A possibilidade de conseguir um novo tutor havia sido afastada, e quaisquer outras tentativas por parte do marquês de Litchfield de interferir a favor de Kathryn tinham sido bloqueadas. Tudo estava em ordem, Douglas pensou, satisfeito, já que seu mundo agora voltava ao normal.

Ergueu os olhos dos papéis ao ouvir uma leve batida na porta. Viu sua filha, Muriel, parada à porta ao lado do mordomo.

— Bom dia, minha querida.

— Mandou me chamar, papai?

— Na verdade, minha querida, queria apenas que me contasse o que aconteceu na casa de Mary Williams, na semana passada, ocasião em que você esteve com aquele abominável Osgood.

O rosto de Muriel ficou vermelho.

— Truman é apenas um amigo. Ele estava lá visitando o irmão de Mary.

— Muito bem, estou satisfeito em ouvir isso. Osgood é apenas o segundo filho, afinal das contas, e não vai herdar título algum. O rapaz não tem um níquel e nunca terá. Não é um partido interessante para você.

O olhar de Muriel encontrou o do pai por um instante, depois ela fitou o chão. O conde pensou ver um desafio nos olhos da filha.

— Pode ir agora. Mas lembre-se: tenho planos para você, e eles não incluem um sujeito sem título como Truman Osgood.

Mais uma vez surgiu um brilho de desafio nos olhos de Muriel.

— Vou me lembrar disso, papai — ela disse baixinho. A jovem saiu silenciosamente do escritório e Douglas voltou a examinar os papéis. Sua vida estava de novo normalizada, o futuro mais uma vez assegurado. Mesmo a interferência de um homem poderoso como o marquês de Litchfield não o perturbava. Ele tinha tudo sobre controle.

Jason Sinclair entrou na mansão de Lucien em Grosvenor Square. Havia chovido nos últimos três dias, fazendo com que a viagem de Carlyle Hall a Londres fosse difícil e em terreno cheio de lama.

Jason tirou o casaco molhado e o entregou ao mordomo.

— Onde o marquês está?

— No escritório, milorde. Raramente tem saído, e lady Beckford está muito preocupada com ele.

Jason balançou a cabeça e seguiu para o escritório, onde entrou sem bater.

— Bom Deus, homem, você está com uma aparência horrível! — Olhou bem para o amigo. — Quando foi a última vez que comeu? E não tem dormido, também. Está tentando se matar?

Lucien endireitou o corpo, passou a mão pelos cabelos despenteados e deu de ombros.

— Como vou comer ou dormir se até agora não consegui absolutamente nada do que pretendia?

— Não é culpa sua se a moça está naquela casa de loucos. Não foi você quem a colocou lá, e sim o tio dela.

— Mas eu dei a Kathryn a minha palavra, Jason. Prometi que a tiraria de lá. E já faz quase duas semanas que ela está internada. — Lucien voltou a passar a mão pelos cabelos revoltos. — Mas me diga, que diabos está fazendo em Londres?

— Procurando por você. Tia Winnie me mandou uma carta dizendo o que aconteceu no castelo. Pensei que já tivesse resolvido tudo e voltado para casa. Quando não ouvi notícias suas, descobri que ainda estava aqui. E pensei que talvez precisasse de ajuda.

— Contratei a melhor ajuda que o dinheiro pode pagar. Não consegui absolutamente nenhum resultado positivo.

Jason sentou-se em uma cadeira forrada de couro em frente à escrivaninha.

— Dunstan provavelmente tem pagado propina. Nem vamos saber para quem, senão poderíamos oferecer mais dinheiro.

— Suponho que ele tenha tudo muito bem esquematizado, o que é uma pena. — Lucien passou a mão pelo rosto, agora coberto por uma leve barba. Em todos os anos que Jason o conhecia, nunca tinha visto o amigo tão abatido. — Eu digo a você, Jason, estou começando a perder a esperança.

— Sei que isso pode parecer estranho, já que você está noivo de outra mulher, mas tudo não seria resolvido se simplesmente se casasse com Kathryn?

Lucien meneou a cabeça em negativa.

— Kathryn não pode se casar antes de fazer vinte e um anos. Por enquanto, precisaria da permissão do tio, e considerando que seria o marido dela quem passaria a controlar sua fortuna, Dunstan jamais daria essa permissão.

Jason recostou-se em sua cadeira e cofiou a barba do queixo.

— Durante o caminho até aqui, tive bastante tempo para pensar. Percebi que se você não encontrasse um modo de tirar lady Kathryn do hospício, haveria pouca coisa mais que Velvet e eu poderíamos fazer.

Lucien pareceu surpreso.

— Velvet também veio?

— Ela quis vir e eu não teria conseguido impedi-la caso nosso bebê não tivesse adoecido de gripe.

Lucien sorriu.

— Oh, você não teria conseguido impedi-la.

— Cheguei ontem à noite e quis vir aqui logo cedinho. Fico feliz que Velvet não tenha vindo, pois queria conversar a sós com você.

Lucien arqueou a sobrancelha.

— Desde quando começou a esconder segredos de sua esposa?

- Desde que decidi lhe sugerir algo altamente ilegal.
- Ilegal? Do que está falando?
- Estou falando de invadirmos o St. Bartholomew e tirarmos sua Kathryn de lá.

Lucien balançou a cabeça em desalento.

- Ela não é minha, e entrar lá seria um completo absurdo.
- Então está resignado a deixá-la naquele hospício?
- Na verdade, venho pensando em desafiar Dunstan para um duelo. Acho que se ele se vir na mira de uma arma...
- Ora, isso é que é absurdo! Lucien sorriu, amargo.
- Sei que estou ficando cada dia mais desesperado.
- Desesperado o suficiente para tentarmos uma loucura? Se não me engano, há uma cabana muito bem escondida nos bosques que pertencem ao Castelo Running. Seria o lugar perfeito para esconder lady Kathryn até que possamos encontrar um modo de tirá-la da tutela de Dunstan.

Um sinal de interesse começou a surgir no semblante de Lucien.

- Acredita que consigamos levar essa empreitada com sucesso?
- Não será tão difícil como pode estar imaginando. Não se espera que alguém queira entrar no St. Bartholomew. Tudo o que precisamos saber é onde Kathryn se encontra para a tirarmos de lá.
- Deve estar trancada em uma cela. Vamos precisar de uma chave.
- Não iremos sem ela. Precisamos apenas de uns poucos dias para colher algumas informações. E se Dunstan conseguiu encontrar pessoas subornáveis por lá, nós também conseguiremos. Usaremos cavalos para chegar ao hospital e deixaremos uma carruagem nos esperando nos arredores da cidade. — Jason sorriu. — Confie em mim, meu amigo. Posso desempenhar o papel de aventureiro mais uma vez. Será interessante retornar aos meus velhos hábitos, e estes são difíceis de ser esquecidos.

Um brilho surgiu nos olhos de Lucien.

- Muito bem. Estou disposto a fazer isso, se você também estiver. — Com essas simples palavras, o ar de derrota que havia anteriormente em seu olhar foi substituído por um de determinação.
- Prefiro que minha esposa não saiba dos nossos planos. Não quero Velvet envolvida nisso. Ambos sabemos que podemos deparar com alguns perigos.

Lucien concordou.

- Sua esposa será mantida sem nenhuma informação, assim como minha tia. Isso é para o bem-estar das duas.

— Está bem, então, vamos começar.

Jason estudou o amigo, que agora se mostrava mais composto, mais parecido com o homem que sempre fora. Quaisquer que fossem os sentimentos que Lucien tivesse por Kathryn Grayson, ele não era homem de quebrar com sua palavra e faltar com suas promessas.

Sorriu, imaginando aonde a determinação do amigo o levaria.

Kathryn virou a cabeça e tentou se recusar a tomar o que estavam lhe colocando na boca.

— Não quero... — murmurou.

— Feche a boca e tome como eu falei! — A matrona a beliscou no braço e forçou-a a abrir a boca e depois engolir o líquido colocado em sua língua.

Sem alternativa, Kathryn acabou obedecendo.

— Ótimo. Está começando a aprender o que deve fazer. Com a ajuda deste nosso amiguinho — a guarda disse, olhando para o vidro agora vazio onde estivera um pó escuro que havia sido misturado com água. — E agora pode receber a visita de Michael.

Kathryn lutou para associar o nome a uma imagem. Aos poucos, a figura de Michael foi surgindo em sua mente.

— Kathryn — o menino chamou. — Você está brava comigo? Não quis mais me ver...

— Não... Michael... claro que não. — Ela não se lembrava que o garoto viera ali outras vezes para brincar. — É que estou um pouco cansada... só isso. A srta. Wiggins tem me... deixado... descansar.

Parada à porta, a pesada matrona resmungou alguma coisa.

— Bata na grade quando quiser sair — ela disse ao menino, trancando a cela.

Michael sentou-se ao lado de Kathryn.

— Quer me ouvir cantar? — ele perguntou. — Aprendi uma nova canção.

Kathryn fez que sim, sem entender direito o que estava fazendo. Mas ao ouvir a letra da música que Michael começara a cantar, algo lhe pareceu errado.

— Michael, não deve cantar essa música. Não é decente, querido.

— É música de marinheiro. Se não quer que eu cante, vamos jogar cartas?

— Cartas?

— Perguntei se quer jogar cartas — o menino insistiu. — Aposto que ganho de você no jogo.

Kathryn não respondeu, pois estava sonolenta demais, e as palavras do amiguinho não faziam muito sentido.

— Não quer jogar?

— Agora não...

— Você não quer mais brincar! Não é mais divertido vir aqui — ele reclamou e bateu na grade da cela, chamando o guarda para abri-la.

Kathryn não tentou se justificar, pois se sentia muito distante, envolvida em uma espécie de sonho.

Oh, os sonhos eram agradáveis. Fechou os olhos e voltou a experimentar a deliciosa sensação de estar sendo beijada pelo marquês.

CAPITULO III

Calçando botas pretas e trajando calça e paletó sobre a camisa branca de cambraia, Lucien caminhava ao lado de Jason, igualmente vestido de preto, em direção ao estábulo.

Jason montou seu cavalo, Blackie, enquanto Lucien subia em seu garanhão negro, Blade. Cavalgaram pelas ruas mais escuras da cidade, a caminho da construção de quatro andares, o Hospital St. Bartholomew, que ficava nos arredores de Londres.

Depois que deixassem o hospital, pegariam a estrada que os levaria de volta a Surrey, onde uma carruagem os esperava, pronta para levar Kathryn em segurança para a cabana na floresta, perto do Castelo Running.

E eles teriam de conseguir chegar à floresta.

Lucien mordeu o lábio. O que encontrariam ao chegar ao hospício? E se Kathryn tivesse sofrido torturas? E se algum dos guardas tivesse se atrevido a tocá-la? Em silêncio, ele praguejou. Cumpriria então uma outra promessa que havia feito a si mesmo. Se o dr. Blakemore tivesse permitido que Kathryn sofresse algum mal, teria de enfrentar sua ira, e esta não seria nada agradável.

O marquês suspirou. Não ousava perguntar a si mesmo a razão pela qual estava fazendo tudo aquilo, nem por que Kathryn conseguira envolvê-lo daquela

forma. No momento, a única coisa que importava era tirá-la do Hospital St. Bartholomew.

Em uma rua lamacenta, dois cachorros começaram a correr atrás dos cavalos. Blade e Blackie continuaram em seu caminho sem se perturbar. Logo Lucien e Jason viram ficar para trás a parte da cidade cheia de tavernas, marinheiros bêbados entoando canções, e lixo, muito lixo. O mau cheiro fazia com que os animais bufassem em protesto.

Mais adiante, o cenário se modificou. Os prédios se tornaram mais raros, e as ruas, não tão sujas. A vegetação ladeava a estrada e não demorou para que eles avistassem a enorme construção do Hospital St. Bartholomew.

Não era a primeira vez que Lucien o via. Ele e o amigo haviam estado ali dois dias antes, para examinar a área e decidir o que fariam. A porta dos fundos parecia a melhor rota. Jason apontou para essa direção, e Lucien conduziu sua montaria para lá. Havia apenas um guarda no portão, e parecia estar dormindo. Como Jason bem dissera, havia poucas pessoas dispostas a entrar no St. Bartholomew.

Jason desmontou, assinalou a Lucien para fazer o mesmo, e os dois amarraram os cavalos em uma árvore por entre as sombras, fora da visão da guarita.

— Conte até cinquenta — Jason instruiu. — Então me siga e passe pelo portão. Só faça isso quando eu tiver certeza de que o guarda não nos representa um obstáculo.

Lucien concordou e Jason seguiu silenciosamente em frente, vasculhando o local. Lucien aproveitou para pegar o manto com que embrulharia Kathryn que, provavelmente, estaria usando apenas uma fina camisola, como da vez anterior. O guarda, como haviam previsto, dormia um sono pesado e não demorou para que eles chegassem à porta dos fundos do prédio.

— Nossas fontes nos informaram direito. A porta não está trancada. Vamos torcer para que todas as demais informações também estejam igualmente corretas.

Melhor que estivessem, Lucien pensou. Cada minuto que passava representava um perigo a mais para eles. Podia imaginar o embaraço que sentiriam caso fossem pegos em flagrante. Como um duque e um marquês explicariam aquela intrusão? E o pior era que isso arruinaria de vez as chances de tirarem Kathryn dali.

A pesada porta de carvalho se abriu sem fazer ruído. Seguiram pelo corredor, tentando evitar inalar o cheiro fétido que impregnava o ambiente. Não precisavam se preocupar em pisar com cuidado, porque à volta deles doentes gritavam, fazendo um barulho incessante e angustiante.

O cheiro de urina e vômito se intensificou, e Lucien sentiu o estômago revirar. A raiva começou a queimar seu sangue como se fossem chamas.

Desceram uma escada e chegaram a uma ala de celas protegida por um guarda.

— Deixe-o por minha conta — Lucien disse, aproximando-se do homem silenciosamente. Jason não fez gesto algum para impedir o amigo. A fúria no olhar de Lucien deixava claro que ele precisava extravasar sua raiva.

Lucien se aproximou do guarda. Era um homem alto e forte, com uma cicatriz no rosto. O marquês bateu em seu ombro, e quando o guarda se voltou para ver quem era, levou um soco no queixo e caiu no chão.

— Vamos escondê-lo debaixo das escadas — Jason sugeriu.

Fizeram exatamente isso, andando na escuridão, e em seguida subiram para o segundo andar, onde encontraram uma nova ala de celas. Graças às informações obtidas, localizaram aquela em que Kathryn deveria estar.

— Kathryn? — Lucien chamou baixinho, sem conseguir ver nada na escuridão da cela. — Passe-me a chave — ele pediu a Jason, que lhe estendeu o molho que encontrara pendurado em um gancho no corredor.

Lucien abriu a tranca, e a porta rangeu. Ele entrou e começou a tatear na escuridão.

— Kathryn, é Lucien.

Sem resposta, ele se moveu em direção a um dos lados e viu que havia ali uma mulher. Identificou-a como sendo Kathryn, e seu coração quase parou. Por um momento, mesmo com a precária iluminação, pôde vê-la. Ela usava uma camisola suja e tinha uma correia em volta do pescoço. Os cabelos despenteados cobriam seu rosto. Não havia coberta alguma, e a pele de Kathryn estava fria como gelo. Lucien praguejou baixinho.

— Kathryn, pode me ouvir? — Ele a sacudiu com gentileza e finalmente a viu abrir os olhos.

— Lucien... é... é você... mesmo?

Ele suspirou, sentindo-se o pior dos vilões.

— Eu teria vindo antes. Devia ter vindo. Pensei que poderia encontrar um outro meio. — Um meio legal, ele pensou. Mas ao ver Kathryn daquele jeito, o termo "legal" perdia todo o sentido.

— Vai... me... levar... para... casa?

Lucien fechou os olhos por um momento, não querendo ver aquele sofrimento, a dificuldade que Kathryn tinha de falar e se mexer.

— Sim — respondeu. — É exatamente o que vou fazer. — Ele a envolveu na manta que trouxera e a levantou nos braços. Fraca como estava, sem conseguir falar e pronunciando apenas palavras soltas, Kathryn se aconchegou no peito do marquês.

Uma nova onda de raiva o invadiu. Blakemore. Ele lidaria também com o médico.

— Segure no meu pescoço, que eu faço o resto. Sentiu os delicados braços circularem seu pescoço, o toque dos cabelos enquanto Kathryn descansava a cabeça em seu ombro. Os pés dela estavam descalços e gelados.

— Ela está bem? — Jason perguntou, observando o amigo sair da cela carregando Kathryn.

— Não tenho certeza. Vamos cair fora daqui o mais depressa possível.

Jason concordou e saiu à frente dos dois. Outro guarda foi nocauteado pelo caminho, e finalmente chegaram à porta dos fundos e aos seus cavalos. Lucien ajeitou Kathryn sobre a sela de Blade e arrumou bem o manto, de modo que lhe cobrisse também os pés.

Em minutos estavam galopando pela estrada, Kathryn apoiada contra o peito de Lucien. Ela não falou durante o caminho, apenas ocasionalmente abria os olhos, mas não parecia vê-lo. Alguma coisa estava errada, o marquês sabia disso, e sua preocupação aumentava a cada minuto. Que diabos haviam feito com Kathryn naquele hospício? Oh, por Deus, ele os faria pagar por tudo aquilo... Cada um dos responsáveis!

Por fim alcançaram seu destino. Uma carruagem com quatro cavalos negros os aguardava atrás da hospedaria Marsh Goose, exatamente como Lucien planejava. Logo Kathryn era levada para a carruagem e envolvida em mantas. No momento em que Jason subiu no veículo, eles partiram.

Demoraria horas para chegarem à cabana. Havia decidido que Jason os acompanharia até lá para o caso de encontrarem problemas pelo caminho. Então o amigo voltaria para a sua casa e sua esposa. Uma vez que Kathryn estivesse acomodada, Lucien planejava regressar ao castelo. Mandaria uma criada ficar com ela até que a tia voltasse de Londres, de onde até agora não arredara o pé, decidida a ficar lá até que Kathryn fosse libertada.

Enquanto a viagem prosseguia, Lucien continuava perturbado por pensamentos ruins.

— O que há com ela? — Jason perguntou. Inconscientemente, Lucien a segurou com mais firmeza.

— Não sei. Devem ter lhe dado algo para dormir. — Ele sacudiu Kathryn de leve e viu seus olhos se abrirem. — Kathryn, é Lucien, pode me ouvir?

Um sorriso surgiu nos lábios dela.

— Lucien... eu sonhei... que... você viria. — Ela ergueu-se um pouco e beijou o rosto do marquês. — Rezei... para que... viesse.

— Como está se sentindo?

— Maravilhosamente bem... — ela murmurou. — Agora que você... está... aqui. — Relaxou um pouco e seus olhos se fecharam.

- Que diabos fizeram com ela?
- Ópio — Jason disse. — Já vi antes esse comportamento.
- Ópio? Bom Deus! E Kathryn sofrerá consequências?
- Depende de quanto lhe administraram. A droga vicia. Se ela continuasse a tomar, agiria sempre assim.
- Como um cachorro treinado, isso é o que você quer dizer. Alguém que eles pudessem controlar.
- Exatamente.
- E o que acontecerá agora que não vai mais tomar o ópio?
- Com o tempo voltará ao normal.
- Quanto tempo será necessário?
- Quando ela voltar a si, ficará doente. O corpo pedirá pela droga, e até que esta seja totalmente eliminada de seu organismo, passará por momentos bastante difíceis.

Lucien tentou controlar a raiva.

- Bastardos do inferno!
- Eles a queriam fácil de ser controlada. E a manteriam assim por anos.
- Graças a Deus Kathryn não vai tomar mais nada disso.
- Graças a Deus nós a tiramos de lá.

Lucien olhou para a janela, mas a pesada cortina de veludo estava abaixada e ele não podia ver nada lá fora.

— Eu estava planejando deixá-la sozinha na cabana logo que chegássemos lá. Pensei em mandar uma criada amanhã de manhã para atender às necessidades de Kathryn.

— Lamento dizer, mas não será assim tão fácil. Lucien ficou observando Kathryn, que inesperadamente abriu os olhos e sorriu.

- Vai me beijar? Eu... gostei... quando me beijou... antes.

O marquês grunhiu enquanto o amigo ria.

- Pensei que fosse apenas sua amiga — Jason ironizou.

— Não é o que está pensando. Ela estava sendo levada à força de minha casa e parecia não entender o que eu dizia. Ora, deixe para lá. Não vai me entender mesmo.

- Lucien... — Kathryn voltou a murmurar.

- O que foi?

— Nos meus sonhos... você me beijava... repetidas vezes. Vai fazer... isso... agora?

Por um momento ele não respondeu, porque mesmo com aquela camisola suja e com os cabelos despenteados, queria beijá-la. Podia sentir os pequenos seios pressionando seu peito, a maciez do corpo de Kathryn sobre sua virilha.

— Isso é uma loucura — Lucien resmungou. Jason apenas riu.

— Parece que vai passar uma noite bem interessante...

— Não fale bobagens. Ela não sabe o que está dizendo.

— Não sei, não. O ópio tem um modo especial de fazer as pessoas dizer a verdade.

Lucien ignorou o amigo. Kathryn precisava da ajuda dele, nada mais. Já lhe falhara uma vez, mas não falharia novamente.

Seguiram em silêncio pelo resto da viagem. Kathryn por vezes abria os olhos, e em várias ocasiões repetiu o pedido do beijo. Quando finalmente chegaram à cabana na floresta Wealden, os nervos de Lucien estavam em frangalhos.

Jason continuava a rir, o que deixava o marquês mais irritado.

Felizmente, a cabana tinha sido limpa e preparada como Lucien instruíra. A noite estava quase no fim, e velas acesas e um fogo na lareira aqueciam o cômodo. Bennie Taylor, um criado alto e magro que trabalhava havia anos para Lucien, os aguardava. O marquês entrou com Kathryn nos braços.

— Está tudo pronto, milorde, exatamente como pediu. — Bennie, filho de um velho criado, tinha dezessete anos e era um excelente empregado e muito confiável.

— Obrigado, rapaz. Por ora, é tudo.

Bennie saiu da cabana e Lucien levou Kathryn em direção ao fogo. Lembrando-se de como ela quisera um banho na primeira vez em que haviam se encontrado, ele instruíra Bennie para que providenciasse um. Assim, havia chaleiras com água quente, sabão de rosas e toalhas brancas de linho.

Jason deu uma olhada em tomo e fez um sinal de aprovação.

— Tudo parece ter sido providenciado — comentou.

— Um banho... — Kathryn murmurou, suspirando ao olhar para Lucien. — Que maravilha! — Ela caminhou para a tina e teria caído lá dentro se Lucien não a segurasse pela cintura e a puxasse para si.

— Vá devagar. Não vai querer cair, não é? Kathryn sorriu e começou a se despir.

— Sinto-me tão suja... Mal posso esperar... para... ficar limpa. — Inclinou-se na tina, mas seus joelhos falharam.

Jason riu e Lucien olhou em desespero para o amigo.

— Que diabos vou ter de fazer?

— Eu lhe disse que a noite seria interessante. — O duque se dirigiu à porta, ainda sorrindo, e saiu.

Agora estavam apenas Kathryn e Lucien na cabana.

— Parece... que estou... com algum... problema — ela murmurou, olhando para a tina.

— Notei isso — Lucien disse secamente, tentando não se deixar envolver pelo desespero.

— Será... que... pode... me ajudar?

O marquês começou a se excitar involuntariamente. Kathryn havia tirado a camisola suja e olhava para ele em expectativa.

Maldição... Ela era alta, linda, tinha pele macia e curvas generosas.

Ele a pegou no colo e a colocou dentro da tina. Não era homem de tirar vantagem de uma mulher inocente, ainda mais indefesa como ela estava. Além do mais, estava noivo de outra, era quase um homem casado. Na verdade, nem podia imaginar como se envolvera com Kathryn, como se colocara naquela situação.

Pegou o sabão e um pano e lavou o pescoço e os ombros de Kathryn. Ela então começou a se banhar sozinha, cheia de sorrisos para ele.

— É melhor eu lavar seu cabelo — Lucien se ofereceu por fim.

Kathryn concordou e ele se viu lavando aquela massa basta e macia com o sabão perfumado, esfregando e depois enxaguando. Kathryn sorriu novamente.

— Oh, isto é... tão... bom...

Deus, ele conseguira cumprir sua tarefa. O cabelo de Kathryn parecia de seda, a pele era macia como a pétala de uma flor. Quando terminou e a tirou da tina, estava excitado, porém não se descontrolara.

Secou-a com uma toalha limpa, aproveitando para procurar marcas por seu corpo, mas só encontrou a pele macia e imaculada, as pernas bem-feitas, a adorável feminilidade. Balançou a cabeça em desalento. Era ele quem sofria agora.

— Sinto-me... muito... melhor. Lucien tossiu baixinho.

— Tenho certeza que sim.

Pegou uma camisola e rapidamente enfiou-a pela cabeça de Kathryn, sentindo um imenso alívio ao vê-la novamente coberta. Foi então que ela sorriu de maneira especial.

— Agora... vai... me... beijar? Oh, não, assim já era demais!

— Escute, Kathryn... Você não sabe o que está dizendo. Você não quer que eu a beije. Pela manhã será capaz de ver as coisas com mais clareza. Agora vou levá-la para cima para que possa dormir um pouco.

— E... quanto ao... meu... cabelo?

— O que tem ele?

— Precisa ser desembaraçado, senão vai ser difícil depois.

Ela estava certa, naturalmente. Lucien suspirou, pegou uma escova e alisou os cabelos, que brilhavam como luzes. Por fim, o trançou.

Ao mesmo tempo que fazia isso, jurava a si mesmo que não tinha interesse por Kathryn Grayson. Sua vida estava toda planejada e aconteceria exatamente como ele queria, como vinha planejando por anos. Mesmo que não tivesse feito todos aqueles planos, estava claro que jamais escolheria Kathryn como esposa. Era muito teimosa, inteligente e independente demais para uma mulher. Ele não conseguia esquecer os problemas que seu pai tivera por ter errado na escolha da esposa.

Queria uma esposa dócil, uma tolinha fútil como Allison Hartman. Allison obedeceria aos seus desejos, criaria os filhos e lhe daria a liberdade de viver a vida que planejava. Se isso significava ter uma amante, ou várias, ele as teria, se assim o quisesse. E não podia imaginar Kathryn Grayson aceitando tal situação.

Alcançou o topo das escadas carregando-a, quando ela o chamou.

— Lucien?

— Sim, querida? — Ele a levou até a cama, onde a colocou gentilmente.

— Vai... me... beijar... agora?

Instantaneamente, ele perdeu o controle. Afinal, seria apenas um beijo. Que mal faria?

Inclinou-se e cobriu os lábios de Kathryn com os seus. Aos poucos o beijo foi se tomando mais intenso.

Ela envolveu o pescoço dele com os braços e respondeu ao beijo com paixão. Um intenso prazer o invadiu, e Lucien acariciou-lhe os seios. O desejo cresceu de forma assustadora, mas ele conseguiu interromper o beijo e as carícias.

— Que diabos, mulher! O que está fazendo comigo?

Kathryn arregalou os olhos, surpresa.

— Pensei que... quisesse... me beijar.

— É claro que quero beijá-la! E isso é apenas o começo do que eu gostaria de fazer com você. — Ele puxou a colcha da cama e cobriu o corpo tentador de Kathryn.

— Agora durma, antes que eu perca a sanidade e faça algo de que ambos nos arrependemos pela manhã.

Afastou-se e seguiu para a porta, mas não conseguiu resistir e deu uma última olhada na direção de Kathryn. Ela fechara os olhos, e Lucien pensou que já começava a adormecer.

— Boa noite... Lucien — Kathryn murmurou, os olhos ainda fechados, mas um leve sorriso curvou o canto de sua boca.

Ele respirou fundo e saiu passando as mãos pelos cabelos. Suspirou profundamente e desceu, tentando pôr os pensamentos em ordem. Não gostava de se sentir assim em relação a Kathryn Grayson. Não eram protetores os sentimentos que o invadiam, e sim ditados pelo desejo. Não conseguia se lembrar de quando desejara tanto uma mulher.

— Droga! — Por que se envolvera nos problemas de Kathryn? Por que a desejava tanto? Já tinha seus próprios problemas, um casamento para preparar, terras e propriedades para administrar, uma tia que dependia dele. Kathryn não podia interferir em sua vida.

No entanto, sabia que continuaria ajudando-a. Ela estava sozinha e com medo de ter de voltar ao inferno onde estivera duas vezes. Tentou bloquear a lembrança do corpo nu de Kathryn, do beijo que haviam trocado.

Desejava-a, isso não podia negar. Apenas esperava que quando ela acordasse no dia seguinte, estivesse mais consciente e não continuasse a tentá-lo daquele jeito. Caso se comportasse assim como agora, ele não tinha certeza de que seria capaz de resistir por muito tempo.

Kathryn acordou sobressaltada. Piscou várias vezes, tentando reconhecer os arredores, e descobriu que se encontrava em uma cama em um lugar com teto e assoalho de madeira.

Havia cortinas nas janelas e um armário em uma das paredes, além de uma mesinha sobre a qual havia uma jarra e uma vasilha de porcelana azul.

Passou a mão sobre a colcha colorida que a cobria, e então notou que o quarto estava imaculadamente limpo.

Olhou para sua camisola. Não era a que usava habitualmente, e sim uma limpa e macia. Tampouco havia a correia vermelha em seu pescoço. Não estava mais no hospital de loucos, e uma sensação de felicidade a invadiu.

Tentou se lembrar do que acontecera. Sua cabeça doía demais e a língua parecia grudada no céu da boca, enquanto o estômago sugeria um forte enjoo.

Concentrou-se mais ainda. Aos poucos foram surgindo rápidas lembranças. Parecia ter estado em uma carruagem e sido carregada nos braços por um homem forte.

Lucien! Ele tinha ido buscá-la e a trazido até aquele lugar, onde estaria protegida. Olhou em volta em busca do marquês, mas ele não se encontrava no quarto.

Procurando ignorar a forte dor de cabeça, tentou se sentar, mas uma onda de tontura a derrubou. Levantou-se mais uma vez, agora com mais cautela. Depois de alguns instantes, forçou-se a colocar os pés no chão, segurando na guarda da cama.

Seguiu cuidadosamente até o banheiro, depois voltou ao quarto, colocou água na vasilha e lavou o rosto.

Notou que o cabelo estava limpo e tinha sido trançado. Concluiu que alguém a ajudara durante o banho.

Abriu o trinco da porta e viu-se em um corredor, próximo a uma escada que dava para o andar inferior. Notou que lá embaixo Lucien preparava algo em um enorme fogão.

Como que pressentindo que era observado, ele ergueu a cabeça e a viu.

— Kathryn!

Em segundos, ele subia as escadas e logo a segurava com cuidado para que ela não perdesse o equilíbrio.

— Não deveria ter se levantado. Está muito fraca.

Os olhos de Kathryn encontraram o rosto de Lucien e viram a preocupação marcar suas feições.

— Você me tirou daquele lugar horrível.

— Você se lembra do que aconteceu?

— Não muito, apenas algumas imagens aqui e ali. As feições do marquês se suavizaram e ele sorriu.

— Eu tinha de ir. Deixei-a muito tempo lá, infelizmente. — Ergueu a mão de Kathryn e a beijou. — Sempre cumprio minhas promessas.

Kathryn respirou profundamente.

— O que aconteceu, Lucien? O que eles fizeram comigo? — Uma onda de tontura a fez quase perder o equilíbrio, mas o marquês a segurou firme. — Eles me deram alguma coisa. Lembro-me agora. No começo, eu me recusava a tomar, mas depois de certo tempo, não me importava mais. De um modo estranho, comecei a gostar daquilo que tomava.

Lucien ajudou-a a voltar para a cama.

— Era uma droga. Com o tempo, os efeitos sumirão.

— Que tipo de droga?

— Ópio. Conhece?

Kathryn empalideceu.

— Algumas vezes se usa ópio para aliviar a dor. Oh, eu devia ter suspeitado do que estavam me dando. Teria resistido mais.

— Você não estava pensando com clareza. E eles a forçariam a tomar ópio de qualquer maneira. — Lucien a fez deitar-se e ajustou as cobertas sobre seu corpo. Fez-lhe então uma leve carícia no rosto.

— Onde estamos?

— Na minha cabana de caça. É impossível encontrá-la, a não ser que a pessoa já tenha vindo aqui e conheça bem o caminho. Você estará livre de Dunstan neste lugar.

A dor de cabeça se tornara insuportável, e Kathryn gemeu. Lucien sentou-se em uma cadeira ao lado da cama.

— Jason disse que o seu corpo pedirá pela droga. — Olhou para as mãos de Kathryn, que tremiam. — Acredito que já esteja sofrendo os efeitos da falta do ópio.

— Quer dizer que vou ficar doente? Muito doente? Ele deu de ombros.

— Teremos de esperar e ver. Conheço muito pouco sobre os efeitos de uma droga.

— Oh, meu Deus, eu só tenho representado problema após problema para você!

— Você não é problema algum para mim. E logo estará tão forte quanto antes.

Kathryn sacudiu a cabeça, como se esse futuro parecesse distante demais. O tremor de suas mãos aumentara e a dor de cabeça lhe dava a sensação de que logo aconteceria uma explosão.

— Talvez você tenha sorte e os efeitos passem mais depressa, — No fundo, ele não acreditava realmente que isso acontecesse, mas afinal, ela era uma moça jovem, forte, e talvez o corpo não tivesse consumido droga demais.

Kathryn, porém, não teve sorte e, na manhã do dia seguinte, entrou em agonia. Ela transpirava, e o coração batia freneticamente. A respiração se tornara difícil. Ora seu corpo estava quente demais, ora gelado. Os músculos doíam e ela não conseguia se controlar.

Lucien vinha a toda hora dar uma olhada, mas ela o mandava embora, sentindo-se envergonhada pelo seu estado. Logo depois, ele voltava, sempre arranjando um pretexto e depois outro, o semblante marcado pela preocupação e pela revolta. Oh, como ele queria que aqueles que haviam imposto a Kathryn aquele sofrimento também passassem pelo mesmo!

Mais uma vez soou a batida na porta e Lucien entrou no quarto sem esperar pela permissão, já que Kathryn não respondera.

— Trouxe-lhe um caldo. Bennie também veio com carne e pão. Lamento não saber cozinhar, mas a mãe de Bennie é excelente cozinheira. Creio que lhe faria bem comer alguma coisa.

Kathryn meneou a cabeça, já que seu estômago revirava apenas com o cheiro do caldo. Lucien sentou-se na beira da cama e estendeu-lhe a vasilha. Contudo, ela recusou.

Percebendo que Kathryn transpirava, ele lhe entregou um lenço.

— Por favor, vá embora — ela pediu. — Eu... estarei bem, logo que... a droga... sair toda... do meu corpo. Foi você quem disse.

— Tenho certeza de que isso vai acontecer.

— Então, por favor... me deixe sozinha. Lucien se levantou e fechou os punhos.

— Vou acabar com todos eles!

Saiu apressado do quarto, procurando fechar a porta com delicadeza. Não queria aumentar ainda mais a dor de cabeça da pobrezinha.

Kathryn se encolheu na cama. Os tremores voltaram, e dessa vez nem as cobertas com que o marquês a cobrira pareciam suficientes.

A porta se abriu de novo e Lucien entrou. Notou imediatamente os tremores.

— Você está congelando. Eu sabia que não devia tê-la deixado sozinha.

— As cobertas são... suficientes para aquecer... um pequeno... regimento de soldados, mas... parecem não estar... ajudando.

Lucien pensou em uma maneira de resolver o problema. Então tirou as botas.

— O que... vai fazer?

— Aquecê-la, mas você tem de me dar um lugar na cama.

Kathryn começou a protestar. Não parecia correto permitir que um homem se deitasse em sua cama, sobretudo alguém bonito como o marquês de Litchfield. Mas outra série de tremores foi o suficiente para ela perceber que não tinha escolha. Afastou-se um pouco para dar lugar a Lucien, e logo o calor que emanava do corpo dele pareceu bem-vindo. Ele a puxou para os seus braços e ali ficaram debaixo das grossas cobertas. Corpo contra corpo. Mesmo em seu estado lamentável, Kathryn sentiu-se bem próxima do paraíso, apesar do mal-estar.

Ela nunca fora abraçada por um homem daquele jeito, antes. E, inesperadamente, mesmo sob o efeito dos tremores, sentiu-se tomada por uma estranha sensação de prazer.

Era um pensamento inadequado, e Kathryn se esforçou em pensar em outra coisa, concentrando-se apenas no calor que agora lhe envolvia o corpo. Seus olhos se fecharam e ela finalmente adormeceu.

E sonhou que se encontrava na carruagem do marquês, sentada no colo dele. Viu-se pedindo para ser beijada uma vez, depois outra e ainda outra. O sonho tomou novo rumo e agora ela estava dentro de uma tina com água e Lucien a ensaboava. Sonhou também que ele a levava para o andar de cima e a deitava na cama. No sonho, o marquês finalmente a beijou. E mais do que isso, chegou a tocar em seus seios.

Uma inesperada excitação invadiu seu corpo. Acordou e tentou organizar as imagens em sua mente. Lucien não estava mais deitado na cama, nem parecia se encontrar no quarto. Respirou fundo, procurou se acalmar e notou que os efeitos da droga pareciam ter amenizado.

Levantou-se e vestiu um roupão de seda que encontrou ao pé da cama, lavou o rosto, desfez a trança e se penteou, as imagens desencontradas ainda vagando por sua mente.

Foi apenas um sonho, disse a si mesma. Tire-o da sua cabeça. Mas algo lhe dizia que não era bem assim. Não havia sido um sonho, ela se conscientizou. Tratava-se de uma lembrança de algo que de fato acontecera.

Uma doce e gostosa lembrança.

Uma lembrança inadequada para uma jovem solteira.

Oh, Deus!

Ouviu o barulho de alguém subindo as escadas e ficou tensa. Sentia-se embaraçada pelo seu comportamento anterior. Havia pedido para ser beijada e Lucien atendera ao seu pedido. Oh, Deus, o que mais tinha feito?

Lucien bateu na porta e dessa vez esperou pacientemente que ela o mandasse entrar. Ela abriu a porta, o rosto ruborizado.

Ele vestia calça justa e uma camisa branca com as mangas arregaçadas. Os cabelos pretos estavam puxados para trás e presos como de costume com um laço de fita. Lucien notou imediatamente que Kathryn se arrumara.

— Está se sentindo melhor?

Ela desviou o olhar, lembrando-se do beijo, incapaz de encarar o marquês. Era de manhã bem cedo; pela janela se viam as árvores, e Kathryn tentou se concentrar nessa imagem.

— Se estou me sentindo melhor? Parece que fui atropelada por uma carruagem, mas de resto estou bem. — Forçou-se a olhar para ele.

— Que acha de comer alguma coisa? O estômago não revirou dessa vez.

— Está bem. Contanto que seja uma coisa bem leve.

— Um mingau e talvez uma xícara de chocolate quente? A mãe de Bennie é uma boa cozinheira.

Kathryn concordou, embora evitasse o olhar do marquês.

— Venha. Sente-se aqui e coma.

Ele estendeu a mão em sua direção, mas ela deu um passo para trás. Lucien estranhou.

— O que foi? O que há de errado?

Kathryn olhou para o belo rosto do marquês, lembrando-se do beijo, embaraçada, mesmo assim querendo saber o que acontecera exatamente.

— Você me beijou, não foi? Na noite em que me trouxe para cá.

Ele sorriu.

— Oh, então finalmente está se lembrando do que aconteceu.

— Lembro-me de ter lhe pedido que me beijasse, portanto suponho que, se isso aconteceu, a culpa foi minha.

Ele balançou a cabeça.

— Não seja tola. Não foi absolutamente culpa sua. Você estava drogada, sem capacidade de raciocínio. Eu é que sou culpado e peço desculpas. Não deveria ter me aproveitado do seu estado. De alguma forma, aconteceu.

Kathryn mordeu o lábio, ainda querendo fazer mais uma pergunta.

— Eu não... Nós não fizemos nada além de nos beijarmos, não foi?

— Bom Deus, não! Não pode pensar que eu...

— Não foi isso que eu quis dizer. Apenas pensei... Não tenho certeza se o encorajei a fazer mais alguma coisa.

Lucien desviou o olhar.

— Não posso negar que me sinto atraído por você, Kathryn. Mas certamente nada faria para magoá-la.

Ela suspirou e sentou-se à mesa, sentindo-se melhor agora, certa de que o marquês era de fato um cavalheiro em quem podia confiar. Lembrando-se de como Lucien habitualmente tinha um controle ferrenho, sentiu-se um pouco envaidecida por ser capaz de representar uma tentação para ele.

— Lamento muito ter ficado daquele jeito. Eu não conseguia pensar direito.

Lucien pareceu satisfeito com a observação de Kathryn, e seu sorriso se alargou.

— Mandei trazer aqueles vestidos que você usou no castelo.

— Obrigada.

— Agora que está se sentindo melhor, poderei voltar para casa. Mandarei uma criada para servi-la, uma em quem confio. Ninguém a encontrará aqui. Estará em total segurança até que eu consiga acabar com o controle que seu tio tem sobre você.

Ela estava livre do St. Bartholomew, pelo menos por ora, e em segurança graças ao marquês de Litchfield. Então, por que se sentia desapontada? Porque Lucien iria partir. Deus, ela queria que ele ficasse!

Não posso negar que me sinto atraído por você, Kathryn, o marquês dissera. E na verdade ela também sentia muita atração por ele.

Talvez fosse mesmo um pouco louca. O homem não era um possível candidato a seu marido. Estava noivo de outra. E, mesmo que não estivesse, o fato era que não combinavam. Lucien desaprovava muita coisa em que ela acreditava, como os estudos de medicina, por exemplo.

— Sou-lhe muito grata, milorde, por tudo o que tem feito por mim. Nunca serei capaz de retribuir sua bondade.

Lucien sorriu.

— Vê-la em segurança é a retribuição que eu espero. E pode agradecer ao duque de Carlyle, uma vez que a nossa ação teve êxito. Foi um plano dele esse seu resgate, e representou muito perigo para Jason.

— Também para o senhor, milorde — Kathryn disse suavemente, sabendo que era verdade, percebendo pela primeira vez o risco que ele correria. — O senhor poderia ter sido preso e mesmo morto.

Lucien sorriu. Agora que ela voltara à consciência normal, havia retomado o tratamento formal com ele. "Milorde" para cá, "senhor" para lá. Mas era melhor assim.

— Bem, eu não fui morto, e o plano foi um sucesso. — Lucien olhou para a bandeja sobre a mesa. — E, alimentando-se bem, logo estará recuperada. Coma antes que esfrie, por favor.

Kathryn meneou a cabeça, pegou a colher e começou a mexer no mingau.

— Se não houver mais nada que deseje, eu irei embora agora. Bennie ficará aqui. Está trabalhando lá fora. Se quiser qualquer coisa, basta chamá-lo. Mandarei a criada tão logo isso possa ser arranjado.

Kathryn se serviu de chocolate quente.

— Quando o verei novamente? — perguntou. — Quero dizer... aqui é meio solitário e provavelmente me sentirei sozinha. Talvez possa me visitar de vez em quando.

— Minha tia logo voltará de Londres. E eu passarei por aqui a cada dois dias.

Kathryn sentiu-se aliviada. Tomou um gole de chocolate, satisfeita por ter algo com que disfarçar suas emoções.

— Quanto tempo acha que vai demorar para resolvermos o problema com meu tio?

Lucien suspirou.

— Receio que leve um bom tempo, ainda. Lamento, mas não quero iludi-la.

Kathryn concordou. O que quer que fosse acontecer, precisava se lembrar de que agora estava livre e que pretendia permanecer assim. Mas o perigo que seus dois protetores haviam enfrentado a lembrava de que não estava totalmente segura. Não enquanto o tio fosse seu tutor. E se ele a encontrasse como o fizera antes...

Kathryn estremeceu a esse pensamento. Não podia ficar pensando que o destino seguisse nessa direção. Dessa vez agiria com mais ousadia, tudo para permanecer segura.

Allison estava nervosa. Primeiro, seu noivo tinha ido a Londres como um louco, atrás de Kathryn Gray. Na verdade, atrás de lady Kathryn Grayson, não uma mulher do povo, mas uma aristocrata. Allison quase não conseguia acreditar que haviam sido enganados por aquela mulher. Kathryn Grayson era uma doente mental que escapara de um hospício, o Hospital St. Bartholomew.

Agora Lucien havia voltado e estava imerso em seus negócios e mal tinha tempo para se encontrar com ela. Ela se sentia frustrada. Chegava a ser assustador. Tinha certeza de que estava perdendo o noivo, e aquela mulher horrorosa era a culpada.

Ouvira a história. A empregada de sua mãe, Gladys Honeywell, era amiga de uma das criadas que trabalhavam no Castelo Running. Para ser agradável à baronesa e ganhar um dinheirinho extra em seu ordenado, Gladys tinha procurado ouvir os mexericos que se espalhavam pelo castelo desde seu noivado.

— Nem vai conseguir acreditar, milady — Gladys dissera, os olhos arregalados. — É escandaloso demais. Imagine que o castelo se encheu de policiais... e foi uma gritaria incontrolável. Os policiais disseram a lorde Litchfield que a moça era perigosa, que havia tentado matar a prima, a filha do conde de Dunstan. Então eles a levaram de volta ao St. Bartholomew, lugar onde ela vai ficar internada para sempre.

Isso tinha acontecido mais de três semanas atrás. Lucien havia deixado o castelo na mesma noite e ido para Londres, e somente agora voltara. Desde então Allison o vira apenas uma vez, e além de algumas poucas palavras para lhe assegurar que lady Kathryn não era absolutamente louca como haviam dito, ele tinha se recusado a discutir o assunto.

E agora havia mais notícias ruins.

— Não posso acreditar, mamãe, certamente há um engano nisso tudo. — Allison caminhava de um lado para outro no escritório onde a mãe escrevia os endereços nos envelopes dos convites de casamento.

— Estou certa de que é verdade — a mãe disse. — Gladys contou que dois homens foram ontem ao castelo. Disseram ao marquês que alguém tinha invadido o St. Bartholomew e raptado lady Kathryn. Disseram que estavam preocupados com a segurança da moça e perguntaram se o marquês sabia de alguma coisa.

— Mas como Lucien saberia algo a respeito disso? E quem no mundo iria querer raptar uma mulher louca?

— Não posso imaginar uma razão. Mas estou verdadeiramente desapontada. Eu desaprovo o envolvimento de lorde Litchfield nesse episódio escandaloso. Seu pai e eu falamos sobre isso ainda esta manhã.

Allison parou diante do enorme espelho em cima da lareira e observou sua aparência.

— E a que conclusão chegaram?

— Seu pai concordou em descobrir mais sobre esse assunto, com discrição, é claro. Se o marquês tem algo a ver com o desaparecimento de lady Kathryn...

Allison arregalou os olhos, escandalizada.

— Não está sugerindo... Certamente a senhora e papai não acreditam que Lucien esteja por trás do rapto de lady Kathryn. Por que ele faria uma coisa dessas?

— Não estou dizendo que o marquês seja o responsável. Mas ele certamente se opôs à nova internação da jovem.

— Está errada, mamãe. Lucien não se envolveria em algo como isso. — No fundo, porém, Allison não tinha tanta certeza assim. Quanto, na verdade, sabia sobre o noivo? Além do fato de ele ser bonito, rico, de ter um título, de ser o solteiro mais disputado de Londres, e que desposá-lo a tornaria a mulher mais invejada da sociedade, bem... além disso, ela não sabia quase nada do noivo.

— Seja lá qual for o caso — a mãe continuou —, nós descobriremos logo a verdade. Seu pai contratou um detetive particular. O barão fará o que for necessário para proteger o seu nome e o de seu futuro marido.

Allison relaxou um pouco ao ouvir isso. Sabia que aos pais agradava aquele casamento. O pai admirava o marquês e queria que a filha tivesse todos os luxos que um aristocrata rico pudesse lhe oferecer. A mãe ansiava pelo prestígio que a filha alcançaria se viesse a se casar com tão respeitado cavalheiro.

Quaisquer que fossem as razões, seus pais cuidariam do assunto, como sempre faziam. Ela podia voltar às suas revistas de moda que estivera lendo, confiante de que tudo daria certo.

Winnie desceu da carruagem em frente à cabana de caça de Lucien. Mal dera dois passos e a porta se abriu e Kathryn veio recebê-la.

Winnie abriu os braços e, sem um momento de hesitação, Kathryn se atirou neles.

— Estou tão feliz em vê-la! — ela declarou com os olhos rasos d'água. — Lucien... Quero dizer, o marquês disse que a senhora viria, mas eu não tinha certeza disso.

— Não seja tola. É claro que eu viria. — De braços dados, as duas entraram na cabana. — Eu teria vindo antes. Na verdade, estou ainda muito brava porque meu sobrinho não me contou nada sobre como pretendia tirá-la do St. Bartholomew.

Kathryn sorriu. Sua aparência voltara ao normal e ela não sofria mais os efeitos da droga.

— Nunca esquecerei o que o marquês fez por mim. Nem meu sobrinho se esquecerá facilmente de você,

Winnie pensou, aborrecida porque Lucien insistia em esconder seus sentimentos. Ele sempre fora um homem bom, especialmente leal com aqueles a quem considerava seus amigos, mas ela nunca o tinha visto como nos últimos dias.

Dentro da cabana, Kathryn indicou um sofá para Winnie se sentar.

— Lucien tem estado em contato constante com o seu advogado desde que voltou ao castelo — Winnie contou. — Nathaniel Whitley é muito competente,

— A senhora o conhece?

Winnie ruborizou inesperadamente.

— Eu o conheci quando era mais jovem. Fazia anos que não o via. Na semana passada, ele foi ao castelo para discutir a questão da custódia. — E ainda era bonito como antes. Mais, talvez, com aqueles cabelos começando a ficar grisalhos. E não havia mais aquela timidez de rapaz. Nathaniel Whitley era um homem, forte, competente e, sem dúvida, atraente.

Talvez tivesse sido o modo como ele a olhara que a tinha feito notar essas coisas. Era como se ainda fosse uma mulher atraente e desejada. Mas ela se sentia aborrecida em pensar que havia correspondido ao olhar dele. Afinal, Nat era um homem casado.

— Vou lhe preparar um chá, tia Winnie — Kathryn falou. — Enquanto isso, a senhora pode me contar o que o advogado já conseguiu fazer a meu favor.

Winnie suspirou.

— Lamentavelmente, não muita coisa. Todos os caminhos legais parecem bloqueados. Seu tio é um homem muito poderoso.

Kathryn estremeceu ao ouvir tal comentário. Olhou para o chá que preparava e suspirou.

— O conde tem o meu dinheiro à sua disposição e pode subornar muita gente com ele. Lorde Litchfield tem alguma ideia do que poderemos fazer?

Winnie aceitou a xícara de chá que Kathryn lhe estendeu.

— Meu sobrinho se sente frustrado, isso posso lhe dizer. Mas não está disposto a desistir.

Kathryn suspirou e sentou-se no sofá, ao lado de Winnie.

— Sinto-me tão inútil... Não posso simplesmente ficar aqui escondida o resto da vida. Mais cedo ou mais tarde, meu tio acabará descobrindo meu paradeiro. E quando descobrir... — Ela não terminou a frase e olhou para as chamas que crepitavam na lareira.

O coração de Winnie se condoeu. Nem podia imaginar que coisas terríveis Kathryn sofrera em um lugar como o St. Bartholomew. Mas Lucien havia lhe contado o que vira, e isso era mais do que suficiente. Colocou a xícara no pires e pegou a mão de Kathryn.

— Não pode ficar desse jeito, minha querida. O meu sobrinho encontrará um modo de ajudá-la. Não vai desistir até conseguir o que quer.

Kathryn tentou sorrir, mas seu rosto empalideceu.

— Não pode imaginar o que é estar em um lugar como aquele. Nunca mais quero voltar para lá. Farei o que for preciso para me proteger.

Winnie acariciou-lhe a mão.

— Lucien vai encontrar um meio — disse, com mais convicção do que sentia.

Kathryn inspecionou a pequena cabana, certificando-se se tudo estava em ordem para o visitante que chegaria logo mais. Naquela manhã, Bennie Taylor tinha trazido a notícia de que Lucien viria jantar ali. Seria a primeira vez que ela o veria depois do dia em que ele a instalara na cabana.

Abriu a tampa do enorme caldeirão que estava sobre o pesado fogão de ferro. Uma criada do marquês, uma jovem chamada Fanny Pendergass, tinha sido enviada para ajudar a fazer a limpeza e cozinhar. Dessa vez Fanny preparara carne de carneiro, batatas e uma farta salada. Ainda havia frutas, queijo e pão fresco. Fanny dormia com a família de Bennie em outra cabana na floresta, não distante daquela em que Kathryn se encontrava.

Apesar de não ser adequado a uma jovem receber um cavalheiro estando sozinha em casa, Kathryn tinha dado folga à criada porque queria que o jantar fosse apenas a dois. Além disso, nada importava muito. Sua reputação já fora destruída no dia em que havia sido internada no St. Bartholomew. O pouco que restara tinha desaparecido no momento em que Lucien a despira e ajudado a tomar banho.

Como sempre acontecia, seu rosto ficou vermelho diante de tal lembrança. Bem lá no fundo, alguma coisa mais acontecia quando pensava naqueles momentos de intimidade. Agora, tentava não se deixar levar pela excitação com a perspectiva da visita do marquês. Sabia, porém, que não se tratava de apenas mais uma visita. Claro que gostara de receber tia Winnie, assim como a duquesa de Carlyle, mas esperar pela presença de Lucien era particularmente perturbador.

Era ele quem ela queria ver, apesar de tentar negar essa realidade. Querendo estar com a melhor das aparências, escolhera um vestido de lã amarelo, prendera o cabelo trançado atrás da cabeça e beliscara o rosto algumas vezes para que ficasse corado, já que fazia tempo não tinha um pote de ruge.

Passou a mão pelos cabelos para ver se tudo estava em ordem e tentou não se impacientar demais enquanto esperava a chegada do marquês.

Lucien tinha deixado o castelo à tardezinha para o percurso de duas horas até a cabana. Fazia quase uma semana que não via Kathryn, desde que voltara ao Castelo Running. Sua tia a visitara, e Velvet Sinclair tinha ido também à cabana logo que Jason lhe contara que haviam libertado Kathryn do St. Bartholomew.

De acordo com o duque, sua temperamental esposa ficara furiosa, não por Jason ter participado da ousada ação para libertar Kathryn, mas por não ter, ela também, participado da empreitada.

Lucien sorriu. Jason tivera sorte em encontrar uma esposa como Velvet, uma mulher com quem combinava tão bem. Ele, porém, não queria uma esposa teimosa, e sim uma bem obediente. Uma mulher como Velvet representava problema à vista.

Em menos de um mês, teria a tão esperada esposa obediente.

O casamento havia sido marcado, e os convites, enviados. No começo, Allison tentara convencê-lo a esperar até que a primavera e a temporada das festas comesçassem. Ele tinha recusado polidamente, mas com firmeza. Queria resolver logo o assunto e ter, sem demora, um herdeiro.

Na verdade, suas necessidades físicas também haviam pesado nessa decisão. Vinha se distraindo com uma conhecida, mas com o casamento se aproximando, recusava-se a embarçar a noiva e sua família arriscando-se a ser alvo de mexericos.

Assim, seu confinamento com Kathryn no castelo o deixara ainda mais perturbado. O sangue lhe fervia com facilidade. Felizmente ele se casaria e o problema seria resolvido em menos de três semanas.

Além do mais, Allison tinha sido preparada por sua família para se portar como uma esposa obediente e educada. Tinha traquejo social e lhe daria filhos que assegurariam a continuação da linhagem dos Litchfield.

Endireitou-se em sua sela. Blade pareceu subitamente inquieto e ele acariciou o dorso do animal.

— Calma, menino, estamos quase chegando...

Chegando ao lugar no meio da floresta, justamente o local que ele vinha evitando desde que regressara de Londres. A culpa tinha forçado sua decisão de voltar ali, pois, afinal, prometera isso a Kathryn.

Fora a cautela que o mantivera afastado até então. Cada vez que pensava em Kathryn Grayson, via seu corpo nu, delicado e gracioso dentro da banheira. Lembrava-se de como ela correspondera ao beijo, de seus lábios cheios e tentadores, ela suspirando de prazer e, sobretudo, de como os pequenos seios haviam se ajustado dentro de suas mãos.

Cada vez que pensava nela, lembrava-se dessas coisas e ficava excitado.

Droga!, praguejou seguidamente, procurando controlar o desejo físico que voltara a sentir naquele momento. O que ele queria de Kathryn estava claro. E era por isso que se mantivera afastado nos últimos dias.

Naquela manhã, a promessa que havia feito o forçara a agir. Rezava para que a jovem criada que tinha enviado à cabana estivesse lá e servisse como acompanhante de Kathryn e o lembrasse de que havia limites que não deveriam ser transpostos.

Chegou ao entardecer, e as janelas da cabana estavam iluminadas pela luz suave de velas. Ele sempre adorara a cabana, rude, mas aconchegante. Puxou as rédeas e Blade diminuiu o passo, pronto para parar. Viu a silhueta de Kathryn através da janela. Ela veio cumprimentá-lo à porta com um sorriso que o deixou desarmado.

— Boa noite, milorde.

Os olhos dele focalizaram os cabelos trançados e presos, passando pelo rubor do rosto, pela cor de sua peie. Algumas lembranças bastaram para excitá-lo. Tratou então de se controlar.

— É bom ver você, Kathryn. Estou feliz que esteja tão bem.

O rubor no rosto dela se intensificou.

— Estou me sentindo bem graças ao que fez por mim. Lucien entrou na cabana e sentiu imediatamente o aroma de carne assada e de pão fresco.

— Seja lá o que tenha sobre o fogo, o cheiro está delicioso. Não percebi antes que estava com tanta fome.

— Carne de carneiro e pão assado agorinha mesmo.

Lucien voltou-se para Kathryn, franzindo levemente a testa.

— Gostaria que você pudesse ficar no castelo, mas por ora temo que não seja possível.

— Não estou reclamando. Posso lhe garantir que mesmo uma existência simples me parece atualmente um luxo.

Ele deu uma olhada na mesinha colocada ao lado da lareira.

— Notei que tem o tabuleiro de xadrez bem à mão. Espero podermos jogar uma partida,

— Temo que não lhe seja possível ficar até tão tarde, lorde Litchfield.

Lucien não devia de fato, sabia bem disso. Não quando a achava assim tão atraente. Mesmo agora, as lembranças de ter tocado naquele corpo o excitavam. Estava se tomando cada vez mais difícil controlar-se. Olhou em volta à procura da criada, mas não a viu em parte alguma. Desejou, por um instante, que ela já tivesse ido para casa.

— Não é conveniente que eu fique — admitiu. — Não deveria nem estar aqui, mas na verdade tenho sentido falta das nossas partidas de xadrez. — Respirou fundo. — Acha inconveniente que deixemos a formalidade de lado e nos tratemos como amigos?

— Não me importo. Pelo contrário, gostaria que fosse assim, especialmente por estarmos em um ambiente tão simples como o da cabana. Formalidade parece destoar deste lugar. Mas diga-me o que está acontecendo com meu tio. Os advogados conseguiram encontrar alguma saída para o meu caso?

Ao pensar em Dunstan, Lucien praguejou.

— O homem é um horror. Não há limites no que ele faz quando se refere a continuar controlando a sua fortuna, Kathryn. Tenho recebido visitas de policiais me fazendo perguntas sobre o seu desaparecimento, e o meu advogado me informou que foi alertado pelos magistrados para que cancelemos nossa petição pela troca de tutor. Eles dizem que se oporão caso nos apresentemos no tribunal. Devo lhe confessar que não sei bem o que mais poderemos fazer.

À luz do fogo, ele podia ver que as feições dela voltavam a mostrar medo.

— Talvez eu devesse deixar o campo. Se for para a América, por exemplo, posso começar lá uma nova vida. Não teria de me preocupar com meu tio e o poder que ele tem sobre mim.

Lucien se levantou de sua cadeira, atravessou a sala e se aproximou de Kathryn. Odiava lhe trazer más notícias. Não queria vê-la assim preocupada, mas era melhor que soubesse a verdade.

— Não tenho certeza de que conseguiria chegar à América, mesmo se tentasse. Seu tio tem homens vigiando as fronteiras. Cada porto foi alertado. Todos estão atentos a uma mulher com a sua descrição que tente comprar uma passagem. Mesmo se usarmos de suborno, não teríamos certeza de assegurar uma fuga em segurança.

Kathryn pareceu perder a calma.

— Meu tio chegou a esses extremos para me encontrar? — Suas mãos tremiam e Lucien as envolveu nas dele.

— Não queria ter lhe contado nada disso. Mas achei que deveria saber.

Ela endireitou o corpo e respirou fundo.

— Estou feliz que tenha me contado. Quero saber a verdade, se tenho de me proteger. Só não entendo uma coisa. Por que meu tio não me deixa ir embora? Se eu sáísse do país...

— Ele perderia o controle que tem sobre você. Enquanto estiver livre, haverá sempre o perigo de a verdade vir à tona e seu tio perder acesso à sua fortuna, isso sem falar no escândalo que o atingiria de frente. Dunstan tem aspirações políticas e não pode correr esse tipo de risco. Um escândalo anularia quaisquer chances que ele pudesse vir a ter.

Lucien não acrescentou que havia algo mais perigoso por trás de tudo. Dunstan não podia correr o risco de Kathryn chegar à maioridade aos vinte e um anos e pudesse provar que não era, absolutamente, louca. Isso tiraria das mãos dele toda a fortuna, todas as vantagens e privilégios. Assim, ela certamente teria sua vida em perigo dali a algum tempo.

— Tenho de fazer alguma coisa. Mais cedo ou mais tarde, ele me encontrará. Não posso simplesmente ficar aqui parada, deixando as coisas acontecer.

Lucien gentilmente a segurou pelos ombros, sentindo os tremores no corpo de Kathryn.

— Deve ter fé. Contratei os melhores homens para investigarem Dunstan. Eles vão vasculhar cada detalhe do seu passado e erros cometidos até a data de hoje. Não demora e um desses erros vai nos capacitar a favorecê-la, Kathryn.

Ela meneou a cabeça.

— Não posso correr esse risco. Preciso fazer alguma coisa, encontrar um modo de me proteger — Virou de costas para o marquês, mas Lucien percebeu que ela chorava. Forçou-a então a olhar para ele.

— Confie em mim, Kathryn. Se não descobrirmos nada sobre ele, eu a ajudarei a sair do país.

Ela concordou, mas agora as lágrimas escorriam por suas faces. Lucien a abraçou com tal carinho que Kathryn encostou a cabeça em seu peito. O marquês podia sentir o coração dela bater mais forte, podia sentir o calor de seu corpo e até cheirar o aroma do sabão perfumado que ela usara para lavar os cabelos. O desejo surgiu forte e ele temeu não conseguir se controlar.

Queria poder tirar aquele vestido amarelo e vê-la nua, como vira ao lhe dar banho. Queria tirar os grampos que prendiam seus cabelos e enfiar os dedos por entre as mechas e enterrar nelas seu rosto e inalar o perfume de rosas.

Em vez disso, afastou-se, recorrendo a uma força de vontade descomunal. Mesmo assim, seu olhar se deteve nos lábios carnudos e tentadores de Kathryn. Ela notou e os umedeceu, quase levando-o a gemer, perdendo por fim o pouco de controle que ainda tinha naquele momento. Precisava provar aqueles lábios macios, ou morreria de desejo!

Inclinou-se e a beijou, apertando-a em seus braços. Era um beijo gentil, uma exploração terna. Então os lábios quentes se entreabriram e ele se sentiu perdido. O desejo tomou conta de todo seu ser

O beijo terno se transformou em selvagem, um beijo de línguas se tocando e se entrelaçando, uma nova intimidade crescendo. Kathryn gemeu e colocou os braços em torno do pescoço de Lucien. Ele sentiu que ela tremia e isso o excitou ainda mais.

Agora, as mãos do marquês procuravam os pontos mais sensíveis do corpo de Kathryn, enquanto o beijo se tomava mais e mais íntimo. O mundo pareceu parar naquele instante. Só havia o prazer do contato físico.

Só Deus sabia o que poderia ter acontecido a seguir caso não ouvissem uma leve batida na porta. Lucien endireitou-se e manteve, por um instante, Kathryn em seus braços. Amaldiçoou a si mesmo por ter deixado tudo aquilo acontecer e lutou para conseguir se controlar.

— Fique aqui — ele murmurou. — Vou ver quem é. Kathryn não disse nada. A expressão de desejo que

havia em seu rosto momentos antes deu lugar à de medo. Olhando pela janela, Lucien viu que se tratava de Bennie Taylor, e silenciosamente agradeceu aos deuses do destino por aquela providencial intervenção. Levantou a tranca e abriu a porta.

— O que é, Bennie? O que aconteceu?

O rapaz estava claramente nervoso e torcia o chapéu nas mãos.

— Sua tia me mandou avisar o senhor. — Ele então olhou para Kathryn. — Alguns homens do chefe de polícia estão atrás da senhorita. — Voltou a olhar para o marquês. — Sua tia disse a eles que não sabia de nada, mas está com medo que os homens voltem e gostaria que o senhor estivesse no castelo, caso isso aconteça.

Lucien concordou com um gesto de cabeça.

— É o que farei. — Virou-se para Kathryn, grato por ter aquela chance de escapar. — Já que sua criada aparentemente a abandonou, Bennie passará a noite nos estábulos. Não quero que fique sozinha.

Kathryn anuiu. Seu rosto ainda estava afogueado, e ela procurou não se lembrar do que acontecera momentos antes.

Lucien pensou em pedir-lhe desculpas pelo ocorrido. Mas já tinha feito isso em outra ocasião e voltara a repetir a ofensa.

Maldição! No que se referia a Kathryn Grayson, talvez o louco fosse ele.

— Não precisa se preocupar. Mandarei recado se houver algum problema. — Forçou um sorriso. — Lamento perder aquela carne que parece tão saborosa.

Kathryn não disse nada. Apenas ficou olhando para Lucien, que se amaldiçoou outra vez. Ele precisava ficar longe daquela cabana, disse a si mesmo. Faria isso pelo bem de ambos. Nesse ínterim, lidaria com os homens do chefe de polícia.

Kathryn passou uma noite atormentada, cheia de sonhos horríveis sobre o passado. Acordava a qualquer ruído, certa de que os policiais a haviam encontrado. Quando não estava com medo, sentia-se frustrada pelo que tinha quase acontecido e lamentando que o encontro entre ela e o marquês tivesse sido tão curto. Lembranças do ardor de Lucien, de seus beijos, a deixavam ainda mais exausta do que quando tinha ido dormir.

Foi apenas ao anoitecer do dia seguinte que chegou um bilhete do marquês. O chefe de polícia só queria lhe fazer algumas perguntas. Não tinha a menor ideia de onde ela se encontrava, apesar de continuarem a busca.

Você está em segurança, Kathryn, o bilhete terminava dizendo. Não há o que temer.

Mas ela sabia haver toda razão para ter medo. Estava mais desesperada do que antes, querendo encontrar um modo de se proteger, e depois da última e apaixonada visita de Lucien, uma ideia lhe ocorreria.

Imploraria a ele por ajuda. Mas quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que Lucien jamais concordaria com o plano que ela lhe exporia. Era arriscado demais. Muito perigoso. Totalmente insano.

E era também um ato egoísta. Não podia esperar que ele cancelasse seu casamento e se casasse com ela, nem mesmo que a união fosse durar apenas um ano. E não seria um casamento comum, já que, sendo seu tutor, o tio não permitiria que a sobrinha se casasse.

Kathryn passou horas caminhando de um lado para outro e tentando esquecer aquela ideia. Lucien não concordaria com o plano, e fazer com que tudo

acontecesse sem o seu consentimento não era aceitável. Ela estaria traindo o homem que havia arriscado a própria vida para tirá-la do St. Bartholomew. Na verdade, desde que a conhecera, o marquês não fazia outra coisa a não ser arriscar-se, mais e mais.

A consciência a avisava para descartar aquela ideia e permanecer ali escondida e rezar para que Lucien encontrasse um modo de ajudá-la, ou simplesmente para jamais ser encontrada.

Estava quase convencendo a si mesma quando Bennie Taylor bateu na porta da cabana como um louco.

— Eu vi os homens, milady! Estão na vila! — ele gritou. O coração de Kathryn disparou. Abriu imediatamente a porta para o criado entrar.

— Pelo amor de Deus, Bennie, do que está falando?

— Dos homens do chefe de polícia, milady. Eles estavam fazendo perguntas lá na vila!

— Oh, meu Deus!

— Estão tentando obter informações. Ninguém sabe que a senhorita está aqui, é claro, mas pensei que gostaria de saber das notícias.

Kathryn engoliu em seco. Claro que queria saber o que estava acontecendo. Suas pernas começaram a tremer e ela precisou se sentar para não cair.

Bennie retorcia seu chapéu.

— Vou ficar alerta, milady, não se preocupe. Se eu vir que eles estão vindo para cá, chegarei antes. A senhorita poderá se esconder no meio da floresta, e eu chamarei o marquês.

Kathryn molhou os lábios, sentindo-os ressecados.

— Obrigada, Bennie. Fez o que devia fazer.

Em seguida, o rapaz sumiu no bosque. A qualquer momento, os policiais poderiam localizar a cabana. E então a levariam de volta àquele lugar horrível, e não haveria mais nada que ela pudesse fazer.

Lágrimas queimavam seus olhos, mas ela as engoliu. Não ficaria ali sentada, esperando que a destruíssem. Dessa vez se protegeria. Seu plano surgiu com mais força em sua mente, e naquele momento soube o que precisava fazer.

Antes que pudesse mudar de ideia, atravessou a sala e sentou-se a uma mesinha, pronta para escrever uma carta. Sua mão tremia quando pegou a pena e a molhou na tinta.

Respirou fundo e começou a carta. Estava escrevendo para um homem que uma vez havia sido amigo de seu pai: o bispo Edwin Tallman.

Embora o bispo tivesse acreditado na história de lorde Dunstan quando ela fora enviada ao hospício e se recusado a interceder a seu favor, tratava-se de um homem de princípios, uma figura respeitada na igreja. Ocupava uma cadeira na Câmara dos Lordes e tinha muita influência sobre os colegas.

Além disso, o bispo era um dos poucos homens com poder suficiente para impor sua vontade ao conde de Dunstan. Kathryn terminou a carta:

Prezado bispo Tallman,

Escrevo ao senhor porque sei que sempre foi um amigo leal do falecido conde de Milford. Se deseja ajudar lady Kathryn Grayson, leve o tio desta, lorde Dunstan, na noite de 20 de novembro, até o vilarejo de Gorsham. Lá, na floresta Wealdon, existe uma cabana de caça a cerca de um quilômetro da estrada que leva à vila. Exatamente às dez horas da noite, o senhor encontrará lady Kathryn com o homem responsável pelo seu rapto. Em memória da amizade que teve com o pai da jovem, não deixe que Dunstan vá sozinho atrás da sobrinha.

Kathryn procurou afastar o medo e a sensação de culpa. Se o plano desse certo, o bispo Tallman viajaria a Gorsham com o conde e seus homens. Eles chegariam à cabana por volta das dez horas e encontrariam Lucien em circunstâncias comprometedoras com ela.

Diante dos recentes esforços do marquês em libertá-la do St. Bartholomew, da insistência de que ela não era louca, e do fato de que na verdade era inocente, Kathryn esperava que o bispo insistisse para que Lucien a desposasse.

E sendo evidente que o tio se recusaria a permitir o enlace, ele iria se arruinar diante dos olhos da sociedade assim como do marquês de Litchfield.

Ele colocou a folha dentro de um envelope e o fechou. Pediria a Bennie Taylor que pagasse a um dos meninos da vila para que a carta fosse enviada.

Olhou para o envelope e sentiu um arrepio de medo. Estava arriscando tudo e poderia acabar com todas as suas chances. Voltaria então ao St. Bartholomew, ou para um lugar ainda pior, isso se existisse algo pior que aquele inferno.

Mas se fosse bem-sucedida, estaria livre. Pensou novamente nos termos da tutela que o conde detinha a seu respeito, lembrando-se de uma cláusula que a liberava da guarda caso se casasse. Mas o tio teria de dar a permissão, e com isso perderia não apenas a tutela sobre a sobrinha, mas também o dinheiro, que passaria para seu marido. Assim, Dunstan jamais concordaria voluntariamente em deixar de ser seu tutor.

Se o plano desse certo, contudo, ele não teria escolha. Era um plano brilhante, isso se tudo saísse como ela esperava.

Lucien ficaria irado. Kathryn não queria magoá-lo. Era um bom homem, o melhor amigo que ela já tivera. Gostaria de não envolvê-lo em sua vida, mas afinal

ele já estava envolvido; cometendo até atos ilegais para protegê-la. Dividida entre magoar Lucien e voltar para o hospício, ela escolhera a primeira opção.

Pensou no marquês, sabendo que o que os unia era mais profundo do que uma amizade. E ele não estava apaixonado por Allison Hartman, pelo menos era o que ela achava. O beijo que haviam trocado na noite anterior jamais teria acontecido se Lucien amasse outra mulher.

E mesmo que ele estivesse apaixonado por Allison, em menos de um ano, Kathryn teria vinte e um anos, idade legal para se casar sem o consentimento do tio. Depois, Lucien poderia conseguir uma anulação do matrimônio, ficando ambos livres para se casarem com quem quisessem. Com a fortuna recuperada, ela poderia facilmente encontrar um marido.

Ainda assim, era um plano complexo e que poderia dar errado. Rezaria para que isso não acontecesse.

A imagem do marquês surgiu em sua mente. Ele ficaria bravo, furioso na verdade. Mas quando tudo tivesse acontecido, ela encontraria um modo de convencê-lo das razões que a haviam levado a um ato assim extremo. Lucien a perdoaria. Certamente poderia voltar à vida que planejava havia tanto tempo.

Nesse ínterim, tudo em que Kathryn tinha de pensar era em um modo de atrair o marquês para a cabana na noite de 20 de novembro. Uma vez que ele estivesse lá, ela o seduziria, ou pelo menos armaria uma cena que fosse no mínimo convincente.

Um arrepio percorreu sua pele, fazendo-a sentir-se mal. Procurou se convencer de que era apenas apreensão.

CAPITULO IV

Sentado à sua escrivaninha, Douglas Roth, o conde de Dunstan, lia pela segunda vez a carta que o bispo lhe entregara, imaginando quem poderia tê-la escrito.

Mas isso não importava. Obtinha ali as informações de que precisava. Logo teria novamente a sobrinha em uma cela, dessa vez sem chance de ser libertada. Ele providenciaria que isso não viesse mais a acontecer.

— O que acha, milorde? — O bispo Tallman estava sentado diante do conde.

Douglas sorriu.

— Creio que me fez um grande favor trazendo-me a carta. Como bem pode imaginar, tenho estado muito preocupado com a segurança de Kathryn.

— Então deseja me acompanhar, como a carta sugere?

— Acompanhá-lo? Não há nenhuma necessidade de o senhor se cansar nessa viagem. Deixe que eu partirei em menos de uma hora com os meus homens e...

— Eu devo ir, e seguiremos as instruções contidas na carta. Desejo me encontrar com lady Kathryn. Lorde Milton era um grande amigo meu. Tenho sofrido noites de insônia me preocupando com a sua decisão de colocar a filha dele em um lugar como o St. Bartholomew. Compreendo que tivesse suas razões e, considerando as circunstâncias, não me opus a elas. Mas devo ao meu velho amigo fazer com que sua filha esteja bem. Eu farei o que a carta me pede.

Dunstan mordeu o lábio de raiva. Não queria a interferência do bispo, mas talvez ele tivesse razão em seguir as instruções da carta. Chegando cedo demais, poderia pôr tudo a perder.

Suspirou, então. Seria muito mais fácil se pudesse simplesmente matar a sobrinha. Infelizmente, se fizesse isso, a herança passaria para as primas, filhas de seu irmão mais novo. Não, tinha de encontrar a sobrinha e trancafiá-la novamente. E enquanto ela estivesse apenas louca, e não morta, o dinheiro ficaria sob seu controle.

Em vez de enviar Kathryn ao St. Bartholomew, poderia agora trancafiá-la em uma das torres de Milford Park. Antes ele não quisera essa inconveniência, mas considerando os problemas que ela vinha causando, talvez fosse a melhor solução. Sob seu controle direto, Kathryn não voltaria a escapar. E continuaria viva. Pelo menos por uns tempos. O suficiente para que ele pudesse se apoderar de sua fortuna sem se arriscar a ser desmascarado.

Dunstan sorriu para o homem alto e de cabelos grisalhos sentado à sua frente.

— Está bem, bispo, faremos como deseja. Pode passar a noite aqui e partiremos juntos amanhã. Chegaremos à vila na noite seguinte e nos aproximaremos da cabana exatamente às dez horas. Espero que seja lá quem for que tenha enviado esta carta tenha nos dado informações corretas.

O bispo levantou-se, aparentemente satisfeito com a decisão do conde.

— Muito bem, milorde. Se agora me der licença, eu gostaria de descansar.

— Naturalmente. Mandarei um criado lhe preparar um quarto, e minha filha o levará para até seus aposentos.

Ele observou o velho se afastar. O bispo era um homem digno e honrado. Acreditara na história inventada e tinha ficado horrorizado em saber que a filha de

um amigo seu havia chegado a ponto de querer envenenar a prima e estivesse envolvida em feitiçaria.

Douglas riu com a ingenuidade do bispo. O que ele diria se soubesse que Kathryn apenas se interessava pela medicina?

Ao que tudo indicava, o plano de Kathryn seguia conforme suas expectativas. Depois de solicitar um encontro urgente com Lucien no dia vinte, ela recebera um bilhete de confirmação. O marquês viria para o jantar às oito horas, como ela havia pedido. Discutiriam, a resposta dele dizia, tudo aquilo que ela acreditava ser importante.

Que Lucien não parecia entusiasmado com o encontro marcado estava aparente pelo tom da carta. Lorde Litchfield tinha, com certeza, concordado apenas para não ser indelicado. Devia estar preocupado com o que poderia acontecer na cabana, quando estivessem mais uma vez sozinhos. E Kathryn pretendia que acontecesse exatamente o que ele mais temia.

Seu futuro dependia disso.

Mas como exatamente ela deveria agir? Que liberdades daria a Lucien? Até onde estaria disposta a ir ao usar seus recursos de sedução?

Irá até onde precisar, disse uma vozinha em sua mente. Era um pensamento inquietante, no entanto ela sabia que devia fazer exatamente isso. Com sorte, seu tio apareceria antes que algo extremo acontecesse.

Por fim o dia vinte chegou, e à noitinha um vento forte vindo do Norte deixava o ar frio como gelo. Agora, com a iminente chegada do marquês, Kathryn andava de um lado para outro dentro da cabana, sentindo calafrios mesmo com a lareira acesa. A jovem criada, Fanny, alterara o decote do vestido que Kathryn escolhera usar naquela noite, deixando-o mais ousado. Como queria trajar pouca roupa, não tinha colocado as calças, ficando apenas com o corpete e a fina combinação por baixo. Havia deixado os cabelos soltos nas costas, pois supunha que assim Lucien se sentiria ainda mais atraído por ela.

Olhou o relógio mais uma vez. Oito e quinze. Ele já deveria ter chegado. Raramente se atrasava para um compromisso. Era um homem muito disciplinado e que se orgulhava da ordem e precisão que governavam sua vida. Voltou a olhar para o relógio, sentindo que começava a transpirar de nervoso. Deus do céu, o que poderia estar retardando o marquês?

Com certeza ele viria, já que dera sua palavra e não costumava quebrá-la. Tentou se acalmar, dizendo a si mesma ser importante que tudo parecesse em ordem quando Lucien chegasse.

Se ele demorasse demais, tudo estaria perdido. Dez minutos depois, o marquês finalmente chegou e Kathryn quase soluçou de alívio ao vê-lo se aproximar, pela janela, puxando Blade pelas rédeas e guardando o animal no estábulo. Quando

ele bateu na porta da cabana, ela já conseguira se acalmar a ponto de não demonstrar seu recente desespero.

— Meu cavalo tropeçou em uma pedra e ele está mancando muito — Lucien justificou. — Precisei caminhar o último quilômetro até aqui.

— Lamento que isso tenha acontecido. Por favor, entre. Deve estar exausto.

Lucien entrou, mas Kathryn percebeu que ele parecia tenso.

— Sei que é um homem muito ocupado e lhe agradeço muito por ter atendido ao meu pedido,

— Você disse que era importante. Pelo tom da sua mensagem, eu não poderia me recusar a vir. — Ele olhou em volta à procura da criada. — Onde está Fanny?

Kathryn umedeceu os lábios, que haviam ficado subitamente secos.

— Dei-lhe folga esta noite. Eu... eu precisava falar com você em particular. Pensei que fosse melhor se ela não estivesse aqui.

O marquês franziu a testa e suas feições se tomaram mais tensas. Kathryn tentou sorrir, o que não era fácil.

— Sei que teria sido melhor que não tivesse vindo, mas eu precisava mesmo falar com você. — Ela se aproximou de uma jarra onde havia cerveja. — Deve estar com sede depois da longa caminhada. Tenho aqui conhaque e licor. E a mãe de Bennie enviou esta jarra de cerveja preta.

Lucien respirou fundo e pareceu relaxar um pouco, ciente de que não adiantava nada aquela tensão.

— Uma caneca de cerveja viria bem.

Kathryn encheu a caneca e serviu-se de licor. Deu um gole, tentando se acalmar.

— O jantar está pronto. Podemos conversar depois de comermos. — Ela se voltou para o fogão onde estavam as panelas fumegantes, mas Lucien a pegou pelo pulso e a forçou a encará-lo.

— Quero saber o que está acontecendo. Por que me mandou chamar? O que há de tão importante para você insistir na minha vinda? O que quer discutir?

Kathryn sentiu o estômago revirar. Oh, Deus! O que iria dizer agora? Como pudera pensar que conseguiria enganar um homem como o marquês?

Inesperadas lágrimas encheram seus olhos. Ela tentou evitá-las, inutilmente. Logo escorriam livres por seu rosto.

— Eu sabia que você não queria vir. Sabia que o meu pedido era uma terrível imposição de minha parte, mas eu... eu...

Lucien estendeu a mão e ergueu o queixo de Kathryn, fitando os olhos lacrimejantes.

— Diga-me o que há de errado — ele pediu, mais gentilmente dessa vez.

Kathryn meneou a cabeça.

— Tenho me sentido muito assustada. Digo a mim mesma que tudo vai dar certo, mas por mais que eu tente, não consigo acreditar nisso. Meu tio me encontrará e me levará embora. Sinto vontade de fugir, porém não tenho outro lugar para onde ir. É como se estivesse em uma armadilha e só posso recorrer a você e...

— Kathryn... — Uma única palavra e no mesmo instante Lucien a tinha em seus braços. Ele a abraçou com força.

O que ela dissera não havia sido planejado, Kathryn pensou. Tinha dito apenas a verdade.

— Oh, Lucien, lamento muito. Sei que só represento problemas para você. — Sentiu os lábios do marquês em seus cabelos, e remorso por estar envolvendo aquele homem em seus planos.

— Não é culpa sua. Nada disso deveria estar acontecendo com você — ele murmurou.

Kathryn ergueu a cabeça e viu desejo nos olhos do marquês, um desejo tão intenso como nunca vira antes.

— Por favor, me beije, Lucien? — pediu suavemente. — Sei que é errado, mas não me importo. Preciso de você. Preciso tanto de você...

Ele gemeu e a silenciou com sua boca, em um beijo rude, quente, faminto. Porém, estranhamente, mesmo sendo selvagem, era também temo. O aposento pareceu girar em torno de Kathryn, as paredes sumiram. Ela teria caído se não estivesse nos braços dele.

O beijo foi se intensificando, tornando-se mais ardente. As mãos do marquês buscaram os seios e os envolveram, massageando-os. Ele gemeu alto.

— Lucien... — ela murmurou, também se deixando levar pelo desejo e beijando-o como nunca o fizera antes.

Agarrou os cabelos sedosos, libertando-os do laço que os prendia atrás. Os lábios de Lucien estavam agora em seu pescoço, as mãos haviam entrado pelo decote ousado, as sensações se multiplicando instante após instante.

Lucien abriu os botões do vestido, e logo restava sobre o corpo de Kathryn apenas o corpete e a combinação. Ele a beijou nos ombros, depois mais abaixo, chegando aos seios, que tomou com a boca.

As pernas de Kathryn começaram a tremer. O chão pareceu se abrir. Um suave soluço lhe escapou e ela se deixou levar pelo prazer, que era mais intenso do

que poderia imaginar. Lucien usava a língua ora em um seio, ora em outro, para depois os sugar.

Kathryn sentia-se em chamas. Tremia, e uma estranha dor surgira no meio de suas pernas. Ela pretendia seduzi-lo, mas jamais imaginaria que estaria seduzindo a si mesma. Vagamente imaginou quanto tempo devia ter passado, mas Lucien a beijou de novo e o pensamento lhe fugiu.

Mal notara que seu vestido se encontrava agora no chão, que sua roupa de baixo tinha sido tirada e que estava praticamente nua nos braços de Lucien. Ele a ergueu nos braços e a levou para o sofá. Em seguida, tirou a camisa.

Beijou-a novamente, pressionando-lhe os seios com seu peito nu. Os lábios de Kathryn buscaram com ousadia os mamilos de Lucien, que gemeu quando ela o imitou, tomando-os em sua boca.

Lucien beijou-a de novo, e Kathryn desejou que ele a possuísse totalmente. Aquilo não fazia parte de seu plano. Não havia pensado que a sedução a levaria tão longe. Tinha medo que seu perigoso jogo terminasse antes do que pretendia, mas não conseguia resistir nem mais um minuto.

Lucien lhe afastou as pernas e colocou-se entre elas. Estava desabotoando a calça quando a porta da cabana se abriu e surgiu a imponente figura do bispo Tallman, seguida de lorde Dunstan e de mais três homens.

Por um instante, Lucien ficou imóvel.

— Mas que diabos... — Dunstan não terminou a frase. Era óbvio o que estava acontecendo.

Lucien praguejou e jogou a combinação de Kathryn sobre os seios nus, usando o casaco para cobri-la. Abotoou a calça e ajeitou a camisa.

— Esperem lá fora — o conde ordenou aos seus homens, que silenciosamente saíram e fecharam a porta.

— Então foi você o tempo todo! — Dunstan exclamou, olhando para Lucien.
— Não pensei que ousasse tanto.

— O que significa tudo isso? — o bispo perguntou.

— O senhor é Litchfield, não é? Creio que já o conheci antes.

Lucien levantou-se e olhou para o bispo.

— Sou Litchfield. — Ele terminou de arrumar a camisa, mas não se importou em abotoá-la. — Bispo Tallman, se não me engano. Mas agora eu lhes pergunto: o que os senhores estão fazendo aqui na minha propriedade?

O bispo não respondeu e simplesmente tirou do bolso a carta que Kathryn tinha escrito. Estendeu-a a Lucien, que a leu com expressão fechada.

— Eu recebi esta carta há três dias — Edwin Tallman disse. — Como pode ver, não está assinada, mas diz a verdade.

Ele olhou de relance para Kathryn, cujo rosto ardia de vergonha. Sabia que tudo aquilo seria difícil, mas jamais imaginara que fosse assim tão embaraçoso.

O bispo voltou a encarar Litchfield.

— O senhor sabe que esta é lady Kathryn Grayson, filha do falecido conde Milford?

Lucien mordeu o lábio.

— Claro que sei.

— Então sabe muito bem o que isso significa. O senhor seduziu uma jovem inocente, filha de um nobre. Não há outro caminho a não ser o casamento.

Dunstan arregalou os olhos, admirado.

— Casamento? Espere um instante, bispo Tallman.

— Como eu disse, a jovem é inocente — o bispo dirigiu-se a Lucien, ignorando a interrupção do conde. — O senhor tem fama de libertino. Arruinou a reputação de lady Kathryn e agora terá de se casar com ela.

O olhar de Lucien voltou-se para Kathryn, que percebeu imediatamente que ele descobrira quem havia escrito a carta. Inteligente como era, o marquês compreendera não só quem era o autor da denúncia, mas que uma armadilha tinha sido preparada para ele.

Seu queixo tremia de raiva. Ele estava para dizer algo ao bispo quando Dunstan voltou a se intrometer:

— Não pode pedir ao homem que se case com minha sobrinha. A pobrezinha é louca.

O bispo olhou duramente para o marquês.

— O senhor acredita nisso, milorde? Que lady Kathryn seja louca? Houve rumores que o senhor tentou tirá-la do St. Bartholomew alegando exatamente estar convencido de ela não ser maluca. Não foi isso que aconteceu, milorde?

Kathryn segurou a respiração. Se Lucien dissesse as palavras certas, ele poderia escapar de qualquer responsabilidade. Mas estaria tão furioso que seria capaz de entregá-la ao tio? Mordeu o lábio trêmulo, rezando para que o marquês não fizesse isso.

Os olhos de Lucien se mantiveram presos aos dela.

— Lady Kathryn não é louca.

Longe disso, aqueles olhos negros pareciam dizer: É uma mulher esperta, esperta até demais.

Kathryn sentiu o olhar gelado cortar seu coração como se fosse uma faca.

O bispo caminhou pela sala, o manto flutuando ao seu redor.

— Se de fato acredita que ela é mentalmente sã, então tem o dever de desposá-la.

— Minha sobrinha é perigosa — Dunstan argumentou. — Tentou envenenar minha filha. Tentou...

— Eu não fiz isso! — Kathryn gritou, saindo do sofá com o casaco de Lucien ainda cobrindo seu corpo. — Eu estava tentando ajudar Muriel, e o senhor sabe disso!

— O senhor tem medo da moça? — o bispo perguntou calmamente para o marquês.

O queixo de Lucien enrijeceu, mas ele tentava se acalmar o suficiente para responder.

— Não, não acredito que ela seja capaz de causar dano a alguém.

— Então mandarei avisar o arcebispo pela manhã. Não estamos longe de Canterbury. Vocês dois deverão se casar em cerca de dois dias.

— Isso é um absurdo! — Dunstan estava fora de si. — A jovem não é normal. Estou lhe dizendo que ela...

O olhar de alerta do bispo o fez calar-se.

— O senhor é o tutor de sua sobrinha. O pai dela lhe atribuiu esse encargo porque confiava no senhor. É seu dever fazer o que for possível em benefício de lady Kathryn. Acredita que o casamento com o marquês de Litchfield seria pior para ela do que ser enviada de volta ao St. Bartholomew?

Lorde Dunstan pigarreou, sem jeito. Seu rosto ficou vermelho e ele se sentiu encurralado.

— Bem, claro que não, mas...

— Então o assunto está encerrado. O casamento acontecerá tão logo seja obtida uma licença especial.

Dunstan não disse mais nada, mas seu olhar enfurecido deixava claro que ele preferia ver a sobrinha morta.

— Nesse ínterim, com a permissão de lorde Litchfield, lady Kathryn e eu o acompanharemos até o castelo, onde ficaremos até que se realize a cerimônia. Pretendo celebrar o matrimônio eu mesmo. Devo isso ao pai de lady Kathryn.

O conde rangeu os dentes, virou-se e saiu dali. Logo se ouvia o barulho de cavalos deixando o local. Dunstan e seus homens haviam partido.

— Minha carruagem está parada aqui perto. Se o senhor me acompanhar, nós daremos um momento a lady Kathryn para se aprontar.

Lucien concordou. Era difícil saber exatamente o que passava por sua cabeça, já que suas feições se fechavam agora em uma máscara de autocontrole. Mas Kathryn podia imaginar. Se a raiva pudesse ser engarrafada e estocada, o marquês sem dúvida teria um celeiro cheio. Pensando em como desfrutara sua amizade, mas também seus beijos ardentes até a chegada do tio, a dor a invadiu.

Ele a aceitaria como esposa, mas dificilmente a perdoaria. Ela o havia traído da forma mais cruel, mais viciosa e mais amarga possível.

Fez o que precisava fazer, a voz interior lhe disse. Entretanto, bem no fundo do coração, Kathryn sentia uma enorme culpa, e um pensamento lhe ocorreu mais uma vez. O marquês de Litchfield não era um homem que perdoava com facilidade.

Jason Sinclair estava sentado no sofá do salão vermelho no Castelo Running, a esposa agitando-se nervosamente a seu lado. Havia chegado minutos antes, recebidos por Reeves, que ostentava um olhar mais sério que o habitual.

Velvet pegou a mão do marido.

— Estou preocupada, Jason. Deve ter acontecido alguma coisa muito séria.

Jason não respondeu, porque viu Lucien entrar na sala. Ao notar o olhar do amigo, soube que a esposa não estava enganada.

— Viemos tão logo recebemos sua mensagem. — Jason foi em direção a Lucien. — Você disse que era urgente. Obviamente, alguma coisa aconteceu. Espero que não seja nada com Kathryn.

Lucien torceu levemente a boca em um sorriso irônico.

— Está certo, meu amigo. De fato aconteceu uma coisa. E tem tudo a ver com Kathryn Grayson.

Velvet se pôs de pé imediatamente.

— Oh, meu Deus, eles descobriram que ela estava escondida na cabana?

As feições do marquês se endureceram.

— Não exatamente. — Ele caminhou até a mesinha e começou a se servir de uma bebida, cada movimento seu revelando a raiva que sentia. Lucien estava vestido muito formalmente para aquela hora, Jason pensou. O casaco azul, a gravata branca, a calça de cetim, tudo combinando perfeitamente.

— Querem uma bebida? Conhaque ou licor? Jason sacudiu a cabeça e assim também fez Velvet.

— Apenas nos diga o que aconteceu.

O sorriso irônico reapareceu no rosto de Lucien.

— Lamento por obrigá-los a virem aqui assim tão apressadamente, mas eu os convido a participar de uma ocasião especial. Ambos são meus convidados para um casamento.

Jason arqueou uma sobrancelha, surpreso.

— Pelo tom da sua voz, concluo que não está exatamente satisfeito. Pensei que quisesse se casar.

— Oh, eu queria, sim. Infelizmente, a noiva não é de minha escolha. Vou me casar com Kathryn Grayson às duas horas da tarde. O que acontecerá — ele consultou o relógio — dentro de quarenta e cinco minutos.

— Oh, meu Deus! — Velvet murmurou. — Creio que vou precisar daquele licor que me ofereceu.

— Vou pegá-lo — Jason se adiantou. — Também preciso de um.

Lucien começou a caminhar de um lado para outro.

— Ainda não consigo acreditar no que está acontecendo. Aquela jovem aparentemente inocente me fez cair numa armadilha. Usou a sedução como se tivesse nascido para isso, e assim me obrigou a concordar com o casamento.

Contou aos amigos o que havia acontecido, omitindo alguns detalhes mais íntimos, mas declarando que ele e Kathryn tinham sido flagrados numa situação comprometedora. A reputação de Kathryn estava arruinada, e o bispo Tallman, uma das testemunhas da cena, havia decidido pelo casamento.

— Kathryn planejou tudo, do encontro ao desenlace. Depois do que fiz por ela, é difícil acreditar.

Velvet reagiu como era esperado:

— Kathryn estava assustada, Lucien. Tinha muito medo de voltar para aquele lugar horrível. Fez a única coisa que achou que poderia protegê-la.

— Eu a teria protegido. Teria encontrado uma forma de mantê-la em segurança, se ela simplesmente confiasse em mim. Em vez disso, preferiu arruinar as nossas vidas.

— Talvez não seja assim tão ruim — Jason observou. — Eu não queria me casar com Velvet, pelo menos naquele tempo. Agora posso dizer que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

— Não é a mesma coisa, Jason, e você sabe disso, Kathryn e eu não temos nada em comum. Eu jamais quis uma mulher que usa o corpo como uma arma para conseguir o que deseja. — Lucien caminhou para a mesinha e serviu-se de outra dose de conhaque. Jason reconheceu que nunca havia visto o amigo tão descontrolado.

— Você não é um homem a quem possam enganar facilmente. Com certeza há um modo de sair dessa situação, se na verdade for o que deseja.

O marquês parou e olhou para o amigo.

— Kathryn é esperta demais. Tinha planejado tudo desde o começo. Teve sorte de o tio chegar na hora marcada, ou eu provavelmente a teria desonrado de fato. Não acredito que ela estivesse muito preocupada com o fato de que poderíamos ter ido além do recomendável.

Jason fitou Lucien, notando a amargura que havia em seus olhos.

— Você pode simplesmente mandá-la de volta ao hospício — ele declarou. — Basta dizer ao bispo que Kathryn é louca, assim nada poderá obrigá-lo a se casar.

— Jason! — Velvet gritou. — O que está dizendo?

— Estou dizendo a Lucien a verdade. Ele pode mandar Kathryn de volta ao St. Bartholomew e se livrar dessa situação. Uma simples palavra será o suficiente. — Ele estudou as feições do amigo, certo de sua resposta.

Lucien apertou os punhos com força.

— Não posso fazer isso. Ninguém merece essa forma de punição. Eu serei amaldiçoado se legitimar este casamento, mas me recuso a deixar que Dunstan a magoe mais do que já fez.

Velvet respirou aliviada.

— Já conversou com Kathryn? O que ela tem a dizer?

— Falamos muito rapidamente, porque o bispo nos permitiu apenas alguns instantes a sós. Em um ano, Kathryn estará com vinte e um anos e poderá se casar sem o consentimento do tio. De acordo com ela, a anulação do casamento nos dará a chance de nos casarmos com quem quisermos. Infelizmente, Allison não vai me esperar, considerando o embaraço que ela e a sua família sofrerão agora graças às tramóias de Kathryn.

Velvet ergueu a cabeça e encarou o marquês.

— Se Allison estiver apaixonada por você, ela o esperará. E perdoará essa sua indiscrição momentânea.

Lucien sorriu ironicamente.

— Se Jason fosse flagrado com outra mulher nos braços, uma mulher praticamente nua, você o perdoaria?

Velvet desviou o olhar.

— Seria um momento difícil. Meu orgulho ficaria ferido, mas eu perdoaria Jason. Assim, se Allison o amar, poderá perdoá-lo.

Lucien balançou a cabeça em desalento.

— Bem, eu não amo Allison Hartman e nem ela me ama. Eu apenas queria uma esposa que me proporcionasse uma vida tranquila. Kathryn Grayson é responsável por esse infortúnio e jamais a perdoarei.

O olhar duro confirmava suas palavras. O caminho que Kathryn Grayson havia escolhido não seria fácil, Jason pensou. Ela se enganara em pensar que poderia conviver com o marquês de Litchfield. Lucien era o melhor dos amigos, mas também o pior dos inimigos.

— São quase duas horas — ele disse, terminando sua bebida. — Sabendo como você é pontual, creio que não vai querer chegar atrasado ao seu próprio casamento.

— Ao contrário. Não vejo razão para me apressar, e estou precisando de outro conhaque. Se isso significa que vou me atrasar, então a noiva simplesmente terá de esperar.

Jason resmungou, sentindo-se preocupado com Kathryn Grayson. Se ele conhecia o amigo, o próximo ano seria o inferno na Terra para a mulher que havia traído o marquês de Litchfield.

Inúmeras velas tremulavam na pequena capela de pedra atrás do castelo, iluminando os vidros de vários séculos que cobriam os vitrais sobre o altar. Kathryn escutava o vento soprando lá fora e sentiu um arrepio. Um galho de árvore batia continuamente em uma das vidraças, o que a deixava ainda mais nervosa.

Trajando um elegante vestido em tom creme com mangas que terminavam em laçarotes dourados, ela se encontrava ao lado de Winnie, esperando pela chegada do noivo, seu estômago revirando e a deixando agoniada, com receio de enjoar.

Nervosa, arrumou mais uma vez o vestido. Oh, Deus, onde estaria Lucien? Já deveria ter chegado havia mais de dez minutos, no entanto não havia sinal dele. Tentou desviar o olhar da pesada porta de carvalho, mas seus olhos pareciam atraídos para aquela direção. Winnie percebeu seu nervosismo.

— Ele logo estará aqui, minha querida. Não se preocupe.

Kathryn tentou sorrir, mas o que resultou dessa tentativa foi uma careta. Os minutos pareciam se arrastar. Começou a imaginar se Lucien teria mudado de ideia sobre o casamento e decidido não comparecer. Se não viesse, ela estaria à mercê do tio, que se encontrava sentado em um dos bancos da capela, olhando-a com uma expressão irônica que a fazia se sentir pior do estômago.

Somente Dunstan, o bispo Tallman, Winnie e o duque e a duquesa de Carlyle assistiriam ao casamento. Não era um acontecimento feliz aquele matrimônio, e Lucien não queria fingir que era.

Os dedos de Kathryn giraram em tomo do lenço bordado que segurava na mão. De todas as cerimônias de casamento com que sonhara um dia, nenhuma delas se parecia com a que vivia agora.

Sentiu-se tomada pelo enjoo. Começou então a rezar pedindo a Deus que convencesse Lucien a aparecer. Que pelo menos ele a livrasse do perigo que o tio representava.

Seria a última coisa que faria por ela.

O bispo clareou a garganta.

— Seu noivo parece que foi detido por algum problema — ele disse. — Será que...

Mas Tallman não precisou terminar sua frase, pois Lucien entrou na capela, seguido pelo duque e a duquesa de Carlyle, cujas expressões denotavam nervosismo, mas também piedade. Kathryn olhou para o homem que logo se tornaria seu marido. Alto e bonito, ele ostentava o olhar mais frio e furioso que ela já vira. Lucien se aproximou e ficou ao lado de Kathryn e próximo do bispo e da tia.

— Oh, você está aqui, minha querida. — Havia sarcasmo em sua voz, e seu olhar parecia de aço. Inclinou-se levemente. — Espero não tê-la feito esperar. É que tive assuntos importantes a resolver.

Como se o casamento não fosse um deles...

Kathryn fechou os olhos por um instante. Sabia que Lucien dissera tais palavras para magoá-la. E ela as merecia. Mas tudo isso lhe provocava uma dor insuportável.

— Se estiver pronto, bispo Tallman — disse o marquês, pegando a mão de sua noiva e colocando-a sobre seu braço —, creio que o senhor tem uma cerimônia a realizar.

O bispo concordou, seus cabelos grisalhos brilhando à luz das velas.

— Isso é verdade — ele respondeu, e os noivos o seguiram até em frente ao altar.

Este era feito de madeira trabalhada. Havia uma enorme Bíblia aberta, e o bispo começou a ler, mas Kathryn mal o ouvia. Podia sentir a poderosa presença de Lucien a seu lado e também o calor de sua raiva como se não fosse uma emoção, e sim algo palpável, concreto.

Os momentos de tortura se seguiram, mas ela ainda não conseguia se concentrar no que era dito. Seu coração parecia dilacerado. Sua boca estava seca, e ela mal conseguia repetir as palavras do bispo. Lucien as repetiu com uma calma que combinava com seu olhar frio e implacável.

Por fim, a cerimônia breve e sem emoções chegou ao fim, mas em vez do beijo do noivo, Lucien apenas inclinou-se diante de Kathryn em um simples cumprimento e virou-se para sair. Um grito de horror soou ao fundo da capela quando a porta foi aberta violentamente.

Kathryn ficou estarrecida ao ver Allison Hartman, lady St. James e o pai de Allison, o barão, bloqueando a saída da capela. Dunstan se virou para ver o que estava acontecendo. O duque e a duquesa de Carlyle soltaram um gemido consternado. Com a mão trêmula, Kathryn agarrou-se ao altar para não cair.

A voz imponente do barão quebrou o silêncio dos poucos convidados:

— Bom Deus, Litchfield, o que significa esta sua ofensa? Que diabos está acontecendo? Diga-me que os meus olhos me enganam e que não estou assistindo ao seu casamento.

— Mandei-lhe um bilhete — Lucien disse. — Solicitei um encontro com o senhor e sua família para amanhã às duas horas da tarde. Não recebeu minha mensagem?

— Eu a recebi. Quando a mostrei para minha esposa, ela me implorou que não esperássemos. Ela temia que alguma coisa de errado estivesse acontecendo. Receava que dissesse respeito ao seu envolvimento com a mulher louca do St. Bartholomew. — Ele olhou na direção de Kathryn. — Se a mulher com quem acabou de se casar for lady Kathryn Grayson, obviamente minha esposa estava certa.

Agarrando a mão da mãe, Allison gemeu.

— Lucien? Não se casou com essa mulher, casou? — Ela dirigiu ao marquês um olhar embaçado pelas lágrimas. Estava pálida e abalada, e o sentimento de culpa de Kathryn aumentou.

Lucien se aproximou de Allison e lhe tomou as mãos trêmulas.

— Allison. Eu lhe fiz uma grave ofensa. Nunca foi minha intenção magoá-la de forma alguma, mas ao que parece, isso aconteceu. Não é suficiente dizer o quanto lamento. Não peço perdão, mas espero que com o tempo possa vir a me perdoar.

— Perdoá-lo? — Allison libertou suas mãos e levou o lenço ao nariz, que escorria devido às lágrimas. — Você arruinou a minha vida. Fez com que me tornasse alvo da zombaria de toda a sociedade de Londres. Nunca, nunca vou perdoá-lo! — Erguendo a barra das saias, ela se virou e saiu correndo da capela.

A mãe de Allison, indignada, olhou para o marquês.

— O senhor e aquela... aquela vagabunda. Eu sabia que isso iria acontecer. Se aquela sem-vergonha não tivesse aparecido...

— Senhora — Lucien disse calmamente. — Percebo que está muito aborrecida, mas quero lembrá-la de que está falando de minha esposa.

— O senhor não é um cavalheiro! — dito isso, a baronesa correu atrás da filha, batendo a porta da capela com toda a força. Os convidados assistiam à cena, fascinados.

O pai de Allison olhou friamente para Lucien.

— Creio que eu deveria desafiá-lo para um duelo.

Lucien meneou a cabeça, resignado.

— Este é certamente um direito seu. Pagarei por todas as despesas que teve em relação ao casamento e lhe permito que explique a todos o que aconteceu da maneira que achar melhor. — Lucien suspirou e a fadiga fez com que seus ombros se arqueassem. — Eu lamento tanto, Edward. Realmente lamento. Sempre valorizei a sua amizade. Sinto-me mal por ter lhe causado este aborrecimento.

Por um momento o velho ficou apenas olhando para ele; finalmente suspirou, como se aceitasse o inevitável. Com um aceno, saiu apressadamente da capela.

Lucien lançou um último olhar para Kathryn, e ela viu a turbulência que havia em seus olhos, a humilhação.

Sentiu-se ainda mais culpada. Não pretendia que nada daquilo acontecesse. Apenas havia tentado se proteger. Tinha pensado que eles resolveriam pacificamente a situação, e que depois de um ano, Lucien poderia se casar com quem quisesse. Agora via que destruíra todos os planos dele, e imaginou qual seria o preço que teria de pagar por isso.

Não se deu conta de que chorava até que sentiu o braço de Winnie em seus ombros.

— Dê tempo a Lucien, minha querida. O tempo resolverá tudo.

Mas Kathryn não acreditava nisso. Não mais. E ficou observando o homem com quem se casara sair da capela. Naquele instante soube que perdera um amigo. Ela não sabia exatamente o que Allison Hartman sentia por Lucien, mas naquele momento final, ao olhar para o rosto enfurecido do marido, descobrira, horrorizada, que estava total e irremediavelmente apaixonada por ele.

Esparramado em um sofá de couro em seu escritório, com a chuva lá fora caindo com força implacável, Lucien levou aos lábios o cálice de conhaque e o esvaziou. Pegou a garrafa, serviu-se de novo e bebeu.

Estava estupidamente bêbado, como havia anos não acontecia. O casamento tinha sido realizado. Era agora um homem casado.

E casado com uma mulher que o enganara. Sua esposa não era como Allison Hartman, mas uma feiticeira de corpo tentador que o seduzira. Lembrou-se da cena com Allison na igreja, e esvaziou mais um cálice de conhaque. Sentia-se culpado por

ter magoado a ex-noiva, apesar de que ela sofria agora mais por desapontamento e embaraço. Nunca o amara. Era uma mulher incapaz de sentir fortes emoções. Ou qualquer tipo de emoção. E havia sido esta a razão que o levava a escolhê-la como noiva.

Ele não estava preocupado com o futuro de Allison. Com sua beleza e o dote que o pai lhe garantia, ela logo estaria mais uma vez noiva e casada em pouco tempo.

O pensamento o deixou com mais raiva. Raiva contra a mulher que se encontrava lá em cima. Raiva por ter se comportado como um tolo.

Kathryn era a responsável por todo aquele tumulto em sua vida. Seu consolo era que seria sua esposa apenas no nome. Dentro de um ano, estaria livre dela. Encontraria uma jovem como Allison, uma jovem doce e bem-criada, que se tornaria a mãe de seus filhos.

Lucien colocou o cálice sobre a mesa e pegou sua caixinha de fumo. Raramente a usava, mas naquela noite, a noite de seu casamento, ah, sim, ele pretendia fazer de tudo.

Sua mente lhe trouxe de volta a lembrança da noite em que estivera na cabana, da paixão que Kathryn demonstrara, de como correspondera ao desejo dele, de como os beijos inocentes o haviam levado ao desastre.

Em vez de ficar ali se lamentando, deveria subir ao quarto e tomar posse daquilo que Kathryn Grayson lhe oferecera. Fechou a caixinha de fumo e levantou-se. Tirou a fita que lhe prendia os cabelos e estes caíram em seus ombros.

Tomou um novo gole de conhaque e recostou-se no sofá, pensando no corpo tentador de Kathryn, lembrando-se da suavidade de seus lábios e desejando poder fazê-la pagar pelo que fizera.

* * *

Kathryn olhou em torno do quarto que ocupara quando havia chegado ao castelo pela primeira vez. Ao voltar da cerimônia do casamento, não tinha se dirigido à suíte do marquês, como era de se esperar, já que se tornara esposa dele. Mas ela não esperava ser uma esposa de fato.

Sentada na cama, deixou-se levar pelos pensamentos. Estava casada, mas o matrimônio não fora consumado, e nunca seria. Nunca seria a esposa de Lucien e, na verdade, isso era justo. Podia estar apaixonada por ele, mas o marquês jamais retribuiria esse amor. Ele queria uma esposa doce e submissa como Allison Hartman. Ela não era nada disso. Lucien desaprovava os estudos de medicina, não entendia sua determinação em aprender mais sobre doenças e curas. No entanto, isso era algo que não poderia desistir.

Atravessou o quarto e sentou-se junto à janela, ouvindo o som da chuva gelada que batia contra as vidraças. Cada vez que fechava os olhos, revivia a horrível cena da capela, via as lágrimas nos olhos de Allison Hartman e a raiva no rosto de Lucien.

— O pior já passou — a duquesa dissera quando Kathryn e Winnie deixaram a capela. — É vergonhoso o que aconteceu, mas acabou. Daqui para a frente, as coisas vão melhorar.

Kathryn sacudira a cabeça.

— Ele me odeia. Eu arruinei os seus planos de se casar com Allison e o envergonhei na frente dos amigos. Lucien jamais me perdoará.

— Você fez o que achou que deveria fazer. Talvez com o tempo...

— Eu errei. Não importa o que pudesse acontecer comigo, nunca deveria ter prejudicado Lucien, especialmente ele, que nada tem feito a não ser me ajudar. Velvet procurara animá-la.

— Lucien não está apaixonado por Allison Hartman. Ele me disse isso claramente. E não acredito que ela o amasse, tampouco. Dê a Lucien algum tempo, Kathryn. Ele se preocupa com você desde o começo. Talvez com o tempo seja capaz de deixar a mágoa para trás.

Kathryn não conseguia se conformar com o que fizera.

— Eu o traí. Não era minha intenção, mas foi o que fiz. Só queria que houvesse um modo de corrigir o meu erro.

Winnie entrou naquele momento no quarto e encontrou Kathryn sentada junto à janela, perdida em pensamentos.

— Vamos, minha querida. Hora de tirar essas roupas. Afinal, é sua noite de núpcias.

Kathryn começou a chorar ao ouvir tais palavras. Tentou esconder as lágrimas, mas Winnie as viu.

— Ora, minha menina. Não deve chorar, não nesta noite. Se tudo correr bem, amanhã, pelo menos uma parte da raiva de meu sobrinho terá desaparecido.

Kathryn ergueu a cabeça.

— Do que está falando?

— Estou falando sobre o que farão na cama. Não há nada que suavize mais a ira de um homem. — Ela sorriu. — Você verá.

Kathryn voltou o olhar para a chuva.

— Não haverá noite de núpcias. Este é um casamento de conveniência. Dentro de um ano, o matrimônio será anulado e Lucien poderá se casar com outra.

Winnie balançou a cabeça como se as palavras não tivessem significado algum.

— Bobagem, querida. Você é a esposa dele e a mulher certa para meu sobrinho. Além disso, está apaixonada por ele. Não pode desejar que Lucien se case com outra. Kathryn tentou negar o que sentia.

— Não estou... apaixonada por ele, e com certeza Lucien não me ama. No momento, ele chega a me desprezar. Dificilmente dormirá comigo.

— Bem, não sei o que meu sobrinho vai fazer. Esse é um dos seus defeitos. Nunca se sabe o que Lucien está pensando.

Nesse momento, bateram na porta e um criado estendeu a Kathryn uma bandeja de prata com um bilhete. Nervosa, ela abriu o envelope e leu as palavras escritas em caligrafia masculina:

Prepare-se. Hoje à noite pretendo receber aquilo que você tão ansiosamente me ofereceu na cabana.

O bilhete vinha assinado simplesmente "Litchfield".

— Oh, Deus! — Kathryn murmurou. O marquês estava tão furioso que queria exigir seus direitos de marido, estando ela disposta ou não.

Olhou para Winnie.

— Ele... mandou dizer que quer a noite de núpcias, como a senhora disse. — Sentou-se na cama, suas pernas subitamente muito trêmulas para ficar de pé.

Winnie sorriu.

— Bem, você terá a sua noite. E não poderá haver anulação do casamento. Com o tempo, tudo se resolverá entre vocês dois.

Mas isso não aconteceria. Não depois do que ocorrera na capela. Não quando era óbvio o quanto Lucien a desprezava. Não quando ele apenas queria puni-la por tê-lo induzido àquele casamento.

Kathryn, porém, não expressou seus pensamentos para Winnie. O que aconteceria entre os dois não devia envolver mais ninguém. E qualquer que fosse a punição que Lucien pretendia lhe aplicar, ela a mereceria.

Estava disposta a se submeter ao marido, se era isso o que ele queria. Devia-lhe isso e muito mais.

Engolindo as lágrimas, Kathryn deixou que Winnie a ajudasse a tirar o vestido de noiva e vestir a camisola de seda que a boa mulher trouxera de seu guarda-roupa aparentemente ilimitado. Também permitiu que Winnie lhe tirasse os grampos dos cabelos e os deixasse soltos nos ombros.

Ao terminar, a senhora inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Às vezes meu sobrinho pode ser um homem difícil, e não é daqueles que perdoam com facilidade. Tente não julgá-lo muito duramente, seja lá o que ele fizer esta noite.

Kathryn sentiu um arrepio. Em algum momento, naquela noite, Lucien viria ao seu quarto. Não haveria ternura dessa vez, nem beijos tão ardentes que a fizessem se sentir fraca e excitada ao mesmo tempo. Ele apenas usaria seu corpo como desejasse, desfrutaria o próprio prazer e sairia. Se ela tentasse detê-lo, as consequências poderiam ser piores.

Kathryn lutou para não se deixar tomar pelo desespero. Por isso, sorriu de leve quando Winnie saiu do quarto. Sentou-se na cama e ficou à espera.

As horas foram passando. A tensão cresceu até que ela percebeu que pulava a qualquer ruído. E, no entanto, Lucien ainda não viera.

Procurou ouvir os passos do marido até que a fadiga começou a vencê-la. Deitou-se sobre as cobertas e tentou não dormir.

Mais uma hora se passou. Se ele não chegasse a qualquer instante, era porque desistira de vir. Os olhos dela começavam a se fechar quando Lucien entrou no quarto.

O coração de Kathryn disparou. Pela fraca luz da vela, podia ver que ele estava sem o paletó e a gravata, a camisa meio aberta e os cabelos soltos caindo nos ombros.

Lucien fechou a porta ruidosamente e o som pareceu um mau presságio.

— Espero não tê-la feito esperar, querida.

O modo como ele disse a palavra, sem a menor sinceridade, fez Kathryn sentir vontade de chorar. Lucien caminhou até a cama, e ela percebeu que havia ele bebido. Quando ele parou ao pé da cama e seus olhos percorreram vagarosamente seu corpo, coberto apenas com a camisola de seda, mesmo sem querer, Kathryn cobriu os seios com as mãos.

— Uma noiva tímida? Certamente não se tornou assim de repente. Se me lembro bem, na última vez em que estivemos juntos, você não parecia ter nenhum acanhamento. — Lucien rodeou a cama e sentou-se ao lado dela. — Ah, claro... Naquela noite você estava fingindo.

Kathryn sentiu-se confusa ao ouvir tais palavras. Ele começou uma carícia em seu rosto.

— Talvez possa fingir novamente esta noite. Isso tornaria as coisas mais fáceis.

Kathryn não estava gostando do Lucien que se encontrava a seu lado naquele momento. Não era o homem que ela amava.

— Do que está falando?

— De desfrutar o corpo que comprei dando em troca o meu futuro. Dispa-se, Kathryn, para que eu veja se a compra valeu a pena.

Um calafrio percorreu o corpo de Kathryn. Quem era aquele homem a quem ela considerava um amigo? O homem que a havia beijado com tanta ternura?

— Sei que está bravo — murmurou. — E tem todo o direito de estar. Eu não devia ter feito o que fiz. Mas tinha tanto medo que meu tio me encontrasse, e pensei apenas em me salvar. Fui egoísta, sei disso. Mas pensei que com o tempo você me perdoaria. Se tivesse a chance de fazer tudo de novo, eu lhe garanto que não faria.

— O que você fez? — O olhar de Lucien se tornou mais cruel. — Mas você não fez nada, minha querida. Apenas fingiu. É por isso que estou aqui. Desta vez quero tomar posse daquilo que você fingiu me oferecer.

Ele agarrou a camisola e a rasgou na frente, desnudando Kathryn. Ela recuou, tentando se cobrir com as mãos.

— Pretendo receber pelo que paguei, Kathryn. Vai ter de se resignar a isso.

Ela sacudiu a cabeça, todo seu corpo tremendo. Tinha decidido que se entregaria ao marido, mas agora descobria que não podia fazer isso. A raiva que tomava conta de Lucien era tão grande que ela começou a chorar.

— Não quero que seja assim, por favor, Lucien, não assim...

Lucien parou de desabotoar as calças, e Kathryn percebeu que ele estava excitado. Enrubescou imediatamente.

— Mas foi você quem nos trouxe a esta situação. Fingiu sentir paixão antes. Pode fingir de novo.

A surpresa substituiu o medo que ela sentia.

— Fingir? Pensa que fingi naquela... naquela noite na cabana?

Lucien parou em outro botão e olhou para Kathryn.

— Está me dizendo que não fingiu?

Ela engoliu em seco.

— Eu enviei a carta ao bispo Tallman. Queria que parecesse que você tinha comprometido a minha virtude, mas o que aconteceu entre nós dois naquela noite simplesmente foi acontecendo. Eu... eu não fingi. Quando você me beijou... quando me tocou... foi uma coisa mágica.

Lucien fechou os olhos por um momento, tentando colocar os pensamentos em ordem. Ao abri-los, sua expressão não era tão dura.

— Você não estava fingindo — ele repetiu, como se precisasse se certificar se ouvira certo.

— Tudo foi diferente entre nós naquela noite. Você me desejava... Agora quer apenas me punir.

Por longos momentos, Lucien ficou parado. Quando finalmente falou, sua voz soou rouca.

— Nunca duvide de que eu desejo você, Kathryn. Eu desejo você desde o primeiro momento em que nos conhecemos. Mas talvez seja melhor assim. — Virou-se, atravessou a sala e abriu a porta. — Esposa ou não, descobri que não estou com vontade de fazer sexo com uma mulher que não está disposta a isso. Além do mais, uma anulação seria impossível caso eu a engravidasse.

Kathryn ficou olhando o marido sair do quarto e fechar a porta. Olhou para o que sobrava de sua camisola e lhe ocorreu que Lucien conseguira afinal sua vingança.

Ele a havia punido como pretendia. Ele a tinha feito sofrer, porém deixara-lhe intacta a inocência. O casamento não seria consumado. Em um ano, seria anulado.

Pela primeira vez, desde a chegada de seu tio à cabana, ela jogou-se na cama, enterrou o rosto no travesseiro e começou a chorar.

Lucien se levantou tarde na manhã seguinte, a cabeça doendo horrivelmente. A boca tinha um gosto amargo e a língua parecia inchada. Quando entrou na sala em que era servido o café da manhã, a luz que atingiu seus olhos o fez piscar e ele ficou sem enxergar por um momento, dando então um encontrão em Kathryn, que entrava ali no mesmo instante.

— Milorde, não pensei que o encontraria aqui. O senhor costuma tomar seu café mais cedo.

Ela havia voltado a tratá-lo formalmente, talvez devido ao que acontecera na noite anterior, Lucien notou. Sentiu-se culpado pela palidez e fragilidade de Kathryn, mais aparentes agora.

Claro que os exageros que ele tinha cometido na noite anterior se justificavam. Afinal, a mulher a quem vinha ajudando a manipulara, obrigando-o a um casamento absurdo. No entanto, quem não recorreria a medidas extremas para não ser levado a um lugar como o hospício?

— Acordei mais tarde, já que não passei a melhor das noites — confessou ele. — Mal consegui dormir.

— Tampouco eu — Kathryn disse suavemente. — Quem sabe se esta noite não será melhor.

Lucien suspirou. No fundo, não tivera intenção de magoar Kathryn. Bebera demais, isso sim. Lembrou-se do olhar de espanto dela quando lhe rasgara a camiso-

la. O St. Bartholomew não tinha sido capaz de vencer a resistência de Kathryn, mas o que ele fizera na noite anterior quase o havia conseguido.

— O criado está esperando para servir nossos pratos — Lucien disse, procurando agir com naturalidade. — Por que não nos sentamos e comemos alguma coisa?

Kathryn concordou, mas ainda parecia sem jeito. Ele amaldiçoou a si mesmo. Nunca tinha sido cruel com uma mulher e não havia justificativa para seu comportamento vil.

Era a maldita atração que sentia pela esposa. Na noite anterior, vendo-a apenas com aquela camisola de seda, quase perdera o controle. Isso jamais voltaria a acontecer. Lamentava a forma brutal como a tratara, mas pelo menos ele tivera a resposta a uma pergunta que o vinha atormentando.

Quando você me beijou... quando me tocou... foi uma coisa mágica.

As palavras de Kathryn eram como um bálsamo. Sua paixão não fora fingimento. Ela poderia ter planejado a sedução, mas o desejara tanto quanto ele a havia desejado. Saber disso o fazia se sentir menos tolo, mesmo ciente de que o casamento entre ambos jamais daria certo.

Sentaram-se diante de uma jarra com chocolate quente e um prato de doces, o que já era demais para o estômago de Lucien depois de ter exagerado na bebida, na véspera.

— Quais são os seus planos para o dia? — ele perguntou, puxando conversa. Queria aliviar um pouco seu sentimento de culpa, sem ter de se desculpar formalmente.

Kathryn o olhou, surpresa com a disposição dele de conversar.

— Não sei exatamente o que vou fazer. Talvez leia um pouco. Lady Carlyle me emprestou um livro sobre doenças. Ela me disse que encontrou o volume na estante de Carlyle Hall e foi gentil em me ceder.

Lucien não conseguiu deixar de sentir certo desconforto por Kathryn ter interesse naqueles assuntos. Se ela fosse sua esposa de verdade, ele poria um basta naquilo tudo.

— E o que vai fazer, milorde?

Seus olhares se encontraram. Lucien nem pensava em confessar a verdade. Iria a Londres para encontrar a amante. Estava cansado de sentir desejo por Kathryn e não poder satisfazer suas necessidades físicas.

— Tenho negócios a tratar em Londres. Só estarei de volta no fim de semana.

Se Kathryn lamentava sua partida, não deixou transparecer, fato que o deixou ligeiramente contrafeito.

— Estou certo de que se distrairá por aqui. No caso, porém, de querer me acompanhar à capital...

— Não acho uma boa ideia, já que o atrapalharia — interrompeu Kathryn, desviando o olhar para o outro lado.

Lucien tomou um gole de chocolate, sentiu o estômago protestar e colocou a xícara na mesa.

— Talvez tenha razão. Sendo assim, eu a verei na volta. Kathryn não disse mais nada e, minutos depois,

Lucien pediu licença e saiu da sala, dando instruções a seu criado pessoal para que lhe preparasse a mala para a viagem. Poderia cochilar na carruagem e chegar em melhor estado a Londres para o encontro com Anna, a mulher que satisfaria seus desejos.

Anna Quintain era uma amante habilidosa, muito bonita, e geralmente o deixava bastante excitado. Lucien tinha certeza de que ela resolveria seu problema atual. Já que não podia se satisfazer com Kathryn, ele a substituiria por outra mulher.

Era exatamente o que pretendia fazer.

Sentada junto a uma janela do salão nobre, o cômodo preferido de Kathryn em todo o castelo, ela viu Lucien subir na carruagem. Sentia o coração oprimido. Não era normal um marido deixar a esposa para trás um dia após o casamento, mas Lucien não estava preocupado com os comentários. Não havia fingimento naquele matrimônio. Considerando que não duraria mais que um ano, talvez fosse melhor que tudo continuasse do jeito que estava.

Ainda assim, apesar da forma como ele a tratara na noite anterior, ela se sentia triste e solitária, sem Lucien. Não tinha medo de que ele voltasse a se comportar com rudeza. Por mais furioso que se sentisse, jamais seria capaz de uma violência contra ela. E naquela manhã, Kathryn vira o arrependimento nos olhos do marido.

Tentou dizer a si mesma que era melhor que ele tivesse partido, que talvez assim não sentisse tanta dor cada vez que o via. Talvez não se sentisse mais excitada e desejando terminar aquilo que haviam começado na cabana.

Ficou pensando no que Lucien faria em Londres e lamentou um pouco não ter tido coragem de viajar com ele. Sentia muito sua ausência. Se tivesse ido, talvez pudesse visitar Michael no St. Bartholomew. Ao pensar no hospício, sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. Mesmo que o lugar a horrorizasse, gostaria de ver o menino. No fundo, desejava um dia poder tirá-lo de lá.

Michael tinha conseguido sobreviver naquele lugar por sete anos, desde o seu nascimento. Não podia imaginá-lo crescendo lá dentro. Desejou poder pedir ajuda a

Lucien, mas depois do problema que lhe criara, dificilmente poderia fazer qualquer pedido que fosse.

Já que, no momento, nada podia fazer, rezava para que Michael pelo menos estivesse bem. Procurou não pensar em Lucien, tentando não se deixar levar pelo pensamento de que ele devia estar desfrutando prazeres ao lado de alguma mulher.

Sentado em um sofá vermelho no quarto de Anna Quintain, Lucien tomou um gole de conhaque e estendeu as pernas em cima de uma mesinha à sua frente.

Por um instante, Anna pareceu não gostar de ver os pés do amante sobre a peça forrada com cetim bordado. Forçou, porém, um sorriso.

— Acomode-se, querido. Não demorarei mais que um minuto para tirar a roupa.

Os olhos de Lucien passearam pelas curvas generosas de Anna e pelos cabelos loiros que lhe cobriam os ombros.

— Leve o tempo que precisar — ele disse, tomando mais um gole de conhaque. — Fico satisfeito em assistir ao espetáculo.

Anna riu, mas pela primeira vez Lucien notou a falsidade do riso. Não era natural, nem espontâneo.

Observou a mulher tirar as meias de seda. O resto de seu traje já havia sido despido quase completamente, restando apenas o corpete e a combinação, as meias e as ligas.

Depois que essas peças também foram retiradas, Lucien deixou seus olhos se deliciarem com a visão daqueles seios com mamilos róseos e o tufo de pelos claros no encontro das pernas. Já estava excitado.

Seu corpo tinha necessidades, e Anna Quintain poderia atendê-las. No entanto, algo começava a inquietá-lo.

Observou a mulher nua à sua frente. O corpo dele queria satisfazer a luxúria, como não acontecia havia semanas. Sua mente, porém, trouxe-lhe a imagem de Kathryn, e ele praguejou baixinho. Odiou Kathryn Grayson naquele momento, desejando nunca a ter conhecido. Quando se casara com ela, não tinha lhe ocorrido que poderia sentir culpa ao deitar-se com outra mulher. Nunca lhe ocorrera que ele, no fundo, não queria fazer isso.

Anna sorriu de forma provocante, como sempre fazia.

— Venha, querido. Deixe-me ajudá-lo a se despir. Ela pegou a mão do marquês e o puxou do sofá. Lucien se levantou, na esperança de ainda conseguir manter o interesse, bem como a excitação, mas no momento em que Anna colocou os

braços em volta de seu pescoço e o beijou com ardor, ele soube que tudo estava perdido.

Não conseguia aspirar o perfume forte e adocicado que ela usava, e achou os seios dela grandes demais, sobrando em suas mãos.

Quando ela começou a usar a língua com grande habilidade, ele lembrou-se mais uma vez de Kathryn e de como ela o beijara naquela noite, na cabana.

Quando você me beijou... quando me tocou... foi uma coisa mágica...

No instante em que Anna ia lhe abrir as calças e começar a massageá-lo, ele praguejou e a afastou.

— O que aconteceu?

— Lamento muito, minha querida. Não vai adiantar... não esta noite. — Nem em qualquer outra, no futuro, ele pensou. Qualquer que fosse o prazer que uma vez desfrutara com Anna Quintain, este não existia mais.

— Eu é que peço desculpas, se fiz alguma coisa que o desagradou. Mas se me der um momento... — Ela começou a tocá-lo mais uma vez, mas ele se virou, apesar de estar excitado. Não queria nenhum contato físico com aquela mulher.

— Não é nada que você tenha feito, Anna. É que estou com muitas preocupações na cabeça, no momento. — Enfiou a mão no bolso do paletó, tirou um punhado de moedas e as colocou sobre a penteadeira. — Compre algo bonito para usar na próxima vez em que eu vier aqui.

Era uma pequena mentira, já que não pretendia voltar, mas isso poupava Anna de qualquer embaraço. Pela manhã, ele conversaria com o advogado, pediria a Nathaniel para estabelecer uma soma razoável de dinheiro para ser entregue a ela e terminaria de vez com o relacionamento.

Estava surpreso por se sentir aliviado com a decisão. Disse a si mesmo que não era por causa de Kathryn. Anna Quintain simplesmente não o interessava mais como antes. A mulher que ele queria vivia debaixo de seu teto, dormia em um dos quartos perto da suíte principal, no Castelo Running. Se dormisse com ela, porém, não poderia mais pedir a anulação do casamento.

Lucien rangeu os dentes com tanta força que seu queixo doeu. Kathryn Grayson era a última pessoa que ele queria como esposa, o tipo de mulher com quem jamais se casaria espontaneamente. Por umas poucas noites de prazer, ele teria de carregar um fardo pesado demais pelo resto da vida.

Kathryn, por tudo que era sagrado, era capaz de dissecar um corpo humano para descobrir como ele funcionava! Que tipo de mulher cometia tal barbaridade? Que tipo de mulher viveria entretida em preparar poções e ler livros sobre doenças e ferimentos? Era o tipo que ele não queria para esposa.

O que Lucien queria era uma esposa gentil e dócil como Allison Hartman, bonita e obediente, que lhe desse meia dúzia de filhos. Em menos de um ano ele estaria livre de Kathryn e encontraria uma mulher de seu gosto. Kathryn seria sua esposa apenas no nome. Somente assim poderia não desistir de seu desejado plano de vida.

Jurou a si mesmo que faria isso. Mas seria possível resistir a Kathryn Grayson?

CAPITULO V

Da janela de seu quarto, Winnie viu o sobrinho entregar as rédeas de seu cavalo ao rapaz encarregado dos estábulos. Depois de uma breve viagem a Londres, ele voltara ao castelo mais nervoso e agitado que antes. Cavalgava todos os dias, inspecionava suas propriedades, visitava seus empregados e passava as noites em uma taverna na vila.

Winnie sabia o motivo, naturalmente. Lucien era um homem normal, saudável e vigoroso, casado com uma mulher jovem e bonita. Ele desejava fazer amor com ela. O problema era que se recusava a isso.

Ela deixou a cortina de veludo voltar ao lugar e atravessou o quarto. Estava determinada a conversar com Lucien, tentar colocar algum bom senso naquela cabeça dura.

Deixou o quarto, desceu as escadas e viu que Nathaniel Whitley era recebido pelo mordomo.

Observou o advogado tirar o chapéu e entregá-lo a Reeves. Quando ele ergueu o olhar e a viu, o sorriso imediatamente surgiu em seus lábios.

— Winnie. Que prazer em vê-la novamente.

— Você parece muito bem, Nathaniel. — Era muito bonito aquele homem, ela pensou, notando os fios grisalhos em seus cabelos e os olhos de um azul irresistível. Continuava atraente como quando era jovem.

— Estou aqui para falar com seu sobrinho. Entrei com uma ação para assegurar a herança de lady Litchfield. Acredito que o marquês esteja à minha espera.

— Mandarei que Reeves chame Lucien imediatamente. Não quer esperá-lo no escritório?

Nathaniel fez um gesto concordando e seguiu Winnie até o escritório.

— Lucien estará aqui a qualquer momento. Por favor, fique à vontade. — Ela começou a sair da sala, mas Nat a chamou.

— Poderia me fazer companhia até que ele chegue?

Winnie ruborizou imediatamente. Não devia. Nat Whitley era um homem muito atraente e ela deveria evitá-lo.

— Naturalmente — viu-se respondendo.

Nat esperou que ela se sentasse para começar a conversar.

— Quantos anos se passaram, Winnie? Pelos meus cálculos, perto de vinte.

Quase vinte e um, ela pensou. Nunca se esqueceria da última vez em que o vira. O dia em que seu pai negara o pedido de casamento que Nat viera fazer e a obrigara a se casar com Richard DeWitt, um rico visconde que combinava mais cora a filha de um marquês do que um homem sem título.

— Naquele tempo nós éramos muito jovens.

— Você ainda é jovem, Winnie. E se parece com a mesma menina de antes.

Antes que ela pudesse fazer algum comentário àquela observação, o mordomo chegou com a bandeja de chá. Quem ainda não chegara era Lucien. Ela serviu o chá e estendeu uma xícara para Nat, depois serviu-se de outra.

— Estive pensando em você, Winnie — Nat disse suavemente. — Tenho pensado em você desde a última vez em que a vi nesta casa.

Ela sentiu-se meio sem jeito e tentou levar a conversa para outro rumo.

— Como você bem disse, não nos víamos há muito tempo. Suponho que seja natural que esteja curioso sobre mim.

Nat descruzou as pernas e colocou a xícara sobre o pires.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

O rubor voltou ao rosto de Winnie. A conversa entrava em um campo impróprio.

— O que quer dizer, então, Nat?

Na mocidade, eles haviam sido apaixonados um pelo outro. Mas o tempo passara. Agora ele era casado com Emma Hanson e tinha, pelo menos, três filhos crescidos, provavelmente até netos.

— Quero dizer que gostaria muito de ver você. Sei que a estou pegando de surpresa. Mas mesmo com os problemas que poderiam surgir, nós...

Winnie levantou-se de sua cadeira, indignada.

— Está passando dos limites, Nat. Houve um tempo em que estivemos envolvidos um com o outro, mas isso foi, como bem disse, há mais de vinte anos. Antes de você se tornar marido de outra mulher. Se pensa que estou interessada em qualquer tipo de relacionamento com você, está redondamente enganado.

Nat mordeu o lábio.

— Então peço desculpas, milady. Lamento se a ofendi. — Mas ele não parecia estar lamentando nada. Parecia, isso sim, magoado.

Winnie ignorou a acusação que havia naqueles olhos azuis.

— Boa tarde, Nat. Tenho alguns assuntos que exigem a minha atenção. — Ao sair da sala, ela fechou a porta, sentindo um peso enorme em seu peito. Nat sempre tinha sido um homem apegado a rígidos padrões morais. Pelo menos se lembrava dele assim.

Houvera um tempo em que havia acreditado amar esse homem. Talvez ainda o visse como um herói galanteador dos tempos de mocidade, não o conquistador que se tomara.

Lucien estava junto ao estábulo, observando Kathryn e o cavaleiro entrarem na mata. Nas duas últimas semanas, ela vinha cavalgando na parte da manhã, mas nunca muito cedo. Na noite anterior, a neve havia coberto a paisagem, fazendo com que as pegadas dos cavalos se tornassem bastante visíveis.

— Sele Blade — ele pediu a um garoto. Ainda visualizou ao longe o casaco vermelho que Kathryn usava. Ela cavalgava muito bem e adorava estar ao ar livre.

Desde sua volta de Londres, ele vinha evitando a esposa, o que não era uma tarefa fácil. Aonde quer que fosse, acabava por encontrá-la: na sala de jantar ou na biblioteca, quando a via lendo seus estranhos livros, ou na área em que Kathryn plantara suas ervas. E agora também no estábulo.

Cada vez que a via, notava algo novo nela. O modo como seus olhos brilhavam quando ele aparecia; a maneira como o vento mexia com seus cabelos, fazendo-os esvoaçar sobre seu rosto; o jeito como seus seios delicados se moviam debaixo do vestido. Cada vez que a via, seu desejo aumentava; no entanto, ele estava firmemente decidido a ignorá-lo.

Mesmo assim, tinha curiosidade. Kathryn era sua esposa, pelo menos no momento. O que ela fazia terminaria por afetá-lo de alguma forma, assim ele precisava saber por que ela ia todos os dias ao bosque.

Seguiu as pegadas deixadas sobre a neve, e estas, em vez de indicarem que ela e o criado haviam se dirigido à vila, tudo levava a crer que rumavam para a uma cabana no meio do bosque.

Discretamente e a certa distância, Lucien viu Kathryn deixar a cabana e ser ajudada pelo cavaleiro a montar de novo. Ela disse algo ao rapaz, que concordou com um movimento de cabeça, e seguiram rumo à colina, o cavaleiro forçando o cavalo e tentando alcançar a patroa.

Estavam competindo, Lucien pensou e sorriu. Podia ouvir o riso de Kathryn ecoando pelo bosque e era óbvio que estava se divertindo. Por um instante, ele desejou fazer parte daquela corrida. Em vez disso, levou seu garanhão para a cabana a fim de descobrir o que a esposa estivera fazendo ali.

Sara Whitelawn atendeu à porta, segurando um bebê no colo. Lucien a cumprimentou e perguntou por Kathryn.

— Sua esposa veio aqui trazer uma poção para o meu bebê. O pequeno Andy estava doente com cólicas por quase uma semana, quando por acaso encontrei lady Kathryn na vila. Ela bondosamente se ofereceu para ajudar.

Lucien franziu a testa.

— Mas se a criança precisava de um remédio, por que não a levou ao farmacêutico da vila?

— Oh, eu levei, milorde. Mas não adiantou nada, e ainda gastei dois xelins. — A mulher sorriu, mostrando a falha de um dente na boca. — Sua esposa trouxe uma poção que acabou com a doença. Ela disse que era feita com sementes de angélica, mel e água. Hoje trouxe mais um pouco, caso a tosse voltasse.

Lucien não disse nada. Felizmente o remédio não provocara reações adversas, como acontecera com Muriel Roth.

Despediu-se então de Sara Whitelawn.

— Obrigada, sra. Whitelawn. Não se esqueça de dizer a Terence que se ele precisar de ajuda para consertar o arado quebrado, eu terei prazer em cooperar.

A mulher sorriu.

— Direi a ele, milorde.

Lucien despediu-se novamente, montou em seu cavalo e seguiu para o castelo. O sol brilhava no céu, mas o ar estava frio. O cavalo percorreu o caminho penetrando fundo no bosque e foi então que Lucien viu a égua que Kathryn montava

pastando a certa distância. Seu coração disparou. Onde ela estava? Acontecera alguma coisa?

Logo a avistou encostada em uma árvore.

— Kathryn, o que aconteceu?

— Culpa minha. Estava apostando uma corrida e não vi um tronco. Simplesmente caí e deixei o pobre Joey morto de susto. Mandeí-o de volta ao castelo em busca de ajuda.

Lucien tirou as luvas e se ajoelhou ao lado da esposa.

— Droga, você é inteligente demais para ficar apostando corrida em um terreno como este. É muito perigoso.

— Sei disso, mas estava me divertindo tanto...

Ele não escondeu sua irritação. Então Kathryn se divertia com um criado em vez de em sua companhia.

— Vamos ver se há algum osso quebrado.

— Penso que não, apenas as costelas me doem um pouco.

— Pode ter quebrado uma delas. Melhor voltar ao castelo em uma maca.

— Talvez não tenha quebrado, Lucien.

Ele concordou, esperando que Kathryn estivesse certa, pois, afinal, ela sabia muito sobre o corpo humano depois de tanto estudo.

— Deixe-me examinar seu calcanhar.

Lucien abaixou-se e ajudou-a a suspender um pouco a saia, procurando ignorar a exposição de parte de suas pernas cobertas com meias de seda branca.

— É a esquerda — Kathryn disse sem nenhum acanhamento. Tirou a bota e gentilmente estendeu a perna para que ele a examinasse.

— Inchou, mas não penso que esteja quebrada.

Uma pequena carruagem se aproximou. Winnie vinha sentada ao lado de Bennie Taylor, enquanto o pequeno Joey Hampton, o criado de Kathryn, corria atrás.

— Lucien! — a tia gritou, descendo logo que a carruagem parou. — Graças aos céus você se encontrava por perto. Como Kathryn está?

— Machucou as costelas e torceu o calcanhar. Chamaremos o dr. Frederick para dar uma olhada tão logo chegarmos em casa.

Kathryn tentou se sentar, fazendo uma careta devido ao movimento.

— Não há necessidade de médico. Eu sei o que é preciso ser feito. Basta enfaixar as minhas costelas.

— Médicos curam a si mesmos? — Lucien indagou, enervado. — Se pensa que não vou chamar um médico, está muito enganada.

— Deus cura e o médico recebe pela consulta — ela brincou. — Eu estou lhe dizendo que ficarei bem.

Lucien suspirou, exasperado. Kathryn era teimosa.

— Você é minha esposa. Enquanto for, fará o que eu mandar.

Ela não discutiu e deixou que ele a pegasse nos braços e a levasse até a carruagem. Seus braços envolveram o pescoço de Lucien e subitamente surgiu na mente de ambos a lembrança de outro momento em que ele a carregara. Havia sido naquela noite na cabana, mas então estavam trocando beijos apaixonados.

Kathryn procurou afastar a lembrança. Lucien praguejou porque se excitara. Desejou chegar logo à carruagem para se recompor. Quando a acomodou no veículo, voltou ao seu cavalo. Precisava urgentemente ficar sozinho, apesar de que, mesmo longe da esposa, a imagem dela sempre o perseguia.

Jason Sinclair desmontou e estendeu as rédeas de sua montaria ao cavaleiro que corria para servi-lo.

— Boa noite, Vossa Graça — o jovem saudou, tendo o cuidado de não ficar muito perto de Blackie, que, agitado, levantava os cascos.

— Não se preocupe, rapaz, ele se acalmará em um minuto. É que o fiz correr pelos campos, mas parece que não foi o suficiente. Cuide bem do meu cavalo, certo?

— Naturalmente, senhor.

Enquanto o cavaleiro levava Blackie para dentro do estábulo, Jason subiu os degraus que levavam ao hall de entrada, ansioso pelo jogo com Lucien naquela noite.

Sempre que podiam, os dois amigos se reuniam para uma partida de xadrez, algumas vezes no Carlyle Hall, outras vezes no próprio Castelo Running, como acontecia naquela noite. Ocupado com alguns negócios para resolver, Jason tinha mandado avisar o marquês de que não poderia vir para o jantar, como de costume, mas que chegaria mais tarde. Apesar de fazer bastante frio, o céu estava claro, e uma enorme lua prateada brilhava, fazendo com que o trajeto pelos campos fosse bem iluminado.

Jason tinha pensado em adiar a partida de xadrez, já que chegaria tarde, mas Velvet, preocupada com Lucien e com Kathryn, queria que o marido descobrisse como as coisas estavam progredindo entre ambos.

Com um leve aceno para o mordomo, Jason seguiu diretamente para o escritório de Lucien. A porta estava aberta, o marquês, sentado atrás de sua escrivaninha, tomando uísque. Obviamente, não era o primeiro copo.

— Para um homem que costuma beber com moderação, você tem exagerado nos últimos tempos — Jason observou. — Talvez eu lhe deva servir outra dose, já que pretendo vencer a partida de xadrez.

Lucien resmungou alguma coisa.

— Esta é apenas a minha segunda dose e não preciso que me sirva outra. Não pretendo perder a partida.

Jason olhou para o tabuleiro, um lindo jogo em madeira trabalhada colocado sobre uma mesinha ao lado da lareira.

— Muito bem, então, vamos começar.

— Como está Velvet? — perguntou Lucien.

— Ocupada com os preparativos para o Natal. As crianças adoram as festividades. O avô de Velvet tem divertido a todos nós com histórias de Natais passados. É incrível como o conde pode se lembrar tão bem do que aconteceu há vinte anos, mas não o que comeu no jantar da véspera.

Lucien concordou. Ele gostava do velho conde de Haversham, o avô de Velvet, mesmo que ele estivesse ficando cada vez mais esquecido.

— Minha tia também está toda imbuída do espírito natalino. Agora que o meu casamento com Allison é coisa do passado, tia Winnie tem procurado outras distrações. Suponho que eu tenha de permitir que ela organize as festividades.

— Parece uma boa ideia.

Lucien tomou um gole de sua bebida.

— Ultimamente, tia Winnie tem estado nervosa. Imagino que seja apenas pela aproximação das festas, que a fazem se lembrar do falecido marido. Este é o primeiro Natal que ela passa aqui no castelo. Talvez se distraia entretendo-se com a decoração e dando a este lugar um ar mais alegre.

Jason sorriu.

— Tenho certeza de que sua esposa também vai gostar disso.

Lucien parou de mexer nas peças de xadrez e olhou para o amigo.

— Kathryn é minha esposa apenas no nome. Nada do que ela goste ou venha a gostar me diz respeito.

— Como Kathryn está?

Lucien deu de ombros, como se realmente não se importasse, procurando esconder a tensão que o assunto lhe provocava.

— Caiu do cavalo na semana passada. Torceu o tornozelo e machucou algumas costelas. Felizmente, agora está quase boa. — Sorriu de leve. — Ela cavalga muito bem, mas decidiu apostar uma corrida com o criado no meio do bosque.

Jason sorriu e tomou um gole de seu conhaque.

— Pelo que vejo, a dama tem qualidades particularmente interessantes.

— Suponho que isso seja verdade.

— Mesmo assim, está determinado a anular o casamento.

Lucien moveu uma peça, fingindo estar muito entretido com o jogo.

— Nós não temos nada em comum. Jason fez o seu lance.

— Mas você a deseja — ele disse. — Posso notar isso cada vez que o vejo olhando para ela.

Os olhares dos dois amigos se cruzaram.

— Kathryn me fez de bobo diante de meia Inglaterra. Pensa que simplesmente vou me esquecer disso?

— Ela estava desesperada, Lucien. Em seu lugar, talvez você tivesse feito a mesma coisa.

O marquês não fez nenhum comentário, mas seus dedos apertaram a peça do bispo com tanta força que quase a quebraram.

— Você me disse que eu era um tolo quando me casei com Velvet e me recusava a consumir o nosso casamento. Disse que se ela lhe pertencesse, estaria passando as noites na sua cama. Bem, agora estou dizendo as mesmas palavras para você.

Lucien apertou os lábios.

— Kathryn me enganou, droga! Pelo que sei, ela é maluca. Pelo amor de Deus, homem, minha mulher escapou de um hospício.

Um gemido baixo foi ouvido vindo da porta, e os dois homens se voltaram e viram Kathryn parada ali, os cabelos soltos caídos sobre os ombros. Suas mãos tremiam e seu rosto estava tão pálido como a vela branca que carregava na mão.

— Kathryn! — Lucien levantou-se depressa, e o tabuleiro de xadrez caiu, esparramando as peças no chão. Ele praguejou e saiu atrás da esposa, que se afastara correndo. — Kathryn!

Apressou o passo, decidido a alcançá-la. Jason suspirou e levantou-se de sua cadeira. Era óbvio que o jogo de xadrez terminara. Lembrou-se do olhar de horror no belo rosto de Kathryn e ficou imaginando o que poderia estar acontecendo naquele momento com o casal. Então saiu do escritório e seguiu para o hall, onde Reeves lhe estendeu o chapéu e o casaco.

Os ruídos se intensificaram no andar de cima, mas Reeves impassivelmente os ignorava. A última coisa que Jason ouviu quando saía para pegar seu cavalo foi o barulho de seu amigo esmurrando a porta do quarto de Kathryn.

Ele sorriu e continuou andando em direção ao estábulo.

— Droga, Kathryn, deixe-me entrar! — Lucien berrou, mas não adiantou.

A porta continuou fechada, deixando-o ainda mais determinado a entrar. Jogou o corpo contra ela e a porta veio abaixo. Kathryn gritou, surpresa, e deu um passo para trás, os olhos arregalados como se estivesse assustada.

— Lamento muito — ele disse suavemente, aproximando-se da esposa, que recuou mais ainda. — O que falei foi bobagem. Sei que você não é louca, mas eu estava com raiva. Tenho estado assim desde aquela noite na cabana. Você me preparou uma armadilha e fiquei ressentido. Sei que não é louca.

Kathryn sacudiu a cabeça e enxugou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

— Mas não tem certeza, não é? Não pode ter certeza absoluta de que eu não seja louca. — Ela parecia frágil e vulnerável, e o arrependimento tomou conta de Lucien.

— É claro que tenho certeza! Se acreditasse que você era louca, ninguém neste mundo poderia ter me obrigado a me casar com você.

Kathryn não parecia convencida, e novamente Lucien se arrependeu das bobagens que falara na biblioteca.

Ela meneou a cabeça em desespero.

— Se eu pudesse desfazer o que fiz... — Kathryn enxugou os olhos. — Não queria enganar a única pessoa que foi boa comigo, mas estava tão desesperada... e realmente acreditava que tudo se ajeitaria.

Lucien se aproximou, e dessa vez Kathryn não se retraiu, ficando apenas ali, junto à parede, deixando que ele a abraçasse. Encostou o rosto no ombro dele, seu corpo tremendo com os soluços.

— Não chore mais, por favor — ele sussurrou, acariciando os cabelos da esposa. — O que aconteceu, aconteceu. É passado. Chorar não vai fazer bem a nenhum de nós.

— Eu nunca quis magoá-lo, Lucien. Você era o único amigo que eu tinha.

Ele ergueu o rosto de Kathryn com imenso carinho.

— Vamos, meu amor, por favor, não chore.

Os lábios dela tremiam. Seus cílios estavam molhados e os olhos brilhavam. Lucien sentiu o desejo tomar conta de seu ser. Começou as carícias, e Kathryn entreabriu os lábios. Ele se lembrou de como eram doces, de como se amoldavam aos seus. Então inclinou a cabeça e a beijou.

O beijo começou gentil, apenas um gesto de carinho. A surpresa de Kathryn durou apenas um instante, e seus olhos se fecharam lentamente, enquanto ela envolvia o pescoço do marido com os braços.

Lucien gemeu, o desejo tomando-se incontrolável. Disse a si mesmo que suspenderia o beijo naquele exato momento, que nada a não ser o desastre resultaria daquele descontrole, mas seu corpo não queria ouvir. Sentiu os pequenos seios de Kathryn pressionando-lhe o peito, fazendo-o ansiar por envolvê-los com as mãos.

O beijo foi se tomando mais ardente, e um gemido de rendição escapou da garganta de Kathryn. Ela agora participava ativamente, usando a língua para dar prazer a si mesma e a Lucien. Incapaz de resistir mais um segundo, ele começou a abrir os botões do robe dela, logo deixando-o cair ao chão. Kathryn vestia apenas uma fina camisola por baixo, uma diáfana barreira que inflamou ainda mais a paixão de Lucien.

Kathryn gemia nos braços dele, imersa nas carícias, sem se importar por estar praticamente nua. Lucien a beijou de novo, quase com selvageria. Sua mão envolveu um seio por sobre o fino tecido da camisola, mas isso não o satisfazia. Assim, tirou a última peça de roupa que ainda cobria o corpo da esposa. Beijou-lhe primeiro o pescoço, depois o mamilo, lambeu-o e finalmente o sugou.

Levantou Kathryn nos braços e a levou para a cama.

— A porta... — ela murmurou, preocupada.

— Ninguém ousará vir aqui. — Lucien a tranquilizou.

Beijou-a novamente e então parou para tirar as próprias roupas. Não queria esperar mais para possuir sua mulher.

— Tem certeza, Lucien? Tem certeza de que é isso o que quer? Se fizermos amor, a anulação... Nós não poderemos...

Ele a silenciou com um longo e apaixonado beijo.

— Você é minha esposa — disse suavemente. — Eu quero você e nada mais importa.

Bem no fundo de sua mente, sabia que isso não era verdade, que o que aconteceria naquela noite teria um grande significado em sua vida, mas já tinha ido longe demais, esperado demais. Assim, continuou com as carícias nos seios e por fim tocou as partes íntimas de Kathryn.

Ela gemeu, suas pernas tentando se fechar e impedir a ousadia do marido.

— Confie em mim. Deixe-me lhe dar prazer, meu amor.

As palavras de Lucien pareceram diminuir a resistência de Kathryn, que permitiu que ele a introduzisse naquela arte erótica. Em instantes, a mão de Lucien intensificava o toque, e Kathryn enterrou as unhas nos ombros dele, incapaz de resistir às sensações que a invadiam.

— Lucien, por favor... eu não posso... não sei se consigo aguentar...

— Relaxe, meu amor. Relaxe. — Ele mal conseguia se conter agora. — Confie em mim e apenas sinta.

Gentilmente, Lucien a penetrou, procurando não machucá-la. Kathryn estava pronta para desfrutar aquele intenso prazer. Não era preciso mais nenhum controle. Lucien percebeu que rompera a barreira da virgindade da esposa: Kathryn era sua. Ninguém mais ousaria tocar naquele corpo.

— Lucien...

Sem certeza do que deveria fazer, Kathryn continuava se movendo embaixo do marido. Ele a beijou e logo estavam concentrados apenas em sentir mais e mais prazer, cada um conhecendo um pouco mais do outro.

A forma espontânea e inocente com que Kathryn participava do ato de amor deixava Lucien quase louco. Sem conseguir se conter, atingiu o clímax, derramando-se dentro dela. Mais alguns movimentos e logo estavam entregues ao repouso, seus corpos aliviados.

O que ele quisera, não só agora, mas também na cabana, era dar prazer a Kathryn, não apenas desfrutá-lo egoisticamente. E ela, embora virgem, respondia com paixão de uma amante experiente. Lucien deveria saber que a esposa era ardente e capaz de apreciar os prazeres da carne. E naquele momento, lembrou a si mesmo como ela era diferente do tipo de mulher que queria ter como esposa.

Quando as fortes sensações foram diminuindo e sua mente voltando a pensar com racionalidade, Lucien não conseguiu deixar de imaginar como seria a noite de núpcias que ele teria desfrutado com uma mulher como Allison Hartman.

Bem tarde da noite, Kathryn acordou e sentiu o corpo dolorido em certas partes e havia ainda um tremor entre suas pernas que a fez lembrar de que não era mais virgem.

Tinha feito amor com Lucien. E o marido lhe proporcionara um prazer que ela jamais imaginara ser possível sentir. Havia sido um ato de amor gentil e ao mesmo tempo selvagem. E em seguida, ela adormecera nos braços dele.

Ao acordar horas mais tarde, a princípio desorientada, lembrou-se exatamente onde se encontrava e o que o homem a seu lado fazia ali em sua cama. Era seu marido, e estava acordado, observando-a com aqueles olhos cheios de desejo. Lucien queria fazer amor de novo.

Voltou-se para ele, feliz por ter se tomado sua esposa, ansiosa por vivenciar mais uma vez aquela incrível paixão desfrutada antes. Estava apaixonada pelo marido. Queria lhe mostrar esse amor, corrigir o que fizera contra ele.

Em vez de aceitar o convite que havia nos olhos de Kathryn, Lucien a beijou nos cabelos e apenas a abraçou.

— Volte a dormir — murmurou. — Vai se sentir dolorida pela manhã.

Kathryn procurou se convencer de que o marido estava sendo cuidadoso com ela.

Horas depois, acordando mais uma vez e percebendo o lugar vago na cama, lembrou-se de que havia qualquer coisa de estranho no olhar de Lucien quando a fitara.

Ficou durante horas deitada sob as cobertas, torcendo para que amanhecesse logo, depois querendo que a noite continuasse, desejando ver o marido voltar ao quarto, saber o que ele estava pensando e sentindo. Desejando, por outro lado, não ter de olhar para ele e se lembrar das coisas íntimas que haviam feito.

Finalmente, a luz do dia entrou pelas janelas, e Kathryn, com os músculos doloridos, levantou-se da cama. Escolheu um vestido de lã, deixou que Fanny a ajudasse a se vestir e a penteasse, e então desceu para tomar o café da manhã.

Esperava que Lucien estivesse lá, mas encontrou apenas Winnie.

— Minha querida, você parece exausta. — Winnie sorriu. — Mas isso era de se esperar. Satisfazer os desejos de um homem viril como meu sobrinho derruba qualquer mulher

Kathryn ruborizou da cabeça aos pés.

— Como soube... como ficou sabendo que... Winnie riu.

— Minha querida, quando um homem derruba a porta do quarto de uma mulher, está claro que tem apenas uma intenção em mente e que não se trata de uma simples conversa.

Kathryn sentou-se à mesa em frente a Winnie, e um criado a serviu de ovos e bacon, uma fatia de queijo e um pãozinho fresco. Ela começou a comer, mas tudo parecia ter gosto de papel.

Afastou o prato.

— Sabe aonde Lucien foi? — ela perguntou a Winnie, num tom de voz que esperava que soasse casual.

A tia se surpreendeu.

— Ora, pensei que ele estivesse com você... Está me dizendo que meu sobrinho não passou a noite em seu quarto?

— Não, ele... Não — Kathryn murmurou, mal conseguindo pronunciar a palavra.

— Oh, querida. Bem, ele provavelmente tinha negócios importantes a tratar, talvez um encontro com algum dos seus empregados. Sabe como Lucien é. Segue religiosamente seu planejamento.

Mas a noite de núpcias não tinha sido planejada, assim, obviamente, Lucien devia estar cheio de arrependimentos. Kathryn tentou comer um pouco dos ovos, mas acabou parando mais uma vez e colocou o guardanapo sobre a mesa.

— Espero que não se importe, tia Winnie. É que não estou me sentindo muito bem. Mas tenho certeza de que não é nada grave.

Winnie sorriu bondosamente.

— Mas claro, minha querida. Por que não sobe e descansa? Eu mandarei que lhe preparem um banho no seu quarto. Depois você pode dormir um pouco. E Fanny lhe levará uma bandeja na hora do almoço.

Kathryn concordou. Seu coração estava oprimido. Sentia-se pior agora do que antes. Parecia que cada vez que tentava melhorar as coisas, apenas as piorava.

Mesmo que esteja casada com um homem que não a quer, pelo menos está livre de Dunstan.

As palavras soaram em sua mente e ela sabia que traduziam a verdade. Tentou se animar um pouco. Era verdade que amava um homem que não retribuía seus sentimentos, mas era ainda jovem. Seu futuro estava garantido, poderia realizar seus sonhos.

Não precisava de Lucien para ser feliz, mentiu para si mesma. Tinha seus estudos, o desafio de seu trabalho, e já começara a ajudar algumas pessoas no povoado. Além disso, ainda havia o pequeno Michael a considerar. De um modo ou de outro, ela pretendia tirá-lo do St. Bartholomew.

Tomara conta de si mesma desde que o pai morrera. Precisara se livrar do tio, mas não necessitava de um marido. Na verdade, nunca quisera um. E se, depois da noite anterior, não tivesse engravidado, eles ainda poderiam anular o casamento.

Se Lucien não a quera, que assim fosse. Estava cansada de implorar pelo perdão do marido, cansada de tentar corrigir o erro que cometera levando-o a um casamento forçado. Passaria a evitar Lucien. Por ela, o marquês podia ir direto para os braços do Rei dos Infernos!

A neve derretia tão logo chegava ao chão. Ainda assim, o ar estava frio e penetrava pelas frestas das janelas da taverna Quill & Sword.

Sentado a uma rústica mesa de madeira em um dos cantos da sala, Lucien bebia distraído sua caneca de cerveja. O ambiente estava escuro e enfumaçado e cheirava a bebida e tabaco. Ainda assim, era o refúgio preferido do marquês cada vez que ele queria escapar de seus deveres no Castelo Running, como estava fazendo naquela noite.

Deu uma olhada em volta. Havia alguns soldados que deviam estar em licença e contavam piadas. Uma garçonne de seios fartos olhou para ele e sorriu, um

sorriso que mostrava estar à disposição caso ele se interessasse por algum outro tipo de distração.

A jovem já tinha deixado isso claro nas vezes anteriores, mas Lucien nunca aceitara o oferecimento. Apesar de que não chegava a ser uma ideia assim tão descartável agora que ele insistia em não frequentar a cama de sua esposa.

Suspirou profundamente. Como tinha se metido naquela situação?

Era um tolo, isso sim. Apesar de não estar com vontade de beber, tomou um gole de cerveja, simplesmente para fazer alguma coisa. Olhou em direção à porta e viu Jason entrando. O amigo procurou localizá-lo e, ao vê-lo, sorriu, aproximou-se da mesa e sentou-se.

— Quando ninguém no castelo soube me dizer onde você estava, logo suspeitei que estivesse aqui.

Lucien endireitou-se em sua cadeira.

— Bem, você me encontrou. Este é o único lugar onde consigo manter minha sanidade.

— Problemas em casa?

— Pode-se dizer que sim.

— Pior que naquela noite quando fui lá jogar xadrez? Ouvi quando você esmurrava a porta do quarto de Kathryn. Imaginei que tivesse entrado.

Lucien não fez nenhum comentário, e esse fato foi mais do que suficiente para Jason.

— Desejei ser uma mosquinha naquela noite. Adoraria ter visto o ar de surpresa de Kathryn quando a porta veio abaixo. Porque aposto que você a arrombou.

Lucien grunhiu, lembrando-se da cena.

— Basta dizer que a dama é agora minha esposa de verdade. Não haverá mais anulação do casamento.

Saddie Jenson, a garçonete da taverna, se aproximou da mesa naquele momento, interrompendo a conversa dos dois amigos.

— O que o senhor vai querer, Vossa Graça? — ela perguntou, dirigindo-se a Jason.

— Pode me servir uma caneca daquilo que o marquês está tomando.

Saddie fez sinal que sim e se afastou.

— Você disse que estava me procurando. Quer alguma coisa ou só foi bisbilhotar para ver o que estava acontecendo no castelo?

— Velvet está louca para convencer você e Kathryn, e sua tia, naturalmente, a participarem da festa da véspera de Natal que daremos lá em casa. Compreendo que agora você pode ter outros planos, já que tem sua própria família, mas...

— Família? Não sei se posso dizer isso.

A garçonete voltou com a bebida e sorriu para Lucien, afastando-se em seguida.

— Bem, você tem uma esposa agora, pelo menos. Já é um começo.

— Atração física nunca foi o problema.

— Então, que diabo está acontecendo? Lucien passou as mãos pelo cabelo várias vezes.

— Deus me ajude, não sei o que acontece comigo. Todas as vezes que olho para Kathryn, eu a desejo. Ela não é a mulher que eu queria para minha esposa, mas a desejo assim mesmo. O estranho é que quanto mais eu a quero, mais me afasto dela.

Jason tomou um grande gole de cerveja.

— Sabe o que eu acho? Kathryn o assusta. É corajosa e cheia de energia. Teimosa e determinada e não tem medo de enfrentá-lo de cabeça erguida. Você nunca esperou isso de uma mulher. Queria alguém como Allison Hartman, uma mulher em que pudesse fazer um agradinho de vez em quando e depois ignorar. Não pode fazer isso com Kathryn.

— Você é tão louco quanto ela.

Jason abriu um enorme sorriso.

— Kathryn não é louca, e você bem sabe disso. Eu reconheço que sua esposa é um pouco excêntrica, mas não há nada de errado nisso.

Lucien arqueou uma sobrancelha.

— Excêntrica? Ontem ela me procurou no meu escritório e pediu permissão para montar um laboratório naquela pequena casa de pedra ao lado do riacho. Um laboratório, pelo amor de Deus! Kathryn é a marquesa de Litchfield e quer ser uma espécie de curandeira...

Jason voltou a rir.

— Definitivamente, ela não nasceu para bordar ou tricotar.

— Uma mulher tem de ficar em casa, cuidar do marido e dos filhos, e não andar por aí, colhendo ervas, a metade delas com efeitos colaterais desastrosos.

Jason tomou outro gole de cerveja.

— Deixou que Kathryn usasse a casa de pedra?

— Não.

— Ela me contou que a mãe e a irmã morreram e ninguém pôde fazer nada para salvá-las. Obviamente, a morte das duas a atingiu duramente.

Lucien recostou-se na cadeira.

— Kathryn já passou por sofrimentos incríveis. Não precisa de mais. Mas isso é o que vai acontecer se ela tentar ajudar todos esses camponeses que vivem por aqui. Quem sabe se com o tempo toma juízo e se dá conta de que essa sua missão é ridícula.

Jason levantou a caneca em um brinde.

— Desejo-lhe sorte, meu amigo. Você, definitivamente, vai precisar dela.

Lucien não disse nada. No que se referia a Kathryn, tudo estava encerrado. Talvez se ela comesse a obedecer às suas ordens, os dois pudessem começar a ter um casamento normal.

Como ele esperava que isso acontecesse! Não tinha certeza se conseguiria ficar longe da cama da esposa por muito tempo mais.

— Você consegue ver o homem? — Hollis Wills estava parado junto à janela da taverna.

— Sim, eu o vejo. Está falando com o duque, que dizem ser seu amigo.

— Não podemos enfrentar os dois. O duque é forte demais e vai acabar com a gente.

Murray Tibbons continuou a olhar pela janela.

— Não vamos ter de enfrentar o grandalhão. O duque está indo embora. Parece que o marquês vai ficar para trás.

Hollis sorriu, revelando uma falha entre os dentes da frente.

— O marquês é um homem morto.

Murray apenas grunhiu. Era mais alto que Hollis, e bem mais forte.

— Então, vamos esperar o marquês. Mais cedo ou mais tarde, ele vai ter de pegar seu cavalo.

Hollis esfregou as mãos, tentando esquentá-las. Usava luvas, mas estas de pouco adiantavam. Seguiu Murray, dando a volta na taverna e procurando um lugar discreto para ficarem.

Não tiveram de esperar muito. O som de botas ecoou sobre a terra congelada.

— É ele — Hollis sussurrou.

— Fique quieto — Murray alertou. — Quer que ele saiba que estamos aqui?

Os dois homens esperaram até que Lucien se aproximasse, e então Murray deu um passo à frente e acertou a cabeça do marquês com um pedaço de pau.

Lucien era alto e forte. Recebeu o golpe, mas não caiu, e foi em cima do bandido, acertando-lhe um murro no queixo. Murray se esparramou sobre a neve. Hollys atacou então com a faca afiada.

— Diabos! — O marquês desviou-se rapidamente. Murray levantou-se e o atacou por trás. A faca de

Hollis entrou no peito de Lucien, transpassou o paletó de lã, a camisa de cambraia e penetrou fundo na carne.

Ele gritou de dor, mas mesmo ferido, esmurrou o rosto de Murray várias vezes. Usou os pés para atingir Hollis, porém a faca o atingiu de novo, agora no braço. A dor profunda não o impediu de conseguir chutar a faca da mão do bandido e jogá-la longe.

A cabeça de Murray tinha sido atingida várias vezes pelos murros de Lucien, e escorria sangue de seu nariz e boca. Respirando com dificuldade, ele olhou para Hollis para ambos atacarem juntos, mas o colega covardemente fugiu.

Apesar dos ferimentos, Lucien ainda estava de pé e preparado para enfrentar um novo ataque.

— Se for esperto, siga o exemplo do seu amigo. — A voz dele soou assustadoramente fria.

Murray cuspiu de lado, debochado.

— Pensa que vou fugir e deixar um aristocrata me fazer de idiota? Vou adorar cortar essa sua carinha bonita!

A lua saía de trás das nuvens, e Murray podia ver seu oponente. A ideia era matar logo o marquês e sair dali bem depressa. Agora, porém, não tinha certeza se isso seria possível.

— Você ainda pode sair daqui vivo — disse Lucien, como se, caso Murray ficasse, sua morte fosse inevitável.

O bandido não se intimidou e começou a rodear o marquês, preparando-se para o ataque.

— Está sangrando como um porco! — Murray exclamou. — Não vai ter forças para me derrotar. Eu é que vou matá-lo e só então irei embora.

Lucien sorriu.

— Não penso assim.

Murray podia sentir o suor escorrendo em suas costas. Notou que saía sangue do braço ferido do marquês. Ainda assim, algo no olhar dele lhe dizia que mesmo a faca não seria suficiente para vencê-lo.

O som de vozes alcançou os ouvidos de Murray. Alguém se aproximava. Sem perder tempo, o bandido pegou seu cavalo e sumiu dali sem olhar para trás. Não desistira do dinheiro que receberia se matasse o marquês, mas se prepararia melhor para a próxima vez em que encontrasse aquele maldito aristocrata.

Kathryn estava descendo as escadas quando notou uma confusão na entrada. Viu uma mulher de seios fartos entrar no hall, seguida de dois homens que carregavam um terceiro. Gritou horrorizada ao identificar o ferido.

— Lucien! Oh, meu Deus! — Segurando as saias, ela terminou de descer as escadas, o coração disparado. — Em nome de Deus, o que aconteceu? Ele está mal? Podem levá-lo lá para cima? — E virou-se para o mordomo: — Reeves, mande chamar o médico imediatamente.

— Já fiz isso, milady.

Lucien abriu os olhos bem devagar. Um deles estava quase fechado, e seu lábio sangrava.

— Estou bem — ele disse, sua voz cheia de dor. — Tive um pequeno problema no lado de fora da taverna.

— Nós achamos o marquês inconsciente perto do estábulo — a mulher contou. — Ele perdeu muito sangue, milady. Melhor que vá logo para a cama.

— Sim, sim, claro. Por favor, sigam-me — disse Kathryn.

Lucien tentou ir por si mesmo, mas precisou ser carregado pelos dois homens até o andar de cima. Seu casaco pingava sangue e Kathryn começou a entrar em pânico.

— Ele foi esfaqueado, milady — explicou Mardy, um dos homens.

Eles colocaram Lucien sobre a cama. Com mãos trêmulas, Kathryn abriu o casaco rasgado e a camisa, e examinou o corte no peito do marido.

— Está muito ruim, milady? — a mulher perguntou, aproximando-se.

— A ferida no peito é apenas um arranhão. Mas o braço foi ferido gravemente. Vou ter de suturá-lo.

— Tem certeza de que não quer esperar o médico? — o garçom da taverna indagou.

— O dr. Fredericks mora a duas horas daqui. O sangramento tem de ser estancado, e eu sei costurar a ferida.

A mulher loira não disse nada, mas dirigiu a Kathryn um olhar de respeito.

— Oh, meu Deus! — Com um gemido, Winnie entrou no quarto e colocou a mão na boca, horrorizada. — Ele não está... não está...

Lucien abriu o olho que não tinha sido atingido.

— Garanto-lhe que ainda não estou morto. Possivelmente, porém, logo estarei, já que minha esposa vai começar a praticar a arte da agulha na minha pessoa.

— Não diga isso! — Kathryn exclamou. — E não ouse me impedir, Lucien. Temos de estancar o sangramento e eu sou capaz de fechar o corte.

Ele poderia ter argumentado, mas notou que havia lágrimas nos olhos da esposa.

— Se a sua preocupação for por minha causa, então suponho que eu deva deixar que faça o que achar melhor.

Embaraçada, ela ficou com os olhos cheios de lágrimas e procurou se controlar.

— Está bem, então. — Virou-se para os outros. — Tia Winnie, vou precisar da minha sacola de instrumentos. A senhora a encontrará no meu quarto, debaixo da cama. E quero água quente, panos limpos e uma garrafa de conhaque.

Em seguida, dirigiu-se ao grupo que havia trazido o marquês para casa:

— Serei eternamente grata a todos vocês por terem salvado a vida de meu marido. Ficarei feliz em recompensá-los pelo que fizeram e...

— Não queremos nada, milady — a mulher a interrompeu. — O marquês tem feito muito por nós que moramos na vila. Só queremos que ele fique bom.

Kathryn sorriu.

— Eu... eu lhes agradeço novamente.

Os três a deixaram sozinha com Lucien e, minutos depois, Winnie voltava com a sacola que continha todo o material medicinal. Procurando entre os instrumentos e remédios, ela logo encontrou agulha e linha. Selecionou algumas ervas que passaria sobre o ferimento para que não infeccionasse.

Um criado apareceu com a água quente, e outro com a garrafa de conhaque e uma bandeja com panos limpos.

— Tia Winnie, talvez a senhora possa segurar Lucien — Kathryn sugeriu.

— Oh, Deus!

O marquês olhou para a tia.

— Não preciso de ninguém me segurando. Prefiro que espere lá fora até Kathryn terminar.

Winnie pareceu tão aliviada que Kathryn não insistiu. Não era qualquer pessoa que conseguiria assistir a uma cena como a que aconteceria em seguida.

— Pode ir, tia Winnie — ela disse. — Isto não vai demorar.

— Bem... então vou sair... se tiver certeza de que não vai mesmo precisar de mim.

Kathryn fez sinal de que não precisaria. Logo que Winnie deixou o quarto, ela pegou a garrafa de conhaque, encheu um cálice e o estendeu a Lucien, que o tomou de um só gole. Voltou a encher o cálice, mas ele o afastou.

— Venho bebendo além da conta desde que você entrou na minha vida.

— Mas é para ajudar a aguentar a dor — Kathryn observou, ignorando as palavras dele.

Lucien continuou recusando, e ela parou de insistir.

— Não se preocupe, eu aguento bem a dor.

Kathryn desejou que fosse verdade, pegou tudo o que precisava e colocou uma panela de água quente ao lado da cama.

— Primeiro, precisamos tirar essas roupas ensanguentadas.

Lucien sorriu, apesar da dor que sentia.

— Se não soubesse que vai doer como o diabo, eu acharia muito agradável você me despir.

Kathryn imediatamente sentiu um calor invadir seu corpo, lembrando-se da noite em que haviam feito amor. Aquelas palavras de Lucien eram a primeira referência à ocasião, desde que dormiram juntos. Depois daquela noite, ela havia chegado à conclusão de que decepcionara o marido na cama, daí o fato de ele não tê-la procurado mais.

— Talvez eu devesse chamar seu criado. Holcomb pode me ajudar a levantá-lo.

— Não estou inválido, Kathryn. Sofri apenas um pequeno corte no braço. Se você me ajudar, erguerei meu corpo de modo que possa tirar meu paletó.

Ela não discutiu e não mencionou que o corte não era pequeno. Tirou-lhe a roupa com cuidado. Com o peito nu, Lucien deitou-se novamente, o corte em seu braço sangrando muito.

Kathryn procurou não se descontrolar. Ficar nervosa não ajudaria em nada. O sangue molhara os lençóis e ela não podia continuar ali parada deixando que o marido sentisse tanta dor. Com o coração batendo forte e lutando para manter as mãos firmes, limpou a ferida com água morna e pegou a agulha e linha que havia preparado antes.

— Bem, você já sabe que vai doer.

— Sei. Não se preocupe, faça o que tiver de fazer. Kathryn respirou fundo e procurou se concentrar na tarefa que tinha em mãos. Apesar de Lucien não mover

um único músculo, cada vez que ela enfiava a agulha em sua carne, sentia como se costurasse o próprio corpo.

— Estou quase terminando.

— Isso é mais do que bom. Ela sorriu.

— Mais um pontinho só.

Kathryn terminou de suturar o corte; limpou a ferida do peito, passou uma poção medicinal adequada e então usou as bandagens. Ao terminar, sorriu para o marido, o coração cheio de preocupação e amor.

— Você é muito corajoso — ela disse, passando a mão nos cabelos de Lucien.

— Estou orgulhosa de você.

Agora que os ferimentos haviam sido tratados, Kathryn foi até o pé da cama, tirou as botas que ele ainda usava e também as meias. A calça representava um problema. Embora o tivesse visto nu, tirá-la naquele momento a embaraçava.

— Creio que agora vou deixar o resto para Holcomb — ela disse, tentando não pensar no marido nu, ignorando o calor que sentia.

— Eu o chamarei em um minuto — disse Lucien, quando Kathryn voltou para perto da cama. Estendeu o braço são e passou a mão carinhosamente no rosto da esposa. — Você parece tão cansada quanto eu. Por que não se deita a meu lado um pouquinho?

Era estranho, mas ela queria fazer isso.

— Melhor não. Você precisa tirar a roupa e dormir. Pela manhã poderá me contar tudo o que lhe aconteceu. E talvez eu tenha coragem de perguntar sobre a mulher de seios fartos.

— Vou dormir melhor se você ficar... um pouco comigo. Kathryn voltou a acariciar os cabelos de Lucien.

— Está bem. Ficarei, mas só alguns minutos. — Deitou-se sobre a colcha e descansou a cabeça contra o ombro são do marido. Ela deveria ir embora, chamar Holcomb, colocar o marquês confortável na cama. Em vez disso, ficou ali, absorvendo o calor da pele de Lucien, o cheiro de tabaco e de couro, observando-lhe os músculos do peito.

Estava apaixonada pelo marido. Mas apenas uma noite de amor não havia mudado as coisas: em menos de um ano, o casamento deles terminaria. E era a coisa certa a acontecer para ambos.

O coração de Kathryn doía, porém. Ela desejava que, quando o momento da separação chegasse, tivesse a coragem de partir.

* * *

As festividades natalinas se aproximavam. Na noite da festa do duque de Carlyle, a preocupação de Kathryn por Lucien havia diminuído. Ele continuava com um olho roxo, o canto do lábio ainda ferido, o braço colocado em uma tipóia, mas estava voltando ao seu estado normal.

Ela lhe perguntou o que acontecera na taverna, e ele contou que fora atacado quando estava a caminho do estábulo.

— Penso que queriam dinheiro. A maioria das pessoas da vila sabe que sou o marquês de Litchfield. Os bandidos devem ter pensado que sendo eu um nobre, devia estar com uma quantia substancial nos bolsos.

Sentada na cama, Kathryn examinou os ferimentos e os limpou, depois trocou as bandagens. Lucien não vinha prendendo os cabelos, que batiam nos ombros. Vendo o marido deitado, com o peito nu, os cabelos assim soltos, ela se sentiu subitamente excitada.

— A mulher que o trouxe para casa... — começou a dizer, procurando manter o olhar preso no de Lucien. — Ela parecia conhecê-lo muito bem.

— Parecia?

— Você vai regularmente à taverna. Suponho que conheça a moça.

O marquês sorriu.

— Quer saber até que ponto eu a conheço? Kathryn ruborizou.

— Quero dizer... Achei que parecia que ela estava muito preocupada e... bem, eu apenas pensei...

— Se deseja saber se me deitei com a moça, a resposta é "não".

Kathryn desviou o olhar, embaraçada. Reconhecia, porém, estar muito aliviada com a resposta de Lucien.

— Na verdade, não é um assunto da minha conta. Afinal, temos um acordo e...

— Um acordo?

— Bem, sim, talvez você esteja pensando que por causa do que aconteceu na outra noite... que agora é obrigado a ficar preso ao nosso casamento. O fato é que eu acredito não ter engravidado. Assim poderemos ainda anular o casamento como planejamos.

Em vez de parecer feliz, Lucien demonstrou desapontamento.

— É isso o que você quer?

Kathryn supunha que sim. Era a coisa certa. Havia obrigado o marquês a desposá-la. E ele não a amava, assim a única coisa decente que poderia fazer era deixá-lo livre.

— Claro. É o que eu quero. — Mas a dor que sentiu no peito foi quase insuportável.

Lucien fez uma careta.

— Se é o que quer, então anularemos a nossa união.

Kathryn meneou a cabeça concordando. Sua garganta estava tão apertada que ela não conseguiria falar. Era ridículo se sentir daquele jeito e, no entanto, não podia fazer nada para mudar seus sentimentos e emoções. Nenhum dos dois falou enquanto ela amarrava a bandagem no braço de Lucien e depois saía do quarto.

Nos dias que se seguiram, o dr. Fredericks apareceu diversas vezes para examinar seu paciente. Elogiou o trabalho de Kathryn e pediu-lhe que continuasse a cuidar do marido. Sugeriu que Lucien sofresse sangria uma ou duas vezes, mas o marquês se recusou, e Kathryn se sentiu aliviada.

Jason e Velvet vieram logo que a notícia do assalto fora espalhada. Ficaram satisfeitos em ver que Lucien estava se recuperando rapidamente.

De fato, ele melhorava a olhos vistos, e na manhã da véspera de Natal abordou a esposa.

— Não se esqueceu dos nossos planos de passar a noite com Velvet e Jason, não é?

— Não me esqueci. Mas pensei que não estivesse disposto a participar de uma festa. E depois da nossa última conversa, não tinha ideia do que você estava pensando.

— Estou me sentindo bem. Posso não estar muito bonito, mas se você e Winnie conseguem olhar para mim sem caírem para trás, então estou pronto para me divertir. — Lucien sorriu, e até as marcas em seu rosto não podiam esconder a beleza de suas feições. — Não estamos com muito espírito natalino por aqui. Talvez com as crianças Sinclair à nossa volta, esse espírito possa nos envolver.

Kathryn sorriu, o coração acelerando.

— Eu gostaria muito de ir à festa.

Fazia anos que não participava de festas, isso desde a morte de sua mãe e irmã. Sem as duas, as festividades natalinas apenas traziam lembranças tristes, e assim ela e o pai tinham passado a ignorar a data. Depois que o pai havia morrido e o tio e a prima se mudado para Milford Park, as festas de Dunstan apenas tinham provocado em Kathryn uma sensação de solidão e desespero.

— Carlyle Hall não fica distante daqui, e se sairmos cedo como eu gostaria, chegaremos lá antes que as crianças tenham ido dormir — disse Lucien.

— Está bem. Prometo que farei de tudo para que tia Winnie esteja pronta na hora em que você deseja sair.

Lucien sorriu.

— Então a verei um pouco antes das seis. Kathryn concordou. Ficou observando o marido se afastar. Ele parecia diferente, menos hostil e mais o homem que havia sido antes do casamento.

Um pouco confusa, ela saiu em busca de Winnie para avisá-la de que iriam à festa. Ao mesmo tempo, ficou pensando em qual traje usaria.

Kathryn decidiu-se por um vestido de veludo vermelho, de decote baixo e mangas justas que chegavam aos pulsos.

Agora, estava quase na hora de saírem para a festa. Olhou-se mais uma vez no espelho, ajustou a roupa e desceu para encontrar o marido e Winnie.

Lucien esperava por ela junto às escadas. Quando ergueu os olhos e viu a esposa, algo mudou em sua expressão. Kathryn já havia notado aquilo antes, em mais de uma ocasião, mas sempre dizia a si mesma que estava enganada.

Lucien a desejava e com certeza gostaria de fazer amor com ela novamente. E talvez nem estivesse pensando mais na anulação do casamento.

Ela desceu as escadas e aceitou o braço que ele lhe oferecia, percebendo que não tinha se enganado. Havia uma espécie de ânsia na expressão do marquês, e o beijo que ele lhe deu na mão, mesmo coberta pela luva, fez um arrepio percorrer seu corpo.

— Está adorável, milady.

Ela umedeceu os lábios, um pouco nervosa com o olhar ardente do marido.

— Obrigada, milorde.

Ele continuava sem desviar o olhar, e Kathryn segurou a respiração. Mas o encantamento foi quebrado pela chegada de Winnie, os cabelos loiros penteados em um coque, o vestido elegante e de excelente gosto, parecendo ser apenas um pouco mais velha que Kathryn. Lucien sorriu com claro orgulho e afeição pela tia.

— Serei um homem invejado esta noite, já que estarei na companhia das duas mulheres mais bonitas da Inglaterra.

Um leve rubor cobriu o rosto de Winnie. Ela olhou para o sobrinho e depois para Kathryn.

— Penso que todos nós temos sorte, Lucien. Não concorda comigo, minha querida?

Kathryn sorriu, subitamente animada. Virou-se para Lucien e sentiu seu olhar intenso.

— Concordo, sim, tia Winnie.

E era verdade. Tinha a companhia de um homem incrivelmente bonito... A sorte estava do seu lado naquela noite.

Lucien também parecia satisfeito. Kathryn ficou pensando o que teria mudado seu humor, mas decidiu deixar isso de lado e apenas desfrutar o momento. Aceitando o braço do marido, enquanto Winnie pegava o outro, ela o deixou guiá-la até a porta; logo depois, os três subiram na carruagem.

Chegaram à mansão dos Carlyle quando uma linda lua brilhava no céu. Rodeada de uma paisagem de campos abertos e florestas, Carlyle Hall era mais magnífica do que Kathryn imaginara. Um par de criados com uniforme vermelho recepcionava os convidados.

— Estamos felizes que tenham vindo — Velvet disse, abraçando Kathryn. — Você está linda.

Kathryn fez uma reverência à duquesa.

— Obrigada, Vossa Graça. Velvet abanou os braços e sorriu.

Pelo amor de Deus, nada de formalidades. Não nesta noite. Somos uma família e estamos aqui para celebrar o Natal.

Emocionada, Kathryn ficou com os olhos cheios de lágrimas. Ela não tivera uma família nos últimos tempos. Não havia percebido antes como se sentia tão solitária até aquele momento. E lembrou-se do Natal anterior, passado na casa de loucos, comendo apenas pão e batatas, sentada no chão sujo.

— Kathryn... — Lucien murmurou em seu ouvido. — Está se sentindo bem, querida?

— Oh, lamento muito. Por um momento, eu me vi de volta àquele lugar... — Tentou sorrir. — Não foi uma boa lembrança.

Lucien inclinou-se e beijou-a na testa.

— Está livre dessas lembranças agora. Hoje à noite teremos a chance de criar recordações felizes.

— Lucien tem razão — Velvet concordou. — Agora você está conosco e é isso que importa. Deixe as memórias ruins para trás e desfrute as novas,

Kathryn enxugou uma lágrima.

— Você é uma amiga maravilhosa, Velvet.

Velvet acariciou a mão de Kathryn.

— Venha conhecer os outros convidados. As crianças estão esperando para conhecer a esposa de tio Lucien.

Sorrindo, Velvet voltou aos seus deveres de anfitriã, reunindo-se ao marido para cumprimentar os convidados que chegavam, enquanto Lucien levava Kathryn ao salão onde estavam as crianças.

Kathryn se encantou com elas. O menino parecia uma miniatura de um cavaleiro, uma versão infantil do pai. A menina, mais nova que o irmão, era uma bonequinha.

— Tio Lucien! Estava torcendo para que viesse. — Lucien colocou um dos joelhos no chão e recebeu o menino, que correu para os seus braços.

— É Natal, não é? Claro que eu viria.

A pequena Mary Ann, trajando um vestido de seda rosa, os cabelos vermelhos e brilhantes como os da mãe, olhou para Lucien e riu. Ele a beijou no rosto e começou as apresentações.

— Alex e Mary, esta é sua nova tia Kathryn.

Kathryn estava encantada com a forma como Lucien lidava com as crianças. Lamentou que seu casamento seria anulado. Gostaria muito de ver o marquês lidar com seus próprios filhos.

— Diga alguma coisa — Lucien lhe sussurrou no ouvido, vendo que ela ficara ali parada, apenas olhando para as crianças. — Eles podem se assustar vendo você gaguejando.

Kathryn fez uma reverência aos pequenos e pegou suas mãozinhas.

— É um prazer conhecer vocês. Gostaria que nos tornássemos grandes amigos.

Alexander riu e olhou-a com aqueles adoráveis olhos azuis. Kathryn se sentiu imediatamente apaixonada pelo garotinho.

— Igualzinho ao pai, não é? — Lucien observou. — Está com apenas quatro anos e já consegue com que todas as mulheres que o conhecem se apaixonem por ele.

Assim como você também, Kathryn pensou, notando que várias mulheres no salão não desgrudavam os olhos dele. Com discrição, admirou o perfil do marido, a perfeição de suas feições. E ele estava definitivamente diferente naquela noite. Talvez fosse o Natal que o deixasse assim. Percebeu, porém, que os olhos de Lucien se voltavam para ela a toda hora, e sempre cheios de carinho.

— Eu vou fazer três anos — disse Mary, parecendo chateada porque todas as atenções estavam voltadas para o irmão mais velho.

Kathryn riu e abraçou a menina.

— Não tenha pressa de crescer, minha querida. O tempo passa rápido demais.

Mary apenas riu e correu para brincar com o irmão. Kathryn observou as crianças em meio aos convidados e agradeceu a Deus por ter a chance de passar o Natal naquele lugar e com aquelas pessoas, longe dos horrores do St. Bartholomew.

A lembrança de seu passado trouxe-lhe à mente a imagem do amiguinho Michael. Desejou criar coragem de falar com Lucien sobre o menino e lhe pedir ajuda para que o tirasse também daquele lugar medonho. Temia, no entanto, que o marido se recusasse a se envolver nisso.

— Está acontecendo de novo, querida. É muito mais bonita sem essa expressão atormentada. — Lucien acariciou de leve o rosto de Kathryn. — Esta noite pertence ao futuro, não ao passado.

Kathryn sabia que ele tinha razão. No dia seguinte, pensaria novamente em seus problemas, mas aquela noite era véspera de Natal e ela pretendia se divertir.

Lucien observou sua esposa enquanto a apresentava para alguns amigos de Jason; lorde e lady Balfour, o conde e a condessa de Briarwood; o famoso advogado de Londres, Winston Parminter, e algumas outras pessoas.

Kathryn já tinha sido apresentada ao advogado de Lucien, Nathaniel Whitley, e agora o reencontrava na festa. Mas de quem ela gostou mais foi do conde de Haversham, o avô da duquesa, que divertia a todos com histórias da infância de Velvet. Depois disso, ela conseguiu relaxar e se divertir, voltando a ser a dama que havia sido antes de seus infortúnios.

Parado ao lado de Jason, Lucien observava Kathryn sentada à mesa, conversando com Winnie e com o velho conde. Ela comia bastante, como se quisesse compensar o tempo em que lhe faltara comida. Ele ficou tenso com o simples pensamento de que a esposa passara fome.

— Kathryn é uma linda mulher — Jason observou, seguindo o olhar do amigo.

— Sim, ela é.

Particularmente naquela noite, Lucien pensou. Estava mais linda que nunca. O vestido de veludo vermelho destacava os reflexos de seu cabelo e fazia sobressair também os seios, que pareciam implorar para ser tocados.

Ele sentiu que começava a ficar excitado à mera lembrança da noite em que haviam feito amor.

— Desde que ela foi morar no castelo, recuperou o peso que havia perdido. E há um brilho em seu rosto que não se via antes.

Lucien sorriu ao pensar que fora responsável em parte por aquela transformação. Notou então que Jason o fitava com uma expressão estranha.

— O que foi? Quer me perguntar alguma coisa?

— Quero saber o que está acontecendo. Estive observando você a noite toda. Algo aconteceu nesse seu cérebro. Conte-me o que foi.

Lucien sorriu.

— De fato, você pode mesmo dizer que algo aconteceu. Finalmente cheguei a bons termos com a minha situação atual. O que aconteceu lá na cabana ficou no passado. O fato é que estou casado. É hora de seguir adiante com minha vida, e é exatamente o que vou fazer.

— O que significa que...

— Simplificando, resolvi ficar com Kathryn. Ela pensa que anularemos o casamento, mas eu decidi que não.

Jason abriu um enorme sorriso.

— Oh, finalmente colocou juízo nessa sua cabeça.

— Talvez seja isso. Enquanto me recuperava dos ferimentos, tive tempo para pensar. Na verdade, preciso de uma esposa, e não faço segredo algum de que me sinto atraído por Kathryn. Cheguei à conclusão de que a mulher com quem me casei pode me levar a realizar tudo aquilo que planejei. Talvez até melhor do que se eu tivesse desposado Allison Hartman. Como você já disse, Kathryn é inteligente e forte. Vem de uma família nobre. Em resumo, é uma aristocrata, e acredito que será uma boa mãe para os meus filhos. Observando-a esta noite com Alex e Mary, tive ainda mais certeza disso.

— E o fato de ela se interessar por assuntos que você desaprova?

Lucien deu de ombros.

— Com o tempo desistirá deles naturalmente. Uma vez que esteja esperando bebê, vai se esquecer dessa bobagem toda e se comportar como uma boa esposa. Já é mais que tempo de eu ter um herdeiro, e pretendo arranjar um logo.

Jason observou o amigo como se ainda tivesse suas dúvidas, mas não fez nenhum comentário.

— Se Kathryn ainda quiser a anulação do casamento, o que pretende fazer para dissuadi-la da ideia?

Lucien olhou para a esposa, que ria de alguma coisa que lorde Haversham dizia.

— Pretendo seduzi-la.

Jason riu alto, chegando quase a derrubar o vinho da taça que segurava.

— Meu amigo, você nunca deixa de me surpreender. Não seria mais fácil simplesmente dizer a ela que não quer terminar com o casamento?

— Poderia ser mais fácil se eu tivesse certeza absoluta de que ela concordaria. No entanto, não tenho essa certeza, assim vou por outro caminho.

Jason olhou para Kathryn, que se reunira a Velvet e às crianças.

— Talvez tenha razão. Melhor não arriscar.

Não, ele não arriscaria, Lucien pensou. Kathryn seria sua esposa plenamente, e o mais rápido possível. Ele a queria em sua cama, continuando com o que começara na primeira vez em que haviam feito amor. Todas as vezes que a via, lembrava-se de como ela participara ardentemente do ato de amor.

Agora que tinha tomado sua decisão, queria que ela engravidasse logo. Era surpreendente como estava ansioso para que isso acontecesse.

CAPITULO VI

As festas natalinas passaram. Foram dias cheios de alegria, como aqueles que Kathryn vivera quando criança. Ela, Lucien e tia Winnie haviam trocado presentes. Kathryn deu a Winnie um lindo cachecol de cashmere, e a Lucien, uma elegante caixinha de fumo com suas iniciais gravadas em ouro. Lucien a surpreendeu com um colar de esmeraldas e diamantes tão maravilhoso que lhe tirou o fôlego.

— Oh, milorde, não posso aceitar um presente como este. É valioso demais. Em menos de um ano estarei partindo e...

— Mas estamos vivendo o presente, não o futuro. Estou lhe dando este colar como um amigo, e quero que fique com ele.

Lucien, porém, não a olhava como um amigo, Kathryn pensou naquele momento. Seus olhos revelavam desejos ardentes que a inquietavam. Chegou mesmo a sentir como se seus lábios estivessem unidos e trocando carícias, aquelas que ela vivenciara antes. Viu-se beijando o pescoço de Lucien, como na noite em que haviam feito amor. O calor invadiu seu corpo, atingindo sobretudo as partes mais íntimas.

No dia seguinte ao Natal, Lucien a levava para um passeio de charrete na neve. Vestidos com agasalhos pesados, os dois se divertiram, e Kathryn por diversas vezes observara no olhar dele o brilho do desejo.

Agora, naquele momento, ela se encontrava na casa de pedra ao lado do riacho, onde montara seu laboratório, apesar de o marquês ter deixado claro que isso lhe era proibido. Ela tinha ignorado sua ordem e começara a trabalhar ali. Afinal,

pensara, pelo menos por enquanto, estava casada com lorde Litchfield e isso lhe dava certo direito de usar o que pertencia ao marido.

Além do mais, sabia que a única razão que o levara a negar o uso daquele lugar era porque desaprovava o interesse de uma mulher pelo que ele chamava de "prática vulgar da cura". Lidar com ervas e poções na tentativa de curar os doentes já era ruim o suficiente, Lucien pensava, mas sentir curiosidade pela anatomia, isso era algo inaceitável e reservado apenas aos homens.

Tais interesses não eram apropriados para a marquesa de Litchfield, Lucien dissera a ela mais de uma vez. Ainda assim, Kathryn não abria mão nem de seus estudos nem de ajudar as pessoas doentes. Definitivamente, não era o tipo de mulher que ficava sentada bordando ou tricotando ou misturando tintas e pintando quadros. Até poderia fazer isso, mas sua paixão era estudar as doutrinas antigas das curas naturais e usá-las para ajudar as pessoas a se livrar das doenças.

Ansiava por aprender mais e mais sobre o corpo humano e entender como ele funcionava. Queria saber como os ossos se ligavam e como o sangue circulava debaixo da pele, como melhor curar as feridas, como tratar ou talvez até prevenir as doenças.

Mas o marquês não queria entender isso. Talvez ninguém conseguisse entender. Não era o tipo de coisa em que uma dama devesse se envolver.

Kathryn, porém, não se importava. Havia encontrado sua vocação e se comprometido com ela. Mesmo antes de montar seu pequeno e secreto laboratório na casa de pedra, ela vinha preparando poções, colhendo ervas e levando-as para doentes na vila. Agora tinha seu próprio lugar, a novidade havia se espalhado e as pessoas iam até ali para se consultar com ela e ser medicadas.

Geralmente trabalhava no laboratório às tardes, quando o marquês estava supervisionando os campos, trabalhando com os capatazes ou entretido com os livros de contabilidade.

Winnie sabia onde ela estava, claro, e surpreendentemente tinha aprovado sua decisão de desobedecer às ordens do marido.

— Meu sobrinho pode ser um tolo às vezes. Ele imaginou se casar com uma moça dócil e obediente, mas uma mulher assim o deixaria no mais profundo tédio. Deve seguir sua consciência, Kathryn. Deve fazer o que achar melhor. Com o tempo, Lucien aprenderá a aceitá-la do jeito que você é.

Mas Kathryn não pensava assim. Convencera-se de que a melhor coisa a fazer seria insistir com a anulação do casamento, mesmo que seu coração doesse cada vez que pensava em deixar o Castelo Running. Era horrível imaginar-se casada com qualquer outro homem que não fosse Lucien, mas não poderia deixar de se casar de novo, caso contrário seu tio voltaria a ser seu tutor.

Pensou na reação de Dunstan quando se visse sem a herança da sobrinha, já que a fortuna seria transferida agora para o marquês e o advogado dele. Os papéis estavam sendo preparados, e secretamente Kathryn desejava que o tio estivesse se remoendo de raiva. Se seus limitados fundos o deixassem em situação precária, então que assim fosse. Preocupava-se, porém, com sua prima Muriel, embora esta nunca tivesse sido sua amiga.

Talvez pudesse falar com Lucien sobre o assunto e pedir que Muriel recebesse uma mesada, e que também fosse estipulada uma quantia suficiente que lhe servisse de dote.

Fora isso, Kathryn não tinha pena do conde de Dunstan, mas sim a certeza de que um dia o homem queimaria no inferno.

Douglas Roth, o conde de Dunstan, estava sentado à sua escrivaninha no luxuoso escritório de Milford Park. Com o passar do tempo, ele terminara por considerar seu o aposento, que pertencera ao falecido conde de Milford. Na verdade, considerava sua toda a propriedade. E imaginava-se desfrutando uma vida de conforto e luxo naquele lugar.

No entanto, graças à sua maldita sobrinha, logo teria de deixar a casa e o controle do dinheiro. Havia gastado uma boa parte da herança de Kathryn em extravagâncias, e isso não mais aconteceria,

Ouviu baterem à porta. Tratava-se de seu homem de confiança, Evan Sloan. Era fiel ao conde graças às polpudas quantias que recebia havia tempo e por poder morar com conforto em uma das casas de Milford Park.

— Fiz uma barganha com o diabo — anunciou Sloan, ao entrar.

— O que quer dizer com isso?

— Ofereci uma recompensa para quem matar o marquês de Litchfield.

Douglas arregalou os olhos, alarmado, e se levantou.

— Mas a recompensa chamará a atenção de muita gente. Toda a Inglaterra vai querer matar o homem. Se ligarem esse fato a mim...

— Ninguém vai ligar — Sloan declarou com firmeza.

— E há apenas dois homens envolvidos. Já fizeram uma tentativa, porém falharam e o marquês foi apenas ferido. Mas não vão falhar uma segunda vez.

Douglas se acalmou e voltou a se sentar em sua cadeira.

— Muito bem. Talvez a ideia seja boa. Veremos se essa sua barganha com o diabo vai dar certo.

— Mas é claro que sim, eu lhe asseguro. Os dois homens são competentes. É só uma questão de tempo para que eles acabem com o marquês.

— Lembre-se de que não tenho muito tempo. É esperado que eu deixe esta casa nos próximos trinta dias. — Douglas franziu a testa. — Mas não pretendo sair daqui.

Sloan levantou-se, pronto para ir embora.

— Tampouco eu, milorde.

Douglas observou seu homem de confiança retirar-se. Logo que a porta se fechou, ele pegou os papéis que havia recebido de Nathaniel Whitley naquela manhã. Sorrindo, rasgou-os e os jogou na lareira.

Lucien estava preocupado com sua tia. Winnie vinha se comportando estranhamente desde as festividades de Natal. Ele tinha imaginado que após as festas a tia voltaria ao seu habitual bom humor. Mas ela continuava distraída, parecendo sempre distante e um pouco nervosa. Kathryn havia notado isso também, e sua preocupação uniu-se à do marido, que decidiu descobrir o que estava acontecendo.

Naquela tarde Lucien chegou mais cedo de suas tarefas exatamente para poder falar com Winnie. E a convocou para uma conversa.

— Boa tarde, Lucien — disse ela, aparecendo na porta, usando um vestido de lã azul. — Reeves disse que gostaria de me ver.

Lucien foi ao encontro da tia e a levou até um sofá em frente a uma grande janela que dava para o jardim. Sentou-se em uma poltrona ao lado e apontou para uma bandeja com chá.

— Está um dia frio. Pensei em tomarmos uma xícara de chá. Pode servi-lo, tia Winnie?

— Naturalmente. — Sorrindo, ela encheu duas xícaras de porcelana, acrescentando um pouco de leite e açúcar, que era como ambos gostavam de tomar o chá. Estendeu a Lucien uma xícara e pegou outra para si. Acomodou-se então no sofá.

— Não sei bem por onde começar — disse Lucien. Winnie sorriu para o sobrinho.

— O melhor é ir direto ao que interessa.

— Está bem. Quero lhe dizer então que Kathryn e eu estamos preocupados com a senhora.

Winnie mostrou-se surpresa.

— Deus do céu, por que estariam preocupados comigo? Lucien assoprou seu chá para esfriá-lo.

— Alguma coisa a está aborrecendo, tia Winnie. Posso ver isso em seus olhos, e Kathryn também notou a mesma coisa. Quero que me diga o que está acontecendo.

A xícara tremeu nas mãos de Winnie, que a colocou na mesinha.

— Eu diria se pudesse. Mas simplesmente não seria justo.

— Por que não?

— Porque envolve alguém com quem você mantém um relacionamento. Se eu disser o que aconteceu, você poderá ver essa pessoa de forma diferente, e eu não quero que isso aconteça. Lucien ficou alerta.

— Algum homem a ofendeu?

— Não, não. Não é nada disso. Realmente é uma bobagem. Os homens são um pouco atrevidos com as mulheres todo o tempo. Eu deveria até estar envaidecida por ter recebido esse tipo de atenção. Poderia, mas... bem... é que pensei que esse cavalheiro em particular fosse diferente. Talvez ter descoberto que ele não é diferente é que tenha me aborrecido tanto.

— Há muitos homens que a acham atraente, tia Winnie. A senhora é uma mulher muito bonita.

Winnie ruborizou com o elogio.

— Obrigada, Lucien.

— Esse homem... seja ele quem for... não conseguiu se conter?

Winnie desviou o olhar, seus dedos torcendo as dobras do vestido.

— Ele é casado.

Lucien arregalou os olhos, surpreso.

— Casado? Por um momento pensei que estivesse falando de Nathaniel Whitley, já que sei como ele se sente em relação à senhora, mas Whitley não é casado, então...

Winnie endireitou o corpo, seu rosto tomado pela raiva.

— Mas é claro que ele é casado. Nat se casou com Emma Hanson dois anos depois que ele e eu... Bem, quero dizer, Nathaniel é casado há cerca de vinte anos.

Lucien sorriu, entendendo a situação.

— Emma morreu há dois anos, tia Winnie. Pensei que a senhora soubesse. Tenho certeza de que Nat também pensou.

— Emma está... Emma morreu? — Winnie se levantou do sofá, trêmula, a xícara de chá esquecida sobre a mesinha.

— Sim.

Ela se virou e olhou em direção ao jardim, sem enxergar nada. Procurou enfiar as mãos nos bolsos do vestido para que Lucien não as visse tremendo.

— Se Emma morreu, então Nathaniel é viúvo...

— Sim, claro. Perder Emma foi doloroso para ele, mas Nat parece já estar mais conformado.

— Nathaniel disse... — Winnie engoliu em seco e continuou olhando para o jardim. — Nat expressou interesse por mim... propôs um relacionamento, foi isso. Pensei que ele estivesse sendo atrevido e fazendo propostas indecentes... — Winnie voltou-se para o sobrinho. — Eu recusei a proposta de forma bem rude. Oh, Deus, o que foi que eu fiz?

Assim dizendo, ela correu para a porta e quase a tinha alcançado quando tomou consciência de que o sobrinho a olhava admirado.

— O chá terá de ficar para depois. Preciso ir a Londres imediatamente.

Lucien colocou sua xícara sobre a mesa e levantou-se.

— Claro, tia Winnie. Vou mandar que lhe preparem uma carruagem. A senhora e a sua criada podem partir amanhã cedinho.

Winnie balançou a cabeça em negativa.

— Prefiro partir hoje mesmo, se não se importar. Posso fazer minhas malas e estar pronta em uma hora.

— Não acho boa ideia, tia Winnie. Estará escuro em Londres quando chegar lá. Eu preferia que esperasse.

Ela se aproximou de Lucien e pegou sua mão.

— Por favor, meu querido, eu preciso ir. Imploro para que não me detenha.

Ele nunca a tinha visto daquele jeito. Evidentemente, havia mais naquela história do que ele sabia, mas o que quer que fosse, talvez a viagem a Londres acertasse tudo e a tia voltasse a ser como era antes.

— Dois criados a acompanharão na viagem. Poderá partir tão logo esteja pronta.

— Obrigada.

Ela virou-se e saiu apressada da sala. Lucien a viu sair, ainda um pouco preocupado com aquele mal-entendido entre a tia e Nat Whitley. Deu ordens para que uma carruagem fosse preparada e estivesse à porta da frente em pouco tempo.

Saiu para a varanda quando Winnie estava para partir.

— Faça uma boa viagem e eu a verei no fim da semana. Winnie sorriu e acenou para o sobrinho.

— Tia, antes de ir embora, diga-me onde posso encontrar Kathryn. Procurei por toda parte, mas foi inútil.

Winnie empalideceu. Por um instante, seu olhar se dirigiu à floresta.

— Lamento não saber onde ela está neste momento — mentiu. — Talvez tenha ido à vila.

Lucien franziu a testa.

— Suponho que sim.

Ele não acreditava naquela possibilidade. Nem por um instante. A tia estava mentindo, e não era muito boa nisso, sobretudo quando seu pensamento já estava em Londres. Estava encobrindo Kathryn... mas por quê?

Winnie entrou na carruagem e sentou-se ao lado da criada. Quando o veículo se afastou, ela acenou pela janela, porém mais uma vez seu olhar se dirigiu ao riacho.

Naquele instante, Lucien soube aonde sua esposa tinha ido, e mal acreditou que ela tivesse ousado contrariá-lo. Voltou para casa extremamente irritado e chamando pelo mordomo.

— Reeves! Pegue meu casaco e faça isso bem rápido.

— Sim, milorde. — O criado voltou com um casaco pesado, que Lucien jogou nos ombros. Estava furioso com Kathryn e criticando-se por ter sido tão tolo. Rumou para o estábulo para pegar seu cavalo.

Não demorou e estava chegando à casa de pedra junto ao riacho, quando viu que sua suspeita era correta. A pequena égua de Kathryn encontrava-se amarrada ali perto e havia fumaça saindo pela chaminé.

Lucien praguejou e começou a descer a colina.

— Espero que ajude, sra. Finch. Furúnculos podem ser muito perigosos, além de dolorosos.

— Tem razão, querida. — A mulher sorriu, expondo dentes escuros e quebrados. — Mas já estou me sentindo melhor.

Kathryn imaginou que sim. Havia aplicado um óleo no furúnculo e tinha certeza da eficácia do remédio. A mulher estendeu-lhe uma cesta com ameixas.

— Aqui estão, querida. Fui eu mesma que as colhi. E obrigada de novo.

— É sempre bem-vinda, sra. Finch, e tenha um bom dia.

Kathryn fechou a porta com um sorriso de satisfação e voltou ao livro que estivera lendo, um volume sobre remédios que a duquesa tinha descoberto na biblioteca de Carlyle Hall e enviado para ela como presente de Natal.

Acabara de se sentar em uma cadeira confortável quando ouviu a porta se abrir e o marquês entrar. Surpresa, ela se levantou, deixando cair o livro. Por um momento pensou em pegá-lo, mas acabou largando-o no chão.

Lucien passou o olhar pelo lugar, detendo-se nos potes no parapeito da janela, nas ervas, em uma mesa que devia ser para os pacientes se deitarem.

A casa estava limpa e aquecida com o fogo da lareira. Em uma estante, havia vários livros vindos da biblioteca do castelo.

— Talvez minha memória esteja falhando, mas parece que você me pediu permissão para usar este lugar, e eu disse não.

Kathryn engoliu em seco e se esforçou para não desviar o olhar.

— Agi contra os seus desejos, milorde, mas...

— Contra os meus desejos? Essa é uma forma delicada de dizer que desobedeceu às minhas ordens e fez exatamente o que queria?

Kathryn mordeu o lábio. O marquês era intimidador quando estava zangado.

— A casa não estava sendo usada e eu precisava de um lugar para trabalhar. Esperava que aprovasse a minha ideia. Já que não o fez, não tive outra escolha.

— Oh, é assim que vê o que aconteceu? Que não tinha outra escolha senão desobedecer às minhas ordens?

Kathryn ergueu o queixo em desafio.

— Sou sua esposa, pelo menos por enquanto, e achei que isso me dava o direito de usar áreas da sua propriedade.

Os olhos de Lucien pareciam mais escuros.

— Pelo menos nisso, senhora, está certa. É definitivamente minha esposa. — Ele deu um passo à frente. — O erro que cometi foi não me certificar de que tivesse entendido isso completamente. Mas acredito que ainda está em tempo de eu corrigir esta situação.

Kathryn gemeu quando Lucien a agarrou pelos ombros e a puxou para junto de si. Seus lábios procuraram os dela, em um beijo possessivo. Seus corpos estavam tão próximos que ela sentiu a excitação do marido.

De violento, o beijo passou a ser mais gentil, mais sedutor. Lucien lambeu os cantos dos lábios de Kathryn. Ela retribuiu a carícia com impaciência, deixando transparecer seu próprio desejo.

Suas mãos envolveram o pescoço dele, e suas pernas começaram a tremer. Lucien devia ter percebido isso, pois a encostou contra uma parede, dando-lhe outro beijo úmido e ardente, e Kathryn gemeu de prazer. Ele começou a lamber sua nuca e a lhe desabotoar o vestido. Tirou os grampos de seus cabelos e os deixou soltos.

— Oh, Kathryn! — ele exclamou e a beijou com frenesi.

Ela correspondeu às carícias com a mesma intensidade. Tremia por inteiro, sentindo o próprio corpo em chamas.

Com movimentos hábeis, Lucien lhe tirou o vestido, desabotoou as roupas de baixo e logo inclinava a cabeça para tomar os mamilos nos lábios.

— Você me pertence, Kathryn — ele murmurou. — É minha esposa agora e é assim que continuará sendo.

— Mas... mas e sobre o...

Lucien a silenciou com um beijo faminto. Acariciou os seios nus, usando a língua, e Kathryn sentiu os joelhos dobrando. Somente os braços do marido a impediram de cair.

Ela arqueou o corpo para trás, querendo que Lucien a possuísse. Já estava pronta para o ato de amor. O marquês envolveu os seios, apertou-os, testou-os com a língua. Agora Kathryn também participava ativamente do ato, procurando pelo pescoço de Lucien, tocando no corpo dele, abrindo-lhe a camisa.

Lucien a beijou mais uma vez enquanto abria os botões da calça. Gemeu quando seu sexo encontrou a parte macia entre as pernas da esposa e começou a penetrá-la, devagar a princípio, depois de forma descontrolada, fazendo-a chamar pelo nome dele.

— Eu sou seu marido — murmurou. — Repita isso.

Kathryn balbuciou palavras desencontradas.

— Diga — Lucien exigiu.

— Você é meu... marido.

A partir daquele instante, ele procurou dar prazer a Kathryn e satisfazer o próprio desejo reprimido. Os movimentos se intensificaram e Lucien a penetrava mais e mais.

— Oh, eu quero fazer isso há tanto tempo — ele murmurou.

Kathryn tentou pensar, porém mal conseguia se lembrar de respirar. Ouvia a voz de Lucien baixa e rouca:

— Você é tão deliciosa... tão perfeita para mim...

As palavras a deixaram ainda mais trêmula, mais quente, mais cheia de desejo e os músculos de seu estômago se contraíram. Ele finalmente explodiu com um prazer tão intenso que ela pensou que fosse desmaiar. Agarrou-se ao marido, pensando em quanto o amava e em como era bom estar com ele daquele jeito. Era exatamente o que sempre desejara.

Longos minutos se passaram. Sentindo-se saciado, Lucien beijou o pescoço de Kathryn e a colocou de pé.

Não pretendia possuí-la ali, nem daquela forma selvagem. Não ainda. Tinha ido à casa de pedra para confrontá-la, mas a raiva havia sido suplantada pelo desejo e ele se descontrolara. Lembrando-se de como era fantástico estar dentro da esposa, não conseguia lamentar o acontecido.

Acariciou o rosto de Kathryn, e sua mente o levou a outros tempos, a outras mulheres. Havia desfrutado muitos prazeres, no entanto nada se comparava ao de agora.

Com Kathryn, era diferente. Todas as vezes que a via, ele a desejava. Quando faziam amor, perdia-se dentro dela de uma forma como jamais lhe acontecera. Queria dar prazer à esposa, mas era mais que isso. Queria-a fazendo parte dele.

Isso chegava a assustá-lo. Como uma mulher tinha a capacidade de afetá-lo daquela forma? Nem bem acabara de fazer amor e sentia-se de novo excitado. Se não se controlasse, arrancaria as roupas de Kathryn e a possuiria outra vez.

— E quanto à anulação, Lucien? Pensei que tínhamos concordado que era a melhor coisa a fazer. O que ambos queríamos.

— Verdade? Talvez tenha havido um tempo em que pensei que fosse a melhor coisa, mas penso diferente agora. Não vai haver anulação, Kathryn. Estamos casados e é assim que continuaremos.

— Mas eu pensei... Se queria um casamento de verdade, por que não voltou ao meu quarto? Pensei que naquela noite... você não tivesse ficado satisfeito comigo... mas esperava que com o tempo...

— Foi isso o que pensou? Que não tinha me agradado? Pelo amor de Deus, Kathryn, passo o tempo todo pensando em fazer amor com você!

— Mas se era assim que se sentia, por que não voltou ao meu quarto?

Ele acariciou-lhe o rosto e percebeu que ela estremecia.

— Você me deseja agora?

— Sim. Gosto quando me toca, de como me faz sentir. Sei que a maioria das pessoas não pensa que uma mulher possa sentir desejo por um homem, mas eu não sou como a maioria das mulheres.

Lucien não podia argumentar contra isso. Kathryn era diferente de todas as mulheres que ele conhecera. E essa diferença o perturbava.

Suspirou profundamente.

— Talvez seja essa a razão que me manteve afastado de você depois daquela noite. Tentei pensar sobre os meus sentimentos e os seus. Uma vez que fiz isso, percebi que o melhor seria continuarmos casados.

— Por quê? Pode me desejar, mas não me ama, Lucien. Por que quer continuar casado com uma mulher que você não ama?

Ele voltou a suspirar antes de responder:

— O amor é para os inocentes e tolos, Kathryn. Não me encaixo em nenhuma dessas classificações. Desejo companheirismo, metas comuns, paternidade. Isso é que é importante em um casamento.

Ela não discutiu, mas em seus olhos estava claro que não concordava com aquele argumento. Lucien sentiu-se desconfortável e começou a olhar em tomo do aposento.

— Sei que acredita que o seu trabalho aqui é importante, mas sabe que não o aprovo. — Ele pegou uma vasilha. — O que é isto?

— Remédio contra tosse. Ainda o estou preparando. Lucien apanhou outra vasilha e a cheirou.

— E o que tem aqui dentro?

— Vinho branco, açúcar, arnica, figos e...

— Você é a marquesa de Litchfield — ele disse, continuando a vistoria, pegando uma garrafa aqui, um pote ali, e finalmente voltando para junto de Kathryn. — Preparar poções e elixires não é o que uma dama da sua posição deve fazer.

— Estou ajudando as pessoas. Como isso pode ser errado?

— Tem sorte de ainda não ter sido chamada de bruxa ou de não ter matado alguém com esses seus remédios. Roger Ferris disse que a esposa dele ficou de cama por três dias depois que bebeu uma das suas poções.

— A esposa de Roger se refugiou na cama como desculpa para evitar os deveres de esposa. Aparentemente, o marido dela é bastante incompetente nas artes do amor.

Lucien teve de dominar a vontade de rir. Continuou olhando os potes e vidros para disfarçar.

— Não me importo com a vida de Roger Ferris e da mulher dele, ou com qualquer outra coisa. Quero que pare com toda essa bobagem.

— Mas é o sonho da minha vida! É como se estivesse me pedindo para parar de respirar!

— Então pode começar a segurar a sua respiração. Você é minha esposa e eu a proíbo de continuar com isto aqui. Em caso de ter se esquecido, foi você quem instigou o nosso casamento.

— E é você quem quer que ele continue.

Os dois se olharam até que Lucien se inclinou, beijou levemente os lábios de Kathryn e a puxou para os seus braços.

— Não acho que odeie estar casada comigo — ele disse com certa arrogância.

Kathryn finalmente capitulou.

— Está bem, se quer que eu pare, eu paro. Mas quero algo em troca.

— E o que é?

— Há uma criança, um menino, no St. Bartholomew. Eu o mencionei a você uma vez. Talvez se lembre.

Lucien vasculhou a memória e por fim meneou a cabeça.

— Sim, eu me lembro de você ter falado qualquer coisa sobre um garoto.

— O nome dele é Michael, e ele não é louco. Pelo contrário, ele é inteligente e só dá alegrias a todos. Simplesmente teve a infelicidade de nascer naquele lugar. A mãe foi internada lá depois de sofrer uma brutalidade da qual nunca se recuperou.

Kathryn contou a Lucien que a mãe de Michael tinha morrido logo depois de ele nascer, e que não queria vê-lo crescer dentro daquele inferno.

— Michael é órfão, Lucien. Não tem para onde ir e assim não terá futuro algum. Nem sei como ainda não abusaram dele lá dentro. Se cair nas ruas, não durará muito tempo, também.

Lucien olhou para o rosto de Kathryn e percebeu sua ansiedade e a esperança de que ele concordasse. Não estava em seus planos assumir a responsabilidade de criar um órfão, mas sempre gostara de crianças, podia certamente sustentar uma, e se com isso ganhasse a cooperação de Kathryn, não seria uma troca ruim.

— Está bem, que seja. Vou providenciar para que o garoto saia de lá. Mas você, em troca, ficará bem longe deste seu laboratório e de tudo que ele contém.

Kathryn suspirou, por um lado aliviada, e por outro contrafeita. Não era fácil abrir mão do sonho de sua vida.

— Está bem, milorde — murmurou, por fim. Odiava concordar com a ordem do marido, mas se com isso ajudasse o garoto, o sacrifício valeria a pena. — Acha que vai demorar muito tempo para termos Michael conosco?

— Não faço ideia. Provavelmente não muito tempo. Vou mandar uma carta a Nathaniel Whitley para resolver esse assunto.

Lucien notou que a cor voltara ao rosto de Kathryn. Podia não ser o tipo de esposa que sempre desejara, porém o casamento tinha sido consumado e ele pretendia ficar com ela. Seguiu para a porta e esperou por ela para saírem juntos. Notou que ela dava uma última olhada em seu laboratório e por um instante pensou ter visto lágrimas brilharem em seus olhos.

Bom Deus, certamente Kathryn não voltaria àquele lugar! Ele se asseguraria disso. Mandaria que os criados tirassem tudo que estava ali dentro e limpassem o local que a esposa chamava de laboratório.

Era hora de arranjar um herdeiro. E ele queria que isso acontecesse o quanto antes. Olhou para Kathryn, sentiu a excitação voltando e pensou que talvez naquela mesma tarde poderiam dar início às tentativas de gerar um filho.

Winnie não conseguia dormir e desejou ter seguido o conselho do sobrinho e viajado para Londres apenas pela manhã. A viagem não apresentara problema algum, mas havia chegado à capital tarde da noite e não seria adequado procurar Nathaniel àquela hora. Nem mesmo sabia onde o advogado morava. Assim, tinha ido para a cama, deixando para resolver a questão no dia seguinte. A ideia era procurá-lo em seu escritório e esclarecer de vez a situação de ambos.

Relembrou os tempos passados, quando era uma jovem de dezoito anos. Nunca se esqueceria do dia em que Nathaniel se apresentara no Castelo Running para falar com seu pai e pedi-la em casamento. Ela tinha ficado em seu quarto, rezando para que o pai concordasse, sabendo, porém, que ele não faria isso.

— Você é filha do marquês de Litchfield — seu pai lhe havia dito quando a mandara chamar em seu escritório. — Nathaniel Whitley é um homem do povo. Sei que é de família rica. O pai dele e eu somos amigos, ou você jamais o teria conhecido. Não tenho dúvidas de que Nathaniel seria um bom marido, mas o fato é que não é um nobre e isso nunca vai mudar. Você é uma dama, a única filha do marquês de Litchfield, e Nathaniel não é o homem com quem se casará.

Ela chorara por dias, mas o pai não havia mudado de ideia. Em vez disso, tinha escolhido o visconde de Beckford para seu genro; e apesar de ela amar Nathaniel, havia obedecido ao pai e se resignado ao seu destino. Com o passar do tempo, convencera-se de que o amor que sentira por Nat não tinha passado de coisa da juventude.

Mas nunca o esquecera.

Fechou os olhos, tentando afastar as lembranças. Veio-lhe então à mente o que Nat lhe dissera algum tempo antes: Tenho pensado em você, Winnie.

Bom Deus, o modo como se comportara... Não era de estranhar que Nat acreditasse que ela ainda continuava considerando-o inferior. Na verdade, seu pai é que sempre fizera questão de títulos.

O dia finalmente amanheceu e Winnie se levantou, mais exausta do que quando chegara a Londres na noite anterior. Mesmo assim, preparou-se para ir procurar Nathaniel.

Winnie desceu da carruagem e entrou no escritório de Nathaniel. Para seu alívio, ele abriu a porta e a olhou surpreso.

— Lady Beckford!

Ela segurou a respiração, sentindo-se profundamente nervosa.

— Preciso falar com você, Nathaniel. Posso entrar?

— Claro. Espero que nada de ruim tenha acontecido. Lorde Litchfield não está doente, não é? Houve algum acidente?

— Não, não, não é nada disso. — Winnie observou Nathaniel fechando a porta. Pensou que ele parecia até mais atraente do que da última vez em que o vira. — Não estou aqui a negócios. Trata-se de algo inteiramente pessoal. Precisava ver você, Nathaniel. Eu...

Ela parou de falar, desejando que as longas horas que passara acordada a tivessem preparado melhor para aquele momento.

— Talvez queira se sentar, lady Beckford — Nathaniel disse com grande formalidade.

Winnie sentiu uma pontada no coração diante disso.

— Não vou ficar com rodeios, Nathaniel. Vim aqui para lhe pedir desculpas.

— Desculpas? — O sorriso dele trazia algum sarcasmo. — Por que deveria se desculpar? Está se referindo à conversa que tivemos há alguns dias? Nesse caso, sou eu quem deve se desculpar. Mereci todas as suas censuras. Afinal, sou um plebeu, não é?

Winnie engoliu em seco.

— Lamento que não tenha entendido. Naquela ocasião, eu... eu não sabia que... Cometi um erro terrível, Nathaniel.

— Um erro? Talvez tenha subitamente descoberto se sentir solitária. É por isso que veio aqui, Winnie? Concluiu que precisa de um homem em sua cama, contanto que ninguém saiba quem é e...

— Pare com isso! Nunca me importei com o fato de você não ser um nobre. A verdade é que eu não sabia que Emma tinha morrido. Só soube disso ontem à noite, quando meu sobrinho mencionou o fato por acaso. Até então, eu acreditava que você fosse casado. Pensei que estivesse me propondo uma ligação sórdida, e eu... me senti ofendida. Sempre o considere um homem decente e pensei que tivesse deixado de ser.

Nathaniel ficou apenas olhando para Winnie como se não acreditasse em suas palavras.

— Pensei que eu estivesse casado?

Ela fez que sim, lutando para não começar a chorar.

— Lamento a morte de Emma. Estive muito tempo no campo e não fiquei sabendo do falecimento dela. Pode ser que Richard tivesse ouvido falar, mas nada me disse. Ele sempre sentiu ciúmes de você.

— Pensou que eu quisesse uma aventura?

— Pensei.

Nat se aproximou e tomou as mãos de Winnie entre as suas.

— Deus, lamento as terríveis palavras que lhe disse. E as que pensei.

Uma lágrima deslizou pela face de Winnie.

— Não foi culpa sua, Nat. Eu é que não deveria ter chegado à pior conclusão. Talvez fosse porque me sentia atraída por você. Nunca deixei de me sentir assim, e isso me assustava. Odiava a mim mesma por desejar um homem casado.

Winnie não soube como aconteceu. Em um momento estava olhando para Nat com lágrimas nos olhos, no outro encontrava-se nos braços dele.

— Fiquei meio louco desde a primeira vez em que a vi no Castelo Running — Nat murmurou em seu ouvido. — Era como se os anos passados não tivessem acontecido, como se você ainda fosse a mesma menina por quem me apaixonei.

— Eu senti o mesmo, Nat. Queria ver você e por isso me sentia terrivelmente culpada.

Seus olhares se encontraram e havia amor neles.

— Diga que vai permitir que eu a procure. Sei que haverá problemas para nós dois. Trabalho para o seu sobrinho e ele pode desaprovar nossa união. Outros da sua classe social certamente o farão. Talvez devamos ir com cuidado até as coisas se ajeitarem.

— Sou uma mulher adulta, Nat. Não me importo com o que os outros pensam. Nunca me importei.

Winnie percebeu que Nathaniel não acreditava em suas palavras. Com o tempo, porém, ela o convenceria. Os pensamentos então lhe fugiram porque ele a beijou ternamente.

Quando o beijo terminou, Nat parecia o mais feliz dos homens.

— Eu a procurarei esta noite — ele disse. — Há uma hospedaria muito discreta nos arredores da cidade onde ninguém nos verá e...

— Não — Winnie declarou com firmeza, seu coração se enchendo de grande alegria. — Quero que me leve ao teatro esta noite, Nat. Isto é, se estiver disposto.

Ele entendeu o que Winnie estava querendo dizer: que realmente não se importava se as pessoas os vissem juntos. Sorriu para a mulher amada.

— Vamos ao teatro, então. E depois jantaremos em algum lugar bem tranquilo, para que possamos conversar sobre as nossas vidas.

— Sim, faremos isso. Estou muito feliz, Nat. Mais do que pode imaginar.

Dessa vez ninguém iria atrapalhar os planos dos dois, Winnie prometeu a si mesma.

— Ai! — Kathryn gemeu e viu uma gota de sangue cair da ponta de seu dedo sobre o bordado.

Não era hábil nos trabalhos manuais. Nem gostava deles. Suspirou e largou o bordado. Foi à janela e olhou na direção da casa de pedra e do riacho. Desde o dia em que Lucien lhe exigira desistir de seu laboratório,

O acordo entre eles vinha sendo mantido. Durante o dia, o marquês trabalhava em sua propriedade, e ela se aborrecia em ser apenas dona de casa, como marquesa que era, e tinha saudades de seus livros. Adoraria poder voltar aos estudos.

À noite, Lucien ia ao seu quarto, e então ambos desfrutavam um grande prazer. Dessa maneira, era fácil para ela esquecer aquilo que deixara para trás.

Com a ajuda da criada Fanny, ela descobrira os planos de Lucien de jogar fora tudo o que havia no laboratório. Assim, tivera a ajuda de Fanny e de outros criados que haviam se arriscado a enfrentar a fúria do marquês caso fossem descobertos. Eles tinham empacotado tudo e guardado em lugar seguro.

Ela não havia perdido nenhum dos remédios que preparara. Mesmo assim, tinha desistido de seu trabalho. A única compensação era que salvara o pequeno Michael, e isso valia seu sacrifício.

Sacrifício que não duraria muito.

O menino iria chegar com Lucien no dia seguinte. Uma vez que Michael estivesse em segurança no castelo, ela daria um jeito de voltar aos seus estudos.

Olhou na direção do bosque e suspirou. Sentia falta da serenidade que encontrava nos livros que lia naquela pequena casa, das chances que tivera de ajudar as pessoas necessitadas. Não se conformaria em passar a vida entretida em bordados e futilidades do gênero.

Mesmo que adorasse o pequeno Michael, a presença do menino naquela casa não seria suficiente para mantê-la feliz. Precisava de seu trabalho. Depois que seus pais haviam morrido, jurara que não se contentaria com uma vida sem propósitos nobres. E faria de tudo para alcançar o objetivo que estabelecera havia tanto tempo.

* * *

Do alto da escada, Lucien observou Kathryn e o menino loiro, Michael Bartholomew, conversando no hall.

Michael havia chegado de carruagem na noite anterior, acompanhado de um criado da mansão que ele possuía em Londres, tudo de acordo com os arranjos feitos por Nathaniel Whitley. Com um pouco de esforço e uma considerável soma de dinheiro, o menino havia sido liberado do St. Bartholomew e entregue aos cuidados do marquês de Litchfield.

O garotinho era magro demais e franzino, mas bastante esperto. Naquele momento, apontava para o teto, cheio de curiosidade.

— Desenhos! — ele exclamou. — Nunca vi desenhos nos tetos. Como o pintor conseguiu pintar lá em cima?

Kathryn riu, e Lucien também. Enquanto ela explicava ao menino que o artista tinha sido trazido da Itália ao castelo cem anos antes, o marquês desceu as escadas para se reunir aos dois.

Kathryn e Michael se voltaram para ele.

— Bom dia, Michael.

— Bom dia, senhor — o menino respondeu, olhando para Lucien com a mesma admiração com que observara as pinturas do teto.

— Você deve chamar o marquês de milorde — Kathryn explicou a Michael. — Deve dizer: bom dia, milorde. O garoto endireitou o corpo.

— Bom dia, milorde. Lucien sorriu.

— Espero que tenha dormido bem, Michael.

— Quase me sufoquei no meio das penas, mas acabei gostando.

O marquês refreou a vontade de rir.

— Vocês dois já comeram alguma coisa? Creio que a cozinheira se superou hoje, sabendo que teríamos um novo morador nesta casa.

Kathryn apertou com carinho a mão de Michael e sorriu para Lucien com tanto agradecimento no olhar que ele chegou a se emocionar

— Na verdade estávamos indo para a sala do café da manhã, milorde — ela disse. — Quer nos acompanhar?

— Oh, quero, sim.

Lucien esperou que Kathryn fosse à frente, mas antes que ela pudesse dar um passo, Michael largou sua mão e correu para Lucien. Com certo receio, o menino tocou no tecido de veludo do paletó que o marquês usava.

— O que é isso? Nunca senti nada tão macio.

Lucien olhou para o garotinho vestido com calça marrom e camisa branca, roupas que Nat Whitley tinha providenciado para substituir aquelas rasgadas com que Michael deixara o St. Bartholomew.

— É um tecido chamado veludo. E as minhas calças são feitas com um material chamado cetim.

Michael voltou a testar o tecido do paletó e depois o das calças.

— São as roupas mais bonitas que eu já vi na vida — ele murmurou.

— Há ocasiões em que eu gostaria de substituí-las por roupas caseiras. Mas concordo que são bonitas — Lucien declarou.

— Quando eu crescer, quero usar roupas assim. Kathryn se aproximou e afagou os cabelos do menino.

— Tenho certeza de que vai usá-las, Michael.

Mentalmente, Lucien anotou que chamaria seu alfaiate. A criança precisava se vestir de forma apropriada, e o mais cedo possível. Trataria disso pessoalmente.

— Está bem. Agora, que tal se formos comer? — Kathryn estendeu a mão e Michael a segurou.

— Espero que não seja mingau! — exclamou, fazendo com que Lucien sorrisse novamente.

— Não teremos mingau hoje — ele disse. — Vamos ver se gosta de faisão grelhado.

Michael adorou o faisão grelhado. Assim como a salsicha, os ovos cozidos, o queijo, as tortinhas de maçã e especialmente o chocolate quente. Lucien nunca tinha visto alguém tão pequeno comer tanto. Pensou que talvez devesse pedir para o menino parar de comer para não passar mal depois. Mas pensou melhor e resolveu deixá-lo fazer o que quisesse.

Com o tempo, ele aprenderia que havia muita comida em toda refeição. Por ora, um estômago empanturrado era um preço pequeno a pagar.

— Acho que vou mostrar a Michael o resto da casa — disse Kathryn, passando o guardanapo com elegância nos lábios.

O menino a observou atentamente e fez o mesmo. Lucien tomou um gole de café.

— Boa ideia. Tenho trabalho a terminar hoje, mas talvez amanhã possamos ir ao estábulo. Creio que Michael gostaria de ver os cavalos.

Os olhos azuis do garotinho brilharam.

— O senhor tem cavalos?

— Um estábulo cheio deles.

— Eu gosto de cavalos. Já vi uns bonitos puxando carruagens, isso quando as pessoas iam visitar os parentes loucos. Posso andar a cavalo, posso?

Havia tanta expectativa no rostinho de Michael que Lucien sentiu-se emocionado.

— Creio que isso seja possível. O menino sorriu, feliz.

— Que casa grande, e tem cavalos também! Por Deus, Kathryn, nunca pensei que você fosse assim tão rica.

Lucien quase engasgou com o café que estava bebendo, e Kathryn lutou para não cair na risada.

O marquês observou Michael sair da mesa; pensando que ninguém o estava olhando, o garoto voltou, pegou uma salsicha e a escondeu dentro do casaco. Lucien sentiu-se feliz que o menino não estivesse mais no St. Bartholomew.

Conforme Lucien havia prometido, na manhã seguinte ele, Kathryn e Michael foram ao estábulo. Os três haviam passado a noite anterior juntos. Michael falara sem parar das coisas que havia visto no castelo, agitando os braços e apontando, descrevendo cada coisa incrível que descobrira ali. Tinha passeado pela galeria de retratos dos antepassados da família Litchfield, mas o que mais apreciara fora a sala de armaduras, espadas, machados e escudos medievais.

Tinham jantado juntos, o que aconteceria até que fosse arranjada uma governanta para cuidar de Michael. Depois de um dia tão excitante, os olhos do menino começaram a se fechar, mesmo durante a refeição, e ele adormeceu imediatamente depois de se empanturrar mais uma vez com a comida à sua frente.

Lucien o carregara para a sua cama, no terceiro andar, em um quarto ao lado da sala de brinquedos.

Pela manhã, ao descer, Kathryn já encontrara Michael com Lucien no escritório. Ela ficou olhando os dois da porta e ouvindo o que diziam.

— Eu estava pensando, milorde... Será que quando eu crescer vou poder aprender a ser como o senhor?

Lucien sorria.

— Poderá ser o que quiser, Michael. Basta que tenha determinação.

— E o senhor vai me ensinar?

— Ensiná-lo?

— Sim, milorde. Vai me ensinar a falar como o senhor fala? Como as pessoas educadas falam?

O marquês ficara em silêncio por alguns instantes, apenas observando o menino.

— Creio que posso fazer isso.

Michael sorria, e Lucien também. Então os olhares de ambos se voltaram para a porta e viram Kathryn.

— Bom dia, milady.

O olhar de Lucien era penetrante, como se ele estivesse se lembrando do modo como a havia deixado aquela manhã, nua e sonolenta depois de mais um ato de amor.

Michael começara a puxar a jaqueta de Lucien.

— Podemos ir agora ao estábulo, milorde? O senhor disse que iríamos logo que Kathryn descesse.

— Depois que tomarmos o café da manhã, Michael. O garoto jamais recusava comida.

— Não é mingau, é?

Lucien não conseguiu conter o riso.

— Duvido que seja obrigado a comer isso de novo.

— Oba! — Michael levantou os braços para o alto e depois correu para Kathryn. — Você ouviu o que milorde disse? Nunca mais vou comer mingau!

Kathryn mordeu o lábio para não rir, olhou de lado e viu Lucien também disfarçar o riso.

Tomaram o café da manhã bem depressa e seguiram para o estábulo.

— Olhe, Kathryn! Cavalos! — Michael soltou a mão que ela segurava e correu em direção aos animais.

Um dos garanhões estava sendo exercitado, e o garoto parou, admirando o enorme cavalo.

— Acha que posso montar este aqui, milorde? Lucien riu diante da pergunta.

— Não este, Michael. Pelo menos, não por enquanto. Ele é muito arisco. Para começar, você vai precisar de um animal que seja mais fácil de lidar.

O marquês entrou no estábulo e foi direto a um cavalo novinho.

— Penso que Robin possa ser a montaria ideal para você começar a aprender a cavalgar.

— Ele se chama Robin?

— Gray's Robin é o seu nome completo.

O olhar de Michael se encheu de admiração ao observar o animal.

— Gray's Robin — o menino repetiu. — Ele é bonito, milorde.

O pequeno cavalo relinchou baixinho e Lucien sorriu.

— Robin é manso como um cachorro. — Ele se virou para um dos cavaleiros, e Kathryn viu tratar-se de Bennie Taylor. — Michael, este é Bennie. Ele é muito bom para lidar com cavalos. Vai ser Bennie quem ensinará você a cavalgar.

Bennie se inclinou um pouco e apertou a mão de Michael.

— Bom dia, rapaz. — Ele olhou para o cavaleiro. — O senhor marquês acertou na escolha.

— Quando podemos começar? — Michael perguntou.

— Pode ser agora.

— Agora! — o menino começou a saltitar, entusiasmado. Kathryn observou-o correr atrás de Bennie como se fossem amigos de longa data. Michael nunca fora tímido. Havia nascido entre estranhos, os quais, durante seus sete anos de vida, tinham sido a sua família.

— Você está sendo maravilhoso com Michael — ela disse para Lucien. — Eu o queria fora daquele lugar e em segurança. Na verdade, não esperava que você o aceitasse tão bem.

O olhar de Lucien acompanhou o menino.

— Ele é uma criança cativante. Amanhã vou lhe arranjar um preceptor para que comece os estudos.

— Michael vai ficar satisfeito. — Kathryn sorriu. — Ele é fascinado por tudo que é novidade.

— Notei isso.

Eles começaram a sair do palheiro. Lucien colocou o braço em torno da cintura da esposa. No instante em que chegavam debaixo de onde um guindaste de ferro levantava fardos de feno para o andar de cima, Kathryn ouviu Michael gritar

— Milorde! Olhe para cima!

Ele vinha correndo como louco, tentando alcançar Lucien. O marquês mal teve tempo de erguer a cabeça e pular de lado, puxando Kathryn consigo, ambos escapando de ser esmagados pelo gancho de ferro que se soltara do guindaste e caía em grande velocidade.

— Milorde! — Michael os alcançou, com Bennie Taylor em seus calcanhares, ambos bastante assustados.

— Essa coisa quase atingiu milorde!

Michael tremia, assim como Kathryn. Lucien sacudiu a cabeça, mal acreditando no que havia acabado de acontecer.

— Tem razão. Graças a você, Michael, Kathryn e eu ainda estamos neste mundo.

O menino se pendurou no pescoço de Lucien e enterrou a cabeça em seu ombro. Michael nunca tivera um pai e era óbvio que já tinha escolhido Lucien para esse papel.

— Está tudo bem, rapaz — o marquês assegurou ao garoto. — Foi um acidente. As vezes isso acontece.

Ele colocou Michael no chão e continuou olhando para o gancho de ferro. Era enorme e pesado, e se tivesse sido atingido, não havia dúvida de que teria morrido.

Kathryn sentiu um frio na espinha. Era a segunda vez em pouco tempo que Lucien escapava de ser morto.

— O que aconteceu? — Lucien perguntou aos homens que estavam trabalhando com o guindaste.

— Não sabemos ainda, milorde. Estivemos trabalhando aqui sem que nada de estranho acontecesse. Suponho que a corda devia estar gasta. Mas, se foi isso, nenhum de nós notou. — O homem parecia tenso. — O senhor vai nos demitir?

Lucien observou o rosto preocupado dos empregados. A maioria deles tinha família para alimentar.

— Foi um acidente. Como eu disse, essas coisas acontecem. Apenas se assegurem de que não volte a acontecer

Alívio e sorrisos surgiram nos rostos dos homens.

— Obrigado, milorde. Seremos mais cuidadosos. Não vai se arrepender por ter nos deixado ficar.

— Vá com Bennie, Michael — Lucien disse ao menino. — Robin está esperando por você.

O garoto sorriu e correu para o seu cavalo.

— Michael tem razão. — Kathryn disse. — Você poderia ter morrido.

O marquês deu uma última olhada no gancho.

— Poderia, mas não morri. Mas, de repente, me sinto tomado pelo desejo de procriar. Talvez devêssemos subir e descansar um pouco na cama.

— O quê? No meio do dia? Lucien sorriu.

— Vamos, meu amor. Tenho planos para você, e eles não incluem um garoto de sete anos.

Kathryn ruborizou, mas só de pensar no que aconteceria dali a pouco, viu-se tomada pelos habituais calores.

Mesmo assim, enquanto seguia o marido, não conseguiu deixar de pensar que ele tinha escapado da morte duas vezes.

Devia ser uma simples coincidência, mas... algo lhe dizia que não tinha sido coincidência.

O dr. Silas Cunningham puxou as rédeas de sua pequena charrete puxada por um cavalo e parou na frente do enorme castelo de pedra. Enviara uma carta, avisando Kathryn Grayson Montaine, a marquesa de Litchfield, de sua visita, mas não tinha certeza de que seria bem-vindo ali. Afinal, ele deixara de ajudá-la no momento mais difícil de sua vida.

Kathryn surgiu à porta e acenou para o velho amigo.

— Dr. Cunningham! — Ela lhe dirigiu um sorriso. — Fiquei muito feliz em receber sua carta. Mal acredito que esteja aqui. Por favor, entre.

O dr. Cunningham suspirou aliviado e sentindo-se menos tenso. Tirou o chapéu, pegou sua maleta, seguiu Kathryn escada acima e entrou no castelo. Um mordomo pegou seu chapéu e casaco, e Kathryn o levou para uma suntuosa sala decorada em ouro e prata.

— Lamento que meu marido não esteja aqui — ela disse. — Infelizmente o marquês teve de ir a Londres tratar de negócios e ficará fora por uns dois dias.

Kathryn parecia bem e tão adorável como ele se lembrava dela, dando a impressão de que a casa de loucos onde estivera internada não provocara danos irreversíveis. O sorriso dela era brilhante e hospitaleiro, os cabelos estavam bem tratados e o rubor de seu rosto combinava com o tom rosa de suas saias de seda.

— Deve estar se perguntando como descobri onde você se encontrava. Na verdade, eu soube por meio do dr. Nathaniel Whitley, advogado de seu marido. Ele queria informações sobre os fatos que haviam ocorrido na época em que seu tio a internou. Eu lhe contei a verdade, que tudo não passava de mentiras, mas não fiquei esperançoso de que fosse possível tirá-la do St. Bartholomew. Quando me encontrei novamente com o dr. Whitley, ele me disse que você tinha se casado com lorde Litchfield e assim consegui o seu endereço.

Silas olhou em volta e admirou a luxuosa mobília, os sofás de brocado, as cortinas de veludo, tudo muito diferente da cela que Kathryn ocupava no hospício.

Ela pegou o médico pelo braço e o levou até uma cadeira confortável. Sentou-se ao lado dele, e um criado apareceu trazendo chá. Kathryn serviu uma xícara a ele e preparou outra para si mesma.

— Graças aos esforços de meu marido, estou livre de meu tio e fora do St. Bartholomew.

Silas meneou a cabeça.

— Que coisa horrível lhe aconteceu! E eu falhei miseravelmente com você. Esta é uma das razões que me trouxeram aqui hoje. Espero que possa me perdoar.

Kathryn pegou sua xícara de chá com cuidado e colocou a colherzinha no pires.

— Concluí que meu tio o tivesse ameaçado de alguma forma, doutor. Sei que tem uma família para cuidar. Não teve outra escolha a não ser ficar em silêncio.

— Foi pior que isso. Lorde Dunstan ameaçou Margaret e as crianças. Exigiu que eu deixasse Wilford Village. Insinuou que se eu interviesse a seu favor de alguma maneira, poderia nunca mais ver minha família.

As mãos de Kathryn começaram a tremer

— Meu tio é realmente um homem mau. Estou feliz que não o tenha desafiado, dr Cunningham. — O sorriso dela pareceu meio forçado, como se o assunto a perturbasse. — De qualquer forma, tudo terminou bem. Mas agora conte-me o que está fazendo. Como estão indo os seus estudos?

— Esta é a segunda razão de eu ter vindo aqui. Recentemente aceitei o cargo de professor na Escola de Medicina, em Guildford.

— Isso é maravilhoso! Guildford fica muito perto daqui. Talvez eu possa visitá-lo uma vez ou outra.

— Eu gostaria muito que o fizesse. — O médico tomou um gole de seu chá. — Sabe como é difícil fazer a pesquisa da anatomia humana, já que a opinião pública é contra. Foi por isso que aceitei o cargo. A escola é pequena e muito discreta. Vou poder continuar com meus estudos. E tenho progredido bastante neles. Pensei que... se você ainda estivesse interessada em tais assuntos... poderia ir a Guildford e dar uma olhada nas conclusões a que cheguei até agora.

De tão animada, Kathryn quase derrubou o chá.

— Oh, dr. Cunningham, eu adoraria ver os resultados dos seus estudos! Não sabe como tenho sentido falta dos tempos em que trabalhamos juntos. Mas tenho feito algumas coisas nesse campo, isto é, mais no campo dos remédios naturais. E tenho lido muito, porém sem acesso a textos modernos. Adorarei colocar-me em dia com o assunto.

O médico contou a Kathryn a respeito de seus projetos, um deles envolvendo inoculações contra a varíola. E também tentava descobrir uma maneira de o paciente não sentir dor durante uma cirurgia. Isso sem contar o estudo sobre prevenir a gangrena.

— Isso tudo é muito excitante, apesar de que o progresso tem sido lento — Silas concluiu.

— Mal posso esperar para visitá-lo em Guildford! — Kathryn exclamou.

— E seu marido? O marquês a acompanhará? Pela primeira vez ela ficou sem jeito.

— Lamento dizer, mas meu marido desaprova meu interesse pela medicina quase tanto quanto meu tio. — Kathryn deu um sorriso triste. — Mas não poderá me impedir de visitar um velho amigo que por acaso também é médico.

Silas lhe devolveu o sorriso.

— Fico feliz em ouvir isso. — Colocou a xícara na mesinha de mármore ao lado de sua cadeira. — E já que agora sei que está em boas mãos, vou me retirar.

Kathryn se levantou, assim como o médico.

— Mande me avisar quando for a ocasião conveniente para a sua visita — ele disse. — Temos uma pequena, mas simpática casa e adoraremos hospedá-la.

Kathryn acompanhou o doutor até a porta. Silas partiu em sua charrete, confiante de que Kathryn Grayson Montaine logo estaria em Guildford querendo saber de tudo aquilo que ele descobrira com as pesquisas. Nem mesmo as crueldades que havia sofrido a tinham feito mudar seus planos.

E ele estava ansioso em falar de suas descobertas com sua antiga aluna.

CAPITULO VII

O tempo foi passando. Apesar de Kathryn desejar que surgisse uma oportunidade para ir visitar o dr. Cunningham, ela não aconteceu. Distraiu-se com o pequeno Michael, que havia se ajustado à vida do castelo como se tivesse nascido ali. Agora tinha um preceptor e uma governante, e pela insistência de Lucien, o menino se vestia como filho de um lorde em vez de um órfão sem lar que o marquês tirara do St. Bartholomew.

Era surpreendente como Lucien e Michael se davam bem, e isso fez Kathryn perceber que o marido gostava de crianças e que ansiava por ter filhos seus. Acima de qualquer outra coisa, ele queria um herdeiro. E assim a procurava na cama a toda hora para aumentar as chances de ela engravidar. Havia vezes em que, tarde da noite, quando Lucien entrava em seu quarto, ela se ressentia com isso.

No entanto, bastava que ele a tocasse, a beijasse e lhe murmurasse palavras eróticas, e ela se entregava ao prazer. Nesses momentos, esquecia-se de que Lucien a procurava apenas para que ela lhe desse um filho, e que apesar da paixão que desfrutavam juntos, não ocupava um lugar especial na vida e no coração do marido. Na verdade, Lucien parecia evitá-la quando não estavam na cama, como se não quisesse um envolvimento sentimental mais profundo.

Aborrecida com esse distanciamento entre ambos, Kathryn procurou por Winnie quando esta regressou de Londres. Encontrou-a no jardim, à margem de um laguinho. Winnie sorriu ao vê-la se aproximar, e havia uma serenidade em seu olhar, ausente na última vez em que Kathryn a vira.

— Bom dia, minha querida. — Winnie fez sinal para que ela se sentasse a seu lado. — Mal tivemos um momento a sós para conversar. Por que não aproveitamos agora?

— Na verdade, procurei pela senhora, tia Winnie. Reeves me disse que poderia encontrá-la aqui.

— Eu gosto de ficar olhando os peixes. Kathryn se sentou em um banco e ajeitou as saias.

— Parece diferente, tia Winnie. Mais alegre do que quando partiu. Gosta mais de Londres do que do campo?

— Não, minha querida, não se trata disso.

— Então o que é?

Por um momento, Winnie hesitou.

— Tenho algo a lhe contar. Não sei o que meu sobrinho dirá a respeito, mas não creio que você me condenará.

— Condená-la? Deus meu, por que eu faria isso? Winnie sorriu.

— Estou apaixonada, minha querida. Total e completamente e sem a menor reserva. Estou apaixonada por Nathaniel Whitley, e ele também me ama.

Kathryn ficou surpresa, feliz e, ao mesmo tempo, com uma pequena dor no coração. O amor correspondido trazia tanta felicidade para uma pessoa... Por que Lucien não correspondia também aos seus sentimentos? Apenas atração sexual não bastava. Inclinou-se e abraçou Winnie.

— Oh, que coisa maravilhosa! Estou feliz pela senhora.

— Algumas pessoas vão pensar que sou uma boba. Dirão que Nat é um caçadotes, mesmo que tenha sua própria fortuna. E comentarão que vou me casar com um homem de posição social inferior à minha.

— Bem, eu lhe digo que teve sorte em encontrar um homem como Nat, e ele mais ainda por tê-la encontrado.

— Nat é maravilhoso, Kathryn. É gentil e carinhoso. Pediu-me em casamento e eu aceitei, mas lhe pedi para conversar antes com Lucien.

— Certamente Lucien não se oporá ao seu casamento.

Winnie olhou para as águas do lago.

— Não tenho tanta certeza. Mas não fará diferença se ele se opuser, apesar de que Lucien é a família que eu tenho e gostaria da sua aprovação.

— Pois sei que ele gosta de Nat. Não posso imaginar que não fique satisfeito.

— Isso seria muito bom. No entanto, sou muito rica e, como meu pai fez, Lucien pode querer que eu escolha alguém da nossa classe social.

Kathryn pensou em sua própria situação.

— Lucien não sabe o que o amor significa. A senhora é quem me disse isso. Ele não entende que não há nada mais importante neste mundo do que amar alguém e ter o seu amor correspondido. — Piscou para afastar as lágrimas que ameaçavam cair. — Eu o amo tanto, tia Winnie... Daria tudo para que ele me amasse.

Winnie colocou os braços em tomo de Kathryn com grande carinho.

— Ora, ora, não se desespere, querida. Meu sobrinho é um bom homem e acredito que goste muito de você.

Nunca o vi olhar para outra mulher como olha para você.

— Ele apenas quer que eu lhe dê um filho, tia Winnie. Procura-me na cama, mas fora dela está sempre distante. Não há mais nada que queira de mim.

— Talvez queira o seu amor, minha querida. Veja, meu sobrinho pode não saber o que é o amor, porém isso não significa que não precise amar, exatamente como todas as pessoas precisam. Não sei se ficou sabendo da história dos pais de Lucien. Ele perdeu a mãe quando tinha doze anos, e o pai morreu logo depois.

Kathryn olhou para as próprias mãos, que descansara sobre o colo.

— Os criados falam, tia Winnie. Ouvi alguns mexericos. A mãe de Lucien fugiu com outro homem, e o pai dele ficou desesperado. Aparentemente, amava muito a esposa.

— William amava Charlotte com paixão. Na verdade, chegava a ser uma obsessão. Charlotte era linda e teimosa, e meu irmão estava determinado a conquistá-la. Mas ela não era mulher de se contentar com apenas um homem. Quando a esposa partiu, William ficou tão deprimido que começou a usar ópio. Morreu em decorrência de uma dose exagerada.

Kathryn sentiu pena do marido. Ela também havia perdido os pais e sabia o que era se sentir completamente sozinha.

— Deve ter sido terrível para Lucien. Perder a mãe e depois o pai em seguida...

— Oh, sim. Meu pai, avô de Lucien, passou a ser o responsável pelo neto e estava determinado que este não se tornaria um homem emotivo como o filho. Lucien foi criado para guardar suas emoções, nunca revelar seus verdadeiros sentimentos, ser completamente egocêntrico.

— Bem, ele conseguiu tudo isso.

— De fato. E penso que meu sobrinho vê alguma semelhança entre você e a mãe dele, e isso o apavora. A diferença é que, a não ser por sua determinação, você não é parecida em nada com Charlotte. Talvez, com o tempo, Lucien perceba isso. — Winnie pegou a mão de Kathryn. — Meu sobrinho pode ter aprendido a esconder suas emoções, mas há momentos em que ele se sente sozinho e precisa desesperadamente de amor.

— Ele ama o pequeno Michael. É superprotetor com o menino.

— O garoto é um encanto, e Lucien sempre adorou crianças. Tem o coração cheio de amor. Simplesmente não lhe é fácil amar uma mulher.

— Então acha que, com o tempo...

— Você precisa acreditar nisso. Há espaço para a esperança.

Esperança. Uma palavra que Kathryn se agarrava havia anos. No que dizia respeito a Lucien, porém, não tinha certeza se poderia acreditar nessa possibilidade. Afastando a dor que invadia novamente seu coração, ela voltou a atenção para Winnie e seu próximo casamento.

— Lucien pode não saber o que é se apaixonar, mas ele respeita Nat Whitley e sei que ao saber da novidade ficará muito feliz.

Passos soaram atrás delas.

— Feliz? — Lucien surgiu diante das duas, sorridente. — Como posso me sentir feliz quando minha tia favorita está me trocando pela vida em Londres?

Nervosamente, Winnie torceu um cacho de seu cabelo.

— Sou sua tia favorita porque sou sua única tia, e espero que fique feliz por mim porque... porque logo vou me casar.

— Casar? Quem é o homem que teve a sorte de conquistá-la, tia? É melhor que seja Nat Whitley.

Winnie arregalou os olhos, surpresa. A expressão de preocupação em seu rosto foi substituída por um sorriso brilhante.

— Então não desaprova a nossa união?

— Claro que não. Não posso imaginar um homem que possa ser melhor marido do que Nat, e sei que ele sempre gostou da senhora.

Winnie levantou-se e abraçou o sobrinho.

— Obrigada, Lucien. Eu estou apaixonada por Nat. Na verdade, sempre estive. Meu pai não permitiu que nos casássemos quando éramos jovens. Nat queria falar agora com você, mas eu preferi fazê-lo antes.

— Estou feliz em ter Nat na nossa família. Espero que lhe conte da minha alegria.

— Oh, eu contarei. Não posso dizer a vocês em que outra época senti tanta felicidade.

Kathryn sorriu.

— A senhora merece ser feliz, tia Winnie.

Por um instante, seu olhar encontrou o do marido. Será que havia uma esperança, mesmo que remota, de que ele a amasse como Nat amava Winnie?

Conhecendo-o como o conhecia, ela não acreditava que houvesse essa esperança. Continuou a sorrir, mas seu coração doía terrivelmente.

Lucien apertou as esporas contra seu garanhão, querendo que o cavalo galopasse mais rápido. Sentia-se perturbado naquele dia. Não sabia a razão, só sabia que Kathryn era o motivo disso.

Nos últimos dias, desde que a tia havia regressado de Londres, algo mudara entre ele e Kathryn. Ela parecia distraída e distante, isolando-se a maior parte do tempo e nem mesmo se entretendo com o pequeno Michael. Sem saber o que a levava a agir assim, Lucien a deixava sozinha, porém seu corpo sentia falta da relação amorosa entre ambos, relação sempre tão ardente e apaixonada. Sozinho, à noite, seu corpo chegava a doer de desejo frustrado, mas, mesmo assim, ele não a procurava.

Dois dias antes, havia presenteado a esposa com um volume encadernado contendo sonetos de Shakespeare.

— Você o trouxe para mim? — Kathryn o olhara com incredulidade.

— Achei que gostaria de ler poesias.

Por um instante, ele havia julgado que lágrimas brilhavam nos olhos da esposa.

— Obrigada, milorde. Vou guardar o livro com todo o carinho. — Ela apertara o volume contra o peito, dirigindo a Lucien o mais doce dos sorrisos, a ponto de ele se emocionar.

Perturbado com seus pensamentos, Lucien se viu diante de uma cerca e esporeou sua montaria para saltar. O animal se preparou, e aconteceu então o inesperado. A sela se soltou, e ele foi jogado longe.

Ficou inconsciente por alguns instantes. Finalmente voltou a si, se recompôs, passou a mão no ombro dolorido e sacudiu a cabeça, como se assim pudesse clarear os pensamentos. Sua camisa se abriu e sua calça estava cheia de folhas e terra.

Ignorando a tontura que fazia sua cabeça rodar, ele caminhou até Blade. Falando suavemente com o cavalo, o acariciou e procurou por ferimentos, já que o animal também caíra. Felizmente não encontrou nenhum e então começou a examinar a sela. As correias haviam arrebentado.

A princípio acreditou que fosse um acidente, mas observando melhor, viu que havia marcas, como se a correia tivesse sido deliberadamente cortada.

Lucien reteve a respiração. A queda não tinha sido acidental. Era a terceira vez em poucos meses que ele sofria acidentes que poderiam ter sido fatais. Primeiro, o ataque dos bandidos na taverna; depois, o gancho de ferro que quase o esmagara; e agora, as correias cortadas. Diabos! Lutando contra a raiva que o invadiu, pegou as rédeas do cavalo e começou a voltar a pé para casa.

Os criados estavam cochichando. Kathryn notou que pararam de falar à sua aproximação. A porta se abriu e Fanny veio correndo, quase colidindo com ela.

— Milady! Desculpe-me! Não a tinha visto.

— O que aconteceu, Fanny? Sei que há algo de errado. A criada olhou em volta, depois puxou Kathryn para um lado.

— É o marquês, milady. A correia de sua sela se rompeu e ele sofreu uma queda. Milorde disse aos criados do estábulo para não se preocuparem, mas eu achei que a senhora devia saber.

Kathryn sentiu o coração disparar.

— Onde ele está? Feriu-se muito?

— Joey me disse que ele está bem, apenas um pouco abalado. Mas não tenho certeza de onde se encontra. Talvez ainda no estábulo.

Kathryn não esperou para ouvir mais. Juntou as saias e saiu correndo em direção ao estábulo, onde encontrou Bennie cuidando de Blade. Lucien não estava por perto.

— Sabe aonde o marquês foi, Bennie? Ouvi dizer que sofreu um acidente enquanto cavalgava.

— Ele foi para casa, milady. Parecia estar bem, só um pouco abalado com a pancada na cabeça, mas nada sério.

Nada sério. Aquelas palavras, como Kathryn bem sabia, eram a resposta habitual dos homens, não importando se estivessem ou não seriamente feridos. Olhou em volta, viu a sela de Lucien e uma desagradável suspeita começou a se formar em sua mente. Pegou o equipamento e começou a examiná-lo.

A princípio não viu nada de errado. Mas logo notou o corte na correia. Decididamente, não havia sido um mero acidente.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Pareceu sufocar quando o pânico a envolveu por inteiro. Saiu correndo em direção à casa e subiu as escadas no mesmo ritmo. Entrou então no quarto de Lucien sem bater.

Ele ainda estava de botas e calça, sem a camisa. Molhava o rosto com água, que escorria por seu peito nu.

Por um momento, Kathryn ficou parada ali, admirando toda a masculinidade do marido e desejando tocá-lo. Lucien não a procurava à noite já fazia quase duas semanas, e ela sentia falta do ato de amor.

Lucien voltou-se para a esposa.

— Obviamente ouviu dizer que caí. Eu lhe asseguro que estou bem. Já sobrevivi a outras quedas de cavalo e esta não foi mais séria que as outras. Se veio aqui para me enfaixar e colocar poções nos meus ferimentos, lamento desapontá-la.

— Tem certeza de que está bem? Não quer que eu dê uma olhada?

O olhar de Lucien se suavizou.

— Estou bem. Bati o ombro e a cabeça, mas me sinto melhor agora.

Kathryn se aproximou, pensando na sela que havia examinado e não sabendo como comentar suas suspeitas.

— Eu vi sua sela e a correia — disse. — Você poderia ter se ferido seriamente.

— Suponho que sim. Coisas assim acontecem.

— Não acredito que tenha sido um acidente. E você também não.

— Kathryn...

Kathryn começou a chorar. Lucien estava em perigo, e a culpa era dela.

— Sinto muito. Não sabia que isso poderia acontecer. Nunca pensei que meu tio fosse tão longe. Se soubesse, não teria me casado com você. Não importa o que ele fizesse, eu nunca exporia você a esse tipo de perigo.

Lucien atravessou o quarto e a abraçou.

— Calma, meu amor. Não temos certeza de que haja alguém por trás disso. Mas, se houver, a culpa não é sua.

— Oh, é minha, sim!

Lucien se afastou para olhá-la.

— E pode me dizer por que se sente culpada? Kathryn tentou conter as lágrimas para conseguir falar.

— Por causa do testamento de meu pai. Nele, há uma cláusula que por muito tempo não me chamou a atenção. Ela diz que se meu marido morrer antes de eu alcançar a maioridade, meu tio voltará a ser meu tutor. Mesmo que eu ficasse aqui no castelo, ele teria controle sobre o meu dinheiro até eu me casar de novo ou completar vinte e um anos. — Ela meneou a cabeça em desespero. — Meu tio quer matá-lo, Lucien. Oh, Deus, o que vamos fazer?

O marquês franziu a testa, agora mais preocupado ainda.

— Imaginei que pudesse ser Dunstan, porém não conseguia entender por que ele faria isso comigo. O que poderia ganhar se eu morresse? Mas agora que sei da cláusula... Deve ser seu tio mesmo por trás de todos esses meus acidentes. Mas eu lhe prometo que não pretendo deixar que ele me mate.

Kathryn procurou sorrir. No momento, Lucien estava a salvo. Ela havia descoberto o plano do tio, e agora seria possível fazer alguma coisa para impedi-lo de continuar atentando contra a vida do marquês.

— Está melhor agora? — Lucien perguntou, acariciando o rosto da esposa.

Kathryn fez que sim e tentou sorrir, mas na verdade não se sentia bem. Não conseguia se conformar com o que quase tinha acontecido, e por sua culpa.

— Falaremos mais sobre isso depois — disse Lucien, dando um passo para trás, como se quisesse colocar distância entre ambos. — Enquanto isso, por que não vai descansar antes que seja servido o jantar?

De repente, Kathryn percebeu que não queria descansar. Queria estar com Lucien. Queria tocá-lo, beijá-lo, assegurar-se de que ele estava em segurança.

Ela venceu a distância entre ambos e percebeu que os músculos do marido se enrijeciam.

— Prefiro ficar aqui — falou suavemente. — Eu preciso de você agora, Lucien. — Levantou-se na ponta dos pés e pressionou os lábios contra os dele, invadindo sua boca com a língua.

— Kathryn... — ele murmurou, abraçando-a.

— Eu quero você, Lucien. Preciso de você.

Ela o beijou novamente e ele correspondeu ao beijo com paixão. Logo as mãos do marquês se moviam freneticamente por cima das roupas de Kathryn, abrindo botões, desfazendo laços, despindo-a.

O desejo de Lucien rivalizava com o que ela sentia. Assim, também Kathryn usou as mãos para tocar, sem nenhum acanhamento, o membro excitado. Ouviu

Lucien gemer, e os beijos se repetiram, cada vez mais descontrolados. Logo ela se viu nos braços dele, que a levava para a cama, murmurando palavras desconexas.

— Diga que me deseja — ele exigiu, enquanto sugava seus seios.

— Eu desejo você, Lucien.

Com um gemido, ele a penetrou, cavalgando-a como um louco, e Kathryn se entregou ao prazer, absorvendo cada instante, tocando em cada ponto do corpo do marido, usando os dedos e a língua.

As mãos de Lucien acariciavam seus seios, capturavam seus lábios, penetrando-a com fúria. Kathryn gritou o nome dele quando ambos chegaram ao clímax.

Rolaram na cama, exaustos. Kathryn fechou os olhos, sentindo-se mais próxima de Lucien do que antes. Eles se completavam no amor, e a atração física apenas fortalecia o casamento.

Com o tempo, a paixão poderia ir diminuindo. Kathryn não sabia o que faria então. Lucien pararia de fazer amor se ela engravidasse? Era doloroso pensar que se esperasse o filho dele, seu marido poderia perder o interesse por ela e arranjar, quem sabe, uma amante, como em geral os homens faziam.

Apesar de ela ainda se deliciar com os resquícios do ato de amor desfrutado pouco antes, seu coração sentiu uma dor profunda.

De pé diante da escrivaninha, Lucien assinou o documento e o devolveu a Nat, que cuidadosamente o dobrou, colocou-o dentro de um envelope e o fechou com uma gota de cera.

— Está assinado, testemunhado por mim e selado — declarou Nat. — Vou colocá-lo no meu cofre junto com os outros documentos que você providenciou. Se alguma coisa lhe acontecer, deverei enviá-los ao escritório do magistrado. — Ele ergueu os olhos dos papéis. — Mas, pelo amor de Deus, Lucien, o homem tentou matá-lo! Deveria estar enforcado na árvore mais próxima pelo que fez.

Lucien passou a mão pelo rosto, desejando que fosse assim tão simples.

— Nada me agradaria mais, eu lhe asseguro. No entanto, não temos nenhuma prova de que o mandante dos atentados contra a minha vida seja Dunstan. Os homens por trás do ataque na taverna já sumiram de vista. O testemunho de um criado contra um conde dificilmente se sustentaria, sobretudo contra alguém poderoso como Dunstan.

Essa fora a razão que levava Lucien a elaborar aquele documento, que seria enviado às autoridades caso ele sofresse um acidente fatal.

Bennie Taylor o havia ajudado a descobrir a identidade do responsável pelo atentado com o gancho de ferro que quase o esmagara perto do estábulo. Capturado e forçado a admitir a verdade, Weed tinha confessado que os atentados contra a vida do marquês eram a mando de Evan Sloan, o homem forte de lorde Dunstan. Mas essa confissão pesaria pouco em caso de uma denúncia formal por parte de Lucien.

— Estes documentos serão úteis se eu morrer de maneira duvidosa — observou ele. — Se isso ocorrer, Douglas Roth se verá acusado de assassinato.

— Mas você estará morto.

— Infelizmente, é verdade. — O sorriso de Lucien era amargo. — No entanto, não vai acontecer. Não agora que Dunstan ficará sabendo da existência dos papéis.

— E como pretende lhe passar essa informação?

— Amanhã viajarei para Milford Park. Dunstan deverá deixar a propriedade no fim deste mês, o que significa que tem poucos dias pela frente. Devido ao meu casamento com Kathryn, sou o novo dono das propriedades e pretendo vê-las antes que ele saia de lá.

— É melhor tomar cuidado, Lucien. O homem não tem escrúpulos. Vai querer matar você de qualquer maneira. Veja o que ele fez com a própria sobrinha.

— Tomarei cuidado. Em todo caso, levarei um amigo. Nat parou de mexer nos papéis.

— Um amigo?

— Exatamente. O duque de Carlyle. Com Jason a meu lado, não tenho dúvida de que estarei seguro.

Nat ficou mais tranquilo ao saber que o duque acompanharia o marquês naquela viagem.

— Tem razão. Carlyle é o homem certo para se ter às nossas costas. Mesmo assim, pode ser perigoso. Tome cuidado, milorde.

— Acredite em mim, eu tomarei. — Lucien atravessou a sala e abriu a porta.

— A propósito, meus parabéns. Espero que saiba que estou feliz que você e minha tia vão se casar.

Nat sorriu, satisfeito.

— Sou apaixonado por Winifred Montaine desde garoto.

Lucien sorriu, mas algo o perturbava. Por que homens como Nat e Jason aceitavam tão facilmente o fato de estarem apaixonados? Era ridículo ver adultos acreditando em tal fantasia. Mas quando ele pensava em Jason e Velvet, tinha de admitir que havia alguma coisa no relacionamento do casal que era diferente. E também Nat e Winnie pareciam compartilhar algo especial.

Descobriu-se pensando em Kathryn, em como era bom fazer amor com ela e desfrutar sua companhia. Isso seria amor?

Certamente que não. Ele não era homem de se apaixonar. Mesmo assim, o pensamento de que poderia estar apaixonado o acompanhou na viagem de volta ao Castelo Running.

O dia amanheceu frio. Fora do castelo, a carruagem com o brasão de Litchfield aguardava, os quatro cavalos já impacientes, batendo os cascos no chão.

Kathryn ajeitou a estola de pele que colocara sobre o casaco. Esperava pacientemente pelo marido, que ainda se encontrava no escritório na companhia do duque de Carlyle. A seu lado, estava a mala de viagem.

Lucien e Jason deixaram o escritório, e Kathryn preparou-se para a batalha que tinha pela frente. O marquês deparou com a esposa e sua surpresa ficou evidente.

— Kathryn! O que está fazendo aqui a esta hora?

Era de fato muito cedo, mas ela sabia que Lucien teria de partir de madrugada se quisesse chegar logo a Milford Park. Forçou um sorriso.

— Estava esperando por você, Lucien.

— Mas está vestida para sair. Espero que não esteja pensando em ir comigo.

Ela sorriu docemente.

— É exatamente o que estou pensando em fazer.

A poucos metros do casal, Jason disfarçou um sorriso.

— Isso é impossível — Lucien disse soturnamente. — Sabe a razão que me leva a viajar para Milford. Seu tio ficará furioso quando descobrir que os planos dele serão alterados. Não quero você perto desse homem.

— Mas eu quero ver minha prima. Preciso saber se ela está bem.

— Não — ele declarou com firmeza, virando-se para que Reeves lhe colocasse o casaco sobre os ombros. — Não desta vez.

— Não haverá próxima vez — Kathryn argumentou, enfrentando-o. — Meu tio irá embora de Milford. Preciso ter certeza de que Muriel está bem. Conhecendo Dunstan como conheço, eu já deveria ter feito isso antes.

— Você não precisa se preocupar. Eu mesmo me certificarei de como sua prima está. — Lucien deu um passo para a saída. — Eu a verei dentro de quatro dias — falou, fazendo sinal para que o duque o seguisse.

Mas as palavras seguintes de Kathryn o detiveram:

— Conheço o caminho para Milford, milorde. Se não me levar, eu chegarei lá por conta própria. Quero ver minha prima de um jeito ou de outro.

A fúria tomou conta das feições de Lucien.

— Você ouse me ameaçar, e eu mandarei que a tranquem no seu quarto! A não ser que deseje ficar lá pelos próximos quatro dias, é melhor fazer como eu digo.

Kathryn sorriu.

— Como poderá ter certeza do que eu estarei fazendo se não me tiver a seu lado? — Ignorando o espanto de Lucien, caminhou até ele e pousou a mão em seu braço. — Não chegarei perto de Dunstan. Eu lhe prometo. Apenas conversarei com minha prima. Ao seu lado, estarei em segurança.

O que ela dizia era verdade. Deveria ter se informado antes sobre a prima. Mas ver Muriel era apenas parte do motivo que a levava a decidir ir a Milford. Kathryn não confiava no tio, e mesmo que Lucien estivesse na companhia do duque, temia que ele sofresse mais um atentado.

— Por favor, milorde. Imploro que me leve consigo. Lucien grunhiu alguma coisa.

— Se eu tivesse certeza de que ficaria aqui em casa, nem consideraria por um momento permitir que me acompanhasse. Infelizmente, sabendo o quanto é teimosa e determinada, não tenho escolha a não ser deixar que viaje conosco.

O duque agora ria abertamente.

— Pare com isso, Jason. Você tem uma mulher como esta na sua casa.

Jason riu mais ainda.

Kathryn suspirou aliviada. Estava indo para Milford, e era isso que importava.

Lucien a ajudou a subir na carruagem e então sentou-se a seu lado. Tão logo o duque estava acomodado no banco oposto, o marquês fez sinal para o cocheiro partir.

Depois de passarem a noite em uma pequena hospedaria, finalmente chegaram a Milford Park no dia seguinte. Apesar de Lucien ter esperado encontrar o conde em preparativos para partir dali, não havia nenhuma atividade que sugerisse que Dunstan estivesse para deixar a propriedade. Para Kathryn, Milford Park parecia tão adorável e serena como quando ela estivera ali da última vez. Sempre adorara Milford Park e lembrava-se de que quando era criança ficava horas passeando pelos bosques ou fazendo piqueniques com a família à beira do riacho.

Mas depois da morte de seus pais e da chegada de Dunstan, a tranquilidade tinha sido destruída. Durante os anos em que ele fora seu tutor, ela apenas desejava poder sair dali e deixar para trás as lembranças ruins.

Agora estava voltando como marquesa de Litchfield, e mais uma vez a casa parecia ter voltado aos bons tempos de outrora.

A carruagem parou diante da porta principal. Lucien ajudou Kathryn a descer e, ao lado de Jason, eles subiram os degraus. Viram-se na sala, onde Dunstan os cumprimentou com olhar frio, o rosto vermelho de raiva.

— Então... vieram se certificar se estou deixando a propriedade.

— Entre outras coisas — Lucien respondeu calmamente. — Conhece o duque de Carlyle, eu suponho.

Dunstan fez uma leve reverência.

— Vossa Graça.

— Minha esposa viajou até aqui para ver a prima.

— Mandarei que o mordomo anuncie a sua chegada, Kathryn. Pode esperar por Muriel no salão vermelho.

— Muito bem.

Kathryn preferiria não ser forçada a deixar os homens até que Lucien tivesse falado com seu tio, revelando saber quem ordenara os atentados contra a sua vida. Mas não tinha como afrontar Dunstan naquele momento, assim seguiu para o salão indicado, onde encontraria a prima. Não era provável que o tio ousasse fazer alguma coisa estando o duque presente.

— Muriel! — Kathryn exclamou quando a prima finalmente entrou na sala. — Estou feliz em vê-la tão bem.

Mais alta que Kathryn, com cabelos ruivos e olhos castanhos, Muriel era uma jovem atraente.

— Papai disse que você queria me ver. O que quer? A recepção foi menos cordial do que Kathryn esperara.

— Estava preocupada com você. Sei que deixará Milford em breve e queria saber do que pode precisar. Pretendo facilitar as coisas para você.

— Papai me disse que não vamos ter de nos mudar — Muriel declarou com um olhar desafiador.

— Ele está enganado. Meu marido e eu somos os donos de Milford. Você terá de voltar a Dunstan Manor, ou viver em qualquer outro lugar.

Muriel mordeu o lábio de raiva.

— Odeio aquele lugar! É feio e velho. Não é apropriado para ser a residência de um conde e sua família.

— Esse é um problema do seu pai. Ele herdou bastante dinheiro quando o velho conde morreu. Gastou tudo com jogo e uma vida extravagante. Agora vocês dois vão ter de pagar o preço.

— E tudo por culpa sua.

— Verdade? E de quem é a culpa de eu ter sido internada numa casa de loucos, Muriel? Tanto você quanto seu pai tiveram participação nisso. Ninguém se importou com o que pudesse me acontecer. Na verdade, eu nem deveria estar preocupada com o seu bem-estar agora.

Muriel apertou os punhos.

— Não tenho de ficar aqui ouvindo isso. Meu pai tomará conta de você, assim como fez antes. — Ela se virou e começou a sair da sala.

A voz de Kathryn a deteve à porta:

— Escute, Muriel. Vim aqui porque estava preocupada com você. Sei que não gosta de mim. Mesmo assim, sendo minha prima, não quero vê-la em situação difícil. Se precisar de alguma coisa, mande me avisar.

Olhando para a frente, Muriel abriu a porta e saiu. Kathryn respirou fundo, procurando se acalmar. O encontro com Muriel tinha sido mais perturbador do que ela imaginara que seria.

Lamentando que as coisas não tivessem saído como pretendia, caminhou até à janela. Gostaria de se reunir aos homens, descobrir exatamente o que estava acontecendo no salão azul, mas Lucien ficaria furioso se os interrompesse, e ela já o tinha pressionado demais. Começou a andar de um lado para outro, tentando controlar a ansiedade.

* * *

— Isto é um insulto! Veio até aqui para me acusar de ter mandado matá-lo?! Que absurdo! Como ousa insinuar...

— Estou fazendo mais do que isso, Dunstan. — Lucien encarou o homem. — Estou lhe dando um aviso. Se continuar com os atentados, você e o seu homem de confiança, Evan Sloan, serão processados. E se por acaso obtiverem êxito nas próximas tentativas, as autoridades virão diretamente procurá-los. Há um documento em lugar secreto com provas do seu envolvimento nos atentados contra a minha vida. Se alguma coisa acontecer comigo, não haverá dúvida de que você será enforcado por assassinato.

O rosto de Dunstan ficou subitamente vermelho.

— Você está louco! — Ele deu um passo à frente e encarou Lucien.

— Sabe perfeitamente que não sou louco, assim como sua sobrinha nunca foi. Só que Kathryn não tinha ninguém para protegê-la, como tem agora. Ela foi vítima das suas tramóias cruéis, e eu não tenho a menor intenção de que o mesmo aconteça comigo.

Ao lado de Lucien, Jason dirigiu ao conde um olhar de advertência.

— É melhor rezar para que lorde Litchfield tenha uma vida longa e próspera.
— Jason torceu os lábios com desdém. — Como ele disse, se algo lhe acontecer, você, meu amigo, irá direto para a força.

Dunstan ficou em silêncio, olhando para um e para outro.

— Tenha isto em mente — reforçou Lucien. — É bom chamar logo de volta os seus capangas e mandá-los ficar bem quietinhos. Mais um atentado contra mim e irei diretamente aos magistrados. Mesmo que não vá para a prisão, aos olhos da sociedade você será um homem arruinado.

O olhar de Dunstan era de ódio, mas ele não disse mais nada, e Lucien se preparou para deixar a mansão.

— Espero que desocupe esta casa até o fim da próxima semana — ele avisou.
— Se não fizer isso, mandarei que a polícia o tire à força. — Um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Imagino que isso poderá ser muito embaraçoso.

Lucien virou-se em direção à porta e caminhou para o hall, deixando Dunstan para trás. Jason o seguiu e fechou a porta ao sair.

— Acredito que acabamos de ver o fim de lorde Dunstan.

— Eu disse o que farei, se for necessário. Dunstan sabe disso. Creio que agora ele nos deixará em paz.

Lucien virou-se para o mordomo.

— Informe minha esposa que estamos prontos para partir.

— Lamento dizer que não sei onde lady Kathryn se encontra, milorde. Esteve falando com lady Muriel no salão vermelho, mas acredito que a vi sair de lá.

— Encontre-a rapidamente. O mordomo fez uma reverência.

— Pois não, milorde.

Mas ele não voltou depressa, como Lucien mandara, e Kathryn tampouco apareceu. Finalmente ouviu passos leves e viu a esposa se aproximar sorrindo.

— Estive dando uma volta pela casa. Havia me esquecido de como o lugar é lindo.

— Vamos agora, querida — ele disse, pegando a mão de Kathryn.

Ela deu uma última olhada na casa e seguiu para a carruagem.

— Falou com sua prima? — Lucien perguntou tão logo estavam acomodados no veículo, que já se dirigia para casa.

Kathryn suspirou.

— Infelizmente as coisas não saíram como eu queria. Muriel parece me odiar por alguma razão. Talvez porque um dia tive pais amorosos, o que ela nunca teve.

— Ela é amaldiçoada por ter um pai que pensa apenas em si mesmo — Jason observou. — Chego a ter pena da moça.

— Muriel quer atenção, mas nunca conseguiu nada do pai. Ele é cruel e dominador. O estranho é que, no fundo, ela sabe que tipo de homem meu tio realmente é.

— Não perderei Muriel de vista — Lucien prometeu. — Ela faz parte da família agora, mesmo que se desgoste disso. Talvez com o tempo, possamos encontrar um modo de ajudá-la.

Kathryn dirigiu ao marido um olhar de gratidão.

— Obrigada, milorde.

Lucien recostou-se no banco, procurando se acomodar melhor, já que a viagem seria longa. Kathryn ficou entretida em olhar a paisagem.

Na verdade, Lucien estava contente de tê-la trazido. Ela era uma companhia adorável. Na noite anterior, na hospedaria, aquecera e inflamara seu corpo. A simples presença da esposa a seu lado o alegrava.

Olhou-a mais uma vez e sentiu o desejo voltar. Não poderiam fazer nada naquele momento, e ele tinha de se contentar em apenas viajar ao lado dela.

Um pensamento que já lhe ocorrera antes voltou à sua mente. Se aquilo era amor, talvez não fosse assim tão ruim como ele pensava. Talvez pudesse se acostumar com a ideia.

Olhou para Kathryn e sorriu.

Com o canto dos olhos, viu que Jason estava rindo.

Depois de semanas de espera, a oportunidade de Kathryn finalmente chegou. Ela preparou sua mala, ansiosa para se pôr logo a caminho, mas parou junto à janela para verificar como estava o tempo. Era bem de manhãzinha e já havia nuvens no céu. O vento agitava os galhos das árvores, como se uma tempestade se aproximasse.

Mesmo assim, tinha de aproveitar aquela chance. Lucien encontrava-se em Londres e ela finalmente iria a Guildford. Olhou mais uma vez pela janela e viu Michael cavalgando ao lado de Bennie. O menino estava feliz e apegadíssimo ao marquês, que o mimava demais. Chegara a lhe dar de presente uma sela especial com dois lugares, um maior e outro menor. Assim, Michael poderia cavalgar com Lucien em cima de Blade. O garoto não cabia em si de felicidade.

Kathryn voltou à cama e terminou de arrumar a mala. Já tinha escrito ao dr. Silas Cunningham, contando dos planos de Lucien de viajar para Londres, quando então ela aproveitaria para conhecer as últimas descobertas do médico. Ficaria hospedada, inclusive, com a família dele.

Pensou no marido enquanto fechava a mala. Sentia-se dividida: ao mesmo tempo que se animava com a perspectiva de poder retomar aquilo que adorava fazer, ou seja, estudar com o médico, por outro lado reconhecia que o marquês ficaria desapontado se descobrisse que ela lhe desobedecera.

A única maneira de desfazer esse impasse seria se pudesse convencê-lo de quanto era importante para ela se aprofundar na medicina, mas sabia que isso era impossível.

Um raio cortou o céu, seguido de um trovão, porém a chuva se recusava a cair. A viagem a Guildford tomaria grande parte do dia, mas as estradas ainda não estariam lamacentas e ela viajaria à frente da tempestade.

— A carruagem está esperando, como milady ordenou. — Reeves lhe dirigiu um olhar de desaprovação. Era óbvio que Kathryn não tinha falado ao marido sobre aquela viagem, já que o marquês não fizera nenhuma menção a esse respeito ao criado. — Se milorde chegar, para quando deverá esperar pelo seu regresso?

— Estarei aqui antes que ele volte, Reeves.

— E se milorde quiser saber onde a senhora se encontra?

Kathryn mordeu o lábio. Pensou em mentir, mas a consciência imediatamente a impediu. Não estava fazendo nada de errado, apenas visitando um velho amigo e sua esposa por uns dois dias.

— Estarei em Guildford. Tenho um conhecido lá, um médico chamado Silas Cunningham. Irei me hospedar na casa dele, com sua esposa e filhos.

Reeves meneou a cabeça e pareceu um pouco menos tenso.

— Faça uma boa viagem, milady.

— Obrigada, Reeves.

Kathryn colocou um xale nos ombros e seguiu para a carruagem que a esperava. Não era tão elegante e confortável como a do duque, mas pertencia à família e certamente serviria muito bem para levá-la a Guildford.

Levou a maior parte do dia para o veículo chegar à vila ao lado de uma estrada que levava ao norte de Londres. Seguindo as indicações do médico, ela instruiu o cocheiro e logo estavam diante de uma casa de dois andares. Silas e Margaret encontravam-se na varanda à sua espera.

A recepção foi calorosa, e Kathryn foi levada imediatamente para o seu quarto, um aposento simples mas bem decorado, com cortinas azuis nas janelas.

Depois de um delicioso jantar, ela finalmente teve chance de conversar com o médico sobre o trabalho dele. Margaret apenas sorriu e foi se ocupar com outras coisas, deixando a hóspede e o marido discutindo seus assuntos preferidos.

— Você só poderá ir à escola amanhã depois que as aulas terminarem — avisou Silas. — Mas eu selecionei alguns textos que a deixarão ocupada. Pode se unir a mim quando os estudantes tiverem ido embora, e então poderei lhe mostrar em que ponto estão as minhas pesquisas.

Kathryn sorriu para o professor e amigo.

— Escrevi uma lista de perguntas. Espero que nos próximos dias possamos discutir algumas delas.

O médico concordou, satisfeito em vê-la tão animada. A discussão varou a noite, enquanto Margaret polidamente ouvia a conversa, ocupada em tricotar um pulôver.

No dia seguinte, Silas saiu para seu trabalho na escola, deixando Kathryn entretida com livros de medicina. Como combinado, ela se reuniu a ele no laboratório depois que as aulas haviam terminado.

Kathryn deparou com uma mesa onde havia um corpo.

— Você já viu um cadáver antes — o médico lhe disse. — Se quiser estudar anatomia, não há melhor método do que lidar com um diretamente.

Ela respirou fundo, lembrando-se do que acontecera na última vez em que estivera entretida em observar o dr. Cunningham cortar um cadáver. Mas viera até Guildford decidida a voltar a estudar anatomia humana. E era isso o que faria agora.

Lucien viajou tomado por uma estranha sensação de que algo de errado estava acontecendo. A sensação havia começado dias antes, mas agora se agravara. Como seu sexto sentido raramente o enganava, ele decidiu encerrar os encontros com Nathaniel Whitley e voltar ao Castelo Running antes do previsto.

Depois de uma viagem cansativa, o marquês chegou em casa tarde da noite e ficou extremamente aborrecido ao descobrir a ausência da esposa.

— Lady Kathryn partiu para Guildford, milorde. Foi visitar amigos, um médico e sua esposa. O médico se chama dr. Silas Cunningham — Reeves informou.

Cunningham. Lucien lembrou-se imediatamente tratar-se do médico com quem Kathryn havia estudado. E sabia a razão que a levava a visitar seu antigo mestre. Ela voltara aos estudos de medicina.

Desafiando suas ordens.

Se as estradas não estivessem lamacentas e ele cansado da viagem, certamente teria partido imediatamente. No entanto, resolveu se acalmar, tomar uma bebida e descansar naquela noite. Na manhã seguinte partiria para Guildford e traria a esposa

de volta. Kathryn precisava acabar de vez com aquela obsessão por um assunto inadequado a uma dama da sua posição.

Fez um juramento a si mesmo. Kathryn gostando ou não, o assunto seria finalmente encerrado.

Amanhecia. Incapaz de continuar dormindo, Kathryn acendeu uma vela que havia ao lado da cama e pegou um livro de anatomia para ler. Desejou que o livro fosse mais completo, mas os trabalhos sobre o corpo humano não eram bem entendidos. Talvez se as pessoas ainda não fossem tão ignorantes, deixariam de pensar que mexer com cadáveres era um sacrilégio, e os médicos, discípulos do diabo.

Suspirou profundamente. Seu marido, afinal, não era muito diferente, apesar de não poder chamá-lo de ignorante.

Olhou para o relógio e viu que precisava se vestir. Era domingo e eles iriam a uma pequena paróquia que havia na cidade. No dia seguinte ela voltaria ao Castelo Running.

Kathryn estremeceu, de novo tomada pelas emoções divididas. Sentia saudade de Lucien o tempo todo, mas uma vez que regressasse, sentiria falta de seus estudos. Teria de voltar aos detestáveis bordados, às aquarelas e à jardinagem, enfim, a uma vida monótona e inútil.

Apagou as velas, pois o sol surgira, vestiu um traje de lã amarelo e desceu para se encontrar com Silas e sua família. Como haviam planejado, assistiram ao serviço religioso na paróquia de Guildford. Mas ela não conseguia se concentrar, sua mente estava cheia de perguntas que queria fazer ao médico tão logo estivessem trabalhando no laboratório.

Depois de encerrada a cerimônia, Margaret voltou para casa, enquanto Kathryn e Silas seguiram para o trabalho.

Com o avental cobrindo o vestido, ela estudou o corpo sem vida que se encontrava sobre a mesa. Conforme o médico lhe contara, o homem tinha morrido em decorrência de vários tiros, que haviam fraturado as costelas, aberto cavidades no peito e no abdômen. O diafragma estava dilacerado, e o estômago, perfurado.

— Olhe para... — Silas estava mostrando um ponto no estômago do morto, quando Kathryn ergueu os olhos e seu rosto ficou da cor do cadáver ao deparar com Lucien parado no alto das escadas.

— Pegue as suas coisas — Lucien disse com uma voz desprovida de emoção. Seus olhos eram frios, e nem mesmo a raiva não os aquecia. — Vamos sair de Guildford imediatamente.

Kathryn umedeceu os lábios.

— Este é o meu amigo, dr. Cunningham. Estava ansiosa para que você pudesse ter a chance de conhecê-lo. Ele me deu a rara oportunidade de...

— Vejo exatamente o que vocês estão fazendo. Eu lhe disse para pegar as suas coisas. Já passei pela casa do dr. Cunningham e peguei o que estava lá. A não ser que queira que a tire daqui à força, sugiro que faça o que estou mandando.

A humilhação se transformou em raiva. Kathryn queria argumentar, dizer a Lucien que se recusava a receber ordens, mas o médico a deteve.

— Vá com seu marido — ele disse gentilmente.

— Mas eu não...

— Talvez com o tempo ele verá as coisas de forma diferente. Por ora, é melhor fazer como ele deseja.

Lucien não disse nada, apenas olhava para Kathryn, impassível. Ela pegou o casaco e o colocou sobre os ombros.

— Agradeço a sua hospitalidade, dr. Cunningham. Por favor, estenda meus agradecimentos à sua esposa.

A carruagem os aguardava em frente à escola. Lucien segurou o braço de Kathryn antes de a alcançarem.

— Pensei que tivesse mais juízo. Sua memória deve ser ruim se não se lembra das consequências que sofreu graças ao seu envolvimento com esse tipo de atividade.

— É claro que não me esqueci, mas queria...

— Sei o que queria, ou o que, pelo menos, pensa que queria. Mas a estou avisando mais uma vez, Kathryn. Além do quê, você me deu a sua palavra.

Ela ergueu o queixo em desafio.

— Eu lhe disse que não voltaria à casa de pedra e não voltei.

— Mas sabe o que penso sobre esse assunto. Você esperou que eu viajasse porque sabia que eu não aprovaria o que queria fazer

— É parte da minha vida, Lucien! Você não pode simplesmente me pedir para desistir disso.

— Não estou lhe pedindo, Kathryn. Estou ordenando! — Ele voltou o olhar para o laboratório e seus olhos escureceram. — Você é minha esposa, a futura mãe dos meus filhos. Nunca mais voltará a se envolver com esse tipo de abominação. Fui claro?

Kathryn não respondeu.

Lucien a pegou pelos ombros e a sacudiu.

— Fui claro?

Ela meneou a cabeça.

— Sim, milorde — murmurou. — Foi muito claro. Essas foram as últimas palavras que ambos falaram em todo o caminho de volta ao Castelo Running.

Mesmo depois que já estavam no castelo, a tensão permaneceu entre eles. Apesar de Kathryn muitas vezes sentir o olhar de Lucien a observando, ele falava pouco e não mais voltara a procurá-la era seu quarto. Sabia que ele voltaria, mais cedo ou mais tarde. Queria um herdeiro acima de todas as coisas, e enquanto ela desempenhasse o papel de marquesa como ele exigira, acabaria perdoando-a.

Mas ela achava difícil perdoá-lo. Sentia-se frustrada, solitária e chegava a vivenciar alguns momentos de desespero. Naquela noite, ele saíra de casa e não haviam jantado juntos. Não dissera aonde estava indo. Quando ela se deitou na cama vazia, olhando para o teto, sentiu que perdia as esperanças no futuro.

— Admita. Você está feliz casado com ela. Lucien se endireitou na cadeira.

— Sempre quis uma esposa obediente. Em Allison Hartman, eu teria encontrado uma mulher assim. Mas tenho de admitir que Kathryn me atrai muito mais do que Allison. Não posso dizer que lamento que meus planos não tenham seguido como os imaginei.

Jason fez sinal para a garçonete trazer mais uma cerveja.

— Parece que sua esposa não é do tipo de mulher que gosta de costurar ou aprender música. Ela não vai ser feliz a não ser que encontre outras atividades que a interessem, algo que lhe represente um desafio.

Lucien ficou pensativo. Ele já tinha pensado a mesma coisa. E se Kathryn engravidasse...

— Eu gostaria que ela já estivesse esperando um filho — confessou —, mas sei que não está. Talvez Velvet pudesse conversar com ela...

— Pedirei a ela, se você quiser. Lucien concordou.

— Apreciaria muito.

— Kathryn adora crianças. Como você disse, um bebê com certeza ajudaria.
— Jason tomou um gole de sua cerveja, observando o amigo. — Imagino que deva continuar tentando.

— Pode ter certeza que assim farei.

Mas quando Lucien voltou tarde da noite, encontrou Kathryn já dormindo. No dia seguinte eles fariam amor, jurou para si mesmo. Infelizmente, tinha de esperar pelo dia seguinte.

Kathryn não conseguia dormir. Demorou a adormecer e acordou muito mais tarde do que pretendia. Quando desceu para tomar café, Lucien já havia saído para

cavalgar, o que não lhe agradou. Procurou se ocupar e, junto com o cozinheiro, preparou o cardápio para a semana, tarefa que terminou depressa demais. Para uma mulher cuja mãe morrera quando ela era uma menina de dez anos, cuidar da casa era uma tarefa que resultava em pouquíssima satisfação.

Ficou junto à janela, olhando nostalgicamente para o lado do riacho e da casa de pedra que havia sido seu refúgio. Só de pensar no lugar já a entristecia.

Foi quando bateu na porta um visitante inesperado. Ela se preparou para receber a pessoa, aguardando que Reeves abrisse a porta.

Ao se ver diante do chefe de polícia Perkins, o estômago de Kathryn revirou imediatamente.

— Lady Litchfield. — Perkins entregou o casaco e o chapéu ao mordomo. — O chefe de polícia Nivens e eu gostaríamos de conversar em particular com a senhora e com seu marido.

Kathryn umedeceu os lábios, que subitamente haviam ficado muito secos. Dirigiu-se então para o mordomo.

— Reeves, veja se milorde voltou do seu passeio. Diga-lhe que os chefes de polícia Perkins e Nivens se encontram aqui e que estaremos esperando por ele na sala de visitas.

Reeves olhou com desdém para os policiais.

— Naturalmente, milady. — Ele saiu apressado em busca do marquês, enquanto Kathryn levava os homens para a sala. Uma vez dentro do aposento, ela chamou um criado para que trouxesse chá. Procurava retardar o máximo possível a conversa até que Lucien chegasse. Ele podia ainda estar bravo, mas sempre ficava do seu lado, e ela esperava contar com sua ajuda mais uma vez.

O chá chegou logo depois e Kathryn instruiu o criado onde deveria colocar a bandeja, então se ocupou com as xícaras e pires. Tentou ostentar uma aparência de calma, apesar de tremer interiormente.

Deus do céu, o que esses homens estavam fazendo ali? O que podiam querer? Será que haviam sido espalhados boatos de que ela dissecara um corpo humano ao lado do dr. Cunningham? Ou teriam vindo por causa do pequeno Michael? De qualquer forma, pela expressão em seus rostos, não parecia ser coisa boa.

Por fim, ela serviu chá nas xícaras.

— Meu marido deverá estar aqui a qualquer minuto — disse, rezando pára que fosse verdade. Precisava da força de Lucien naquele momento.

— Talvez possamos começar antes de seu marido chegar — o chefe de polícia Perkins sugeriu e levantou-se.

Kathryn detestou ter de erguer a cabeça para olhar o policial.

— Prefiro esperar, se não se importa. — Apesar de estar ansiosa em saber o que aqueles homens tinham vindo fazer ali, ela não tinha certeza se conseguiria controlar seu medo, que aumentava a cada momento, fazendo suas mãos tremer. Oh, Deus, onde estaria Lucien?

Para seu alívio, o marquês entrou no salão.

— Cavalheiros.

Ainda vestido com roupas de montaria, ele instantaneamente percebeu o terror que Kathryn tentava esconder e caminhou em sua direção. Ela foi tomada por um sentimento de gratidão tão forte que sentiu tontura. Kathryn e o chefe de polícia Nivens se levantaram para receber Lucien. Com pernas trêmulas, Kathryn venceu a distância, e Lucien colocou o braço em tomo de sua cintura. Esse era um gesto para lhe dar coragem, ela pensou, e naquele momento seu amor por ele aumentou ainda mais.

— Muito bem. Agora que cheguei, por que não nos dizem o que vieram fazer aqui?

— Sendo assim — Perkins declarou —, irei direto ao ponto. Oito dias atrás, Douglas Roth foi envenenado em sua residência, em Milford Park.

— Envenenado? — A palavra saiu da garganta de Kathryn. Oito dias antes eles tinham estado em Milford Park. — Isso... Isso é impossível.

— Completamente impossível — Lucien concordou. — Oito dias atrás, lorde Dunstan era o retrato da perfeita saúde.

— Exatamente, milorde — o chefe de polícia Nivens entrou na conversa. — Quando os senhores estiveram com lorde Dunstan, ele estava muito bem. Na noite em que partiram, porém, Douglas Roth caiu gravemente enfermo. Seu médico, o dr. Harris, concluiu que a doença tinha sido provocada por uma dose de veneno.

A expressão de Lucien permaneceu a mesma.

— Está nos dizendo que o conde de Dunstan morreu?

— Não ainda — respondeu Perkins. — Apesar de o dr. Harris acreditar tratar-se apenas de uma questão de dias, quando muito. Uma garrafa de conhaque no escritório dele foi o veículo. O médico diz que o veneno foi colocado ali. — Os olhos de Perkins se voltaram para Kathryn. — É sabido que sua esposa tem amplo conhecimento de ervas e plantas usadas em medicina. A marquesa tinha motivo e oportunidade, já que seu tio foi o homem que a internou no St. Bartholomew. E, segundo o mordomo, ela desapareceu por algum tempo durante a visita.

Pontículos pretos dançaram diante dos olhos de Kathryn. Ela se sentiu tonta e agarrou o braço de Lucien para não cair

— Minha esposa não envenenou o tio. O senhor não tem como saber por quanto tempo aquele conhaque estava contaminado. E deveria interrogar as dezenas de pessoas que lorde Dunstan prejudicou ao longo de todos estes anos.

— Prejudicou? De que forma?

— O conde sempre procurou tirar vantagem de tudo e de todos. É impossível saber quantos inimigos ele fez no decorrer de sua vida.

— Se este é o caso, o senhor poderia nos fornecer alguns nomes.

— Investigando um pouco, poderei fazer isso. Tenho certeza de que minha esposa poderá contribuir dando alguns nomes.

Perkins olhou para Kathryn.

— Há alguém em Milford Park que pode testemunhar aonde a senhora foi durante a sua visita?

— Eu me encontrei com minha prima Muriel.

— Sabemos disso. E depois que falou com sua prima?

— Andei pela casa. Não havia voltado lá por bastante tempo. Senti-me bem revendo as coisas da família, como quadros, bordados feitos por minha mãe...

— E não estive no escritório de seu tio?

Kathryn sentiu um frio no estômago. Estivera no escritório apenas por um minuto, porque era um dos lugares favoritos de seu pai.

— Não me lembro — ela mentiu. — Andei pela casa por pouco tempo, pois meu marido queria sair dali rapidamente.

Perkins olhou para Nivens, que fez um sinal com a cabeça. Até Lucien devia saber que ela mentira, Kathryn pensou.

— Está bem — murmurou Perkins. — Por ora é tudo. Por enquanto, sugiro que ambos não viajem. Sem dúvida, teremos de fazer mais perguntas para lady Litchfield. Se o conde morrer, haverá a possibilidade de ela ser acusada de assassinato.

A vista de Kathryn escureceu, e por um instante tudo pareceu sumir. Sentiu o braço de Lucien amparando-a e ajudando-a a se sentar.

— Fique aqui. Acompanharei os cavalheiros até a porta.

Kathryn concordou em silêncio. O medo que sentia era aterrador. O tio tinha sido envenenado... Não podia negar que ela própria sempre sentira vontade de vê-lo morto. E poderia facilmente ter colocado ervas mortais dentro de sua bebida. Já trabalhara com ervas desse tipo, usando pequenas doses para aliviar a dor e facilitar a digestão.

E estivera sozinha na casa, na verdade, até no escritório. Oh, Deus, o chefe de polícia devia ter certeza de que havia sido ela a envenenar o conde! Seu estômago revirou novamente. Até Lucien devia ter certeza da sua culpa.

Minutos se passaram. Kathryn ficou ali sentada escutando os murmúrios dos homens conversando lá fora. O que Perkins e Nivens estavam dizendo a Lucien? Haviam-no convencido de que ela era culpada? Desejou poder se defender, mas temia piorar ainda mais sua situação.

Em vez disso, esperou que os homens fossem embora e o marido voltasse. Finalmente o hall ficou em silêncio, a pesada porta de madeira foi aberta e fechada, e ela suspirou aliviada. Então ouviu os passos de Lucien soando pelo hall vindo em direção a sala.

Ele estava para entrar quando o som de pessoas gritando e correndo o deteve. Kathryn sentiu o coração disparar, imaginando o que mais poderia estar acontecendo, e apressou-se a ir ver do que se tratava.

— O que aconteceu, Lucien? — ela perguntou, angustiada.

— Não sei. — Ele saiu da casa e correu para o lugar de onde vinha a gritaria. Viram Bennie Taylor correndo como um louco em sua direção.

— É Michael! — ele gritou. — Venham depressa!

Lucien começou a correr e Kathryn fez o mesmo, tomada por um novo tipo de medo. O marquês foi o primeiro a chegar onde estava o menino. Um dos criados o segurava enquanto o outro batia freneticamente em suas costas. Era óbvio que a criança tinha engolido alguma coisa e que estava entalada na garganta. Lucien não conseguiu se conter e levantou Michael no ar e o sacudiu, tentando inutilmente desbloquear-lhe a garganta.

O rosto do garoto estava ficando roxo, e ruídos estranhos saíam de sua garganta. Por um instante, seus olhos apavorados se voltaram para Lucien em busca de ajuda.

— Por Deus, o que ele engoliu? — o marquês gritou, ainda tentando liberar a passagem do ar de Michael.

— Não foi nada além de uma bala. — Os olhos de Bennie se encheram de lágrimas.

Lucien deitou o menino mais uma vez no chão, abriu sua boca e enfiou os dedos, tentando extrair o que quer que fosse que o menino havia engolido.

Kathryn segurou um soluço, com o coração disparado. Lucien estava fazendo tudo o que devia fazer, tudo o que ela lera que devia ser feito, mas nada estava adiantando. O rosto de Michael se tornara mais roxo ainda, suas pequenas mãos agarradas na garganta.

Pela primeira vez em sua vida, enquanto olhava para Michael, ela achou que realmente iria desmaiar.

Então os olhos do menino se fecharam bem devagar, e ele parou de se debater.

— Ele está inconsciente! — Lucien gritou. Seus olhos aflitos procuraram os de Kathryn. — Ele vai morrer, Kathryn! Você precisa fazer alguma coisa para salvá-lo!

— Ele só estava chupando uma bala — Bennie voltou a contar. — Então Joey viu que...

— Kathryn! — Lucien voltou a gritar. — Diga-me o que devo fazer!

As lágrimas agora escorriam pelo rosto dela.

— Vire-o de cabeça para baixo. Talvez...

— Não vai adiantar e você sabe disso. Ele está morrendo. Você passou anos lendo aqueles malditos livros. Faça alguma coisa para salvar o garoto!

Kathryn engoliu em seco, o peito tomado pelo terror e pela frustração. Ela amava o menino como se fosse seu filho. Mordeu o lábio e procurou pensar em alguma coisa. Lucien tinha razão. Devia haver algo que ela pudesse fazer para salvar Michael.

— Ele tem de respirar — ela disse, traduzindo seus pensamentos em palavras, a voz trêmula. — É isso que importa. Há um tubo no corpo que desce pela garganta. É por onde o ar chega aos pulmões. Se eu pudesse abri-lo... Não sei se funcionaria, mas talvez...

— Faça isso! — Lucien ordenou. Abaixou-se e tirou da bota um punhal que ele carregava desde o ataque que sofrera na taverna. — Faça-o, Kathryn! Se houver a menor chance de que isso possa salvar Michael, vamos ter de arriscar.

Kathryn umedeceu os lábios e pegou o punhal. Ajoelhou-se, procurando controlar o tremor das mãos.

— Pegue a minha maleta de remédios — ela ordenou a Bennie, que saiu em disparada em busca da maleta que ele e alguns outros criados haviam tirado da casa de pedra e escondido do marquês.

Ignorando o olhar do marido, Kathryn rezou baixinho e passou os dedos pela garganta de Michael, procurando pelo tubo de respiração, tentando se lembrar exatamente onde devia cortar.

Achou o ponto e enfiou a lâmina, fazendo uma incisão minúscula, o suficiente para o ar entrar. No mesmo instante, o peito do menino começou a levantar e logo em seguida entrou em ritmo regular.

— Preciso de alguma coisa para impedir que o sangue saia.

Outro criado saiu correndo, mas Lucien imediatamente rasgou um pedaço da manga de sua camisa e a estendeu para Kathryn.

— Ele está respirando — observou Lucien. — Mas a bala ainda está presa na garganta dele.

— Precisamos de um objeto cilíndrico, por onde o ar entre e saia, até que consigamos tirar a bala — informou Kathryn.

— Vou arranjar! — Joey gritou e voltou com uma caneta feita de penas.

Lucien arrancou as penas dos dois lados e a entregou a Kathryn, que a introduziu no corte que havia feito.

— A respiração melhorou — disse Lucien. — Se conseguíssemos tirar essa bala...

— Deixe-me fazer isso. — Kathryn pegou uma pinça da maleta que Bennie trouxera. — Isto aqui é muito útil.

Com extremo cuidado, ela introduziu a pinça na garganta de Michael e procurou pegar a bala. Por duas vezes a pinça lhe escapou da mão trêmula.

— Oh, consegui! — exclamou ao retirar a bala e exibi-la a Lucien e aos criados. Agora Michael começava a respirar normalmente. Ela pegou uma agulha e, com muito cuidado, a enfiou no tubo, fechando-o, porém sem tirá-lo. Não sabia se precisaria utilizá-lo de novo.

Durante todo esse tempo, Michael permanecera inconsciente, e por um momento Kathryn sentiu-se grata por isso. Uma vez que ele acordasse, pobrezinho, sentiria muita, muita dor.

— Precisamos levá-lo para dentro de casa — ela declarou.

Lucien concordou e pegou o menino nos braços. Carregou-o para o quarto ao lado do de Kathryn e o colocou na cama com cuidado.

— Logo que ele acordar, vou lhe dar algo para passar a dor.

— Ele vai acordar, Kathryn?

Havia tanto desespero no olhar do marido que ela confessou a verdade:

— Não sei, Lucien.

— E esse corte, não vai infeccionar?

Esse era seu maior temor e o que frequentemente acontecia, Kathryn pensou.

— Uma vez que ele esteja acordado, pensaremos nisso. Farei de tudo para que não aconteça, mas não há garantia alguma.

Lucien não disse nada. Por um bom tempo ficou apenas ali, olhando para ela com uma expressão indecifrável. Então virou-se e saiu do quarto.

— Kath... ryn... — Um gemido rouco soou, vindo da cama.

— Michael! — Ela correu até o menino, sentou-se em uma cadeira ao lado da cama e pegou sua mãozinha. — Está tudo bem, querido. Você sofreu um acidente, mas vai ficar bem. — Pegou sua maleta de remédios e escolheu um óleo e algumas ervas.

— Minha garganta... está doendo... — Michael levou a mão ao pescoço e tocou o lugar onde ela havia cortado, mas Kathryn gentilmente afastou-lhe a mão.

— Sei que dói, querido. Mas era a única forma de fazer você respirar.

Ela pegou um frasco com um líquido que continha tintura de ópio. Lembrando-se de como a droga a afetara, preocupou-se por um instante com o efeito que provocaria em Michael, mas sabia que isso ajudaria a aliviar a dor. Emborcou o frasco com cuidado e pingou algumas gotas na boca do menino. Ele engoliu, mas não reclamou da dor.

— Vou colocar remédio na sua garganta e então farei um curativo. Você vai se sentir melhor amanhã.

Pelo menos ela esperava que isso acontecesse. Quando terminou o curativo, Michael dormia profundamente. Kathryn olhou para a porta e viu Lucien parado ali, a mesma expressão indecifrável no rosto.

— Ele está dormindo, agora — disse ela. — Mas já acordou e falou, portanto não precisamos nos preocupar.

— Graças a Deus. — Lucien atravessou o quarto, o olhar fixo no menino. — Vou me sentar perto dele um pouco.

Kathryn concordou. Olhando para as próprias roupas cheias de sangue, lembrou-se do momento em que Lucien a havia visto assim no laboratório da Escola de Medicina, em Guildford. O marido devia sentir repulsa por ela. Então apressou-se a sair do quarto para ir trocar de roupa.

Por dois dias, Kathryn e Lucien se revezaram ao lado da cama de Michael. O garoto acordara com febre no segundo dia, e Kathryn tinha se preparado para o pior.

Não havia chegado nenhuma notícia sobre Dunstan, mas esse assunto ficara relegado a segundo plano, agora. A preocupação e as orações de Kathryn eram todas dirigidas a Michael.

Ao fim do terceiro dia, a febre cedeu. O corte não infeccionara. E tão logo teve certeza de que Michael viveria, Lucien deixou a casa, e Kathryn não o viu mais.

Outros dois dias se passaram, longos demais para Kathryn. Cada vez que ela fechava os olhos, podia ver a expressão no rosto do marido. Podia ver o sangue nas próprias mãos, e sabia o que Lucien estivera pensando. Havia desgosto em seu olhar, ela pelo menos acreditava. E repulsa pela mulher que podia cortar uma criança como se fosse um mero pedaço de carne.

Ela já tinha ouvido comentários assim quando estivera no St. Bartholomew, e Lucien devia sentir o mesmo. Ele próprio sempre deixara isso claro. Como poderia encarar o marido agora?

No fim da tarde, chegou uma mensagem dos chefes de polícia Perkins e Nivens. Eles iriam ao castelo no dia seguinte para uma conversa com lady Litchfield.

O coração de Kathryn disparou. Dunstan devia ter morrido. Os homens estavam vindo para prendê-la. Sentiu gosto de cinzas na boca e suas mãos começaram a tremer. Estava aterrorizada. O futuro seria pior do que aquele que visualizara quando se encontrava no hospício. Jogou-se em uma cadeira e começou a chorar.

CAPITULO VIII

Kathryn tinha de partir. Não podia enfrentar a possibilidade, ou melhor, a probabilidade, de ser presa sob acusação de assassinato. Era a principal suspeita e todos sabiam disso. Até Lucien acreditava em sua culpa.

Suas mãos tremiam enquanto colocava seus pertences em uma bolsa. Não levaria muita coisa, apenas o indispensável. Dois pares de sapatos confortáveis para estar melhor preparada para a viagem que faria, duas camisolas, a escova de cabelos...

Olhou para à janela. Era tarde da noite, e os criados dormiam. A escuridão envolvia o castelo, mas uma lua prateada surgia por trás das nuvens. Deu uma última olhada em torno e sentiu um aperto no coração ao pensar que não voltaria mais ali. Sentiria falta das lindas cortinas de veludo, da cama onde tantas vezes havia feito amor com Lucien, onde desfrutara tanto prazer nos braços do marido.

Suspirou fundo e lutou contra o desespero. Não pensaria em Lucien, não permitiria que a imagem do marquês habitasse sua mente. Se deixasse isso acontecer, seria incapaz de ir embora. Voltou a olhar a carta que deixara sobre a pequena escrivaninha. Estava dando liberdade ao marquês, incentivando-o a levar a vida que sempre quisera. Lucien merecia pelo menos isso, depois de todos os problemas que ela lhe havia causado.

Foi preciso muita força de vontade para não parar no quarto de Michael, mas ela sabia que a governanta devia estar dormindo perto do menino e não queria acordar a boa senhora. Michael estava bem e, quando Lucien voltasse, o garoto estaria em boas mãos.

Kathryn não precisava se preocupar com Michael. Mais uma vez, era ela quem estava em perigo. Deixar o Castelo Running antes que os policiais chegassem era sua única chance. Mais do que isso, estava fugindo de Lucien. Amava um homem que não correspondia aos seus sentimentos, um homem que desejava uma mulher que ela nunca conseguiria ser. Precisava partir antes que ele voltasse, antes que a olhasse com desprezo.

Kathryn vira o mesmo olhar em seu tio, nos olhos do bispo Tallman, e nos médicos do hospício. Precisava partir enquanto era noite, mais uma vez. Como antes, faria de tudo para conseguir sobreviver.

Escapar da casa acabou sendo mais fácil do que ela imaginara. Pensara em levar um cavalo, mas havia mudado de ideia. Uma vez que chegasse à hospedaria, poderia viajar em uma carruagem que a levaria para longe dali mais depressa, já que agora tinha dinheiro para pagar suas despesas. Lucien havia sido extremamente generoso ao lhe dar uma polpuda mesada, e ela gastara muito pouco. Não precisaria sentir frio nem ficar com roupas sujas. Tinha roupas quentes e um plano em mente.

* * *

Pela manhã, depois de andar durante a noite toda, Kathryn alcançou uma hospedaria chamada Peregrine's Roost. Uma carruagem chegou logo após o almoço. Ela pagou a tarifa e subiu a bordo. Nos dias seguintes, mudou de carruagem por quatro vezes, descendo de uma e subindo em outra, temerosa de que seus passos pudessem ser seguidos. Ao chegar a St. Ives, na remota costa da Cornualha, tinha certeza de que ninguém a encontraria ali. Já estivera naquela vila de pescadores anos antes, com seus pais, quando era criança. Havia adorado o lugar, na ocasião, e agora, enquanto olhava pela janela da carruagem, escutando as ondas do mar batendo contra os recifes, viu que a beleza daquilo tudo não tinha mudado.

Talvez pudesse se estabelecer ali, pensou. Então a imagem de Lucien, seus olhos negros, seu sorriso, o modo como ele sempre a protegera, tudo isso fez seu coração doer, e ela silenciosamente chorou.

Era muito difícil admitir que estivera errado. Tão difícil que Lucien levava três dias para criar coragem para reconhecer isso. Não tinha certeza de como diria a Kathryn que deveria ter permitido que ela seguisse seus interesses.

Por isso havia deixado o castelo e se isolado para pensar em tudo o que acontecera, nos fatos que haviam mudado drasticamente seu modo de pensar, mudado toda a sua vida. Ele precisava ver as coisas claramente.

Quando voltou, já era tarde demais.

Sentado à escrivaninha de seu escritório, Lucien leu mais uma vez a carta que Kathryn lhe deixara. Depois de cinco dias, quando relera milhares de vezes o texto, o papel já estava amassado. Ele nem precisava mais olhar para as palavras, já as sabia de cor. Mas aquele papel trazia as últimas palavras da esposa, e ele o guardaria até ela voltar.

Colocou a carta sobre a escrivaninha.

Meu querido Lucien,

Meu tio provavelmente está morto. Imploro a você que acredite que sou inocente desse crime, apesar de que, diante das circunstâncias, deve-lhe ser difícil acreditar em mim. Parto na esperança de que os problemas que lhe causei terminem, e porque estou com medo. Ao partir, também o liberto do compromisso que foi obrigado a assumir por minha causa. Obtenha a anulação do casamento como combinamos antes e case-se com uma mulher de sua escolha. Apesar de eu desejar que tudo pudesse ter sido diferente, nunca poderia ser a esposa que você sempre quis. Depois do que aconteceu com Michael, tenho certeza de que sente nojo de mim.

Cuide-se, meu amor, e, por favor, cuide também de Michael, como eu tenho certeza que fará. Parto com um arrependimento, o de nunca ter criado coragem para lhe revelar meu imenso amor por você, amor este que jamais deixarei de sentir.

Sua amiga para sempre,

Kathryn

A carta ficou borrada de lágrimas que caíam sobre o papel. Lucien a pegou e a colocou no bolso interior do casaco, bem junto do coração. Por seis dias procurara por Kathryn. Foram os seis dias mais longos de sua vida. Estava exausto, preocupado e com o peito cheio de arrependimento. Mas não desistiria de encontrá-la.

Quando isso acontecesse, ele lhe contaria o que havia descoberto ao observá-la salvando a vida do menino que se tomara tão querido naquela casa. Diria que reconhecia ter errado ao lhe proibir os estudos, porque o que ela estivera fazendo era importante. Ao salvar uma criança, todos os anos de aprendizagem, tudo o que havia sofrido, tinha valido a pena.

E lhe diria que a amava. Apesar de nunca antes ter acreditado poder apaixonar-se, observando-a nos momentos tão assustadores com Michael, ele jamais havia sentido tanto orgulho de alguém, tanta conexão com outro ser humano.

Estava apaixonado por Kathryn. No fundo de sua mente, imaginara-a uma mulher como sua mãe havia sido. Mas, na verdade, Kathryn Grayson não era em nada parecida com Charlotte Montaine. Era boa e decente, e merecia a sua confiança. O amor que sentia por ela era imenso, e precisava confessá-lo a ela. Na carta, Kathryn havia dito que o amava, e pela primeira vez ele entendera como tinha sido um homem de sorte.

E agora se sentia desesperado, desejando acima de tudo no mundo que ela voltasse a salvo para o seu lado.

Lucien passou as mãos nervosas nos cabelos. Suas roupas estavam cheias de lama, seu rosto precisava ser barbeado. Mas nada disso importava. Tão logo Jason chegasse, ele retomaria a busca. Em algum lugar devia haver alguém que a tivesse visto, alguém que se lembrasse de Kathryn, alguém que soubesse o caminho que ela tomara.

Kathryn não era ameaçada pela Justiça, apesar de sua partida parecer um indício de culpa. Seu tio não tinha morrido, como todos acreditaram que iria acontecer. Em vez disso, estava se recuperando lentamente. E já que não havia uma evidência mais forte de que Kathryn fosse a responsável pela tentativa de assassinato, e Dunstan queria silenciar os mexericos e fazer o episódio ser esquecido, os policiais não viam razão para insistir numa prisão.

Quanto a ele, Lucien, tinha de admitir que apenas por um instante chegara a duvidar da esposa, conhecedor dos terríveis sofrimentos pelos quais ela havia passado nas mãos do tio. Mas tinha bastado olhar em seu rosto para saber que não era culpada. Kathryn curava, não matava. Se a lei a ameaçasse outra vez, ele encontraria um modo de protegê-la. Ela nunca teria medo novamente.

A porta se abriu e Jason entrou no escritório.

— Os cavalos estão esperando. Está pronto? Lucien se levantou da cadeira.

— Deixe-me pegar o casaco e as luvas e me encontre na entrada. — O olhar do marquês para o duque era de enorme gratidão pela ajuda do amigo.

— Nós a encontraremos — Jason tinha dito no momento em que soubera da fuga de Kathryn. — Não pararemos até a encontrarmos. — Havia determinação em sua voz, e Lucien acreditara nele. Agarrando o casaco, ignorando a dor de cabeça e o cansaço, ele seguiu o amigo.

Kathryn deixou sua pequena casa sobre os recifes nos arredores de St. Ives e se apressou em direção à vila. Vivia naquela cidadezinha à beira-mar por cerca de dois meses, trabalhando como parteira, entre outras atividades.

Naquele dia, seria a assistente de Agnes Pots, a parteira da vila, ajudando a esposa de um pescador a dar à luz seu primeiro filho. A idade começava a pesar sobre Agnes, e a velha senhora estava grata por ter uma ajudante.

Nas primeiras semanas, ficara aparente que Kathryn era capaz de fazer mais do que apenas ajudar bebês a nascer, e seus trabalhos haviam se expandido. Pessoas de todas as idades e classes sociais começaram a procurar sua casa em busca de remédios, e Kathryn fizera o possível para ajudar a todos.

Era o tipo de vida que sempre sonhara ter. Seu trabalho era importante e ela se sentia útil, necessária.

E desesperadamente solitária.

Sentia falta de Lucien, muito mais do que imaginara que sentiria. Queria tanto poder ver novamente seu sorriso e ouvir sua voz... Sentia falta do pequeno Michael e se preocupava com ele. Sentia falta de sua casa em Sussex, do marido, da família, dos amigos, e rezava para que Lucien a perdoasse por ter perturbado sua vida mais uma vez, e para que no futuro pudesse encontrar a paz.

A casa de pescadores surgiu à sua frente e Kathryn procurou afastar aqueles pensamentos. Entrou no quarto onde a jovem Lisette Gibbons estava deitada.

— Como ela está? — perguntou a Agnus, os olhos fixos na barriga da moça.

— Parece que sofre bastante, mas não consigo descobrir o que há de errado. A criança deve nascer logo.

Kathryn se aproximou da cama, molhou um pano com água numa vasilha sobre uma mesinha e o passou na testa suada de Lisette, uma jovem loira de olhos azuis. O mais importante era que possuía quadris largos, o que facilitaria o parto.

— Procure relaxar — ela murmurou. — O bebê está para nascer.

— Eu vou morrer como minha irmã. Lisette gemeu. — Vou morrer

Kathryn acariciou o ombro da jovem.

— Está tudo bem, Lisette. Você não vai morrer. Tente ficar calma. Quando a próxima contração vier, quero que faça o máximo de força que puder.

A jovem mordeu o lábio a ponto de sair sangue. Estava com o rosto suado, a camisola grudada no corpo, as mãos agarradas nas bordas da cama.

— Faça como Kathryn disse, menina — Agnus Pots instruiu —, e agradeça por ela estar aqui. Estou muito velha para fazer tudo sozinha, como venho fazendo há tanto tempo.

Kathryn sorriu para a parteira. As contrações seguintes foram bem fortes, e Lisette fez exatamente como ela havia orientado. Minutos depois, um lindo menino nasceu.

Kathryn estendeu o bebê para Agnus, que o examinou, limpou, envolveu-o em uma manta e o entregou aos braços da mãe exausta. Observou o cansaço de Lisette, o sorriso em seus lábios e o amor em seu rosto quando viu o filho pela primeira vez. A vida era tão preciosa... e tão incerta.

Inconscientemente, ela colocou a mão sobre a própria barriga. Nas três últimas semanas, enjoava quase todas as manhãs, incapaz de comer o que quer que fosse. Sabia o que isso significava. Havia tentado esquecer o homem por quem se apaixonara, queria afastar sua imagem da mente e aceitar a vida que levava agora em St. Ives. Queria esquecer, apagar a dor que sentia pelo que deixara para trás. Mas agora que teria o filho de Lucien, sabia que não poderia ignorar o passado.

Suspirou enquanto lavava as mãos em uma bacia. Pelo menos teria parte de Lucien consigo. Rezou para que nascesse uma linda menina, imaginou seus cabelos e olhos negros que o bebê certamente herdaria do pai e sentiu como se tivesse uma faca enterrada no coração.

Sofria porque seu bebê jamais conheceria o pai. Sofria por Lucien e por si mesma.

Seis meses. Seis longos, agonizantes meses, e ainda não havia sinal de Kathryn. Lucien desceu as escadas que levavam ao seu escritório. Tinha acabado de voltar de uma viagem à vila de Maidstone, depois de seguir uma informação de que ali morava uma mulher que correspondia à descrição de Kathryn. Não era a primeira viagem infrutífera que ele fazia.

Depois das primeiras duas semanas de busca, o marquês tinha oferecido uma recompensa a quem informasse sobre o paradeiro de sua esposa. Nat Whitley contratara homens para verificar se essas informações eram verdadeiras, e haviam descartado a maioria delas. Mas as que pareciam promissoras, ele as seguia pessoalmente.

— Milorde! Milorde! O senhor está em casa! — Michael correu para os braços de Lucien.

— Cheguei faz uma hora, mas não queria que você interrompesse suas lições.

— Estou aprendendo francês. Por que um homem tem de aprender a falar essa língua?

— O sr. Parnell quer que você se ajuste bem à sociedade — Lucien argumentou. — Você me disse que queria ser um cavalheiro. Aprender a falar francês faz parte daquilo que tem de saber.

— Mas a pronúncia é difícil...

— Bem, você aprende as palavras e eu o ajudo a pronunciá-las, está bem assim?

Michael abriu um enorme sorriso.

— Está!

Lucien colocou-o no chão, e o menino saiu correndo para a sua sala de estudos.

— Milorde! — O marquês se virou ao ouvir a voz de Reeves. — Lamento interromper, milorde, mas tem uma visita.

— Uma visita? Quem é?

— Lady Allison Hartman. Eu disse a ela que o senhor não receberia visitas porque havia acabado de chegar de uma viagem cansativa. Mas ela insiste em vê-lo. Eu a fiz esperar na sala de visitas. Quer que a mande embora, milorde?

Allison Hartman. Lucien suspirou, sentindo-se mais cansado que antes. Bom Deus, Allison era a pessoa que ele menos desejava que viesse visitá-lo.

— Milorde?

— O quê? Oh, não... Está bem, Reeves. Falarei com ela.

Quando abriu a porta, Lucien viu Allison sentada no sofá de brocado verde, tão loira e adorável como da primeira vez em que a vira. Pensou na constante fadiga e preocupação por Kathryn e imaginou que Allison provavelmente o acharia envelhecido.

— Milorde? — Ela se levantou e se aproximou de Lucien sorrindo. — Que bom vê-lo.

Ele olhou em volta à procura da baronesa, mas a mulher não se encontrava ali.

— Allison... — Ele fez uma reverência formal. — Está adorável como sempre.

Ela ruborizou.

— Obrigada, milorde.

— Espero que seu pai e sua mãe estejam bem.

— Estão bem, milorde. Eu é que tenho estado preocupada ultimamente.

Lucien franziu a testa.

— Preocupada?

— Sim, milorde. Ouvi histórias horríveis. Não é segredo algum que sua esposa o deixou. Ouvi acusações terríveis contra ela.

Lucien mordeu o lábio de raiva.

— Minha esposa é inocente de qualquer acusação. Ela jamais atentou contra a vida de alguém.

Allison olhou para as próprias mãos, assumindo um ar de fingido acanhamento.

— Não tenho dúvidas disso, milorde — disse suavemente. — Mas veja, sua esposa me magoou muito.

Qualquer que fosse a raiva que Lucien sentia naquele momento, esta desapareceu. Kathryn não era a única responsável pelo que Allison passara. Ele tivera boa parte da culpa.

— Kathryn sempre lamentou o que lhe aconteceu, Allison. Assim como eu também. Naquela época, ela precisava da minha proteção. Acredito que julgava que o nosso casamento duraria pouco tempo e que você e eu nos casaríamos um dia.

Os olhos azuis de Allison brilharam.

— Pensou isso, é verdade?

— Oh, sim.

Allison se aproximou e tocou o braço de Lucien com a mão enluvada.

— Talvez seja essa a razão por tê-lo deixado, milorde. Para que nós dois pudéssemos finalmente ficar juntos.

Lucien olhou para a delicada mão que tocava sua manga. Não conseguia imaginar que ela pudesse salvar a vida de um menino.

— Pode ser que essa seja parte da razão — ele disse, gentilmente se libertando da mão de Allison. — Quando Kathryn partiu, não sabia que eu tinha me apaixonado por ela, que estava feliz com o casamento e me sentia um homem privilegiado por poder chamá-la de minha esposa.

Allison enrijeceu visivelmente.

— Pensei que não acreditasse no amor. Foi o que sempre me disse.

— Eu era um tolo — Lucien murmurou.

O olhar de Allison era de total desaprovação.

— Eu esperava que pudéssemos voltar a ficar juntos. Vejo que me enganei. Vou aceitar o pedido de casamento de Reginald Dickerson. Mamãe insiste que eu aceite lorde Mortimer como meu marido. — Ela ergueu o queixo, segurou suas saias e virou-se para ir embora.

O marquês pegou seu braço.

— Pode não acreditar em mim, Allison, mas tivemos sorte em não nos casarmos. Você merece um homem que a ame, seja ele Mortimer ou qualquer outro. E espero que seja alguém que você também ame. Esta é a chave para encontrar a verdadeira felicidade.

Allison não disse nada, apenas algo brilhou em seus olhos. Lucien a observou caminhar pelo hall e depois subir em sua carruagem. Allison era doce e inocente, o tipo de mulher que ele sempre acreditara querer como esposa. Agora, porém, sabia

que precisava de uma mulher inteligente, apaixonada e comprometida com assuntos importantes. Uma mulher que não temesse desafiá-lo. Ele precisava de Kathryn Grayson e estava determinado a trazê-la de volta à sua vida. Não pararia a busca até encontrá-la.

Os dias se transformaram em semanas, e as semanas em meses. Um solitário Natal chegou e se foi. Um vento frio fustigava a paisagem. O mar gelado batia contra a praia, e um tapete de neve congelava o solo.

Dentro da casa de paredes de pedra, Kathryn se aquecia com o pequeno fogo que ardia na lareira. Olhou para seu bebê, que dormia placidamente, e sentiu uma onda de amor invadi-la. Era um menininho moreno, e não a menina que ela pedira a Deus. Tinha carregado o bebê em sua barriga por nove longos meses, sofrido a agonia do parto, cuidado das primeiras cólicas e dores de garganta do filho e o amara desde o momento em que ele respirara pela primeira vez.

E era seu filho. Apenas dela.

O fato de ser Lucien William Montaine, herdeiro do quinto marquês de Litchfield, não tinha importância. Embora tivesse dado o nome do pai para o filho, Kathryn nunca poderia regressar ao Castelo Running. Com seu tio provavelmente morto, só Deus sabia o destino que a aguardava fora da segurança do pequeno vilarejo da Cornualha. Seria a morte por enforcamento ou a volta à casa de loucos, e não desejava se arriscar a nenhuma das possibilidades.

E havia ainda Lucien a considerar. Ela não podia perturbar a vida dele mais uma vez. Não devia pesar a saudade que sentia pelo marquês. E por Michael. A distância não diminuía o amor que sentia por eles.

E dificilmente seria bem-vinda, caso tentasse voltar. Não depois de tudo que acontecera. Quando fechava os olhos, ainda podia ver a expressão no olhar de Lucien enquanto ela operava o pequeno Michael.

Ele devia ter se horrorizado ao ver sua esposa fazer uma coisa tão horrível. Nenhuma mulher de boa origem podia executar um trabalho como aquele. Não, Lucien jamais aceitaria a mulher que ela era de fato, e por mais que desejasse estar com ele, sabia que não poderia voltar.

O bebê começou a chorar e Kathryn gentilmente o tirou do berço e o segurou contra o peito.

— Não chore, pequeno Luke. Mamãe está aqui. — Mas a criança se recusou a parar de chorar. Ele era, afinal de contas, o filho de um marquês, um membro da nobreza, e talvez estivesse exigindo seus direitos.

O pensamento atormentava Kathryn dia e noite. Apesar de amar Luke incondicionalmente, se fosse uma menina, isso justificaria que ficasse com a mãe. Mas um menino precisava do pai. Ele merecia o título e tudo o que lhe cabia por

direito. A culpa por estar negando ao filho essas coisas a fazia perder o sono. Saber que Lucien sempre desejara um herdeiro tornava as coisas piores.

Acalmou o bebê, ninando-o suavemente até que ele voltou a adormecer. Cansada depois de um dia cuidando de doentes, ela o devolveu ao berço e deitou-se em sua cama.

Tentou dormir, mas estava tão cansada que não conseguia adormecer. Fechou os olhos por um instante, porém o ruído perto da cama a fez abri-los novamente. Havia um homem alto nas sombras. Kathryn podia ver seu rosto à luz das velas, seus cabelos negros como a noite.

— Kathryn... — ele murmurou, aproximando-se. — Eu a procurei por toda parte. Como senti falta de você!

Ela se jogou em seus braços, os olhos cheios de lágrimas.

— Lucien... Eu te amo. Amo tanto...

Pegou o rosto dele entre as mãos e o beijou, e os dedos de Lucien começaram a acariciá-la. Ela o beijou apaixonadamente, murmurando que o amava. Quando as mãos dele apertaram seus quadris, ela gemeu, ansiosa por senti-lo dentro dela. Lucien encontrou seu ponto mais íntimo e o acariciou; ela gritou o nome dele, implorando que a possuísse.

— Preciso de você — murmurou. — Senti tanto a sua falta!

Ele a penetrou por fim, e ela gemeu de prazer.

— Vim para levá-la para casa — Lucien sussurrou, fazendo com que a alegria a invadisse. Parecia que ele dizia que a amava, mas não tinha certeza, porque um som não a deixava ouvir direito. O som aumentou. Era o choro do bebê.

Kathryn viu a imagem de Lucien sumir.

— Não, não vá embora!

Ela abriu os olhos e se deu conta de que sonhara. Estava sozinha como antes.

Apenas um sonho. Outro de uma série de encontros noturnos produzidos pela sua imaginação, desespero e saudade. Notou que estava chorando e procurou secar as lágrimas. Levantou-se e foi acalmar o filho, que também chorava.

Seguindo o mordomo pelo corredor, Jason Sinclair e sua esposa entraram no escritório de Lucien, no Castelo Running. O marquês os recebeu com um sorriso.

— Que bom ver vocês — ele disse, levantando-se de sua cadeira e indo cumprimentar o amigo e beijar Velvet no rosto. — Parece que faz um século que não nos vemos.

— Isso porque de fato faz um século — Velvet disse, sorrindo. — Decidimos vir aqui, já que não aceita mais nossos convites para nos visitar.

Lucien levou o casal para se acomodar no confortável sofá em frente ao fogo.

— Estou feliz que tenham vindo. Tenho vivido meio recluso ultimamente.

Desde o desaparecimento de Kathryn, Lucien raramente deixava a casa, a não ser para seguir alguma pista do paradeiro da esposa. Jason não acreditava mais que Kathryn voltaria, pois simplesmente desaparecera.

— Sei que tem assuntos importantes a tratar — disse Velvet. — Mas mesmo um recluso precisa deixar de se esconder de vez em quando.

— Suponho que sim — Lucien concordou. — Por que não fazer isso agora? É hora do almoço. Mandarei que o cozinheiro prepare algo para nós.

— Boa ideia.

Jason se esforçou para sorrir, mas notou a preocupação no rosto do amigo. Nos meses que haviam se passado, o marquês tinha começado a temer que o tio de Kathryn, agora completamente recuperado de seu envenenamento, pudesse de alguma forma estar envolvido no desaparecimento da esposa. Assim, Lucien começara a visitar sanatórios e hospitais por toda a Inglaterra, sem sucesso algum.

Na verdade, Jason acreditava que Kathryn tinha conseguido encontrar um lugar onde se esconder. Deixara o Castelo Running determinada a não ser encontrada, e conseguira seu objetivo.

— Reeves nos chamará quando a refeição estiver pronta — Lucien informou, depois de dar ordens ao mordomo. — Agora me digam a razão de eu estar sendo honrado com a presença de vocês.

— Nós viemos acabar com a sua reclusão — disse Jason. — Estamos planejando uma curta visita a Londres, e gostaríamos que você e Michael fossem conosco.

Um sorriso surgiu nos lábios de Lucien, uma reação com a qual Jason contara.

— Agradeço o convite, mas sou obrigado a recusar. Estou ocupado demais no momento. Tenho trabalhado com meus homens, fazendo planos para o próximo ano. Não posso me afastar daqui agora.

— Entendo que esteja ocupado — retrucou Jason. — Sempre estive ocupado. E sempre estará. Mas esta não é a única razão que o leva a recusar o nosso convite. Na verdade, não quer deixar este lugar por causa de Kathryn. Está se torturando por causa de sua esposa. Sente-se culpado por tê-la feito partir. Você a ama e a quer de volta. Só que parece que isso não vai acontecer, meu amigo. Lamento muito, mas é hora de você enfrentar a realidade.

Lucien empalideceu ao ouvir tais palavras, mas não discutiu. Apenas se levantou e foi até à janela.

— Quando Kathryn foi embora — Jason continuou —, ela queria que você prosseguisse com a sua vida. E, gostando ou não, é exatamente o que você deve fazer.

Lucien ficou olhando pela janela. Estava mais magro do que o amigo jamais o vira, os olhos embaçados, sem nenhum brilho.

— Sei que você tem razão, Jason. Mas não estou pronto. Com o tempo, suponho que não terei outra escolha, mas por ora... — Ele sacudiu a cabeça. — Não sei, Jason. Não consigo tirar Kathryn da cabeça. Todos os dias eu me atormento preocupando-me com ela. Fico pensando se tem o suficiente para comer, se está num lugar aquecido, se há alguém com quem possa contar se precisar de ajuda.

Olhou para os amigos, e havia tamanha tristeza em seus olhos que Jason e Velvet ficaram sem saber o que dizer.

— Sei que ela não vai voltar — continuou ele. — Eu já me conformei com isso. Mas a verdade é que sinto demais a falta dela. Não estou pronto para enfrentar a vida sem Kathryn... pelo menos por enquanto.

Jason não disse nada. Olhou para Velvet e viu que a esposa discretamente secava as lágrimas.

— Se Kathryn pelo menos soubesse o que você está passando — interveio Velvet. — Ela ama você, Lucien. Nunca iria querer vê-lo sofrendo. Se houvesse uma forma de ela vir a saber o que fez com você...

— O que fez comigo? O que eu fiz com ela, isso sim. Foi tudo culpa minha. Nada disso estaria acontecendo se eu não tivesse sido um idiota.

Velvet levantou-se do sofá e se aproximou de Lucien. Não deve ser assim tão duro consigo mesmo. Kathryn também tem culpa. Se o tivesse procurado e conversado, confiado em você, tudo seria diferente. Você nunca deixou de ajudá-la, sempre a protegeu, mas nunca tentou entendê-la. Esta é a razão da partida dela.

Jason pigarreou. Não gostava de ver o amigo sofrendo assim.

— Tem certeza de que não vai mudar de ideia e nos acompanhar a Londres? As crianças adorariam ter você e Michael viajando conosco.

Lucien sorriu tristemente e meneou a cabeça.

— Quem sabe da próxima vez.

Velvet ficou na ponta dos pés e beijou o rosto do marquês.

— Eu gostaria de ter alguma coisa que pudesse dizer... algo que pudesse fazer...

— Virem aqui já foi o suficiente. Agradeço aos dois por serem meus amigos.

Jason sentiu a garganta apertar. O mordomo apareceu então, anunciando que o almoço estava servido.

— Vamos? — Lucien sorriu e caminhou para a porta. Colocando a mão na cintura da esposa, Jason levou-a para fora do escritório, pensando que talvez ele fosse um dos poucos homens que sabia dos sentimentos do amigo. Lembrando-se de seu próprio passado triste, podia facilmente imaginar como se sentiria se perdesse Velvet como Lucien tinha perdido Kathryn.

* * *

Nem mesmo Kathryn podia dizer por que marcara sua viagem para o dia quinze de março. Exatamente um ano antes ela havia deixado o Castelo Running. Talvez, considerando o que pretendia fazer, a data da volta fizesse sentido.

Fechou melhor o casaco e recostou-se no banco da carruagem em que viajava. Grady Bosworth, a jovem viúva que ela contratara em St. Ives para ajudá-la a cuidar do bebê, encontrava-se a seu lado. A moça tinha perdido o marido e o filho de duas semanas de vida, ambos com difteria. Grady tinha leite e amamentava o pequeno Luke para que, assim, ela continuasse a trabalhar. Sentiria falta dessa amiga quando retornasse à Cornualha.

— Tem certeza de que o senhor marquês vai querer que eu fique? — Grady repetiu a pergunta pela décima segunda vez desde o início da viagem.

— Quero que você fique lá, Grady. Luke precisa de você. No começo, meu filho pode se assustar com o novo ambiente e as pessoas à sua volta. Contanto que você esteja ao lado dele, vai se sentir seguro.

— Não parece certo — Grady resmungou. — Simplesmente não parece certo você também não ficar.

Kathryn não fez comentário algum. Depois de meses de agonia, de tentar encontrar justificativas para ficar com o bebê, ela havia tomado sua decisão. Luke Montaine era herdeiro do marquês de Litchfield. Merecia tudo aquilo a que tinha direito por ser filho de Lucien. Embora separar-se do filho dilacerasse seu coração, ela estava decidida a levar seu plano adiante.

Suspirou profundamente. Sentia-se cansada. A viagem já durava vários dias, mas estava quase no fim. Ela ansiava por chegar ao seu destino e cumprir a dolorosa tarefa a que se tinha proposto.

Mas, por outro lado, não queria que a viagem terminasse.

Por um ano, desde que deixara o castelo, tinha conseguido controlar bem seu dinheiro; ganhava um modesto ordenado por seu trabalho, e assim juntara uma soma suficiente para uma viagem confortável. Mas isso não diminuía a agonia de se ver separada do filho dali a pouco tempo.

Passaram pela vila de Gorsham. Kathryn manteve-se escondida atrás das cortinas, temerosa de que pudessem reconhecê-la e avisar as autoridades de sua presença. A vila estava silenciosa, a maior parte dos moradores dentro de suas casas. Ainda havia luz de velas dentro da taverna onde Lucien sofrera o primeiro atentado contra sua vida.

Em poucos minutos, a cidadezinha ficou para trás e ela abriu as cortinas o suficiente para ver o castelo surgir em meio à paisagem. Logo o visualizou com suas torres e suas paredes de pedras escuras. Um frio tomou conta de seu estômago.

A roda da carruagem passou sobre uma pedra e o veículo balançou, mas o bebê não acordou. Kathryn olhou para o filho e pensou em como seria terrível fazer o que havia decidido.

Segurou Luke no colo e beijou seus cabelos negros. O menino choramingou um pouco, ela o ninou com carinho e ele logo se aquietou. Fechou os olhinhos e voltou a dormir.

A carruagem parou subitamente e, junto com ela, o coração de Kathryn pareceu parar também. Por doze meses, deixara-se levar pela imaginação e se vira subindo os degraus da entrada ao voltar para casa. Agora que se encontrava ali, desejou fugir mais uma vez.

O cocheiro abriu a porta da carruagem. Depois subiu os degraus e bateu com força na porta do castelo. Reeves a abriu e, ao reconhecer Kathryn, arregalou os olhos pela enorme surpresa e abriu um grande sorriso ao ver o bebê.

— Permita-me dizer, milady, que todos nós estamos felizes em vê-la. Esperávamos que estivesse bem todo este último ano, mas não tínhamos nenhuma informação sobre seu paradeiro.

Era o mais longo discurso que Reeves havia feito na vida, e Kathryn sentiu que as lágrimas surgiam em seus olhos, mas procurou se conter.

— Obrigada, Reeves. — O mordomo pegou o casaco que ela lhe estendia, mas não se preocupou em pendurá-lo.

— Vou avisar o senhor marquês. Ele não estava se sentindo bem esta manhã... sendo hoje o dia que é. Por que não o aguarda no salão nobre? A senhora sempre gostou de ficar lá.

Kathryn estranhou que o mordomo se lembrasse disso.

— O salão nobre... sim, claro. Obrigada, Reeves.

Enquanto o mordomo corria em busca do patrão, Kathryn seguiu para o lugar indicado, sentindo o coração afundar cada vez mais dentro do peito.

A sala se encontrava como ela a havia deixado. E cada detalhe a fazia se lembrar de Lucien. O que ele diria ao vê-la? Qual seria sua reação ao deparar com o bebê? O que acontecera naquele ano em que haviam estado separados? Talvez o

marquês tivesse se casado, e o pensamento aumentou ainda mais a dor que ela sentia.

Nesse momento Lucien entrou na sala. Parou alguns metros à sua frente, empertigado, e Kathryn pensou que ele nunca parecera tão alto. Estava bem mais magro, ela notou. Talvez fosse essa a razão.

No mais, continuava sendo a imagem que ela carregara consigo durante aquele ano todo. Bonito, másculo, os lábios sensuais... Desejou poder correr para os braços dele, tocá-lo e encostar o rosto em seu peito, mas sabia que não podia fazer isso.

Lucien ficou olhando para Kathryn, e por um momento suas pernas quase bambearam. Nos últimos meses, tinha finalmente se resignado com o fato de que não mais a veria. Agora, ela estava ali, linda e adorável como sempre. Os cabelos mais escuros, os olhos mais verdes.

Abaixou o olhar e viu que ela trazia uma criança em seus braços, e a confusão tomou conta dele.

— É bom ver você, Kathryn...

Ela umedeceu os lábios. Estava nervosa, o marquês notou, o corpo trêmulo. A criança seria sua ou de outra pessoa? Teria sido essa a razão que a levara a partir dali? Teria acontecido alguma coisa que ele não soubesse? A criança pertencia a ele ou a outro homem? Este último pensamento foi como uma facada em seu peito. Chegou a estremecer.

— Deve estar com frio — ele disse. — Deixe-me lhe preparar uma bebida.

— Não... por favor, eu estou bem. — Kathryn o chamou antes que ele chegasse ao armário das bebidas. — Lamento não ter lhe escrito. Sei que não estava me esperando. Bem, por que estaria? Fiquei fora este último ano. Não pretendia voltar, mas... — As palavras lhe falharam. Ela olhou para o bebê, e Lucien sentiu um calafrio.

— A criança... é sua? — ele perguntou baixinho, temendo dizer as palavras erradas, temendo pelo que Kathryn pudesse responder.

— É nossa — respondeu ela, e seus olhos se fecharam em uma onda de dor. — Luke é a razão que me fez voltar

— Luke? — o marquês repetiu, a cabeça girando, tentando assimilar o que Kathryn dizia.

— Lucien William Montaine. Eu não sabia que esperava um filho quando parti, mas suponho que isso não teria mudado o rumo dos acontecimentos. Com meu tio morto...

Lucien meneou a cabeça, lutando para se manter controlado.

— Dunstan não morreu. Você não é procurada pelas autoridades. Pelo menos no momento.

Kathryn respirou aliviada. O marquês percebeu sua palidez e sua infelicidade. Era como se algo horrível estivesse para acontecer. Procurou não se precipitar, temendo que ela se assustasse e fugisse mais uma vez.

— Eu não envenenei meu tio.

Ele engoliu em seco.

— Sei que não fez isso. Não se sabe ainda quem foi o autor do atentado, mas nunca acreditei que você fosse capaz de algo assim.

Ela o observou por um momento, decidindo se acreditava ou não nas palavras do marido. Lucien olhou mais uma vez para a criança, que agora acordara. O filho dele, isso era fácil de ver, com aqueles cabelos negros e olhos escuros dos Montaine. Por um momento, não conseguiu falar, tomado por forte emoção.

Kathryn ergueu os olhos cheios de lágrimas e o fitou.

— Eu tinha de vir. Não podia mantê-lo longe de você. Luke tem seus direitos e eu sabia que você seria bom para ele, que o amaria tanto quanto eu.

Lucien finalmente encontrou a voz.

— Ele é lindo, Kathryn.

— É muito bonzinho. Raramente chora à noite e tem o mais doce dos sorrisos. Cada vez que ele me olha, eu me lembro de você, e... — Ela não terminou a frase. As lágrimas escorriam por suas faces. — Quer segurar seu filho?

Com as mãos tremendo e com muito cuidado, Lucien pegou o bebê em seus braços.

— Ele vai precisar de uma ama-de-leite — disse Kathryn. — Eu trouxe a sra. Bosworth da vila. Ela está comigo quase desde que Luke nasceu. Está esperando na carruagem. Eu a mandarei entrar quando for embora.

Essa era a verdade que Kathryn não tinha dito e que Lucien se recusava a ouvir. Os olhos dele arderam. Certamente não tinha ouvido direito. Kathryn não podia estar desistindo do filho.

Ela enxugou as lágrimas com os dedos.

— Ele gosta de tomar sol no berço durante a manhã. Isso sempre o faz sorrir. — Ajeitou a manta que envolvia o nenê. — Algumas vezes tem cólicas, mas a sra. Bosworth saberá o que fazer. Eu fiz uma lista das coisas de que Luke vai precisar. Deixarei a lista sobre a mesa.

Lucien olhou para aquele rosto lindo da mulher que ele amava tanto.

— Não posso nem imaginar que tipo de homem você julga que eu sou.

Seus olhares se encontraram e havia lágrimas nos olhos de ambos.

— Penso que você é o melhor dos homens. Eu não teria trazido Luke se pensasse diferente.

— Mas acredita que vou aceitar que você se separe do filho que obviamente ama tanto. Que vou permitir que saia desta casa sem a criança.

As lágrimas agora escorriam abundantes pelo rosto de Kathryn.

— Não... por favor. Não há nada neste mundo que eu queira menos do que abandonar meu filho, mas ele também é seu. Eu lhe devo tanto, Lucien. Por tudo o que aconteceu, eu lhe devo o nosso filho.

O marquês sentiu dificuldade em respirar.

— Eu lhe imploro, Kathryn, pare de me dizer essas coisas. A cada palavra que escuto, sinto-me merecedor do inferno.

Ela pareceu não ouvir.

— Estamos ainda casados? Luke é filho legítimo?

— Não houve anulação. Eu só tenho uma esposa, que é você.

Kathryn o fitou, depois desviou o olhar.

— Preciso ir. Tenho de ir.

Lucien deu um passo à frente, ainda segurando o bebê.

— Não pode partir, Kathryn. Não vou permitir que o faça. — Ele se esforçou para encontrar as palavras certas. — No dia do acidente com Michael... deu tudo errado. Os policiais vieram e eu fiquei com medo de perder o menino. Tudo estava confuso, mas foi naquele dia que descobri a verdade de como me sentia. Pela primeira vez eu soube. Eu a vi lutando para salvar Michael e soube, sem dúvida alguma, que a amava. Vi quanto estava se arriscando para salvar o garoto, e naquele momento reconheci o seu direito de fazer o que sempre sonhou. — Sentiu que suas mãos tremiam e segurou o filho com firmeza. — Quase enlouqueci sem você, Kathryn. Você pensa que não senti a sua falta, mas está enganada. Eu te amo, e preciso demais de você.

— Lucien... — Kathryn deu um passo à frente, e ele a abraçou. Ficaram os três, Kathryn, Lucien e o bebê enlaçados no mesmo abraço.

— Eu sentia sua falta, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto — ele murmurou contra os cabelos da esposa. — Não pode imaginar o tamanho do meu amor por você. Jamais permitirei que me abandone.

Kathryn agora chorava abertamente. Por vários minutos eles apenas permaneceram abraçados, dois seres que haviam sofrido tanto, mas que agora tinham o filho unindo-os ainda mais.

— Nunca vou deixar você partir de novo — Lucien repetiu.

— Não quero partir — Kathryn murmurou. — Nunca quis. Eu te amo, Lucien. Eu te amo muito. Tenho de confessar que sonhei muitas noites e em todos os sonhos você estava comigo. Noite após noite, nós fazíamos amor. E então eu acordava e chorava ao descobrir que tudo tinha sido apenas uma ilusão.

Lucien se inclinou e seus lábios se encontraram.

— Prometo que agora tudo será real. Daqui para a frente vamos nos assegurar de que os nossos sonhos se realizem. — Ele observou cada detalhe do rosto da esposa e deteve-se na maciez de seus lábios. — Tão logo esteja pronta, meu amor, pretendo lhe mostrar como sou real, não uma ilusão.

Kathryn ruborizou, mas então o bebê acordou, interrompendo aquele momento sensual. Lucien entregou o filho aos cuidados da mãe.

— Tem certeza? — ela perguntou. — Se tudo o que você disse é verdade, esta é a sua última chance de se livrar de mim. Senão, nunca mais!

O peso desaparecera por completo do peito de Lucien.

— Então suponho que teremos de nos aguentar pelo resto da vida.

Kathryn abriu seu lindo sorriso, aquele do qual Lucien jamais se esquecera. E nada nem ninguém seria capaz de se colocar entre os dois novamente.

Haveria problemas, ele sabia disso. Uma vez que a polícia soubesse que Kathryn voltara ao castelo, viriam com mais perguntas sobre o atentado contra o conde. Não tinham conseguido descobrir o autor do atentado e as suspeitas recairiam mais uma vez sobre sua esposa.

Mas nada disso importava. Kathryn estava em segurança, e ele não permitiria que corresse qualquer risco ou sentisse qualquer medo. Mais uma vez jurou proteger a esposa de tudo e de todos.

Ele não podia nem pensar em perdê-la novamente.

A tempestade aumentara. Relâmpagos rasgavam o céu e trovões faziam vibrar as janelas do castelo. Um vento furioso vergava os galhos das árvores.

Na sala de estar de seus aposentos, Kathryn e Lucien tomavam vinho em taças de cristal. O marquês preferira que a refeição da noite fosse servida em seu quarto.

Kathryn ainda não tinha visto Michael, que estava visitando os filhos de Sinclair em Carlyle Hall, mas o bebê havia sido posto para dormir horas antes, e agora o jantar bem íntimo estava para terminar. Alegre com a volta de Kathryn ao castelo, o cozinheiro preparara uma refeição especial. Enquanto comiam, ela havia contado a Lucien tudo que acontecera no ano em que ficaram separados. Lucien, por

sua vez, contara sobre as buscas, e ela percebeu o quanto ele tinha sofrido naquele tempo todo.

Durante o jantar, haviam falado também do tio de Kathryn e do atentado que sofrera. Lucien explicou que havia a possibilidade de ela receber novamente a visita da polícia, que viria com mais perguntas. Mas, não importava o que acontecesse, ele prometeu que a manteria em segurança. Dessa vez Kathryn acreditou em Lucien.

Falaram sobre tia Winnie, que agora estava feliz, casada com Nat Whitley e morando em Londres.

— Ela jamais deixou de acreditar que você voltaria — contou Lucien.

Kathryn chorou um pouco ao ouvir as notícias.

— Oh, magoei tantas pessoas... Nunca quis que isso acontecesse, Lucien. Pensei que, ao partir, estivesse agindo certo e melhorando a vida de todos vocês.

Ele pegou a mão da esposa e a beijou.

— Todas as dores ficaram no passado. Temos dois filhos e um brilhante futuro à nossa frente. Isso é o que importa.

O sorriso se misturou às lágrimas. Kathryn estava encantada em ouvir Lucien chamar Michael de seu filho. E ele tinha razão. Era o presente que importava. E esse presente lhe prometia passar a noite nos braços do marido.

— Imagino que esteja cansada — ele disse, mas seus olhos exprimiam algo diferente, como acontecera durante toda a refeição. Pelo menos era no que Kathryn acreditava.

Ela observou o marido. Lucien estava vestido impecavelmente, usando um paletó de veludo preto, combinando com o colete e calça, igualmente escuros.

— Talvez eu devesse estar cansada, milorde, depois de tantas emoções, mas na verdade... não estou com um pinga de sono.

Lucien abriu um sorriso, e um raio iluminou o quarto naquele momento. Os olhos dele brilharam. Ele inclinou a cabeça e começou a beijar o rosto de Kathryn. Depois dos inocentes toques, o desejo falou mais alto. Beijou o queixo, os olhos, o nariz de Kathryn, chegou mais uma vez aos seus lábios, devorando-a de beijos. Beijou seu pescoço e, por fim, sugou os seios, agora mais fartos depois da gravidez.

O desejo tomou conta de Kathryn. Oh, ela queria tocá-lo também. Queria vê-lo nu como o tinha visto tantas vezes em seus sonhos. Com mãos trêmulas, levou as mãos aos botões de seu casaco e o ajudou a se despir. Sentiu um arrepio quando finalmente conseguiu tocar sua pele. E, enquanto um despia o outro, eles se beijavam com paixão, quase com selvageria. Kathryn mal podia respirar.

— Você está ainda mais bonita que antes — Lucien disse quase com reverência, tomando de novo os seios.

Kathryn gemeu quando ele sugou um mamilo. Seus dedos deslizaram pelos cabelos de Lucien, desfazendo o laço que os prendia. Lucien, por sua vez, a livrara do espartilho e da combinação e, finalmente, a tinha nua em seus braços. Kathryn segurou a respiração quando ele a levou para a cama, levantou-lhe as pernas e as colocou sobre os próprios ombros. Gritou quando sentiu a língua de Lucien em suas partes mais sensíveis, e sensações indescritíveis se apoderaram de seu corpo. Ela agarrou os cabelos de Lucien e gritou o nome dele, contorcendo-se inteira. Com habilidade, Lucien levou-a ao clímax, fazendo-a gritar mais e mais vezes seu nome.

Então ele a silenciou com um beijo selvagem, enquanto a penetrava, preenchendo-a completamente, e Kathryn sentiu que as lágrimas voltavam aos seus olhos. E o ritmo avassalador começou, com Lucien entrando e saindo, movimentando-se como um louco, chegando ele também ao clímax.

— Oh, Lucien — Kathryn gemeu ao pensar na falta que sentira do marido, de sua companhia e daqueles momentos do mais fantástico prazer que desfrutavam na cama.

O ato de amor foi mais furioso que a tempestade lá fora.

Momentos depois, ainda abraçados, procuravam recuperar a razão.

— Eu te amo tanto, Kathryn! Nunca mais me abandone.

— Não, meu amor. Prometo que nunca mais irei embora.

O conde de Dunstan estava sentado no salão de Dunstan Manor lendo o London Chronicle. No jornal, mencionavam que a esposa do marquês de Litchfield, que estivera ausente por quase um ano, havia reaparecido. O marquês tinha comentado apenas que ela passara algum tempo "no continente", e que sua ausência nada tinha a ver com os rumores que envolviam uma suspeita de atentado contra a vida do tio.

Douglas mordeu o lábio, com raiva. Seria a sobrinha culpada? Claro que devia ser! Kathryn havia descoberto seus planos de matar o marido dela e se antecipara, para garantir que ele falhasse.

Esboçou um sorriso. Bem, a garota não tinha conseguido matá-lo, mas arruinara sua vida. Graças ao desafio de Kathryn, ele agora vivia praticamente isolado da sociedade em sua propriedade em Bedfordshire. Seus planos de um futuro brilhante na política também haviam desabado, e o projeto de casar a filha com um homem poderoso também se desintegrara antes de poder ser realizado. Quem iria querer se casar com a filha de um conde arruinado?

Levantou-se de sua cadeira e chamou o criado aos berros.

— Ludlow! Ludlow, onde se meteu? O mordomo veio correndo.

— Sim, milorde?

— Onde está minha filha? Não a vi esta manhã.

— Creio que continua em seu quarto, milorde. Devo pedir que desça e venha se reunir ao senhor?

A raiva de Douglas amainou.

— Faça isso imediatamente. E diga a Muriel que é melhor não me fazer esperar.

O objeto de sua irritação desceu as escadas vestindo um roupão e com os cabelos despenteados.

— Está começando a parecer desmazelada — Douglas a censurou. — Por que estava ainda na cama?

— Fazia muito frio para me levantar. Esta casa é gelada como uma cela de prisão. Só consigo me esquentar debaixo das cobertas.

— Se ficasse fora da cama um pouco mais de tempo, talvez eu pudesse lhe arranjar um marido. Tenho certeza de que lorde Tilbert gostaria de aquecê-la debaixo das cobertas.

Muriel empalideceu.

— Lorde Tilbert? Mas ele é muito velho. Não pode estar pensando em me casar com um homem com idade para ser meu pai.

— Farei o que for preciso, minha filha, e é melhor não se esquecer disso. Agora, quero lhe informar que estarei fora por alguns dias.

— Vai viajar? Para onde?

— Isso não é da sua conta. Direi apenas que irei em busca de justiça. — Ele se virou para o mordomo: — Ludlow! Prepare-me uma mala. Vou precisar de roupas para pelo menos uma semana.

— Sim, milorde. — O homem se afastou para fazer o que o conde ordenara.

— E quanto a você, Muriel, sugiro que encontre meios melhores para se manter aquecida fora da cama. Se não fizer isso, eu a aviso desde já: lorde Tilbert será a melhor escolha entre os pretendentes que você terá.

Com um aceno, ele dispensou a filha, que apenas o olhou, pálida e trêmula. Bem, pelo menos Muriel tinha aprendido seu lugar e lhe obedecia.

A outra pessoa que estivera aos seus cuidados precisava aprender o que acontecia àqueles que o desafiavam.

Finalmente Kathryn estava em casa! Cada um dos sonhos que tivera quando ainda vivia na vila de pescadores havia se tornado realidade. Lucien a amava,

precisava dela e a aceitava do jeito que era. Agora poderia ter mais do que sonhara: uma carreira e o amor de sua vida.

Estava nos braços do marido naquele momento. Pouco antes tinham repetido o ato de amor, ali na cama do quarto principal, o aposento de Lucien.

— Quero que passe a dormir aqui — ele pedira. — Pode continuar tendo seu próprio quarto, mas eu a quero comigo todas as noites. Acha que isso seria muito difícil para você?

Kathryn sorria então, o coração repleto de alegria.

— Eu amaria isso mais do que todas as coisas, milorde. Ela se lembrava agora das palavras trocadas e suspirou, sentindo-se finalmente completa.

Naquela tarde, Michael tinha voltado de sua visita a Carlyle Hall e entrado no castelo aos gritos.

— Papai! Papai!

Kathryn olhou surpresa para Lucien, que ruborizou.

— O processo de adoção está quase terminado — o marquês revelou. — Em poucas semanas, será Michael Bartholomew Montaine. Assim, é natural que ele me chame de pai.

— Claro.

Kathryn disfarçou um sorriso, e seu coração se encheu de amor pelo marido. Pela primeira vez lhe ocorreu que poderia ter cometido um erro ao partir. Se existia um homem em quem podia confiar a própria vida e seu coração, esse era o homem com quem havia se casado.

Michael correu para os braços de Kathryn.

— Oh, Kathryn, você voltou! — ele gritou, eufórico.

— Senti muito a sua falta, Michael — disse ela, beijando o menino, que tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Também senti falta de você. Mas quem sentiu mais foi milorde.

Kathryn sorriu e passou as mãos nos cabelos do garoto.

— A partir de agora, gostaria que me chamasse de "mamãe".

Michael arregalou os olhos.

— Vai ser minha mãe?

— Se quiser que eu seja.

— Oh, sim, quero muito. Agora tenho uma mãe e um pai, como todas as crianças!

Kathryn ajeitou a roupa de Michael, apenas para poder tocar mais uma vez naquele que havia sido seu amiguinho por tanto tempo.

— É verdade, Michael. E você tem também um irmãozinho. O nome dele é Luke. Quer conhecê-lo?

— Eu tenho um irmão?

— Sim.

— Então vou gostar de vê-lo — disse ele. Kathryn e Lucien trocaram um sorriso de satisfação, e ela teve vontade de se beliscar para se assegurar de que não estava dormindo e que tudo que acontecia agora não era um sonho.

Pela primeira vez desde sua chegada, Kathryn entrou na casa de pedra ao lado do riacho. Sentiu uma enorme felicidade em ver que ali dentro estavam seus remédios, ervas, enfim, todo o material que usava em seu trabalho. E livros, muitos livros. Soubera que, durante a sua ausência, Lucien havia mandado que trouxessem tudo de volta e arrumassem a casa como ela fizera antes. E mais do que isso: andara por toda parte em busca de novos livros, estes agora empilhados no chão.

Ouviu que abriam a porta e voltou-se sorrindo, acreditando tratar-se do marido.

Mas o homem que entrou na casa não era Lucien, e sim Douglas Roth.

Um grito escapou dos lábios de Kathryn e um calafrio percorreu seu corpo.

— Tio Douglas — ela murmurou, tentando aparentar uma calma inexistente.
— Estou surpresa em vê-lo aqui.

O sorriso do conde era sarcástico.

— Não sei por que estaria. Nos anos em que estive sob a minha tutela, sempre soube que seria punida quando fizesse algo errado. E se me lembro bem, aprendeu que nada ficaria impune.

Kathryn prendeu a respiração. Sim, sempre tinha sido punida. Primeiro com espancamentos, depois sendo internada na casa de loucos. Como poderia se esquecer disso?

— Como soube que eu estava aqui?

O conde foi se aproximando da sobrinha.

— Venho vigiando esta casa há dias, desde que descobri que aqui você armazenava as suas ervas e poções. Assim, apenas esperei que viesse trabalhar com as suas bruxarias. E sabia que não precisaria esperar muito.

Kathryn umedeceu os lábios, cada vez mais nervosa.

— Mas por que veio aqui? O que deseja?

— O que desejo? Com certeza pode adivinhar. — Os lábios do conde se curvaram em um sorriso de pura maldade que a havia assombrado nas longas noites passadas no Hospital St. Bartholomew. — Você me arruinou a vida, Kathryn. Exigiu que eu me mudasse de Milford Park. Destruíu a minha reputação na sociedade, sem contar com o fato de haver atentado contra a minha vida. Isso, pelo menos, eu não posso deixar de admirar. No entanto, o seu atentado falhou, mas eu lhe asseguro que o meu não falhará.

Uma onda de pânico a invadiu. Douglas Roth tinha vindo até ali para se vingar e era evidente que pretendia matá-la. Olhou em direção à porta, porém Roth se colocou à sua frente.

— Nada disso, mocinha. Nem tente escapar de mim.

— Mas não fui eu quem o envenenou! — Kathryn exclamou. — Se tivesse feito isso, não teria falhado.

O conde mordeu o lábio de raiva.

— Sempre atrevida e arrogante. Quase acredito em você. Quase. Mas mesmo que esteja dizendo a verdade, isso não mudará as coisas. Você arruinou a minha vida e destruiu os meus planos para o futuro. Pretendo fazê-la pagar por isso.

Kathryn tentou escapar para a porta, porém o tio a agarrou por trás. Forçou-a a ficar de joelhos e prendeu seus punhos com um cordão. De repente, tudo escureceu quando ela foi atingida na cabeça com um objeto pesado.

Lucien cavalgava de volta ao castelo. Estava determinado a deixar Kathryn se ocupar com seu trabalho na casa de pedra. Não a perturbaria. Mas o dia estava tão bonito, e sentia tanto a falta dela que decidiu fazer uma visita ao refúgio da esposa. Queria ouvir seu riso, admirar seu sorriso.

Puxou as rédeas de Blade e fez com que o animal mudasse de percurso. Logo cavalgava em direção à casa de pedra. A pouca distância, notou que saía fumaça dali, mas não era da chaminé.

Seu coração quase parou. Esporeou o cavalo, agoniado. Desceu a colina e passou pelo riacho, com Blade galopando a toda a velocidade. Notou que a égua de Kathryn estava amarrada na varanda da casa e tentava desesperadamente se soltar e fugir.

Lucien pulou da sela antes de o garanhão parar e entrou na casa, tomado pelo desespero.

— Kathryn! Kathryn! Você está aqui? — Seus olhos procuraram divisá-la em meio à fumaça. A casa estava em chamas e era difícil ver qualquer coisa que fosse. — Kathryn! Kathryn! — Ele empurrou a mesa e finalmente viu a esposa caída no chão. — Kathryn, sou eu... Pelo amor de Deus, responda-me!

Um gemido escapou dos lábios de Kathryn. Seus olhos se abriram e ela tossiu, lutando para respirar. Lucien chutou os livros à sua volta e a pegou nos braços, procurando tirá-la dali o mais depressa possível. Fora da casa, ele a colocou sobre a relva.

— Calma, meu amor. Tudo está bem agora. Eu a tirei de lá.

Kathryn procurou dizer alguma coisa, mas Lucien a interrompeu.

— Não tente falar. Voltarei já. Preciso soltar sua égua antes que o fogo a atinja.
— Ele se afastou por um momento, soltou o animal e voltou para o lado de Kathryn, que agora se esforçava para se levantar.

— Vá devagar, meu amor.

— Dun... stan — ela balbuciou. — Tentou me... matar. Tome... cuidado, Lucien. Ele pode ainda estar por... aqui.

O ruído de uma arma sendo engatilhada seguiu-se ao alerta de Kathryn.

— Por que você sempre aparece onde não deve, Litchfield?

Lucien voltou-se e deparou com o conde apontando-lhe uma pistola.

— Veio na pior hora possível. Veja, mesmo que antes eu o quisesse morto, tratava-se meramente de um negócio. Agora com Kathryn morta, no entanto, não vejo por que deixá-lo vivo. Não me deixou escolha, Litchfield.

O conde olhou para a casa em chamas; a fumaça já estava alta. Logo haveria gente ali para ver o que acontecia.

— Não há muito tempo sobrando, já que vou ter de levar os corpos de vocês lá para dentro. — Ele apontou a pistola em direção ao coração de Lucien. — Gostaria de poder dizer que lamento, mas...

O som do disparo ecoou no mesmo instante em que Lucien trombou contra o peito de Dunstan, levando ambos para o chão.

Lucien esperou pela dor agonizante que seria o sinal de ferimento mortal, porém não sentiu nada. Debaixo dele, Dunstan permanecia inerte e imóvel.

Levantando-se olhou para os olhos sem vida do conde e depois para a jovem que segurava uma pistola ainda fumegante, apontada para as costas do pai.

— Ele era um monstro — Muriel disse em um murmúrio. — Descobri que matou minha mãe. Casou-se com ela pelo dinheiro e depois se cansou de tê-la como esposa. Encontrei cartas de minha mãe, colocando suas desconfianças no papel.

Admirados. Kathryn e Lucien olharam para a jovem.

— Meu pai era pura maldade. Não se importava com ninguém a não ser com ele mesmo. Agora está morto.

Lucien se levantou, aproximou-se de Muriel bem devagar e tirou a arma de suas mãos trêmulas.

— Está tudo bem, Muriel. Você salvou a minha vida e a de Kathryn. Ninguém vai culpá-la por ter atirado contra seu pai.

— Eu suspeitei que ele viria aqui. Teria vindo mais cedo, mas tive medo. — Ela olhou para Kathryn, cujo rosto pálido estava coberto de fuligem. — Fui eu quem o envenenou. Sabia que todos iriam culpá-la, Kathryn. Você sempre foi tão boa comigo, mas eu tinha tanto ciúme... Sinto muito. Sinto muito por tudo.

Kathryn conseguiu se levantar e caminhou até a prima, os olhos cheios de lágrimas. Abraçou Muriel, que encostou a cabeça em seu ombro.

— Está tudo bem, Muriel. Tudo acabou. Tudo acabou para todos nós.

Naquele momento, o lugar se encheu de criados do castelo e de habitantes da vila, atraídos pela fumaça. Traziam baldes e pás para apagar o fogo.

— O senhor e a marquesa estão bem, milorde? — Reeves perguntou, bastante assustado.

— Estamos bem. Leve lady Muriel para o castelo e a acomode com conforto. Mande Bernie vir aqui com a carroça para carregar o corpo do conde.

Reeves arregalou os olhos, surpreso, mas obedeceu imediatamente.

— Como quiser, milorde. — Deu uma olhada no corpo inanimado de Dunstan e fez um sinal para Muriel segui-lo.

Lucien foi até Kathryn e a abraçou.

— Você está bem, meu amor?

Ela fez sinal que sim, encostando-se no peito do marido.

— Estou bem graças a você.

— E a Muriel.

— É verdade. — Kathryn olhou para o corpo do tio, então virou-se para não ver mais aquele homem que, mesmo morto, a perturbava. — Mal consigo acreditar que tudo tenha finalmente acabado.

— Acabou para Dunstan. Mas está apenas começando para nós.

Kathryn sorriu para Lucien, percebendo a expressão de amor em seu rosto. Ele se inclinou e a beijou nos lábios.

Enquanto beijava a esposa, o marquês jurou silenciosamente que sempre cumpriria a promessa feita. Faria de tudo para que os sonhos de Kathryn se realizassem.

— Eu te amo, Kathryn — ele disse e sentiu-se feliz em declarar mais uma vez seu amor.

Sentiu-se mais vivo que nunca, sabendo que era o homem de mais sorte no mundo.

Sorriu, então. Tinha tudo o que queria na vida: uma esposa maravilhosa e dois filhos lindos.